

AMAYA OBATA MOURIÑO DE ALMEIDA PRADO

**O INQUÉRITO SOBRE O SACI:
no jornal e no livro, o trabalho de edição de
Monteiro Lobato**

São Paulo - SP

2016

AMAYA OBATA MOURIÑO DE ALMEIDA PRADO

**O INQUÉRITO SOBRE O SACI:
no jornal e no livro, o trabalho de edição de
Monteiro Lobato**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.
(Projeto DINTER – UFMS/UPM)

ORIENTADORA: Prof. Dra. Marisa Philbert Lajolo

São Paulo – SP
2016

P986i Prado, Amaya Obata Mouriño de Almeida.
O inquérito sobre o Saci: no jornal e no livro, o trabalho de
edição de Monteiro Lobato / Amaya Obata Mouriño de Almeida
Prado – São Paulo, 2016.
215 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, 2016.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Philbert Lajolo

Referência bibliográfica: p. 148-155

1. Saci Pererê. 2. Inquérito. 3. Folclore. 4. Lobato, Monteiro. 5.
Edição. I. Título.

CDD 869.93

Dedico ao
Mouriño (*in memoriam*)
Desde sempre o incentivo à pesquisa:
“Procure no dicionário”

AGRADECIMENTOS

Aos Programas de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pela execução do Projeto DINTER. À CAPES, por viabilizar tal projeto, pelo apoio material concedido durante a pesquisa, por meio de bolsas, passagens, diárias. A todos os professores, das duas instituições, que acompanharam esta turma com competência, carinho e profissionalismo, pelo acolhimento. Eles se tornaram nossos paradigmas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo, que proporcionou a todos os seus orientandos experiências muito enriquecedoras durante as aulas, reuniões e encontros informais, pela condução tranquila, pelo valioso estímulo, pela paciência de ouvir, ler e motivar os questionamentos fundamentais.

Aos senhores Edmundo Leite e Carlos Entini, do setor de acervo do jornal O Estado de São Paulo, porque me guiaram, sempre atenciosos, durante a fase fundamental, de coleta do *corpus* desta tese.

Ao Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, provocador da minha jornada de pesquisadora, por acompanhar-me, desde a graduação, durante todo o tempo e por estar presente nos momentos mais importantes.

Ao Prof. Dr. Alexandre Huady Torres Guimarães, pelas preciosas colaborações na etapa de qualificação, transformada num diálogo muito prazeroso, sem perder o rigor e a profundidade das análises.

Aos Professores Dr. João Cesário leonel Ferreira e Dr. Luis Hellmeister de Camargo, pela presença na banca de defesa, pela memorável arguição da tese.

Ao Prof. Dr. José Batista de Sales e Profa. Dra. Eliana da Mota Bordim de Sales, amigos, pontos de apoio e estímulo.

Ao Francisco, sempre amor, desdobrado, multiplicado. E à Beatriz, Lígia e Ana Luiza, compreensivas, incentivadoras e colaboradoras incondicionais.

Aos doutorandos desta turma tão especial, amigos, com os quais os laços foram ainda mais estreitados na (con)vivência deste doutorado, pelas mensagens de estímulo. À Rosilene, pela dedicação, por cuidar de tudo num raio de cinquenta metros ao redor da mesa de trabalho, filtrando até os ruídos.

O maior sentimento de gratidão é para ela, origem, exemplo, porto, motivo. E ainda faz revisão! Elvira Satuki Obata, esta pesquisa é o resultado do seu constante e maravilhoso trabalho de fazer viver.

RIR!

Rir! Não parece ao século presente
que o rir traduza, sempre, uma alegria...

Rir! Mas não rir como essa pobre gente
que ri sem arte e sem filosofia.

Rir! Mas com o rir atroz, o rir trememente
Com que André Gil eternamente ria.

Rir! Mas com o rir demolidor e quente
duma profunda e trágica ironia.

Antes chorar! Mais fácil nos parece.
Porque o chorar nos ilumina e nos aquece
nesta noite gelada do existir.

Antes chorar que rir de modo triste...
Pois que o difícil do rir bem consiste
só em saber como Henri Heine rir!...

Cruz e Souza

O INQUÉRITO SOBRE O SACI:

no jornal e no livro, o trabalho de edição de Monteiro Lobato

Resumo: O “Inquérito sobre o saci” foi uma pesquisa de opinião promovida por Monteiro Lobato (1882-1948) e publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em sua edição vespertina, entre os dias 27 de janeiro e 06 de março de 1917. Ganhou maior repercussão no ano seguinte com a edição em livro, intitulado *O Saci-Pererê*: resultado de um inquérito (1918). O cotejo entre os textos do jornal e os do livro revela interferências textuais (Lajolo, 2014) de seu organizador. Esta pesquisa busca identificar e analisar a extensão destas interferências, observando o duplo trabalho desenvolvido por Lobato, o de escritor e o de editor. Utilizando pesquisas bibliográficas e investigação de fontes primárias, inicia-se pela recuperação dos textos que foram publicados no jornal, uma vez que os originais das cartas dos depoentes não puderam ser localizados. O ponto central do trabalho é a comparação entre os textos de ambos os suportes e sua análise, procurando estabelecer as características e a profundidade das interferências de Lobato ao efetuar esta dupla transferência. Sugere-se que as fronteiras entre o trabalho de edição e o de autoria se diluem, resultando desse processo uma narrativa coesa na qual é possível identificar a presença de um narrador a conduzir e gerenciar a leitura, ao mesmo tempo em que democraticamente abre espaço à participação de outras vozes, à pluralidade de perspectivas.

Palavras-chave: Saci Pererê, Inquérito, Folclore, Monteiro Lobato, Edição.

INQUIRY ABOUT SACI:

in the newspaper and in the book, the editing work of Monteiro Lobato

Abstract: “Inquiry about Saci” was an opinion survey promoted by Monteiro Lobato (1882-1948), published in the newspaper *O Estado de São Paulo* in its evening edition, between January 27th and March 6th, 1917. It gained greater impact in the following year, with the publication in book format, entitled *O Saci-Perere: results of an inquiry* (1918). The comparison between the newspaper texts and the book reveals textual interference (Lajolo, 2014) of its organizer. This research aims to identify and analyze the extent of such interference, noting the double work of Lobato, the writer and the editor. Using literature searches and investigation of primary sources, it begins with the recovery of the texts that have been published in newspapers, since the originals letters of witnesses could not be located. The focus of this work is the comparison between the texts of both support and its analysis, and seeking to establish the features and the depth of Lobato interference when making this double transfer. It is suggested that the boundaries between editing and authoring work are diluted, resulting of this process a cohesive narrative where one can identify the presence of a narrator to lead and manage the reading, while that democratically makes room for the participation of other voices, to the plurality of perspectives.

Keywords: Saci Pererê, Inquiry, Folklore, Monteiro Lobato, Edition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Identificação dos depoentes.....	28
Ilustração 2 - Local de origem dos depoimentos.....	34
Ilustração 3 - Locais mencionados nos depoimentos	35
Ilustração 4 - Anúncios do "tanguinho" Saci Pererê no <i>Estadão</i>	38
Ilustração 5 – Anúncio de <i>OSPRI</i> no <i>Estadinho</i>	63
Ilustração 6 – Anúncio <i>OSPRI</i> no <i>Estadão</i>	64
Ilustração 7 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 24.....	64
Ilustração 8 - Anúncio <i>OSPRI</i> – <i>RB</i> n. 26	70
Ilustração 9 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 26.....	70
Ilustração 10 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n.30.....	71
Ilustração 11 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 32	72
Ilustração 12 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 33 e n. 35.....	72
Ilustração 13 - Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 34 e 35.....	73
Ilustração 14 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 37.....	74
Ilustração 15 – Anúncio <i>OSPRI</i> na <i>RB</i> n. 43 e 44	74
Ilustração 16 – Capas - <i>Idéas de Jéca Tatú</i> 1. ed., 1919	75
Ilustração 17 - Detalhe da quarta capa - <i>Idéas de Jéca Tatú</i> , 1919.....	75
Ilustração 18 - Belvedere Trianon, Avenida Paulista.....	100
Ilustração 19 - Introito (edição fac-similar, 1998).....	104
Ilustração 20 –Conjecturas Etnográficas	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Inquérito - A Instrução Pública - 1914	24
Tabela 2 - Inquérito - Instrução Pública em São Paulo - 1926	25
Tabela 3 - As andanças do Saci Pererê.....	39
Tabela 4- Posicionamento dos depoentes	45
Tabela 5- Alternância de vozes	49
Tabela 6 - Narradores fidedignos	54
Tabela 7 - Vestígios da interferência do editor: mobilização do discurso direto	56
Tabela 8 - Vestígios da interferência do editor: comentários	57
Tabela 9 - Vestígios das interferências do editor: paráfrases parciais.....	60
Tabela 10 - O Saci no <i>Estadão</i> – 1917	69
Tabela 11 - Percorso editorial de <i>OSPRI</i> - 1917 a 1918.....	77
Tabela 12- Quadro comparativo das alterações textuais de "O Saci"	84
Tabela 13 - Depoimento de N. Carneiro – introdução	85
Tabela 14 - Depoimento de José Vieira - introdução	86
Tabela 15 - O depoimento de Luigi Cappalunga, no jornal e no livro	90
Tabela 16 - Publicações do artigo "A poesia de Ricardo Gonçalves"	106
Tabela 17 - Os lugares dos anõezinhos	108
Tabela 18 - Publicações do "Epílogo"	117

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O INQUÉRITO NO JORNAL	17
2.1. O INQUÉRITO COMO MÉTODO DE PESQUISA NO JORNAL.....	17
2.2. OS DEPOENTES: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO?	28
2.3. UM SACI MULTIFACETADO	38
2.4. ENTRE O CULTO E O POPULAR: LÍNGUAS E NARRADORES.....	45
2.5. PARÁFRASES E OUTROS VESTÍGIOS DE UMA EDIÇÃO	55
3. DO JORNAL PARA O LIVRO	62
3.1. O PERCURSO EDITORIAL DE <i>OSPRI</i>	62
3.2. A MATEMÁTICA DO SACI: ACRÉSCIMOS.....	78
3.3. AINDA A MATEMÁTICA: SUBTRAÇÕES	87
4. O INQUÉRITO NO LIVRO.....	97
4.1. A “MONTAGEM” DO LIVRO: DUPLA FACE	97
4.2. ANTES DOS DEPOIMENTOS	100
4.3. DEPOIS DOS DEPOIMENTOS	115
4.4. METÁFORA EM EVOLUÇÃO: O JECA TATU	135
5. CONCLUSÃO.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
ANEXO.....	156

1. INTRODUÇÃO

Este livro significa um pouco mais do que parece ao primeiro relanço.

Monteiro Lobato

Saci Pererê, Saci Saderê, Saci-trique, Saci Pérérég, Saci Ceperé, Saci Taterê, Saci Siriri, Saci Mofera, Saci Pereréca, Saci Saperê, Saci Sererê, Saci-sia-"Thereza", Saci Perserê, Saci Jererê, Saci Serumpererê. Todos estes são os nomes pelos quais é chamado o endiabrado moleque perнета, umas das entidades mais conhecidas de nosso folclore assim como múltiplas são suas características. Se hoje ele é conhecido de todos e frequente não somente o imaginário coletivo dos brasileiros como também as páginas de diversos livros desde os literários até os de cunho científico, sem falar de outras manifestações culturais como televisão, cinema e artes plásticas, o mesmo não acontecia até o início do século XX. Este panorama se alterou quando, entre 27 de janeiro e 06 de março de 1917 foram publicadas na edição vespertina do jornal *O Estado de São Paulo*, apelidada de *Estadinho*, numa coluna intitulada “Mitologia brasílica”, os depoimentos relativos a uma pesquisa de opinião promovida por Monteiro Lobato (1882-1948), sobre essa lenda folclórica.

No ano seguinte o resultado dessa pesquisa foi publicado no livro *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito, sem indicação de autoria e com grande sucesso de vendagem, atestado pelo próprio autor quando, em correspondência de 08 de julho de 1918, seis meses depois do lançamento, afirma restar apenas um quarto dos exemplares da segunda edição (LOBATO, 1944, p. 375). Considerando que somente a primeira edição fez circular dois mil exemplares (p. 371), acreditamos que duas edições em um período tão curto são indícios de sucesso, até para os padrões atuais. Hoje, quase cem anos depois, os exemplares da primeira e da segunda edição pertencem à lista de obras raras. No ano de 1998, durante as comemorações do cinquentenário da morte de Lobato, o Projeto Memória proporcionou uma edição fac-similar e somente dez anos depois foi possível contar com uma reedição da primeira iniciativa editorial lobatiana.

Este livro, desde a primeira publicação, em 1918, instaura uma imprecisão e impõe de imediato a questão da autoria, discussão que permanece até os dias de hoje: afinal, é ou não é a primeira obra de Lobato? Em um dos últimos estudos publicados, *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (2014) há duas apresentações que ilustram,

sem se contradizerem, é necessário salientar, esta imprecisão. Lajolo observa que este “é o primeiro livro publicado por Monteiro Lobato, embora não registre esta autoria” (LAJOLO, 2014, p. 25) e Ceccantini, ao iniciar as reflexões sobre *Urupês*, também de 1918, retorna à questão ponderando que *O saci-pererê*: resultado de um inquérito não costuma ser visto como primeiro livro do autor, uma vez que aí predomina seu trabalho de organizador de uma obra coletiva, reputando então *Urupês* como seu primeiro livro (LAJOLO, 2014, p. 43). Ambos indicam a questão da ausência da assinatura e o crédito da autoria a um “demonólogo amador”.

No início de 1917, Lobato já se inseria em um grupo de intelectuais¹ atuantes na esfera cultural do país, de ideologia marcadamente nacionalista e cuja preocupação maior era estimular estudos sobre o país com o objetivo de construir uma identidade própria. Naturalmente os interesses voltavam-se para as questões de cunho local e para a identificação de manifestações culturais próprias. Como resultado desse interesse, as manifestações artísticas (teatro, música, artes plásticas, literatura) buscaram a caracterização dos tipos sociais de cada região e, em São Paulo, o caipira passou a ser o tipo preferido, alçado à categoria de personagem central nas obras de alguns escritores como por exemplo *Os Caboclos* (1920), de Valdomiro Silveira (1873-1941); *Conversas ao pé do fogo* (1921), de Cornélio Pires (1884-1958) ou *Sertão* (1896), de Coelho Neto (1864-1934). Vale lembrar que são desta época os estudos filológicos de Amadeu Amaral (1875-1929), registrados na obra *O dialeto Caipira* (1920).

Outro tema de interesse foi o folclore e, pelas mãos de Lobato, a figura do Saci Pererê ganhou destaque. As informações sobre essa lenda disponíveis à época eram escassas, visto que os estudos sobre etnografia eram incipientes e não gozavam de prestígio. Ainda assim esse contexto não impediu comentários esparsos atestados pelos próprios depoimentos, quando apontam os nomes de alguns estudiosos que se aventuraram com tais temas, fazendo constar em suas obras breves comentários em relação ao Saci. Sem pretensão de exaustividade, citamos Emilio Goeldi (1859-1917), autor de *As Aves do Brasil* (1894) onde descreve o Saci ave; General Couto de Magalhães (1836-1898) autor de *O Selvagem* (1876) obra na qual o Saci é descrito como lenda indígena mesclada com superstições cristãs (COUTO DE MAGALHÃES, 1935, p. 170); Melo Morais Filho (1844-1919), autor de *Festas e tradições populares*

¹ Azevedo, Camargos e Sacchetta, em *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (1997, p. 102-108), apresentam, acompanhados de fotografias, os nomes dos colaboradores de *O Estado de São Paulo*. Entre diversos nomes destacamos Júlio de Mesquita Filho, Léo Vaz, Manuel Lopes de Oliveira Filho, Amadeu Amaral, Nestor Pestana, Pinheiro Júnior, Oscar Freire, Plínio Barreto.

do Brasil (1901); Silvio Romero (1851-1914) com *Contos populares do Brasil* (1887); Edmundo Krug (?) que descreve o “Sassi” em uma conferência proferida na Sociedade Científica de São Paulo em 1909 e publicada na *Revista da Sociedade Científica de S. Paulo* (vol. V, jan-ago 1910) e Ezequiel Freire (1850-1891), autor de uma poesia sobre o Saci, publicada no *Estadinho*, edição no. 596, em 29 de janeiro de 1917.

Constatando a falta de informações a respeito de tal lenda e aproveitando o espaço que ocupava no jornal *O Estado de São Paulo*, Lobato promove, na edição vespertina conhecida como *Estadinho*², uma pesquisa de opinião pedindo aos leitores que enviem seus depoimentos:

- 1º) sobre a sua concepção pessoal do Saci; como a recebeu na infância; de quem a recebeu; que papel representou tal crendice na sua vida, etc.
- 2º) qual a forma atual da crendice na zona em que reside.
- 3º) que histórias e casos interessantes, “passados ou ouvidos” sabe a respeito do Saci. (LOBATO, 2008, p. 39)

Pelo número de participações, 83 ao todo, é possível imaginar o sucesso da iniciativa, favorecido pelo amplo número de leitores do jornal, aproximadamente 100 mil (cf. adiante, capítulo 1, pág. 21). Enfeixados em um volume único de aproximadamente 300 páginas, pelo que informa o editor em anúncios promocionais, sua unidade foi garantida por elementos pré e pós-textuais compostos a partir de textos cujo estilo denuncia a autoria lobatiana. Outra evidência dessa participação autoral é uma carta de Lobato endereçada ao seu amigo e correspondente de toda a vida, Godofredo Rangel (1884-1951), juiz de direito em Minas Gerais, em 08 de dezembro de 1917, um pouco antes do lançamento do livro: “Meto-me pelo livro adentro a corcovear como burro bravo, em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo, em tudo com o maior desplante e topete deste mundo.” (LOBATO, 1944, p. 366).

De qualquer forma, apesar da profusão de vozes e de perspectivas presentes na obra, ficam evidentes para o seu leitor os vestígios da marcante personalidade lobatiana, revelada aqui e ali por meio de comentários, apresentações, críticas e sua costumeira ironia, de modo que estas “interferências textuais” – para utilizar a expressão cunhada

² Encontraremos, durante este trabalho, as designações *Estadão* e *Estadinho*, que se referem às edições matutina e vespertina do jornal *O Estado de São Paulo*, respectivamente. Em 1915, segundo informa o acervo histórico do próprio jornal, “*O Estado* lança a *Edição da Noite* para publicar principalmente notícias da Primeira Guerra, que circulou até 1921 e ficou conhecida como *Estadinho*, um jornal irrequieto e às vezes irreverente, em comparação com o *Estadão*, como era chamada a edição da manhã.” Disponível em: http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm acesso em 18/02/15.

por Lajolo (2014, p. 26) – parecem constituir-se como fios que conduzem e amarram a apresentação dos depoimentos de diversos autores.

O que se pretende executar neste trabalho, além de digitalizar e transcrever o material jornalístico até hoje inédito, é identificar e analisar as alterações efetuadas por Lobato ao editar o inquérito, tanto na publicação em jornal, quanto na transposição para o livro, ou seja, estabelecer qual a “extensão das interferências textuais” do editor. A hipótese levantada é a de que existe um duplo trabalho de edição: das supostas cartas para o jornal, e deste para o livro. Como consequência desta análise, esperamos observar em que medida esta primeira experiência editorial o revela como intelectual atuante na sociedade e como escritor, editor e jornalista.

Trata-se de uma pesquisa que poderá contribuir para a recolha e fixação de textos-fonte e talvez colaborar com os estudos lobatianos sobre o *Inquérito*, que até agora tomavam como ponto de partida apenas os textos publicados em livro, seja da edição fac-similar de 1998, seja da reedição de 2008, a exemplo dos trabalhos de Camargo (2006), Chiarelli (2006), Queiroz (1987) e Lajolo (2014).

O acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*³ oferece a cômoda possibilidade de consultas *on line*, pela *internet*, das suas edições diurnas. Entretanto, os números do *Estadinho*, como se denominou a edição vespertina, que circulou entre 1915 e 1921, não foram digitalizados para disponibilização na rede mundial de computadores como acervo para amplo acesso. Os números impressos do *Estadinho* estão integralmente preservados e organizados com cuidado rigoroso, disponíveis para consultas de pesquisadores apenas presencialmente.

Durante a visita aos arquivos de *OESP*, nos dias 02 e 03 de setembro de 2014, a primeira providência foi investigar se as cartas enviadas pelos depoentes ainda existiam. Infelizmente ficou constatado que esta documentação não foi preservada e o passo seguinte foi a captação das imagens fotográficas das páginas das edições nas quais foram publicados os depoimentos. Também tivemos acesso a outros arquivos a respeito do inquérito, organizados em pastas com recortes de jornais e revistas, que também foram fotografados e integrados ao *corpus* da pesquisa.

Assim, operando procedimentos de pesquisas não somente em fontes documentais como também em fontes bibliográficas, foi possível começar o trabalho de transcrição dos depoimentos publicados no *Estadinho* (apresentados como anexo ao

³ Com o objetivo de agilizar a leitura, utilizaremos a sigla *OESP* sempre que fizermos referência ao jornal *O Estado de São Paulo*.

final deste trabalho), condição primeira para iniciar o cotejo entre os depoimentos do jornal e do livro.

Dividida em três capítulos, esta pesquisa se ocupa do levantamento e da análise das interferências efetuadas pelo editor em ambos os suportes, isto é, tanto no jornal quanto no livro, num movimento que acompanha o percurso evolutivo do inquérito. Observam-se em primeiro lugar as características específicas dos textos transcritos no periódico, procurando em seguida apontar as alterações impostas pela transferência dos depoimentos, para finalmente indicar as características da edição em livro, às quais demos o nome de "montagem".

Partindo da análise dos textos publicados no jornal, procura-se apontar aspectos estruturais como, por exemplo, as fórmulas de abertura e fechamento, ou de apresentação e despedida. Relacionam-se também os colaboradores da enquete, na tentativa de identificá-los, buscando verificar sua inserção no contexto cultural de sua época. Outros aspectos a se observar serão as características físicas e psicológicas do Saci presentes nos relatos, além dos recursos narrativos e dos registros linguísticos empregados para a transmissão das histórias, de modo a observar os sentidos que estas escolhas imprimem ao conjunto dos depoimentos. Talvez o passo mais importante nesta etapa seja a identificação das supostas interferências do editor, sugeridas por aspectos textuais como paráfrases, recurso pelo qual, esta é a hipótese levantada, Lobato já se insinua como autor, em acréscimo ao trabalho de edição.

O passo seguinte parte da recuperação do percurso editorial da obra, através do apontamento de dados como tiragem, promoção e divulgação de *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito⁴ na imprensa. Como resultante do trabalho comparativo, outro objetivo desta fase é analisar o que chamamos "segundo trabalho de edição", constituído por novas interferências operadas a partir dos recursos de acréscimos e supressões, cujos resultados são, por vezes, significativas alterações dos efeitos de sentido do texto.

A última etapa deste trabalho consiste na análise do modo de composição ou de "montagem" do conjunto de textos que compõem o livro, buscando estabelecer a sua organização. Isto porque já essa primeira obra, ao ser comparada com os textos dos jornais e com as outras obras de Lobato, revela um procedimento comum do autor, a reescritura e constante reelaboração de seus textos, num processo contínuo de construção do pensamento e de projetos de ação. Trata-se de indicar quando e onde

⁴ A partir deste momento utilizaremos a sigla *OSPRI* sempre houver referência ao título da obra.

mais foram publicados os fragmentos ou textos completos (do prefácio e epílogo principalmente), nos casos em que isso se aplica. É como reconstituir a oficina do escritor/editor, evidenciando a origem de cada peça do mosaico que ele vai montando e observando o modo como as peças são amalgamadas para sustentar o resultado final.

2. O INQUÉRITO NO JORNAL

O lendário popular (para não estragar a coisa dizendo “folk-lore”) está aí, riquíssimo, a florir esplendidamente sem que nós, gente ruim da cidade avariada pelo rastacuerismo, saibamos disso.

Monteiro Lobato

2.1. O INQUÉRITO COMO MÉTODO DE PESQUISA NO JORNAL

Os pesquisadores que se ocupam do estudo da atuação de Monteiro Lobato em geral defendem o seu pioneirismo no uso do inquérito como método de pesquisas sobre o folclore. Desde o primeiro biógrafo, Edgar Cavalheiro, que o reporta como “autêntico pioneiro” (CAVALHEIRO, 1955, p. 192), passando por Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997, p. 66) com a informação de que o autor “aplica uma técnica de coleta de dados até então inédita entre os estudiosos do folclore”, geralmente se defende o ineditismo de Lobato em relação ao método utilizado, como nos indica Camargo (2006, p. 92):

[...] tanto nos autores dedicados ao estudo da obra de Monteiro Lobato que se debruçaram sobre o *Inquérito* quanto em pesquisadores especializados em folclore, a técnica do inquérito, ou, como prefere Marisa Lajolo (2002), atualizando o termo para os dias de hoje, da pesquisa de opinião, nunca havia sido utilizada anteriormente para sondagens dessa natureza no Brasil, o que levou os estudiosos da questão a unanimemente apontar o pioneirismo lobatiano.

Ainda que não se tenha notícia do uso desse método em pesquisas sobre o folclore brasileiro, o que reafirma a validade das considerações referidas acima, é possível verificar que em outras áreas do conhecimento esta já era uma ferramenta a ser considerada, para estabelecer a opinião de um público, necessariamente letrado, sobre um determinado assunto. A título de exemplo é possível destacar, sem pretender a exaustividade, dois inquéritos do jornal *OESP*, promovidos na primeira década do século XX, memoráveis por provocar importantes debates com consequências positivas para a sociedade paulista. São eles:

1. A Instrução Pública, de 1914 e
2. Instrução Pública em São Paulo, de 1926.

De fato o método do inquérito começava a ser utilizado no início daquele século, sugere a pesquisadora Tânia Regina De Luca em uma das reflexões de seu estudo sobre a primeira fase da *Revista do Brasil*, de 1916 a 1925, na qual “evidencia o enorme esforço despendido pela intelectualidade do tempo para compreender o Brasil” (DE LUCA, 1999, p. 34). Na transição entre os séculos XIX e XX, a imprensa passa por significativas transformações, tanto em relação ao modo de produção, com a industrialização e as inovações dos meios de comunicação, como ao conteúdo, cada vez mais diversificado:

Sem perder o caráter opinativo, os jornais passaram a incorporar outros gêneros, como reportagens, entrevistas, crônicas e **inquéritos literários**. Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, assuntos policiais, lazer, crítica literária. Ao lado das tradicionais caricatura, ilustrações e charge, generalizou-se a utilização da fotografia, que substituiu a lito e a xilogravura.

A publicidade, principal fonte de renda dos periódicos, também modernizou-se. Data dos anos 10 o surgimento das primeiras agências, que não só acabariam substituindo a figura do agenciador individual como seriam responsáveis por alterações marcantes, no que respeita aos recursos, estrutura e linguagem dos anúncios. (DE LUCA, 1999, p.36) (grifo nosso)

Como se depreende destas reflexões, naquele período do entre séculos o inquérito foi um dos novos gêneros incorporados aos jornais e revistas. Apenas a título de exemplo, observa-se que, em carta de 1915 a Rangel, Lobato comenta a participação em uma “enquete sobre Fradique Mendes do Eça” na revista *O Pirralho* (LOBATO, 1944, p.274).

Eça de Queirós, lembra-nos Brito Broca (1975, p. 120), além de grande influência em nossa literatura, foi uma “moda literária”, durante o período de 1878 a 1914 aproximadamente. O pesquisador comenta o inquérito sobre Fradique Mendes, personagem de Eça, promovido por Oswald de Andrade, proprietário e diretor da revista *O Pirralho*, editada entre 1911 e 1918. Naquela enquete Oswald solicitava aos intelectuais de então, entre eles Amadeu Amaral e Guilherme de Almeida, a declarar se consideravam a personagem eciana “um tipo representativo de vida superior” e qual seria o tipo perfeito, caso a primeira resposta fosse negativa. Ainda sobre este assunto, verificamos que:

O Pirralho realizou um grande programa de inquéritos literários, em que eram ouvidos tanto escritores do Rio como de São Paulo. Ao lado de perguntas bem à moda do “1900” sobre a elegância de

Fradique Mendes ou a possibilidade de “um suicídio verdadeiramente original e belo em nossos dias”, interrogava os intelectuais cariocas sobre o estado atual nas letras da Capital da República [...] (BROCA, 1975, p. 240)

Mesmo que seja mais comumente utilizada no âmbito jurídico e policial, a palavra inquérito também está relacionada às ciências humanas e sociais como um método de pesquisa válido para apurar dados sobre um determinado problema. Largamente utilizado pelos sociólogos e psicólogos sociais, o inquérito se constitui de variadas técnicas, tais como sondagens, entrevistas (menos ou mais livres) ou questionários, envolvendo “um conjunto de questões teóricas, epistemológicas e metodológicas muito diversas” (GHIGLIONE & MATALON, 1997, p. 1).

Trata-se tanto de uma investigação para apurar dados objetivos sobre um problema concreto, como da tentativa de descrição da opinião de uma comunidade sobre um assunto de caráter científico ou apenas de interesse geral. Para Ghiglione e Matalon, realizar um inquérito consiste em “[...] *interrogar* um determinado número de *indivíduos* tendo em vista uma *generalização*” (1997, p. 2, destaques do autor). Este recurso foi algumas vezes utilizado pelos jornais e revistas também, sobretudo a partir do início do século XX, com objetivo de reunir informações e opiniões acerca dos mais variados temas, como citado acima.

A pesquisa de Lobato parece enveredar exatamente por esse caminho, o de compilar dados sobre a lenda do saci, consultando a opinião de uma comunidade relativamente extensa, a de leitores do jornal *OESP*⁵. O autor revela desde cedo ter consciência da importância de fazer parte do time de articulistas deste periódico e da amplitude de seu alcance em termos de divulgação de informações e opiniões. Em 1915 o número de leitores estimado por ele baseava-se nos seguintes termos:

Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de 2 leitores por exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome - e isso ajuda. [...] Para quem pretende vir com livro, a exposição periodica do nomezinho equivale aos bons anuncios das casas de comercio – e em vez de pagarmos aos jornais pela publicação dos nossos anuncios, eles nos pagam – ou prometem pagar. (carta a Rangel, em 12/02/1915) (LOBATO, 1944, p. 266)

Nota-se aí o aguçado tino comercial e a noção da importância da propaganda e promoção do nome ou marca, traços distintivos e base de seu sucesso como editor. Em

⁵ Para referência completa dos documentos consultados no Acervo Digital do jornal, ou das imagens capturadas no arquivo físico, adicionaremos a data de publicação no formato dd/mm/aaaa, seguida dos números da página e da coluna, separados por dois pontos.

1917 esse número era um pouco maior, como revela uma consulta ao acervo digital do jornal. No dia 20 de janeiro, página 3, col. 4, na seção “Notas e Informações” publicou-se o seguinte texto:

Nunca tanto se acentuou a progressão constante de nossa tiragem. Em princípios de Janeiro do anno passado, era ella de 45.000 exemplares diarios, em média. É hoje de 52.000. Aos domingos, sobe regularmente a 56.000. Não há no Brasil, cremos, jornal tão amplamente divulgado como o nosso. (*OESP*, 20/01/1917, 3:4)

Outra publicação, no dia 11 de setembro de 1917, pág. 3, col. 7, confirma estes números, mas com a vantagem de ser resultado de uma auditoria requerida pelo próprio jornal ao Juiz da Terceira Vara Comercial, que emitiu um laudo judicial, ou seja, são números atestados por documentos oficiais. Na referida edição foi publicado um balanço minucioso que permite chegar a números muito próximos aos anunciados no mês de janeiro, mas agora em relação à tiragem dos meses de julho e agosto de 1917⁶:

DEMONSTRAÇÃO DA TIRAGEM TOTAL E DA MEDIA DIARIA
DA FOLHA “O ESTADO DE SÃO PAULO”, EDIÇÃO DA
MANHAN.

Tiragem total do mez de	
Julho de 1917	1.658.191
Media diária: 53.490 exemplares	
Tiragem total do mez de Agosto de 1917	1.604.995
Media diária: 51.774 exemplares	

Tiragem total do mez de Julho de 1917:	1.658.191
Tiragem total do mez de Agosto de 1917:	<u>1.604.995</u>
Total:	3.263.186
Media diária da tiragem total da folha durante os mezes de Julho e Agosto:	
<u>3.263.186</u> =	52.632 exemplares

62

Os peritos: RAYMUNDO MARCHI – EMILIO DE FIGUEIREDO

Os dados sugerem que Lobato não estava muito longe de acertar, quando fez o cálculo em 1915. Atribuindo aos números oficiais a mesma lógica daquele seu cálculo, os 80 mil leitores transformam-se em 105 mil, um número consideravelmente maior. Levando-se em conta os dados do pesquisador Alerto Souza em seu *A população do Estado de São Paulo no último decênio*, para quem a população “provável” do estado de São Paulo, ao final de 1916, era de “4.067.972 de almas” (SOUZA, 1917, p. 51), teríamos cerca de 2,5% da população do estado como público virtual.

⁶ Optamos por respeitar a ortografia dos textos consultados, sempre que nos referirmos àqueles que fazem parte do corpus desta pesquisa. Quando for possível, faremos referência também à publicação em livro.

Consciente do alcance do jornal, Lobato lança mão do método do inquérito, justificando sua escolha no prefácio do livro com as seguintes palavras:

Para ventilar uma criação puramente subjetiva como esta do Saci, a forma de inquérito é a mais razoável. Evita que um só sujeito tome conta ao assunto e imponha maçadoramente a sua ideia em estiradas considerações eruditas, [...] Assim, em inquérito, todos falam, o estilo varia, o pitoresco aumenta; e concorrem sobretudo os não-profissionais das letras. (LOBATO, 2008, p.25)

Acreditamos que repousa nesta postura inicial uma das razões da boa vendagem da primeira edição, atestada pelo próprio editor quando informa em carta de 08/07/1918 ao amigo Rangel que está apenas com um quarto da segunda edição (LOBATO, 1944, p. 375). Considerando que o livro foi lançado no início do mesmo ano com uma tiragem de 2.000 exemplares (LOBATO, 1944, p. 371) e que a segunda edição saiu apenas dois meses depois (CAVALHEIRO, 1955, p. 191), é possível comprovar a sua boa aceitação⁷.

Destaca-se, do trecho citado acima, a percepção apurada sobre o gosto do público, muito característica em Lobato, que o faz rejeitar os textos maçantes, dando preferência ao pitoresco. Textos maçantes neste caso talvez fossem aqueles que manifestam erudição interminável ou apuros de estilo, características do parnasianismo a que Lobato resiste, por exemplo, através da apologia do Jeca (LOBATO, 2008, p. 375). Além disso, a variedade de pontos de vista e de registros estilísticos agradaria aos leitores e ao mesmo tempo enriqueceria o conjunto de informações.

Nessas poucas linhas do prefácio é possível identificar uma “definição lobatiana” para o termo *inquérito*, um pouco mais aprofundada do que aquelas encontradas nos dicionários, por estar acompanhada das justificativas, que do mesmo modo como consideram a abrangência, também valorizam a pluralidade de perspectivas, de registros linguísticos e ressaltam seu caráter mais democrático e acessível.

Ainda investigando a palavra inquérito, encontramos no Dicionário Houaiss as seguintes acepções:

Inquérito. s.m.

1. Ato ou efeito de inquirir
2. JUR. Conjunto de atos e diligências que têm por objetivo apurar a verdade de fatos alegados; sindicância. (administrativo, judicial, parlamentar, policial, policial-militar)

Inquirir.

1. Fazer perguntas, interrogar, perguntar, indagar.

⁷ Os dados relativos às edições do livro *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito (1918) serão estudados com mais atenção no segundo capítulo deste trabalho.

2. Procurar ou tomar informações sobre (algo); pesquisar, investigar.
3. Interrogar judicialmente
4. Intrometer-se com curiosidade no que não lhe diz respeito; bisbilhotar, esquadrinhar
5. Etimologia – Latim – *inquiero, is, ivi, situm, iere* “explorar, procurar, inquirir, investigar”.

Outra obra de referência consultada é o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010, p. 359), que apresenta o seguinte verbete:

Inquirir *vb.* ‘procurar informações sobre, investigar, fazer perguntas a’ ||XVI *enquerer* XIII, *em-* XIII, *inquerir*, XVI, etc. | Do lat. *inquirere*, de *quaerere*, com mudança de conjugação || **inquérito** 1881. Certamente baseado no lat. *inquirere*, ou melhor ainda no lat. **inquāerītāre*, donde se teria originado como derivado regressivo. O vocábulo só existe em português || **inquirIÇÃO** | *enquiriçō* XIII, *enquerições* pl. XIV, *inquerições* pl. XV || **inquirIDOR** | XVI, *enqueredor* XIII || **inquirIDOR:IA** XVII || **inquisa** sf. ‘testemunha’ | *enquisa* XIII | Talvez derivado regressivo de *inquisição* || **inquisIÇÃO** | *enquisiçom* XIII | Do lat. *inquīsītio –ōnis* ‘indagação, devassa’ ‘(Jur.) processo’, de *inquīsītum*, supino de *inquirere* || **inquisIDOR** XV. De *inquīsītor –ōris* || **inquisITIVO** 1525. Do lat. tard. *inquisitivus* || **inquisITORIAL** 1873 || **inquisITÓRIO** 1873.

É possível observar, por este verbete, que existem registros do uso deste verbo, com o mesmo sentido empregado atualmente, desde o século XIII. Em contrapartida, como substantivo, “inquérito” é bem mais recente (1881) e originado da transformação da palavra latina *inquāerītāre*, que por sua vez também é resultado de derivação. O asterisco antes deste termo latino indica que este fenômeno não foi devidamente documentado, sendo uma forma hipotética, reconstituída. De qualquer modo, é curiosa a informação de que “inquérito” seja uma palavra exclusiva da língua portuguesa e não muito antiga.

Para além da característica intrínseca ao método - o ato de perguntar - as acepções do dicionário, quando relacionadas à proposta lobatiana, podem contribuir para a compreensão da escolha de tal forma de investigação. Além da noção contida na acepção de número 4 do verbo “inquirir”, de satisfazer uma curiosidade, de bisbilhotar, de esquadrinhar, parece relevante o desejo de apuração da veracidade de um fato previamente alegado, conforme a acepção jurídica da palavra “inquérito”, na entrada de número 2. A existência das lendas em torno da figura do saci, à época esparsamente catalogadas ou referidas em estudos, é o mote, o fato previamente alegado, que deflagra a necessidade da pesquisa, como se pode depreender do

fragmento a seguir, retirado dos esclarecimentos de Lobato publicados no “Introito” do livro:

À noite, no jornal, a guerra foi posta de parte e só se conversou saci. Cada qual puxava dos desvãos da memória uma reminiscência quase extinta. Ventilaram-se todas as impressões sacisescas, narraram-se os casos sabidos e, palavra vem, palavra vai, nasce a ideia do inquérito. (LOBATO, 2008, p. 35)

O inquérito poderia, ao mesmo tempo, satisfazer a curiosidade dos debatedores, salvar do esquecimento a figura debatida e ainda contribuir para fixar um dos elementos do patrimônio artístico nacional, assunto caro ao grupo de intelectuais frequentadores da redação do *Estadão*. Outra grande vantagem foi a de proporcionar um pouco de alívio para o clima tenso que se instalara por conta da guerra mundial em curso. Parecem ser argumentos mais que suficientes em favor do projeto. Antes, porém, de seguir com o estudo dos depoimentos sobre o Saci, apresentaremos dois inquéritos promovidos pelo *Estadão*, com o intuito de exemplificar o uso do método e a repercussão de seus resultados.

A instrução pública em 1914

Considerando o fato de que o principal objeto de análise deste trabalho é um dos inquéritos de *OESP* seria oportuno apresentar dados gerais de duas dessas enquetes promovidas pelo jornal, uma anterior e outra posterior à de Lobato, selecionadas para ilustrar a aplicação de tal método. Com relação ao primeiro de que se tem notícia, o pesquisador Bruno Bontempi (2006) escreveu:

Em 1914, o jornal O Estado de S. Paulo, diário que desde a sua fundação (1875), tinha a melhoria da instrução pública como uma de suas principais bandeiras, promoveu um inquérito sobre a situação da instrução pública no estado, para o qual convidou dirigentes educacionais, professores e jornalistas, cujas opiniões foram publicadas entre os meses de fevereiro e abril⁸.

O então diretor do jornal, Júlio Mesquita, colheu e fez publicar nas páginas do jornal 14 depoimentos cujos autores pertenciam a um grupo de intelectuais ligados diretamente ao sistema educacional paulista. Bontempi pontua ainda que os depoimentos foram colhidos pessoalmente, em sua maioria, e objetivavam a elaboração

⁸ BONTEMPI JR., Bruno. O inquérito sobre a Instrução Pública no jornal *OESP*. Trata-se de artigo publicado nos Anais do 6º. Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, MG, de 17 a 20 de abril de 2006. Acesso em 02/02/2015, 8:15h
Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/246BrunoBontempi.pdf>

tanto de um diagnóstico da situação da instrução primária no estado como de propostas para uma eventual reforma. Os depoentes foram:

Ordem de publicação	Depoentes	Data da publicação Ano de 1914
1	Oscar Thompson	27/02 e 28/02
2	Paulo Pestana	03/03
3	Ruy de Paula Souza	05/03
4	João Lourenço Rodrigues	07/03
5	Antonio Rodrigues Alves Pereira	08/03
6	João Chrisóstomo	10/03
7	Arnaldo de Oliveira Barreto	13/03
8	Antônio de Azevedo Antunes	16/03
9	José Ribeiro Escobar	20/03
10	Mariano de Oliveira	23/03
11	Pedro Voss	27/03
12	João Pinto e Silva	29/03
13	Francisco Azzi	30/03
14	Ramon Roca Dordal	06/04

Tabela 1 - Inquérito - A Instrução Pública - 1914

Ainda segundo Bontempi (2006, p. 3), quanto às suas ocupações, os depoentes se distribuíam entre as seguintes funções: um diretor geral da instrução pública, quatro inspetores, três diretores, quatro professores de Escola Normal, além de um ex-professor e de um colaborador do jornal. A maioria dos entrevistados integra um grupo influente, todos graduados pela Escola Normal Caetano de Campos no último decênio da monarquia, que ganha “projeção política e administrativa” nos anos iniciais da primeira década republicana.

Esse inquérito teve como consequência a reunião de um grupo atuante que passa a promover uma discussão sobre a educação pública que viria orientar os rumos das políticas governamentais na área.

A instrução pública em 1926

O outro inquérito selecionado para esta exemplificação é posterior ao de Lobato, mas talvez valha a pena citá-lo, visto que possui unidade temática em relação ao de 1914 e teve importantes repercussões não só na cultura paulista, mas também na história da educação e da cultura nacionais. Este trata novamente da Instrução Pública em São

Paulo e foi organizado por Fernando de Azevedo entre junho e dezembro de 1926. Ao todo, contou com 20 depoentes, divididos em três blocos, de acordo com o nível de ensino em foco:

Área	Nº Dep	Depoentes	Ano de 1926
a. Ensino primário e normal	1	Francisco Azzi	12/06
	2	Almeida Júnior	15/06
	3	Renato Jardim	17/06
	4	José Escobar	19 e 20/06
	5	Sud Mennucci	22/06
	6	Lourenço Filho	23/06
b. Ensino técnico e profissional	7	Paulo Pestana	09/09
	8	Navarro de Andrade	10/09
	9	J. Melo Morais	14/09
	10	Roberto Mange	16/09
	11	Teodoro Braga	21/09
	12	Paim Vieira	23/09
c. Ensino secundário e ensino superior	13	Rui Paula Sousa	19/11
	14	Mário de Sousa Lima	20/11
	15	Amadeu Amaral	23/11
	16	Ovídio Pires de Campos	25/09
	17	Raul Briquet	26/11
	18	Teodoro Ramos	30/11
	19	Reinaldo Porchat	02/12
	20	Artur Neiva	04/12

Tabela 2 - Inquérito - Instrução Pública em São Paulo - 1926

Ao modo daquela primeira enquete, elaborada em 1914, esta nova consulta de 1926 expandiu seu alcance e

[...] investigou todos os aspectos do ensino no Estado, o primário, secundário, profissionalizante e superior. Para fazê-lo, foi enviado um questionário para dezenas de pessoas envolvidas no ensino. Das doze perguntas, três eram sobre o ensino superior. Elas pediam opinião sobre a 'criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espírito universitário moderno' e de que forma uma universidade poderia se tornar uma "instituição orgânica e viva".⁹

⁹ ENTINI, Carlos. Pesquisa do jornal em 1926 mostrou necessidade de criação da Universidade de São Paulo. Artigo publicado em 23 de janeiro de 2014, no jornal *OESP*. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,pesquisa-do-jornal-em-1926-mostrou-necessidade-de-criacao-da-universidade-de-sao-paulo,9575,0.htm>. Acesso em 02/02/2015, 9:10h

Provocando uma espécie de continuação dos debates de 1914, esse novo inquérito ampliou as discussões e concentrou outros tantos intelectuais atuantes nas esferas do poder, de modo que desse movimento resultaram efetivas mudanças como, por exemplo, a Reforma do Ensino no Distrito Federal em 1928, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 e o Código de Educação do Estado de São Paulo de 1933.

A Escola Nova, importante marco na história da educação brasileira, propunha um programa de política educacional amplo e integrador. As discussões, além de mudar os rumos da educação básica no país, também colaboraram para a criação da Universidade de São Paulo em 1934. De acordo com Fernando de Azevedo, em artigo de 1954 no jornal *OESP*¹⁰, o inquérito lançou as sementes da criação da USP por meio dos debates que suscitou. Tal argumento é referendado por Motoyama:

Uma das iniciativas nesse sentido parte exatamente do jornal *O Estado de São Paulo*, de propriedade da família Mesquita, que publica, em 1926, o *Inquérito OESP*, organizado por Fernando de Azevedo. Trata-se de um estudo que dá um quadro geral da situação do ensino no país e delineia um projeto educacional. Nesse estudo destacava-se a importância de a elite propor um projeto de educação para o País, acima das paixões políticas conjunturais. [...]

Em 25 de janeiro de 1934, o então governador Armando de Salles Oliveira, interventor federal nomeado por Getúlio Vargas, assina o decreto no. 6.283, criando a Universidade de São Paulo. É um decreto relativamente breve, que versa sobre os fins da Universidade, a relação dos institutos que passavam a integrá-la, o patrimônio, a autonomia universitária e seus limites, a organização administrativa, a estrutura docente, os espírito universitário e os dispositivos gerais. No dia 4 de julho de 1934, através do Decreto 6.533 são aprovados os primeiros Estatutos da Universidade de São Paulo, tarefa realizada pelo primeiro Conselho Universitário.[...]” (MOTOYAMA, 2006, p. 124)

Além destes inquéritos sobre a educação, vale mencionar também dois outros com significativa repercussão no cenário cultural paulista, O “Testamento de uma geração”, realizado por Edgar Cavalheiro entre 16/11/1941 e 23/09/1943 e, quase ao mesmo tempo, “Plataforma da nova geração”, realizado por Mário Neme, no período de 22/06/1943 a 02/03/1944. Neles os depoentes revelavam dados sobre sua formação intelectual, trajetórias e reflexões, seu posicionamento social e político.

Carlos Guilherme Mota, em seu livro *Ideologia da Cultura Brasileira* (1933–1974), considera o conjunto destes dois inquéritos como documentos fundamentais para

¹⁰ AZEVEDO, *OESP*, 25/01/1954, p. 95. Edição comemorativa do IV centenário da cidade de São Paulo, com 160 páginas nas quais se apresenta a história da cidade.

a compreensão da cultura brasileira e dedica o capítulo II e início do capítulo III de sua obra à análise de uma seleção de depoimentos, com o objetivo de “estabelecer alguns pontos de partida para uma história das ideologias no Brasil, tendo em vista a preocupação em definir os componentes ideológicos nas formulações relativas à consciência nacional” (MOTA, 1985, p. 86).

Do mesmo modo como os inquéritos sobre a educação pública e sobre o pensamento dos intelectuais brasileiros contribuíram para a compreensão da nossa cultura e dos rumos da educação no país, a pesquisa de opinião sobre um tema do folclore também pode revelar componentes ideológicos. Esta ideia é defendida pelo próprio Lobato, quando afirma que “os estudos das crendices populares revela o povo em sua íntima textura psíquica” (LOBATO, 2008, p. 369).

Uma vez observada a utilização do recurso das pesquisas de opinião pelo jornal com a intenção de levantar dados sobre temas que interessavam aos intelectuais no início do século XX, passemos agora ao estudo deste inquérito sacisESCO, tal como o encontramos publicado na edição vespertina de *OESP*.

2.2. OS DEPOENTES: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO?

No início de 1917, as edições do *Estadinho*, do número 597 até o 626, veicularam diariamente um total de 83 depoimentos, distribuídos irregularmente, na maioria das vezes em blocos com três, outras vezes com quatro, outras ainda com apenas um depoimento. Ao contrário dos outros inquéritos, citados anteriormente como exemplos, este tem um ritmo mais intenso. O primeiro depoimento foi publicado já no dia seguinte à chamada, ao edital de abertura. Além disso, o ritmo de publicação é diário, não havendo nenhum intervalo entre as publicações.

De todas as 83 participações, apenas uma terça parte, com 28 depoentes, é de autores anônimos ou cujas assinaturas apresentam ora as iniciais, ora um apelido ou uma característica imprecisa, o que impossibilita sua identificação. Quase a metade, 41 deles, estampa o sobrenome do respectivo autor, alguns com o nome completo, outros apenas com a inicial do primeiro nome. Entretanto, trata-se de pessoas que não puderam ser localizadas em nossas pesquisas. Portanto, os depoentes identificados e localizados compõem um número muito reduzido, como podemos verificar pelo gráfico a seguir:

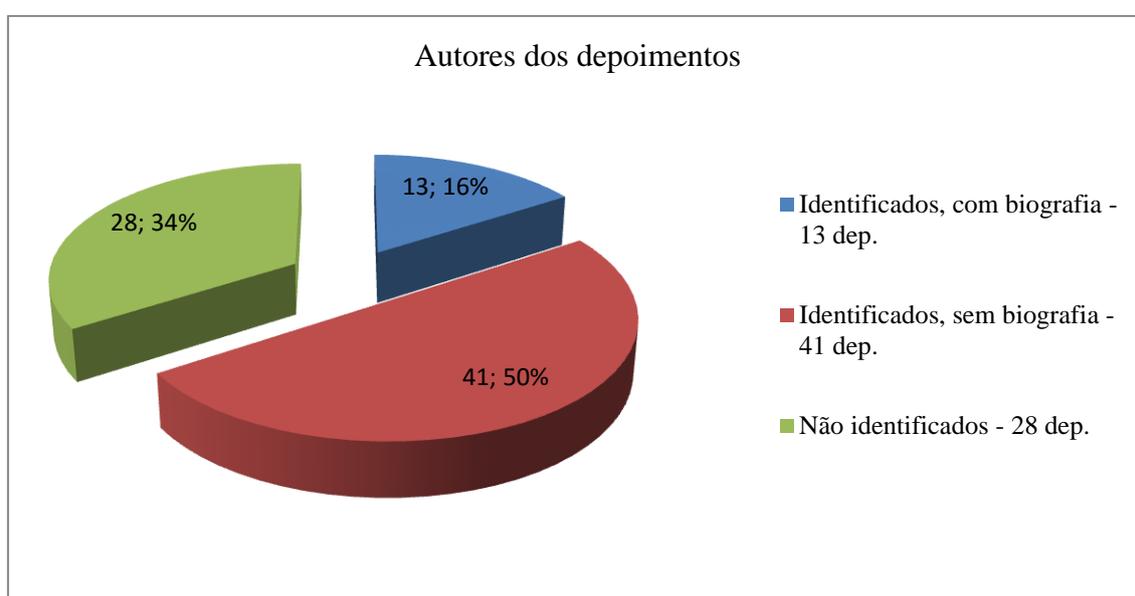


Ilustração 1 - Identificação dos depoentes

Ao pesquisar sobre os depoentes, pudemos localizar informações mais detalhadas a respeito de apenas treze deles, que passamos a apresentar:

1. Sr. **Plínio Travassos dos Santos**, de Ribeirão Preto (Cravinhos, 07/03/1886 – Ribeirão Preto, 1966). Advogado, ocupou cargos públicos em São José do Rio Preto, Lins e Ribeirão Preto, desenvolvendo atividades de professor, inspetor,

diretor e jornalista. Dirigiu o Museu de Ribeirão Preto, que hoje leva seu nome. Publicou contos, poesias, romances, como por exemplo: *Páginas do sertão*, contos, 1923; *Espelho d'alma*, poesias, 1927; *Ela está sempre em meu coração*, romance, s.d; *Folhas caídas*, memórias, s.d. (MELO, 1954, p. 561-2)

2. Sr. **Benedicto Gomide** (Porto Feliz, 13/06/1891 – São Paulo, 29/08/1969), de Conchas, sobre quem se diz:

[...] autodidata talentoso, gráfico dedicado, poeta primoroso, sonetista admirável cuja biografia atesta sua incansável lide jornalística; [...] filho de Prudêncio da Silva e D. Maria Jacynta Gomide; foi gerente da famosa revista “A Cigarra” da capital paulista cujo fundador foi Gelásio Pimenta.¹¹

3. Dr. **Carlos da Silveira** (Silveiras SP, 21/06/1883 – São Paulo, 31/10/1964). Teve intensa participação na área da Educação, principalmente na cidade de São Carlos. Como escritor, colaborou em diversos jornais (*OESP* e *Jornal do Comércio*, entre outros) e em revistas, desenvolvendo reflexões sobre Educação, Genealogia, História. Escreveu também biografias. Foi redator-chefe da revista *Educação* em 1930, membro do Instituto Genealógico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual foi diretor em 1956. (CHIARI, 2014, p. 46-51)
4. Sr. **Miguel Milano** (São Paulo, 27/07/1885 – São Paulo, 21/09/1971). Atuou também na área da Educação começando como professor e chegando a inspetor. Concomitantemente, também trabalhou como ator, cineasta, jornalista e historiador. Dedicou-se à literatura como autor de poesias, contos e novelas e também se destacou por seus títulos didáticos. (MELO, 1954, p. 387)
5. Sr. **Manuel Lopes de Oliveira Filho** (Sorocaba, 14/03/1872 – São Paulo, 28/02/1938). De família influente na política, em cuja casa se reuniam Prudente de Moraes (1841-1902), Campos Sales (1841-1913) e Rangel Pestana (1839-1903), entre outras figuras iminentes. Educou-se na Europa e, de volta ao Brasil, dedicou-se ao comércio de café, daí derivando para a carreira de naturalista, pesquisando as pragas das lavouras, como broca do café e saúva. Atuou como entomologista no Instituto Biológico desde sua fundação, na Inspetoria Agrícola e Florestal, no Conselho Florestal, organizou companhias de petróleo e aço. Por 20 anos (1918-

¹¹ Disponível em: < <http://www.camaraconchas.sp.gov.br/Acervo/historico/historico.asp>> Acesso em: 23/ago/2015, às 19:42h

- 1938) foi responsável pela seção de “Assuntos Agrícolas” de *OESP*. (MELO, 1954, p. 440)
6. Sr. **Alberto Faria** (Rio de Janeiro, 19/10/1869 – Ilha de Paquetá, 08/09/1925). Desde 1881 radicado em Campinas, foi professor, jornalista e diretor de jornais nos quais publicava artigos célebres pela erudição e originalidade dos temas, preferencialmente filologia, folclore e literatura comparada. Profundo conhecedor da bibliografia brasileira. (CASCUDO, 1993, p. 26)
 7. Sr. **Jayme Outeiro de Oliveira** (Casa Branca, 25/08/1889 - ?). Em 1901 começou a trabalhar como tipógrafo no jornal *O Palmeirense* e em 1904 funda o jornal *A Cidade*. Mudou-se de Palmeiras em 1919, para a instalação da Câmara Municipal de Altinópolis, trabalhando como secretário e contador, também atuando como jornalista. A partir de 1940 foi chefe da Secretaria da Associação Comercial e Industrial de Araraquara. Obras: *Crisântemos*, versos, 1911, 44p.; *No deserto*, versos, 1912, 99p.; *O cativo de um povo*, poema, 1915, 12p.; *Minha Terra*, poesias, 1926, 111 p. (MELO, 1954, p.434)
 8. Sr. **Dolor de Brito Franco** (datas não localizadas) Advogado, foi também redator e diretor, em parceria com Oswald de Andrade (1890-1954), de *O Pirralho*, semanário humorístico fundado em agosto de 1911. Em março de 1930 foi eleito deputado federal por Minas e tomou posse em junho. Teve o mandato interrompido quatro meses depois, em decorrência da vitória da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder e extinguiu todos os órgãos legislativos do país¹².
 9. Sr. **Amadeu Quieroz** (25/03/1873 – 28/10/1955) Escritor, foi militante político de destaque em Pouso Alegre e mantinha correspondência com personalidades como Júlio de Castilhos (1860-1903) e Rui Barbosa (1849-1923). Em 1916 mudou-se para São Paulo. Montou a farmácia Baruel, na Praça da Sé. Em 1927 publicou seu primeiro livro, um romance com o título *Praga de Amor*. Publicou ao todo 14 livros e alguns biógrafos consideram-no como precursor do conto regionalista¹³. Em sua participação no Inquérito sobre o Saci, enviou os versos do Prof. Joaquim Queiroz Filho (?), que em 1912 foi o primeiro diretor do Grupo Escolar Monsenhor José Paulino, em Pouso Alegre.

¹² Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/3>> e <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FRANCO,%20Dolor%20de%20Brito.pdf>> Acesso em 03/out./15, 14:22h.

¹³ Disponível em: <https://issuu.com/mhmtt/docs/revista_mhmtt_2012> Acesso em 03/out./15, 14:22h.

10. Sr. Trindade e Mello – **Sinésio de Oliveira Piedade Trindade e Melo** (São Paulo, 06/06/1891 - ?). Formou-se em Farmácia em 1917, profissão que exerceu por alguns anos. A partir de 1922, publicou vários contos e novelas dispersos em periódicos de São Paulo, como por exemplo as revistas *Número* e *A Gazeta*. Também foi genealogista e historiador. Ingressou no *Correio Paulistano* a partir de 1928, onde chegou a redator do “Consultório Grafológico”. (MELO, 1954, p. 374)
11. Sr. Luiz Fleury - **Luís Gonzaga de Camargo Fleury** (Sorocaba 08/07/1891 – São Paulo, 08/05/1969) “Professor Normalista” pela Escola Normal Secundária da Praça da República, em São Paulo, a partir de 1910. Estudou filosofia, psicologia, lógica, economia, política, sociologia, direito, entre outros. Atuou como membro de comissões avaliadoras dos livros didáticos quando o Prof. Almeida Junior ocupou o cargo de Diretor Geral do Ensino de São Paulo – no período entre 1935 e 1937. Co-fundador da revista *A.B.C.* e da *Revista de Filosofia*, de São Carlos. Colaborador de *OESP*, *A Platéia*, *Cruzeiro do Sul*, *Feira Literária*, *Diário de Rio Claro*, *Cidade de São Carlos*, *O Alfa*, *Revista Nacional*, *Revista de Educação*, *Revista de Filosofia*, *Revista do Brasil*. (GOULART, 2014, p. 71-80) (MELO, 1954, p. 225)
12. Sr. José Eloy, pseudônimo de **Arlindo Antônio Leal** (São Paulo, 04/07/1871 – São Paulo 29/10/1921). De família de artistas, participou ativamente do teatro paulistano e carioca, como autor, ator e diretor. Comediógrafo e letrista, manteve produtiva parceria com vários músicos, dentre eles Marcelo Tupinambá. (FONSECA, 2014, p. 142). As composições de Eloy e Tupinambá foram sucesso de público e colaboraram para a entrada do universo caipira na cena cultural brasileira. Uma vez que o depoimento do Sr. José Eloy contribui para o inquérito com uma composição de ambos, vale apresentar também dados de seu parceiro. Marcelo Tupinambá é o pseudônimo de **Fernando Álvares Lobo** (Tietê-SP, 29/05/1889 – São Paulo, 04/07/1953). O uso do pseudônimo o ajudou a conciliar a profissão de engenheiro com a de músico, até que um problema de visão o afastou da engenharia. Passou a dedicar-se totalmente à música. Foram inúmeras parcerias com outros escritores, poetas e compositores, resultando um legado de 264 músicas, em variados ritmos: cateretês, valsas, maxixes, tangos e também peças eruditas. (FONSECA, 2014, p. 144)
13. Dr. **Sebastião Nogueira de Lima** (Casa Branca-SP, 03/11/1880 – São Paulo, 02/08/1964) Advogado, político, teve brilhante carreira jurídica, chegando a ser presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. (MELO, 1954, p. 311)

Interessante notar que durante as pesquisas sobre esse depoente não se encontraram referências ao fato de ser ele um compositor. Entretanto, para o Inquirido, ele enviou uma composição musical em ritmo de *polka* de sua autoria afastando-se, como declara no depoimento, de sua função pública e revelando sua face artística.

Estas pequenas biografias indicam que os depoentes identificados e localizados, como pudemos observar, estiveram envolvidos não apenas com a cultura paulista, mas também com a brasileira, quer seja pelos livros que publicaram, quer seja por sua atuação nos periódicos para os quais colaboravam. É um grupo que apoia a implementação do projeto cultural nacionalista, de observação e pesquisa da realidade brasileira, sobretudo através do estudo das manifestações folclóricas, projeto este que vinha sendo esboçado no começo do século XX. As pesquisas e as produções destes depoentes podem somar-se às dos escritores mais conhecidos, como é o caso de Cornélio Pires, Valdomiro Silveira e o próprio Lobato, para citar apenas alguns exemplos.

Além daqueles que puderam ser identificados, há um depoente cuja biografia não pudemos localizar, mas que enviou um poema de outro autor, este sim, mais conhecido. O depoimento de número 53, enviado pelo Professor A. J. Bonifácio Martins consiste na transcrição de um poema de Melo Morais Filho. Se é difícil identificar o depoente, o mesmo não ocorre com o autor citado por ele. Pelo que indicam as pesquisas, trata-se do jornalista, crítico literário e folclorista **Alexandre de Melo Morais Filho** (1844-1919), responsável por fundamentais campanhas de estudo e valorização da cultura brasileira, que o tornaram referência obrigatória quando o tema é o folclore.

O depoimento de número 23, do Sr. Alberto Faria, da mesma forma, traz uma valiosa contribuição, não de seu também importante depoente, como era de se esperar, mas de outro autor, identificado como **Francisco Quirino dos Santos** (Campinas, 14/07/1841 – São Paulo, 06/05/1886). O Sr. Francisco Quirino dos Santos, quem compôs os versos remetidos ao jornal, foi intelectual muito ativo na cena cultural paulista, advogado, político, escritor (de prosa, poesia e teatro), jornalista e historiador. Fundou e dirigiu os periódicos *A Gazeta de Campinas*, *A razão*, *O Lírio* (com Rangel Pestana e Barros Júnior) e dirigiu o *Correio Paulistano* de 1864 a 1865. Melo (1954, p. 557-8) elenca algumas de suas obras, entre elas: *A judia*, drama, 1863; *Estrelas errantes*, poesia, 1863; *A nova Louzã*, romance, 1873. Não há dados minuciosos a respeito destas obras, em geral publicadas em almanaques, coletâneas ou às custas do

próprio autor. Mas surge, na pequena biografia do *Dicionário de Autores Paulistas*, a menção a um texto que se refere ao nosso estudo, “A lenda do Saci”. Nenhuma informação acompanha o comentário, nem ano de publicação, nem editora, nenhum dado que nos permita localizá-lo com mais precisão. Contudo, apoiando-nos na identificação do título e da autoria, julgamos tratar-se do mesmo texto publicado no Inquérito com o título de “O Saci” e com o subtítulo “Lenda” grafado entre parêntesis.

Estes dois poemas, dos autores Melo Moraes e Francisco Quirino dos Santos¹⁴ não foram publicados no livro editado por Lobato talvez por questões de direitos autorais, visto que não foram remetidos pelos respectivos autores. Somados aos outros poemas do inquérito são textos que nos colocam uma questão intrigante: a publicação, em jornal, do Inquérito sobre o Saci talvez caminhasse na direção de recuperar estes documentos antes dispersos e nos ajudam a montar o cenário da época imediatamente anterior à enquete do *Estadinho*. Entretanto, o fato de não terem sido transcritos para o livro condena-os novamente ao esquecimento.

Sua importância repousa no fato de que essas produções sobre uma lenda folclórica parecem ser evidências de um crescente interesse, entre os intelectuais daquela época, por observar questões autóctones, no sentido de reforçar a construção de uma identidade nacional para a cultura brasileira, objetivo realizado com maior êxito a partir da Semana de 1922. Acreditamos também que tal interesse provavelmente tenha colaborado para que Lobato fosse tão bem sucedido em sua iniciativa, pois encontrou um contexto propício para aceitação de sua iniciativa.

A observação da identidade dos depoentes remete-nos, ainda, à questão de sua localização geográfica, dado que poderia levar à conclusão de que o Saci é uma manifestação de folclore mais presente no espaço rural da região Sudeste do país. Entretanto, o fato de Câmara Cascudo (2002, p. 122) situá-lo num “domínio vasto”, abrangendo toda a região sul do país e países vizinhos, nos remete à hipótese de que as colaborações tenham ficado restritas à área de penetração do jornal, de modo que a primeira delimitação geográfica estaria ligada ao alcance daquele meio de comunicação.

Quanto à abrangência territorial, a maioria dos depoimentos foi publicada no jornal sem a sua localização exata, seja nos pequenos textos de apresentação que deles faz o editor, seja no próprio depoimento. Dos que declararam sua origem, oito são do Estado de Minas Gerais e somente um autor é da Região Nordeste, porém sem

¹⁴ Voltaremos a estudar os autores Melo Moraes e Francisco Quirino dos Santos no segundo capítulo, tópico 2.3, apresentando a transcrição de seus textos.

identificação do local. Os outros setenta e quatro autores são do Estado de São Paulo, subdivididos em três regiões: capital, interior e litoral. O gráfico a seguir nos ajuda a entender essa distribuição:

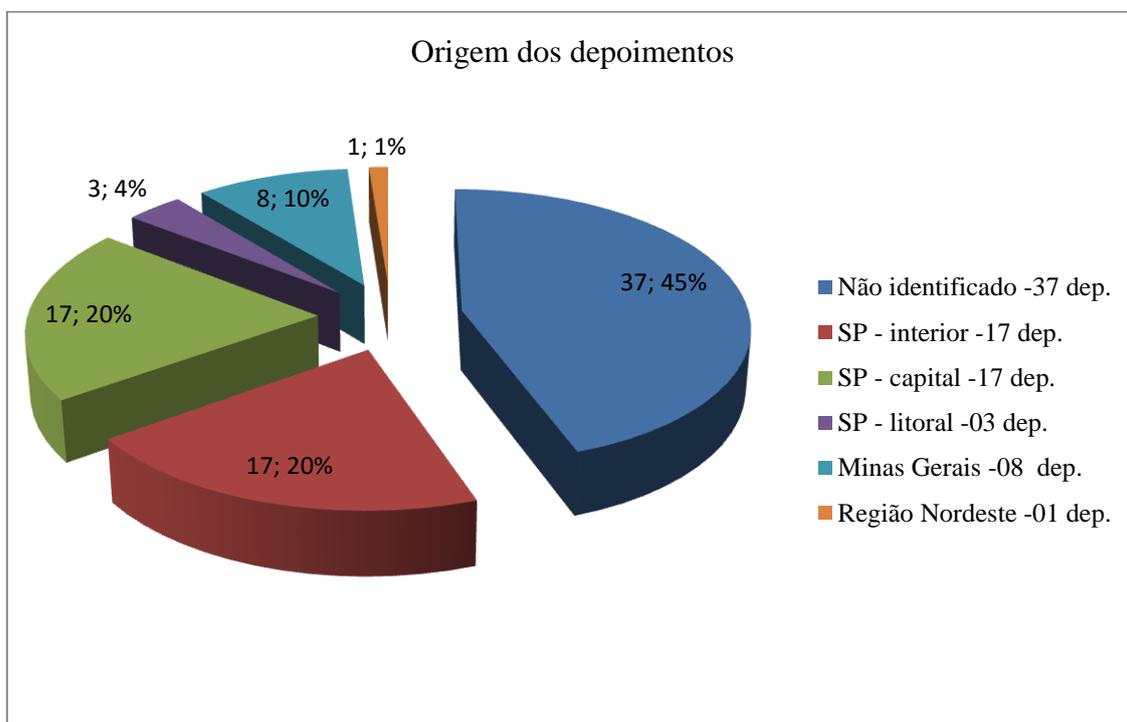


Ilustração 2 - Local de origem dos depoimentos

Dos poucos autores cuja identidade foi possível estabelecer, a maioria nasce no interior e vai estudar na capital paulista, onde passa a atuar social e profissionalmente, constituindo um grupo de intelectuais com inclinação nacionalista, transitando entre os dois fenômenos apontados por Candido (1995, p. 296): de um lado um nacionalismo patrioteiro e ufanista, de outro seu contrapeso, ou seja, uma visão amarga, mas real da realidade brasileira.

Se por um lado a maioria dos autores dos depoimentos não revela sua localização, por outro as narrativas que são apresentadas nos seus textos constroem uma ambientação majoritariamente rural. Apenas uma quinta parte deles define os ambientes nos quais se desenvolvem os casos relatados. A maior parte dos relatos deixa evidente, através da descrição das paisagens e dos costumes, que o cenário rural é o ambiente mais frequente das travessuras sacisescas, como se pode visualizar a partir da ilustração a seguir:

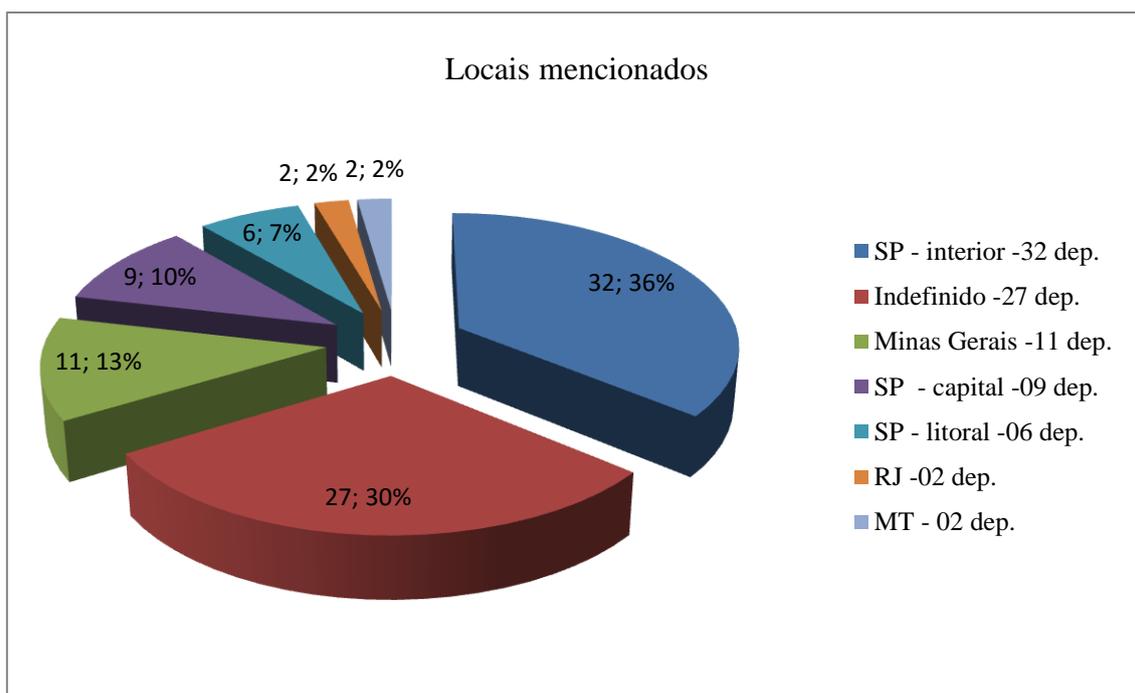


Ilustração 3 - Locais mencionados nos depoimentos

A reforçar a ambientação rural das histórias de saci está a linguagem caipira, explorada em parte significativa dos depoimentos. Esta questão será analisada com mais atenção no próximo tópico. Por ora continuaremos com a geografia desta lenda folclórica.

Apenas nove depoimentos situam o perneta na cidade grande. São textos que embarcam num clima descontraído, de brincadeira, que assumem uma postura *nonense* e até de irreverência e deboche, também de experimentação linguística e de incorporação do novo, atitudes presentes na vida cultural da capital paulista naquele período (LEITE, 1976, p. 177).

Nessas ocasiões o Saci passeia tranquilamente pelo Pary, rio Tamanduateí, bairro do Canindé e armazéns da Inglesa (dep. 43), por M'boy (dep.06), protege os passarinhos no Piques (dep. 13), ou mostra-se mais maléfico que no interior (dep. 18). Anda pela ruas da Consolação (dep. 45), da Abolição (dep. 57) e Florêncio de Abreu, pelo Largo de São Bento e estação da Luz (dep. 64). Em tais lugares o duende desvia os moços de seus caminhos, invade a casa de um garoto sob a forma de um urso, subtrai chapéus e charutos de senhores respeitáveis, fica de repente invisível e desaparece.

De especial significação são os depoimentos do próprio Saci e de Luigi Cappalunga, pela irreverência veiculada em seus textos. Poderiam um saci e um italiano fanfarrão serem depoentes em uma enquete, uma pesquisa de opinião, veiculada pelo

jornal de maior prestígio em São Paulo? Vejamos um trecho da participação do primeiro, a título de exemplo:

O proprio Sacy resolver (sic)falar de si proprio, e manda-nos da varzea de Santo Amaro este auto-retrato:

“Sr. Redactor do “Estadinho” --- Bom dia. Aqui, nos arredores da Paulicéa, por onde ando “paráparando” desde que fui expulso da cidade pelas historias da carochinha e dos anões cervejeiros da nebulosa Germania, soube que o “Estadinho” “havera” publicado meu retrato e ia fazer minha biographia.

[...] Contaram minhas estrepolias por Minas e Rio de Janeiro e da minha existencia em S. Paulo, nem tico! Entretanto, vivi sempre e com muita consideração na Paulicéa.

[...] Quanta prosa boa dei ao meu illustre amigo Emilio Pestana, no escriptorio commercial da rua do Rosario, quantas vezes fui “aquestar” fogo na casa do velho redactor da “Provincia” alli por trás da antiga cadeia a ouvir a cozinheira contar as minhas artimanhas á criançada, quantas ... O P. P. sabe disso; pergunte-lhe se é ou não verdade.

[...] Por hoje é o que lhe posso dizer: noutra vez contar-lhe-ei por miudo a minha vida, desde criança. De v. s. , etc. --- Sacy-sapêrê.
(*ESTADINHO*, 607, 10/02/1917, 3:2; LOBATO, 2008, p. 156)

Este Saci está totalmente integrado à vida paulistana, cultiva um círculo de amizades e não deixa de alfinetar os “anões da Germânia”, fato que nos faz supor a autoria de Lobato. Neste depoimento o Saci se apresenta como um ser culto: não somente emprega a norma padrão da língua portuguesa, mas domina um gênero textual específico, a carta do leitor. O texto se encerra com um lance de humor, ao prometer dar continuidade à sua colaboração, para completar o relato de sua vida.

Por sua vez, Cappalunga utiliza-se de linguagem macarrônica, muito próxima à de Juó Bananére, de grande sucesso naquele período. Tão próxima que nos permite supor que ambas sejam personagens de Alexandre Marcondes Ribeiro (1892-1933), o criador de Bananére e personalidade que frequentava o “grupo do Estado”. De todos os modos o depoimento ítalo-paulista aporta mais dados sobre o trabalho de edição desenvolvido por Lobato e por isso retornaremos a ele no segundo capítulo.

Por ora importa destacar que o fato de estes dois seres fictícios ganharem foros de depoentes de um inquérito provoca uma inversão irônica, estabelecendo-se uma sequência de paradoxos, a oposição entre o sério e o cômico, o real e o fantástico, o culto e o inculto, o urbano e o rural, de modo a desqualificar o primeiro elemento, tido como sério e a princípio altamente valorizado, e qualificar o segundo, em geral menos prestigiado socialmente.

Este aspecto demolidor seria aquele que Broca indica como anúncio do Modernismo, ao tratar da revista de Oswald: “[...] O Pirralho, pela irreverência, pelo

tom satírico, anunciava o Modernismo, no que este teve de essencialmente demolidor [...]” (BROCA, 1975, p. 241). Também pode sinalizar a liberdade conquistada somente com as transformações do movimento modernista, apontadas por Candido: “a destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca pelo espírito popular, a irreverência como atitude.” (CANDIDO, 1976, p. 135).

O interesse pelo dado folclórico, observado aqui e ali por estudiosos interessados na brasilidade foi o que mobilizou a pesquisa de opinião do *OESP*, com vistas à identificação de um elemento muito específico, o Saci Pererê. Se até o momento procuramos indicar a identidade e a localização desses observadores, a partir de agora pretendemos esboçar a imagem resultante daqueles depoimentos.

2.3. UM SACI MULTIFACETADO

Tanto Lajolo (2014) quanto Camargo (2006), apontam para o fato de que há uma gradação em relação ao interesse de Lobato em conhecer mais a fundo a lenda para identificar as principais características do saci. As pesquisas anteriores a esta indicam, portanto, que o interesse pelo Saci vai se estabelecendo ao longo do tempo e aos poucos se transforma em uma proposta mais concreta.

Uma das primeiras menções ao duende é feita em um anúncio de *OESP*, a 14 de agosto 1914, que faz o registro de uma peça teatral (barleta) em três atos encenada em São Paulo, composta por Eduardo Leite e Luís Correia, como indica Lajolo (2014, p. 28). Em seguida a pesquisadora menciona uma carta de Lobato enviada à sua irmã Teca, desde a Fazenda Buquira, em 1915, na qual agradece o envio de uma partitura da música “O Sacy” (LOBATO, 1961, p. 141). A carta refere-se a um “tanguinho” de autoria de Marcelo Tupinambá e José Eloy, cuja letra foi publicada no inquérito do *Estadinho*, em 24/02/1917 e também nas páginas do *Estadão*, com anúncio da venda da partitura em pelo menos dois endereços, como revelam as imagens a seguir:

<i>Estadão</i> 02mar.1917, pág. 9 col. 3	<i>Estadão</i> 07mar.1917, pág. 7 col. 5	<i>Estadão</i> 18mar.1917, pág. 4 col. 8
<p>acceto Bricegola.</p> <p>MYTHOLOGIA BRASILEIRA SACY-PÊRÊRE (Lenda sertaneja)</p> <p>Tanguiño Versos de José Eloy. (Arlindo Leal). — Musica de Marcello Tupinambá.</p> <p>I Lá no alto do sertão, Quando toca a trovada Ninguém passa num valão. Que fica pr'a lá, da estrada. Ninguém passa, não, proquã Lá é a toca do malvado Sacy-pêrêre.</p> <p>Que anda sempre assanhado Fazendo pirraça, Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêre (bis).</p> <p>II O Sacy, não é brinquedo Na noite de cerração, Nette susto, mette medo, A qualquer um valênio. Sempre, sempre, ouvi dizê (Por medroso não me tome) Sacy-pêrêre, E' piô que lobishome, Fazendo pirraça, Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêre (bis).</p> <p>III Dizem todos que o Sacy E' mais feio que o tinhoso Corre mais do que o costy E' cáolo e defeituoso... Toda a gente, assim o ora E' diz logo, esconjurando, Sacy-pêrêre.</p> <p>E' um'arma que tá pensando Fazendo pirraça, Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêre (bis).</p> <p>A venda no estabelecimento musical Sotero de Sousa — Edi- tor. Rua Libero Badaró, 135. — Telephone 45-82.</p> <p>AO PUBLICO</p>	<p>MYTHOLOGIA BRASILEIRA</p> <p>Sacy Pêrêre</p> <p>Tanguinho com letra 1\$500 Musica de Marcello Tupynambá Letra de Arlindo Leal</p> <p>ESTABELECIMENTO MUSICAL</p> <p>SOTERO DE SOUSA EDITOR RUA LIBERO BADARÓ N. 135</p>	<p>MUSICAS NOVAS a sair do prelo: Minha vida pela tua, valsa Sacy Perêre, tango - Garda na zona, tango - Deize ue fita, tango</p> <p>CASA A. DI FRANCO Rua S. Bento, 50 - S. Paulo</p> <p>COMPANHIA DRAMATICA</p>

Ilustração 4 - Anúncios do "tanguinho" Saci Pererê no *Estadão*

Evandro Camargo (2006. p. 78), no segundo capítulo de sua pesquisa, empreende uma análise mais detida do livro *OSPRI*. Cuidadosamente, vai rastreando os comentários de Lobato sobre o saci nos artigos publicados antes da abertura do inquérito (“A poesia de Ricardo Gonçalves”, de 1916, “A criação do estylo”, de 1917) e em sua correspondência com o amigo Rangel, de 10 de janeiro de 1917. De sua leitura e análise surge um retrato detalhado do saci que parece ter sido construído pelos depoimentos.

A partir da consulta ao acervo do *Estadinho* e do resgate dos depoimentos, é possível acrescentar a esta lista o artigo “O sacy”, assinado por Lobato, veiculado no dia 24 de janeiro de 1917 e que será publicado mais uma vez apenas, no livro que reúne as contribuições dos leitores no início de 1918. (LOBATO, 2008, p. 31-35)

Com o objetivo de resumir os apontamentos dos pesquisadores e de facilitar a visão geral da evolução do projeto de aproveitamento do endiabrado pernetá como tema de produções artísticas, propomos um quadro esquemático:

Data	Veículo	Título/gênero/referência	Fragmento do texto
1915	Cartas escolhidas	Carta à irmã Teca	“Recebemos as músicas. O Saci e as outras. Purezinha agradece a lembrança.”
Set/dez de 1916	<i>Revista do Brasil</i>	“A poesia de Ricardo Gonçalves” – artigo (LOBATO, 1916, p. 299)	“Pelos canteiros de grama ingleza há figurinhas de anões germanicos [...] porque taes nibelungices, mudas á nossa alma, e não <i>sacys-cererês</i> , caiporas, mães d’água e mais duendes creados pela imaginação do povo?”
06/01/1917	<i>Estadão</i>	“A criação do estylo” artigo (LOBATO, 1920, p. 50)	“No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos alemães, <i>sacys...</i> do Rheno!”
10/01/1917	<i>A Barca de Gleyre</i>	Carta (LOBATO, 1945, p. 344)	“Minha ideia é de que se trata de um moleque pretinho de uma perna só. [...] segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o <i>saci</i> tem olhos vermelhos, como o dos beberrões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos á noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina.”
24/01/1917	<i>Estadinho</i>	“O Sacy” – artigo (<i>ESTADINHO</i> , 592, 24/01/1917, 3:1; LOBATO, 2008, p. 33)	“[...] o <i>Sacy</i> é um molecote damninho, cabrinha malvado, amigo de montar em pëllo nos “alimaes” soltos no pasto, e sugar-lhes o sangue enquanto os pobres bichos se exhaurem em correria desapoderada, ás tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento elle passa pinoteando nos remoinhos de poeira. E que nessa ocasião basta lançar no turbilhão um rosario de caiapiá para tel-o captivo e a seu serviço como um criadinho invisível.

Tabela 3 - As andanças do Saci Pererê

Os três primeiros textos acima apenas citam o saci e sua leitura sugere o desejo lobatiano de que este ente mitológico substitua os anõezinhos que decoram jardins brasileiros. Entretanto, dias depois, na carta, já se esboça o primeiro retrato do duende a partir das reminiscências do autor. É então que “se delineiam as linhas gerais do inquerito” e que se “antecipa e resume, no atacado, aparência, predicados, comportamentos e circulação do saci [...]” (LAJOLO 2014, p. 30). Duas semanas depois, o artigo do *Estadinho* acrescenta alguns dados à imagem do saci, relativos ao seu comportamento e seu ponto de fragilidade, além de características psicológicas:

[...][um artista] ouvirá “causos” de mil diabruras pelos campos, ou dentro da casa se uma cruz na porta principal não a proteje do capeta. E ficará encantado com a psychologia do peraltinha, cuja mania é atazanar a vida do sertanejo com molecagens de todo o genero sem entretanto cair em excessos de perversidade. Não tem maus bofes, o Sacy. O que quer é divertir-se a custa do caboclo e quebrar a vida monotona do sertão.

Vive em permanente diabrura – o que é natural num diabinho – a pregar peças ao bicho homem. Este, por sua vez, desquita-se na mesma moeda armando “boas” ao Sacy, que nem sempre leva a melhor no curioso duello. Quando um delles se excede em travessuras, no redor da casa, o caboclo indignado casca-lhe em cima uma mocada de rezas e amarra-o afinal. Basta um nó bem dado, num cabo de buçá, para que o moleque fique preso, a gemer “sugigado”.

Porque então, se é assim facil, porque não se livra delle, duma vez, o caboclo, conservando o nó sempre apertado? Altos segredos da psychologia sertaneja ... Ao enfurecimento do homem succede logo o dó; o caboclo começa a sentir falta dalguma coisa; o mato parece-lhe triste, a noite muito vazia, os animaes nostalgicos da correria nocturna. E vae, então, e desdá o nó com um ralho amigo:

-- Vae s'imbora, peste!

E o Sacy azula, ventando.

(*ESTADINHO*, 592, 24/01/17, 3:1; LOBATO, 2008, p. 33)

Tais acréscimos parecem ter sido fruto das conversas que resultaram da leitura dos artigos publicados na *Revista do Brasil* e no *Estadão* nos primeiros dias de janeiro. A iniciativa foi tomando vulto e estimulando trocas de informações, o que parece ter resultado em uma caracterização não muito precisa do saci, com indícios de que a pesquisa poderia render mais frutos. Sendo válida essa premissa, a falsa modéstia do editor, no tópico “Consequências”, ao afirmar que somente três pessoas leram os artigos, pode ser lida pela chave da ironia que, pretendemos mostrar adiante, no capítulo 3, é elemento constitutivo do trabalho de transposição do inquerito do jornal para o livro.

Percebe-se, por estes apontamentos, que toda a discussão provocada à época cria um clima favorável à participação dos leitores que em seguida serão convidados a

contribuir com a pesquisa, além de gerar “Novas consequências”, como anuncia o editor, tais como uma acirrada polêmica, com polarização das opiniões, e a partir dela a ideia coletiva da abertura do inquérito (LOBATO, 2008, p. 35).

O primeiro balanço ou relatório preliminar sobre o saci que emerge dos depoimentos foi produzido pelo próprio promotor do inquérito. Em 05 de fevereiro de 1917, quando um terço dos depoimentos havia sido publicado, o *Estadão* estampa um artigo intitulado “O Sacy”, com a assinatura “M. L.”, que depois seria publicado com o título de “Interregno” no livro *OSPRI*. Este texto será analisado com mais atenção no capítulo 3 (tópico 3.2). Não se deve, porém, confundir este texto com o artigo de mesmo título publicado no *Estadinho* antes do início do inquérito. Ainda que tratem do mesmo tema, aquele do final de janeiro se configura como uma espécie de convite ou provocação e o de fevereiro, de duas semanas depois, já se constitui como um balanço, uma organização prévia dos resultados da pesquisa, visto que apresenta mais detalhes fornecidos pelos depoentes, além de uma visada geral destacando pontos coincidentes a seguir transcritos:

[...] Existem, todavia, traços comuns sobre os quais a opinião é quase unânime; uma perna só, olhos de fogo, carapuça vermelha, ar brejeiro, andar pinoteante, cheiro a enxofre, aspecto de meninote. [...] Quanto ao caráter, há concordância em lhe atribuir um espírito mais inclinado à brejeirice que à malvadeza. Vem daí o misto de medo e simpatia que os meninos peraltas consagram ao Saci. (LOBATO, 2008, p. 102)

Outros estudiosos como Câmara Cascudo, em *Geografia dos mitos brasileiros*, cuja primeira edição data de 1944, e Renato da Silva Queiroz em *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o saci* (1987), tomaram o livro *OSPRI* como importante documento na tarefa de estabelecer as características do moleque peralta. Entretanto, um levantamento mais exaustivo das características do duende foi feito por Camargo (2006, p. 179-201), que buscou nos depoimentos os aspectos físicos, comportamento e costumes. O retrato feito por Camargo contabiliza cuidadosamente os dados do inquérito e revela um saci multifacetado.

Quanto ao físico, é predominantemente negro e pernetá, usa carapuça vermelha, tem olhos vivos, vermelhos e faiscantes como brasa. Grandes beiços também vermelhos, dentes pontiagudos, forte odor de enxofre. Alguns poucos relatos afirmam que lança fogo pela boca ou olhos ou que tem as mãos furadas; muitos o acham magro, outros o contrário, mas a maioria acusa sua feiura. Tem entre 80 centímetros e um metro e meio, usa cachimbo. Outras características menos apontadas são a barbicha de bode,

cauda, pelos, braços curtos, barriga vermelha, grandes orelhas, cabeça grande, cabelo duro, unhas compridas, pé caprino e outras que, por ocorrerem apenas uma vez, não foram coligidas pelo pesquisador.

Quanto ao comportamento, as características indicadas por Camargo são aquelas que se estendem até os nossos dias. A contabilidade revela que seu assobio é zombeteiro, assim como suas gargalhadas constantes. Anda aos pulos e a falta de uma perna não prejudica sua agilidade, chegando ao extremo de poder tornar-se invisível, como relata um depoente. Em alguns depoimentos faz caretas, noutros dança. Vê-se ainda que as principais vítimas do duende são os homens, sem distinção de raça, cor, idade ou situação social. Todos eles sofrem com diabruras as mais diversas: surras, sustos, vinganças, sumiço de objetos. Em seguida os animais que fazem parte da vida do caipira são perseguidos, às vezes até a morte.

Em relação ao espaço, o saci atua preferencialmente na zona rural, invadindo as cozinhas, as casas, os monjolos, assaltando cavaleiros e viajantes nas estradas, mas apenas em um relato provocou a morte de um ser humano. Crianças tampouco escapam às artes do moleque, que vai surrar, perseguir ou raptar as mais ousadas. Camargo também indica adjetivos que ocorrem com menos frequência, como ladrão, glutão, agressivo. Se o saci tiver que ser conceituado com palavras isoladas, o pesquisador indica: esperto, travesso, irrequieto, artemista, vivo, perverso, alegre, pachola, maligno, malcriado e troceiro.

O estudioso lista ainda as circunstâncias em que o saci aparece, os locais e as artimanhas sugeridas para a sua captura, em geral com “predomínio de práticas relacionadas à fé cristã, sobretudo nos moldes de um catolicismo muito particular dos habitantes do interior” (CAMARGO, 2006, p. 199). Sendo assim, rosários, cruzes, persignaões, água benta e orações são recursos que aparecem na maioria dos relatos, revelando coerência com o modo de vida à época, em que a religiosidade era parte significativa da vida do brasileiro. Na grande maioria das histórias, todas as vezes que uma vítima quer se livrar do perneta precisa rezar ou invocar a proteção divina, de modo que coexistem em relativa harmonia duas crenças opostas, a da religião católica e a da superstição popular, como se percebe com clareza nesta passagem:

Não sei bem como Dindinha conciliava sua fé catholica e suas relações com o capetinha; rezava o terço, acendia a lamparina do oratorio, fazia promessas aos santos e, todos os dias, dava um ovo ao Saci. Ella nos explicava que os santos vivem no ceu e nos servem para depois da morte, ao passo que o capetinha, vivendo na terra, presta os

seus serviços aos vivos que o tratem bem. (*ESTADINHO*, 620, 27/02/17, 3:1; LOBATO, 2008, p. 294)

Vale destacar também outros assuntos apresentados pelos depoentes. Um deles é a preocupação em explicar a motivação por trás das lendas. Quando não aterroriza a todos, a intenção pode ser acalmar ou distrair as crianças (dep. 1 e dep. 16), fazê-las obedecer aos adultos e aplicar-se aos estudos (dep. 4, 25) ou estimular sua coragem (dep. 15, 72). Um dos depoentes, o sr. J.B.F., em texto que não foi publicado no livro, apenas no jornal, critica veementemente os efeitos das histórias no desenvolvimento emocional das crianças, contando sua própria experiência:

Hoje vejo com desprazer os males que as referidas historias me fizeram. Eram, por exemplo, as noites mal dormidas, os sonhos terríveis. Este meio de tornar as crianças mais quietas, pode ser bom a quem o emprega, porem ruim, mas pessimo mesmo, ao pobre e pequeno paciente. Prepara a criança ao nervosismo, á superstição, ao medo. Quantas molestias mais tarde poderão atacar uma pessoa devido a este mau costume de a terem assustado quando pequena. (*ESTADINHO*, 606, 09/02/17, 4:4)

Difícil sondar o motivo pelo qual esta contribuição não foi levada para o livro. De qualquer modo, esta crítica negativa não condiz com o objetivo que subjaz a iniciativa da consulta, o de promover um resgate da lenda, que em geral se mostra divertida e inofensiva.

À primeira vista a participação dos negros nas histórias contadas parece predominante e essa impressão talvez seja dada pelo fato de que muitas vezes são eles os responsáveis pela difusão das lendas folclóricas, mas uma leitura mais criteriosa revela que um número muito elevado de depoimentos, quase metade, 39 ao todo, não menciona raça ou cor de seus personagens, narradores ou autores, apenas apresentam as histórias, em geral ressaltando que lhes foram apresentadas ainda na infância.

A outra metade procura evidenciar o envolvimento de negros e caboclos nos relatos, seja como personagens, seja como narradores. Os depoentes se apresentam como pessoas cultas, com algum grau de escolarização e fazem questão de marcar uma curiosa distinção entre o universo erudito e o popular. Delegando a voz aos caipiras e aos negros, transferem para eles a responsabilidade pela difusão das lendas, que chamam pejorativamente de crendices.

Nenhum autor se declarou negro e apenas dois depoentes se apresentam como caipiras, sendo um deles “desmascarado” pelo editor: “Da sua impressão em dialecto caipira o sr. Mané das Barroca. Vê –se que o homem nunca foi Mané. *É homem da*

cidade e escovadissimo, mas que sabe apanhar ao vivo o tom dialectal e é observador: [...]”. (ESTADINHO, 598, 31/01/17, 3:5; LOBATO, 2008, p. 52, grifos nossos)

Resulta que o inquérito, como afirma Queiroz (1987, p.57), foi construído a partir do ponto de vista de uma classe dominante, constituindo-se como “representações produzidas no seio de sociedades rigidamente hierarquizadas”. O pesquisador pondera, ainda, que a “figura ambígua de um molecote preto, diabólico mas folgazão” afirma e dissimula “a um só tempo, um sem número de concepções preconceituosas” e se ajustam aos “interesses ideológicos da classe dirigente” daquela época, “no sentido de discriminar simultaneamente negros e caipiras” (QUEIROZ, 1987, p.59).

Tendo em vista que o objetivo principal deste trabalho não é a caracterização pormenorizada do Saci, mas sim a observação das interferências do editor na passagem de um suporte a outro, justifica-se a pressa com que se apresentou a imagem do diabrete e algumas características dos depoimentos. Também sucinta será a enumeração de outros aspectos que julgamos importantes para que se conheça o teor dos relatos e para que se compreenda seu significado mais abrangente, aspectos estes que buscaremos discutir na sequência deste texto.

2.4. ENTRE O CULTO E O POPULAR: LÍNGUAS E NARRADORES

Procuramos indicar até o momento as principais características dos depoimentos, apoiando-nos no material coletado na pesquisa das fontes e nos estudos anteriores sobre o assunto. Para completar esta tarefa, será necessário observar aspectos que saltam aos olhos durante a leitura dos documentos coligidos que, além das características físicas e comportamentais do saci, revelam tanto o emprego de distintos registros linguísticos, quanto a discussão sobre a veracidade dos “causos” narrados.

Os relatos do inquérito, dissemos anteriormente, apresentam ambientação majoritariamente rural, muitos de seus autores são do interior do estado de São Paulo e a linguagem por eles utilizada parece atestar essa circunstância. Entretanto, é perceptível o cuidado por parte dos depoentes em evidenciar seu ponto de vista, o de indivíduo pertencente a uma classe considerada culta, em oposição à classe social dos caboclos e dos negros de quem ouviram as lendas folclóricas. Vejamos alguns exemplos, dos quais destacamos algumas expressões que embasam esta interpretação:

Referência	Posicionamento dos depoentes
<i>ESTADINHO</i> , 599, 01/02/17, 4:2; LOBATO, 2008, p. 56	Ha, no Brasil, muita coisa <i>digna de ser estudada</i> para justa contribuição do nosso “ <i>folk-lore</i> ”. O africano, o bugre e o portuguez, na fusão das tres raças predominantes, criaram entidades mythologicas, <i>crenças absurdas</i> que nos vêm dos tempos coloniaes, passando de paes a filhos e de geração a geração.
<i>ESTADINHO</i> , 616, 22/02/17, 3:5; LOBATO, 2008, p. 242	Mas <i>nós outros</i> que temos a <i>idéa aclarada</i> por um raio luminoso chamado <i>sciencia</i> , não admittimos certas credices de ha cem annos atrás, porque exigimos provas, e uma vez que ellas não existem, não consagramos nenhuma crença e consideramos tudo como simples futilidade. Mas não é por isso que deixarei de narrar, nestas poucas linhas, alguns casos, com referencia ao Sacy-perêrê.
<i>ESTADINHO</i> , 621, 28/02/17, 3:3; LOBATO, 2008, p. 344	O interesse que está despertando o curioso e singular inquerito que v. s. num dia de bom humor e de excellente inspiração, offereceu ao publico para que cada interessado, ou antes, cada <i>cidadão mais ou menos letrado</i> na materia, viesse depor, fornecendo as suas declarações que juram ser authenticas e procedentes de pessoas que lhe inspiram a maior confiança, arrasta a pronunciar-me.

Tabela 4- Posicionamento dos depoentes

Estes depoentes fazem questão de marcar o distanciamento em relação aos propagadores das “crenças absurdas” com o emprego do pronome “nós” e caracterizando-se como cidadãos “letrados”. Entretanto não deixam de considerar válida a iniciativa de estudar o nosso folclore, tarefa de quem tem a “idea aclarada” que lhes

permite fazer avançar a “sciencia”. Em seus textos mobilizam a norma culta da língua portuguesa, com alternâncias entre o registro menos ou mais formal.

O emprego do dialeto caipira poderia ensejar a diminuição dessa assimetria, mas não é isso que se observa ao analisar os textos. Somente 13 depoimentos recorrem a esse registro e dentre eles, apenas dois parecem possuir autores que a princípio assumem inteiramente sua identificação com o universo rural. Um deles é o sr. André Capeta e o outro, sr. José dos Santos, este último apresentado como “caboclo chucro, mas sarado”. Contudo, tendo em vista o fato de que não se consegue relacionar estes nomes a um cidadão específico, com identidade reconhecida, a possível intenção de valorização do dialeto e, por conseguinte, da cultura caipira cai por terra diante do anonimato.

Quatro depoentes permitem uma participação considerável de narradores que são falantes do dialeto caipira, mas evidenciam a distinção de sua voz em relação à do narrador a quem cedem a palavra. Isso ocorre, por exemplo, no depoimento de número 61, em que a voz do depoente aparece apenas no primeiro e último par de linhas, para introduzir o segundo narrador, que se vale do emprego da primeira pessoa do singular, assumindo a responsabilidade tanto pela linguagem quanto pela experiência de interação com o Sacy:

Fernando Guimarães conta o caso do Sacy do Pau Arcado.

“Tendo lido algumas lendas do Sacy, a proposito de inquerito do “Estadinho”... lembrei-me desta pequena historia que ouvi quando criança, de um caipira de Santo Amaro.

Contava, então, o Nho Chico Emboava o seguinte:

--- “Lá no bairro do Pau Arcado, aonde nós morava, eu i meu mano Juca, havia um Sacy --- o pretinho de uma perna só que não dexava a gente sucegá.[...]

[...] Abri a porta que dá no terrero; o candiero apagô de tudo e o pretinho de uma perna só, sahiu dando uma risada vermeia de fogo, despejando um chêro de inoxofre pelo terrêro á fora...

Era a historia do Sacy do Pao Arcado.”

Se o sr. M. L. achar que esta pequena historia serve para os fins que deseja, poderá se utilizar della, dando-lhe mais brilho e mais interesse na narrativa. (*ESTADINHO*, 617, 23/02/17, 4:3; LOBATO, 2008, p. 226)

No fragmento acima, a autoria do primeiro parágrafo pode ser atribuída ao editor. Já no segundo, no terceiro e também no último, identifica-se o depoente responsável pelo envio da hipotética correspondência ficando todo o restante do texto sob responsabilidade do contador das histórias.

No depoimento de número 56 ocorre o mesmo, com acréscimo do recurso das aspas para reforçar a estratégia, como se pode comprovar pelo fragmento que se reproduz a seguir, com destaque para o texto do depoente culto:

Cabeça alvejando, como uma pasta de algodão cardado, tremula, olhos baços, mascando o cabo do velho pitinho de barro, olhos de uma placidez de água profunda, ella, a boa velhinha, contou-me:

“Sinhôzinho: Sinhô véio tava duente. Iсталêro tá cheio de purvio. Ingenho tava moendo.

Negro trabaiaava inté gallo miudá treis vês.

Vae, Sinhô véio mandô negra buscá herva cidrêra no laranjá, prumóde fazê chá prá Sinhô véio. Negra foi.

Era na bôcca da noite, sinhôzinho.

Negra chamô Cuti, --- pulô cêrca, rudiô paió, --- subiu laranjá.

Quando negra foi panhá herva cidrêra prá Sinhô véio, --- Sacy tava lá, --- incurajado ni tôco preto, pitando seu pito delle.

Quando negra deu cos óio nelle, --- o péste do negrinho deu um pulu e uma gargaiada e pediu fogo prá cendê seu pito delle.

Negra não teve nem tempo de pujá rusario e o bentinho ...

Sacy deu uma burduada na negra e negra cahiu.

Sinhô véio viu que negra tava demorando, --- mandô Simião catá ella e Simião trouxe negra quaji morta, sinhôzinho! ...

Foi alli mêmo, sinhôzinho.”

E a pobre sexagenaria, estendendo o braço tremulo, --- apontava-me o velho laranjal. (ESTADINHO, 615, 21/02/17, 3:4; LOBATO, 2008, p. 264, grifos nossos)

Ao marcar a transição entre as vozes utilizando a expressão “a boa velhinha contou-me”, o depoente introduz a narradora do “causo”, para quem transfere responsabilidade do registro linguístico empregado a partir daquele momento. Terminada a narrativa, ele retoma a palavra e conseqüentemente a posição de superioridade, imprimindo à cena um caráter pitoresco e exótico, próprio de alguns textos literários regionalistas que circulavam à época, devedores de qualidade estética (CANDIDO, 1976, p. 114).

Este mesmo recurso é encontrado no depoimento de número 25, porém a fala narradora é mais reduzida:

Com semelhante sentenças não deixei de ficar muito assombrado. No dia seguinte fui á casa da tia Rita, (uma preta mina de oitenta annos), e a ella contei o que se havia passado e perguntei-lhe o que era o tal Sacy perêrê e o que elle fazia. Ella se benzeu e começou:

“Cluze in cledo minha Deuse do céu: u Sacy Serumperêrê é um cuviteiru du demoniu; Zêli quando tá soltu, pinta u canecu: xega nas cuzinha, québa tudu us platu das partilleiras ; vai nu fugãu distampa as panella e juga cinza dentru das cumida, quandu num québa tudu as panela; faiz um maridu brigá cá muié di zêli; i até lagá un du ôtru; Sacy presegue as quiança anti di batista; Sacy, pita (nus pita das negra), i dispoise enche pito di istrumo de caçora. Sacy rôbô uma quiança e foi botá nu matu porque zêli num xemava Malia; por isso

qui intuda casa, até di sinhô blancu tem quiança du nomi di Malia u Jusué; purque tendu, ta livi di Sacy Serumperêrê via busca Zêllie.

Deuse ti livi, me zifillu, du danadu do Sacy Serumperêrê. Cluze Cluze in credu?”

E tornou a benzer-se. Assim foi o pavor que soffri nos meus tempos de criança. (ESTADINHO, 605, 08/02/17, 4:3; LOBATO, 2008, p. 130, grifos nossos)

A despeito de sua extensão, optamos por transcrever tais trechos pelo fato de exemplificarem claramente a distinção de duas vozes, a do autor e a do narrador, e por extensão a distância social entre eles, reafirmada pelo emprego dos distintos registros linguísticos.

Por fim, no depoimento de número 77, ocorre manobra parecida, com a diferença de que o depoente introduz o dialeto caipira, não pela voz de um narrador mas agora de uma personagem cuja participação é bem extensa, ocupando aproximadamente oitenta por cento do texto.

Resta observar sete depoimentos, cuja característica comum continua sendo o emprego do discurso direto, o que permite a entrada de personagens caracterizadas principalmente por sua linguagem, reforçando a polarização sugerida por estas análises. Com a intenção de ilustrar estas afirmações, transcrevemos alguns trechos dos cinco primeiros:

Nº dep.	Referência	Alternância de vozes
13	<i>ESTADINHO</i> , 601, 03/02/17, 3:2 LOBATO, 2008, p. 81	-- O dianho do “tiziú” não corre, avôa – contava o caipira, arregalando os pequeninos olhos; -- e quando “amunta num cavallo, o pobre “bicho” sente “tar” peso que não vai nem p’ra diante, nem p’ra “trais”. Despoi elle fais uma porção de trancinha no rabo do animá, fais elle corrê p’ra tuda parte, sempre amuntado em cima, e só larga o coitado despô de derreado. E prosseguiu. -- O’i minino, vanê já não ôviu elle cantá de tardinha “sácy, sácy?” Pois é elle que anda em procura dos minino que vai caçá passarinho e escangalá os ninho, p’rá morde enfiá elles num buraco muito fundo e judiá delles. E quando elle encontra muié, meu fio, fais um estrago desgramado. A muié de “nhô Chico” chegou em casa della com as rôpa tudo rasgada e percisou rapá o cabelo, de tanto que elle judiou della. Eu precisei, ôtro dia cortá o rabo da minha russa. E aqui parou o velho caipira, desviando a conversa para outro rumo.
30	<i>ESTADINHO</i> , 607, 10/02/17, 3:1 LOBATO, 2008, p. 148	Um delles, o Zé Marinho, caboclo refinado da Diamantina do Norte, côr de pé-de-moleque tostado, um dia assistiu á scena da tropelia, e, assustado, dizia: “O’la lá, óia o Sacy, óia o Sacy! coitado dos animá! êta negrinho damnado.” “Bota um rusario bento no pescoco do “Brazãozinho” senão o Sacy inda joga elle no rio, e vacê perde essa joia”, disse o Zé Marinho. O rosario é bom sio Marinho? perguntei. “Inda vacê prigunta! Nunca mais o Sacy munta nelle”, respondeu.

46	<i>ESTADINHO</i> , 612, 16/02/17, 3:1 LOBATO, 2008, p. 184	No entanto, ao ouvir a criada e as confirmações, a velha matrona, recolhida, persignou-se toda tremula; e, dahi em diante, nunca mais dormia quando rezava o terço, o que fazia de um só folego para regalo de Isaura, que resmungando dizia á Palmira, outra serva: --- “qual Sacy o que ... o Sacy foi esta mão que ta qui (mostrando a mão direita) o diabo da veia não deixa a gente drumi.”
52	<i>ESTADINHO</i> , 614, 19/02/17, 3:1 LOBATO, 2008, p. 246	Em seguida, senhor da situação, o caipira tirou-lhe a carapuça encarnada, que ficou p’ra “garantia”, e disse-lhe num tom zombeteiro: --- Sacy, só te darei a tua carapuça se você enchê a minha tuia de café, atopetá o meu paió de mio e me trouxe 20 kilos de ouro em pó. E o Sacy em menos de uma hora, encheu-lhe a tulha do melhor café[...]
55	<i>ESTADINHO</i> , 614, 19/02/17, 3:4 LOBATO, 2008 p. 256	Passados alguns minutos de terrível silencio ouvi a voz sumida do “Nho Urbano” que me perguntava: --- “Nhô moço, cadê o forfi?” --- Não sei, procure você, respondi-lhe eu. E o pobre preto, fazendo das tripas coração, depois de muito esforço conseguiu levantar-se e accender a lamparina. A physionomia do velho estava transformada pelo medo e posso garantir-lhe, sr. redactor, que estava “pallido”. --- “Isto não pode deixá de sê trabaio do Sacy”, garantiu-me “Nho Urbano”; “é perciso esconjurá elle sinão nois está perdido.” E ambos ajoelhados rezamos contritamente um “Credo”, 7 “padre-nossos” e 7 “Ave Marias”. O certo é que o talsinho não mais nos incommodou.

Tabela 5- Alternância de vozes

Chama a atenção, nestes fragmentos, o fato de que os depoentes utilizam um recurso a mais, o emprego das aspas duplas, para marcar nitidamente a separação entre suas falas e a das personagens introduzidas.

Por fim há duas participações de leitores, os depoimentos n^o 37 e n^o 58, em que a articulação do dialeto caipira é composta de modo idêntico, porém com um arranjo muito mais incoerente, visto que a fala das personagens mescla o registro culto e a variação linguística ao mesmo tempo, diferenciadas apenas pelo uso de aspas duplas como se vê em:

Vae senão quando vi que não era cabrito, tinha uma perna só e cara de bugio magricella e, tremulo, fui “*fastando*”... fui “*fastando*”, para fugir, mas á medida que eu fugia o “*tinhôso*” vinha saltando de meu lado. Vi então, com grande espanto, que aquelle ser estranho coçava sem cessar a barriguinha secca, fazendo mil tregeitos. Tinha um barrete cor de “*pupra*” na cabeça e “*estralava*” os dedos dos pés nos corcóvos que dava para um e outro lado. Quando criei outra “*coraginha*” fiz depressa o “*pelo signá*” e gritei sem voz: “*Quem Deus Pade!! Ave Mariia !! Figa !! Crédo !! Rabudo*” e um cheirinho de enxofre bateu alli, desaparecendo a temerosa figura entre uma densa nuvem de “*pintos de Cuzarruim*”. Não sei como cheguei em casa, “*sem bassora*” bem se vê. (*ESTADINHO*, 609, 13/02/17, 3:4; LOBATO, 2008, p. 176) (destaques nossos)

Esta mesma personagem, pouco antes em seu discurso, apresentou o conceito de “pintos de Cuzaruim”, utilizando vocábulos bem mais sofisticados, até científicos: “é denominado certo insecto bem maior que os “pernilongos” *estegmyas*, de côr negra como o carvão de pedra - então os meus cabellos arrepiaram-se”. Aqui, de modo incoerente, se destaca com aspas um vocábulo que atende à norma culta, quando a tendência seria apenas realçar o dialeto. Além disso, o falante que emprega tão corretamente o pronome reflexivo, provavelmente seria capaz de dispensar alguns vocábulos do dialeto caipira, que por isso mesmo parecem postos no texto artificialmente. Ora, que homem é esse que alterna dois modos de falar tão distintos? Afinal ele é culto ou não é? A utilização de um vocábulo da área científica acentua ainda mais a polarização presente em tantos depoimentos, intensificando a assimetria em relação à posição social dos que transmitem as histórias oralmente e por escrito.

Esta nossa análise está, é evidente, apoiada nas reflexões desenvolvidas por Antonio Candido no artigo “A Literatura e a formação do homem”, mais especificamente no trecho em que, ao analisar a prosa de Coelho Neto, argumenta:

O Regionalismo [...] mostra a dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos, nos momentos de discurso indireto; e procuravam nos momentos de discurso direto reproduzir não apenas o vocabulário e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de estilo esquizofrênico, puxando o texto para dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade, como se ele estivesse querendo marcar pela dualidade de discursos a diferença de natureza e de posição que o separava do objeto exótico que é o seu personagem. (CANDIDO, 2002, p. 88)

Acreditamos estar concentrada nesta passagem a chave para a leitura e compreensão dos mecanismos de representação de duas perspectivas opostas, presentes nos depoimentos, a do homem culto em contraposição ao caboclo rústico, este último tipicamente brasileiro.

Ainda com Candido e considerando a semelhança estilística entre os depoimentos e os contos regionalistas de Valdomiro Silveira, por exemplo, acreditamos que os textos estudados poderiam até ter intenção de cumprir uma função humanizadora, integrando seus leitores sem diferenciar as culturas de quem narra e de quem é objeto da narrativa (CANDIDO, 2002, p.92). No entanto, terminam por reafirmar a desigualdade social, de sua e de todas as épocas, ao se aproximarem mais da função alienadora, por marcar explicitamente a distância entre os dois universos, culto e inculto.

Os falantes do dialeto caipira em geral são confinados, quer nas narrativas do inquérito, quer pelo senso comum (inclusive em nossos dias), ao espaço rural, de modo a acentuar essa marcada distância a que nos referimos. Entretanto, ao discorrer sobre a narrativa irreverente da imprensa paulistana no começo do século XX, Janovitch (2006) põe o caipira na cena urbana mostrando-nos uma São Paulo em franco crescimento, em cujas ruas coexistiam diversas linguagens como a dos caipiras, a dos imigrantes italianos e alemães, a língua francesa da elite, de modo que as crônicas epistolares caipiras presentes nos semanários humorísticos instauravam uma ambivalência entre o campo e a cidade, uma vez que “[...] a marcha ou a fuga da cidade colocava, na antiga representação caricatural do caipira, fatos e acontecimentos da própria vida urbana.” (JANOVITCH, 2006, p. 169)

As chamadas crônicas epistolares tiveram sua origem ligada ao desenvolvimento tecnológico de impressão dos periódicos e da ampliação dos serviços de correios, que permitiram a circulação mais ágil de notícias e comentários, com a participação de correspondentes de várias localidades. Essas correspondências assumiram a forma de cartas e bilhetes, sendo publicadas em coluna fixa denominada posta restante, que veiculava,

[...] na forma de matérias-mensagem normalmente curtas, o que os jornais supostamente haviam recebido em primeira mão pelos correios, fossem recebimentos ficcionais ou, de fato, reais. A partir do registro de sua entrada, sucediam-se os comentários críticos do jornal que poderiam incluir, excluir ou apenas agradecer as mensagens recebidas. (JANOVITCH, 2006, p. 139)

Assim surgiram as crônicas epistolares que veiculavam comentários críticos e satíricos sobre assuntos e fatos de várias ordens. Seus autores empregavam linguagem estilizada, registros dialetais construídos a partir do que era ouvido nas ruas, onde circulavam imigrantes das mais variadas origens e comerciantes vindos do interior do estado, constituindo o que passou a ser chamado de macarronismo.

Em suas análises a pesquisadora examina não somente as crônicas epistolares dos caipiras, mas aponta para o fato de que a pequena imprensa assimilou essa narrativa marcada pela oralidade, cedendo idêntico espaço para a “linguagem italiana, de ortografia estrangulada e expressões que não poderiam se definir nem como dialetais, nem como um italiano mal escrito”. (JANOVITCH, 2006, p. 170)

Neste contexto entra em cena o conceito de “escrita macarrônica”, que Janovitch define como “[...] distorcida, estropiada, [que] não procurava ser dialeto, mas uma

atitude de rebeldia ortográfica produzida na própria técnica da linguagem humorística”, propositalmente dissonante em relação à norma culta da língua portuguesa, ligando-se mais a uma técnica literária do que ao seu uso inadequado, gerando uma distorção caricatural. Ainda segundo Janovitch, a partir de 1908 os semanários publicaram diversas colunas fixas de correspondências escritas em linguagem macarrônica.

É neste cenário que aparece Luigi Cappalunga, autor dos “Bilhetes do Bom Retiro”, publicados em coluna fixa da revista *A Ronda*, depois de uma rápida passagem pelo *Gil Bras*, outro semanário paulistano. Nessas crônicas epistolares, adotava o ponto de vista dos imigrantes que chegavam a São Paulo e também sua linguagem mesclada com o português para escrever sobre fatos do cotidiano das ruas. Janovitch atribui a Cappalunga a precedência dos relatos macarrônicos na imprensa, com seus comentários noticiosos cujo tema era a “naturalização dos imigrantes italianos e suas posições políticas diante da recém-proclamada República brasileira.” (JANOVITCH, 2006, p. 171). A autora reproduz uma interessante ilustração com a caricatura desse “taleano”, assinada por Voltolino, publicada em *A Ronda*, em 20 de agosto de 1908, muito parecida, afirma Cayuby (2012, p. 15), com a imagem que anos depois vai ensejar o surgimento de uma nova personagem, Juó Bananére, cujas “Cartas d’Aba’xo Pignes” fariam enorme sucesso a partir de 1911, no semanário *O Pirralho*, de Oswald de Andrade, textos que, objeto de estudo do professor Benedito Antunes, foram por este reeditados em 1998.

A linguagem utilizada por Cappalunga, Bananére e outros colaboradores da imprensa irreverente tornou-se cada vez mais presente, dividindo espaço com a linguagem do caipira e dos imigrantes alemães, franceses e portugueses. O inquérito de Lobato, integrado ao contexto cultural paulistano, apesar de representar quase sempre o dialeto caipira, não deixou de registrar a linguagem macarrônica, trazida pelo depoimento de Luigi Cappalunga, publicado na edição de número 625, do dia 5 de março de 1917, página 4, colunas 2 e 3, que conta algumas peripécias do saci em São Paulo e afirma que o Saci não é um mito e sim um amigo muito próximo.

Além dos textos de Cappalunga que Janovitch recupera, pudemos encontrar apenas mais um texto assinado por esse “taleano”, na revista *A Cigarra*, ano III, número 63, de 26 de março de 1917, página 38. Ali o autor reproduz o diálogo entre um pai, o próprio Cappalunga, e seu filho Beppino, a respeito da guerra. No mesmo mês ele publica dois textos, um em *A Cigarra*, outro no *Estadinho* e depois silencia. Novas

buscas por Cappalunga revelam apenas atuações anteriores desta misteriosa personagem.

Em 1911, nos números iniciais de *O Pirralho* (n. 2 e n. 3) são publicados dois textos, também em linguagem macarrônica, de Annibale Scipione, que sabemos ao ler a pesquisa do Prof. Benedito Antunes (BANANÈRE, 1998, p. 16) ser pseudônimo de Oswald de Andrade, fundador da revista. A princípio Annibale comenta sarcasticamente o nome da revista, numa espécie de propaganda ao revés. Sobre Luigi Cappalunga diz: “També Lustraçó Paolista donde é redattore o Capalunga” (no. 2, p. 7, 19 de agosto de 1911). No número seguinte, outra menção: “Intó tenho di fala hogi diversamente di outra cosa e tenho escolhido este futibola che faló o filho do Capalunga na Lustraçó.” (no. 3, p. 5, 26 de agosto de 1911).

Poderíamos aproximar Cappalunga de Juó Bananère e até pensar que são duas personagens de Alexandre Marcondes, uma vez que escrevem nessa linguagem misturada e participam do mesmo círculo intelectual. Outra coincidência que reforçaria esta hipótese reside no fato de que ambos têm um filho chamado Beppino.

De acordo com Antunes, Juó Bananère tem quatro filhos: “Beppino, o mais velho; Gurmeligna; Ferri e Viaduttimo Nuovo. [...] Dos quatro, Beppino e Gurmeligna são os de maior presença em seu universo. O primeiro forma-se engenheiro pela Escola Politécnica” (BANANÈRE, 1998, p. 57).

Já Cappalunga, nos dois textos em que o encontramos, menciona também um filho chamado Beppino. No depoimento, sobre o saci, menciona uma doença pulmonar do filho: “(io faceva us golono a Zangario, má largai, pê motivo che mio figlio Beppino s’aggia pigliat la feppra pneumatica in goppa’s us pulmone)” (LOBATO, 2008, p. 342). No artigo da revista *A Cigarra* trava com ele um diálogo sobre a guerra: “Quando io fú chiamatto pê andare in da’a gûêra do’u nostro paese, - ággio chiamato mio figlio Beppino e li aggio ditto: - Beppino!” (*A CIGARRA*, ano III, número 63, de 26 de março de 1917, página 38).

Ainda que haja muitas coincidências entre os dois “taleanos”, somente estes cotejos não seriam indícios suficientes para afirmar que ambas personagens foram criadas pelo mesmo autor, sendo esta uma tarefa para outras pesquisas, talvez partindo da busca pelos exemplares de *A Ronda* publicados nos primeiros anos dos 1900.

Para finalizar este tópico, seria interessante apontar um aspecto mais, a preocupação, declarada por muitos dos narradores observados, em defender a veracidade de seus relatos através de uma fórmula que ressalta o compromisso com a

verdade. Neste caso, parece-nos mais uma característica própria das narrativas populares, sobretudo as de tradição oral, que fazem questão de ressaltar a idoneidade dos contadores, como forma de convencer o destinatário a aceitar os fatos inverossímeis, insólitos ou até mesmo fantásticos que serão narrados, com fórmulas muito parecidas com aquelas que encontramos no inquérito, como atestam as citações:

Nº dep.	Referência	Veracidade
07	<i>ESTADINHO</i> , 599, 01/02/17, 4:3 LOBATO, 2008, p. 60	O sr. N. Carneiro já viu o Sacy por varias vezes, não só em criança, como já adulto. [...] Affirma sob palavra de honra que até aos 13 annos foi victima de varios encontros com o diabinho.
13	<i>ESTADINHO</i> , 601, 03/02/17, 3:2 LOBATO, 2008, p. 81	Segundo o testemunho de um velho caipira de barbas longas e ralas, a quem coube narrar o caso, e que jurara sobre uma cruz feita pelos dedos indicadores, de como tinha visto e quasi “amarrado” um delles com rosário[...]
45	<i>ESTADINHO</i> , 611, 15/02/17, 4:1 LOBATO, 2008, p.218	[...] “Bandeirante Paulista” [...] não posso deixar de lhe relatar alguns veridicos factos, passados não longe da nossa capital e com pessoas da minha familia.
47	<i>ESTADINHO</i> , 612, 16/02/17, 3:1 LOBATO, 2008, p.188	O velho Juca Rego, homem sério e incapaz de pregar uma mentira, era antigo morador de S. José do Parahytinga.
49	<i>ESTADINHO</i> , 613, 17/02/17, 3:1 LOBATO, 2008 p. 192	Um caboclo velho, barbado e tido na zona como incapaz de mentir, conta que, quando moço, era caçador apaixonado.
55	<i>ESTADINHO</i> , 614, 19/02/17, 3:4 LOBATO, 2008, p 260	O preto contava com tanta firmeza e convicção tel-o por muitas vezes visto que não nos seria licito duvidar das suas palavras.
67	<i>ESTADINHO</i> , 619, 26/02/17, 3:1 LOBATO, 2008, p 278	Eu não garanto a authenticidade deste e do conto que segue, mas os que m’os narraram disseram ser veridicos.

Tabela 6 - Narradores fidedignos

A presença, nos depoimentos, da discussão sobre a veracidade dos causos narrados parece ser, além de aspecto comum às narrativas orais, um tempero extra para o tom satírico do inquérito, cuja intenção é elevar a cultura popular por meio do tratamento sério dado a um tema geralmente desqualificado, considerado como “crendice”.

Feitas as observações sobre os autores dos depoimentos e sua origem, sobre os recursos estilísticos e apontadas as características do saci, a preocupação volta-se para a identificação dos vestígios das possíveis interferências de Lobato ao editar o inquérito no jornal, tarefa do próximo tópico.

2.5. PARÁFRASES E OUTROS VESTÍGIOS DE UMA EDIÇÃO

A história da instauração do Inquérito foi contada pelo próprio Lobato, por ocasião da edição dos depoimentos em livro. Acreditamos que a iniciativa surge a partir do seu posicionamento em relação à arte brasileira, de sua preocupação em encontrar temas que fossem autênticos e por isso capazes de revelar o Brasil sem os exageros e idealizações românticas que vinham permeando a produção artística até aquele momento. Veremos que a motivação para o inquérito foi se manifestando aos poucos, primeiro de modo reservado, nas cartas para o amigo Godofredo Rangel, depois de modo mais público através dos artigos nos quais despontam alusões ao saci em contraposição aos anõezinhos que enfeitavam o Jardim da Luz em São Paulo.

Neste tópico, interessa-nos observar as estratégias mobilizadas pelo promotor do inquérito ao organizar a publicação dos depoimentos no jornal. Claro está que ficaremos limitados às fontes consultadas, ou seja, ao que foi publicado no *Estadinho*, uma vez que não localizamos as correspondências originais com os depoimentos enviados. Portanto, não temos como estabelecer categoricamente quais foram as interferências do editor ao transpor as cartas para o jornal.

Não foi possível, por exemplo, certificar a autoria dos depoimentos. Entretanto, alguns deles são introduzidos por breves parágrafos de apresentação que sugerem claramente a existência de documentos escritos, como os depoimentos: nº 62: “*Escreve* o sr. M. A. Sant’Anna:”, ou nº 09: “Manda-nos o dr. Carlos da Silveira[...] a seguinte *nota*.”, ou ainda nº 58: “De Sorocaba, *escreve-nos* o sr. Luiz Fleury”.

A análise do corpus nos permite levantar hipóteses e fazer inferências, a partir de breves paráfrases e comentários nas apresentações dos depoimentos, que deixam evidente a ocorrência de duas vozes distintas: a do editor, que introduz o depoente às vezes com algum comentário, e a do próprio depoente, através da publicação do texto presumivelmente enviado por este. Exemplo claro desta articulação é a apresentação do depoimento de número 44: “O sr. José Pereira tem a palavra:”.

Duas estratégias observadas parecem justificar esta interpretação: a pontuação e a apresentação, ou seja, o uso de aspas duplas e de discurso direto introduzido por verbos *discendi*, como forma de ceder a voz ao depoente. Tal configuração textual sugere ao leitor a existência das cartas originais que teriam sido enviadas ao jornal, uma vez que se constituem formalmente como a publicação de palavras de outros, organizadas por um editor, o promotor do inquérito.

Quanto à primeira estratégia mobilizada para demarcar a separação das vozes, observou-se o emprego de aspas duplas no início e no encerramento dos relatos da grande maioria dos depoimentos. Em alguns deles, a ausência das aspas parece ter sido apenas um equívoco na composição pois, caso essa pontuação não apareça no começo, geralmente é grafada ao final (o inverso também ocorre), denotando falhas na revisão. É o caso dos depoimentos de número 02, 06, 07, 10, 16, 26 e 28, para citar apenas alguns exemplos de um total de 22 ocorrências.

A mobilização do discurso direto, por seu turno, é constante nos primeiros parágrafos dos depoimentos, todos destinados à apresentação do depoente, como certificam as passagens reproduzidas no quadro, com destaques nossos para os verbos *discendi*:

Nº dep.	Parágrafo de introdução
01	<i>Diz</i> a sra. D. M. Amaral Villaça: “antes de dar ao querido orgam as impressões que pedis [...]”
06	O depoimento do Sr. André Capeta é bastante característico. <i>Diz</i> elle: “Há no Brasil, muita coisa digna de ser estudada [...]”
30	<i>Fala</i> o Sr. C.: “Meu caro sr. L.[...]”
54	J. S. <i>conta</i> estas duas estórias: “Era meia-noite mais ou menos. No monjolo da fazenda [...]”

Tabela 7 - Vestígios da interferência do editor: mobilização do discurso direto

Os exemplos do quadro anterior não deixam dúvidas de que ocorre a mobilização de duas vozes e que a primeira introduz a segunda através da estrutura verbal do discurso direto, com o emprego dos verbos dizer, falar e contar.

Os parágrafos introdutórios também ensejam inserções da voz do editor, pelo acréscimo de comentários irônicos, opiniões ou informações de vária ordem, como se pode observar nos exemplos que seguem:

Natureza da interferência	Nº dep.	Parágrafo de introdução
Ironia	05	Da sua impressão em dialecto caipira o sr. Mané das Barroca. Vê –se que o homem nunca foi Mané. É homem da cidade e escovadissimo, mas que sabe apanhar ao vivo o tom dialectal e é observador: [...]
	45	E agora um “Bandeirante Paulista”, especie que parecia extincta, mas não está, como se vê: [...]

	64	O sr. R. Ceylão pertence á phalange immensa dos para quem o Sacy existe positivamente. Elle o affirma e jura: [...]
Elogios	04	De Ribeirão Preto manda-nos o sr. Plino Santos uma bella impressão [...]
	20	De Bello Horizonte o sr. Guilherme Lund Netto envia um precioso e erudito depoimento: [...]
	50	Renato Barros, de Casa Branca, espirito culto e voltado ás nossas coisas, manda-nos um bello depoimento: [...]
Pistas sobre autoria	38	Diz um “Filho das alterosas”, de Baependy:[...]
	80	Do velho e conceituado jornalista aposentado – “Luigi Cappalunga”, muito conhecido pelas suas celebres “Cartas do u’Buô Rittiro”, - recebemos a seguinte contribuição[...]
Opinião	13	No S. Paulo antigo houve tanto Sacy como pelo sertão. Está aqui o sr. Miguel Milano, legionário em menino, duma famosa “saparia” do Piques, que o documenta: [...]
	41	O sr. Joab confunde evidentemente o Sacy com... a Cuca!

Tabela 8 - Vestígios da interferência do editor: comentários

Ainda que, pela falta das cartas e impossibilidade do cotejo, não se possa garantir que alguns dos textos constituam paráfrases, parece-nos legítimo utilizar esta nomenclatura para a análise de alguns depoimentos, considerando a acepção do vocábulo “paráfrase”, tal como a encontramos no dicionário Houaiss:

paráfrase - s.f. (1720) **1** LIT interpretação ou tradução em que o autor procura seguir mais o sentido do texto que a sua letra; **metáfrase** **2** LIT interpretação, explicação, ou nova apresentação de um texto (entrecho, obra etc.) que visa torná-lo mais inteligível ou que sugere novo enfoque para o seu sentido **3** *infrm.* Interpretação ou comentário desfavorável, maldoso **4** LING maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra ETIM lat. *paraphrasis, is* ‘interpretação ou tradução livre’ > gr. *paráphrasis, eos* ‘id.’

Ocorrem no inquérito das páginas do jornal dois tipos de paráfrases: três textos que se propõem apresentar um depoimento inteiro e outras cinco ocorrências do que poderíamos classificar como “paráfrases parciais” porque ocupam apenas um trecho do depoimento.

Dos três depoimentos totalmente parafraseados, dois são ilustrativos da acepção de aspecto linguístico (entrada 4) e um deles pode ser considerado exemplo da acepção de número 1, pelo seu aspecto literário. Vejamos cada um deles separadamente.

O primeiro deles, não publicado no livro, apresenta com outras palavras um texto provavelmente enviado por uma leitora, propondo-se como uma construção que “diz” de “maneira diferente” o teor do depoimento e interpola um comentário:

Uma “constante leitora” depõe que na sua longínqua infância ouvia muito do Sacy aos pretos velhos, que lhe davam a forma de um negrinho travesso e maléfico sempre montado numa mula sem cabeça, e que deitava fogo pelos olhos. Usava carapuça vermelha, que ella entre parenthesis pergunta se não seria o barrete phygio. *Estamos habilitados a informal-a que não. O Sacy é profundamente monarchista, como se verá no correr deste inquerito.* Diz ainda, em digressão, que muito a entusiasma a crescente curiosidade que já vamos prestando as coisas nossas; compara a nossa desnacionalização a espuma suja que sobe a tona de um vinho bom. Um sopro benéfico a expellira. Voltando ao Sacy discorda do Sacy do Poa, que parece antes a caricatura de um velho negro cabinda seu conhecido em criança, e reafirma o typo do negrinho travesso que corre muito, apesar de pernetta, e mora no fundo dos poços. (depoimento 03, grifos nossos) (*ESTADINHO*, 598, 31/01/17, 3:1, destaque nosso)

Este texto, além de insinuar o emprego do recurso da paráfrase, revela também uma interferência da voz que o apresenta, através dos comentários destacados. A alternância entre duas perspectivas distintas, articuladas pelo emprego dos pronomes em terceira pessoa do singular (ela) ou em segunda pessoa do plural (nós), põe em cena dupla autoria: a da suposta carta original e a do organizador do inquérito, responsável pela publicação e que, não contente em reproduzir o conteúdo do relato, passa a propor um diálogo tanto com a depoente quanto com os leitores do jornal.

O segundo exemplo de paráfrase parece ser um misto de relato distanciado, pretensamente imparcial, visto que introduz o texto do depoente entre aspas, e de resumo comentado, pois cede espaço para a intromissão do editor, destacada na citação:

De Conchas o sr. Benedicto Gomide escreve uma dissertação sobre a credence popular e declara que, “espírito decididamente controverso ás tradições imaginarias, abstractas, não crê absolutamente nas parlatices dos nossos maiores”. Cita a historia de um fidalgo da côrte de Luiz XVI que, tomado de pavor, fugiu do palacio real, em Versalhes, perseguido por um Sacy rococó, e acrescenta que “se o facto não é real, deu-se pelo menos ... nas immediações do palacio do rei...”

E assim, nas asas dum calembur, faz uma involuntaria zumbaia ao Trianon cuja Maria Antonietta, entretanto, está adherindo ao movimento. Já mettu lá um sacysinho preto retinto, de barrete vermelho, a que chama “chausseur”, e que de facto é um terrível “chausseur” ... de nickeis. (*ESTADINHO*, 599, 01/02/17, 4:4; LOBATO, 2008, p. 64, destaque nosso)

Finalmente, o depoimento de número 11 pode ser considerado como “interpretação ou tradução em que o autor procura seguir mais o sentido do texto que a sua letra” - entrada 1 do dicionário Houaiss - declarando textualmente tratar-se de uma tradução:

O sr. João B. de Andrade consulta um velho boiadeiro, Nho Vadô Rodrigues e manda a versão do caboclo em dialecto: *Traduzimol-a para mais facil leitura*. O sr. Vado não concorda com o Sacy do Poa. Não está certo. O Sacy bota fogo pelos olhos, como a mula sem cabeça bota fumaça pelas ventas. Já viu rasto do moleque: é que nem rasto de antinha nova, tem tres casquinhas. A cuinha que elle traz na cabeça é pintada de urucu e alumia; o resto do corpo é tisio de uma vez. Ha um Sacy caseiro, tentador das moças, chamado tatêrê; quasi igualzinho ao outro, é, porém, maior, e mais variado, e anda sempre petequando uma braza que cae pelo furo dua mão n’outra. Anda nu, tem barbicha de cabrito desmamado, beijo vermelho e traz a lingua de fora. O tatêrê tem cara de pia, usa de camisa, tem cor de formiga e não tem espora. Em Minas ha um muito reinador que atenta os garimpeiros, vira os corumbes, esconde a matula, é trelador com as moças e apadrinhador de casamentos. Um faisgador seu compadre disse-lhe que se chamava essa especie sacêrê. Tambem usa calça de algodão e entra n’agua sem se molhar. (*ESTADINHO*, 600, 02/02/17, 3:3; LOBATO, 2008, p. 74, destaque nosso)

Resta ainda examinar as cinco paráfrases que classificamos como “parciais”, aquelas que procuram resumir apenas uma parte do depoimento, também apresentadas nos parágrafos iniciais das publicações no periódico. Na intenção de facilitar a compreensão, apresentamo-las em um quadro, destacando os verbos em terceira pessoa, com função de marcar a distinção das vozes do editor e do depoente:

Nº dep.	Parágrafos de introdução
10	V. P. C. <i>envia</i> cinco tiras. <i>Affirma</i> não haver criança que não tenha ouvido falar no Sacy. São as amas e creoulinhas as transmissoras da tradição. Familias ha entretanto, nas capitaes, onde as pobres crianças são desde o berço desnacionalizadas pelas amas estrangeiras. Os pequenos chupam um leite de alleman ou franceza, para começar, vêm seus primeiros passos guiados por uma ingleza, ouvem historias de anões do Rheno e crescem inteiramente alheios a terra natal. <i>Revolta-o</i> esta xenomania. <i>Approva</i> o gesto do “Estado” despertando a curiosidade pelas tradições. “Cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso”. <i>Cita</i> a Grecia. <i>Cita</i> Angiulli e <i>prova</i> que para termos nacionalistas é preciso criarmol-os desde o berço. Sobre o Sacy <i>depõe</i> : [...]
15	O sr. M. L. de Oliveira Filho, a quem coube a gloria de modelar em barro o primeiro Sacy, <i>manda-nos</i> umas notas complementares. <i>Diz</i> que o Sacy sempre foi pi-hu, pitú, piúna ou pixuna, isto é, de pelle preta, como também a curupira, capóra e em geral toda

	assombração (angoeraba) exceptuada a Myára (mãe d'agua) e o Mboytátá. <i>Acha</i> errado escrever “pêrêrê” sem o g final, que Montoya assignala, e sem o primeiro “e” agudo. <i>Ouviu</i> a primeira versão sobre o moleque duma ama preta que o espantava exclamando: cruz! credo! canhoto! oia ahi o Sacy! [...]. A’ beira do Paranapanema <i>ouviu</i> , de “cocre” perto do moquem, o seguinte caso contado pausadamente pelo nho Antoninho Fernandes, caboclo dos dentes ralados mas duro que nem anta: [...]
16	O “assiduo leitor” A. P <i>descreve</i> uma velha tia Rufina, moradora numa palhoça de sapé e da qual <i>ouviu</i> as primeiras historias de Sacy. Entre os contos da carochinha com que divertia a criançada, os do Sacy eram recebidos com especial encanto. <i>Diz</i> elle:
17	O sr. Jorge Nobrega aborda o assumpto com muita competencia e <i>explana-se</i> em considerações philosophicas sobre a formação das credices na psychica de um povo. Em seguida a estas generalidades aborda o thema proposto. <i>Diz</i> :
25	De casa Branca o sr. José Vieira <i>conta</i> de como as crianças de lá, por muitos sabidas, descrêm de sacys. São crianças aperfeiçoadas, que concertam relógio no escuro e não têm medo a cucas. Entretanto, se veem um soldado, tremem. Vejam só! <i>Diz</i> Vieira:

Tabela 9 - Vestígios das interferências do editor: paráfrases parciais

Ainda com relação aos vestígios do trabalho do editor na apresentação dos depoimentos, é possível destacar, além do tom de brincadeira que se observa no depoimento de número 25 apontado no quadro acima, alguns comentários que se constroem como interferências. É o caso de uma nota ao final do depoimento de número 18, de evidente conotação política:

Veiu para S. Paulo, diz o sr. Corisco e aqui conta-nos elle em quem se transformou o Sacy. Certos segredos demoníacos não convém tornarem-se publicos. Fiquemos só nós, os iniciados, sabedores disso. Basta que o publico saiba que na opinião do sr. Corisco elle reside nesta terra, vestido de gente, rico e gordo, operando maiores maleficios do que quando no sertão. Mas terá razão o sr. Corisco? Está bem certo de que foi o Sacy que se transformou? Não seria o cavallo sem cabeça? (*ESTADINHO*, 603, 06/02/17, 3:4; LOBATO, 2008, p. 104)

O tom de segredo parece ser uma estratégia para aguçar a curiosidade do leitor, chamado a participar ativamente do “causo” contado, por meio da proposição de uma espécie de charada: cabe ao público decidir quem seria este “saci” cidadão, rico, gordo e maléfico.

Uma última observação deve ser feita: os vestígios das paráfrases e das interferências apontados até agora concentram-se na primeira metade dos depoimentos. Além disso, com o passar do tempo, os parágrafos introdutórios vão se tornando cada vez menores. Tal fato poderia talvez ser interpretado como consequência do ritmo

acelerado das publicações, que são diárias. Os outros inquéritos sobre a instrução pública veiculados pelo *Estadão*, apresentados na primeira parte desta pesquisa foram publicados em dias alternados, mas este Inquérito sobre o Saci teve uma sequência diária. Soma-se a isto o fato de que não houve intervalo entre a publicação do texto de chamada para a participação dos leitores e a veiculação do primeiro depoimento, que se deu no dia seguinte. Este ritmo provavelmente impunha, em épocas de tecnologia menos avançada que as atuais, um trabalho intenso, com menores possibilidades de elaboração por parte do editor.

Buscamos neste tópico apontar indícios de possíveis interferências do editor durante a organização e apresentação dos depoimentos, revelando estratégias que permitem perceber a existência de uma edição para o jornal. Acreditamos que foi possível comprovar que há interferência do editor, na medida em que ele emite opiniões e expõe seu ponto de vista nos primeiros parágrafos dos textos reservados para a apresentação dos depoentes. Identifica-se também, em alguns momentos destas apresentações, o riso irônico tão característico de Lobato. A partir daqui o objetivo será cotejar os textos dos depoimentos publicados tanto no jornal como no livro, procurando identificar as alterações feitas por Lobato ao executar sua primeira experiência editorial.

3. DO JORNAL PARA O LIVRO

Editar é fazer psicologia comercial.

Monteiro Lobato

3.1. O PERCURSO EDITORIAL DE *OSPRI*

As informações sobre a história das edições de *OSPRI* são poucas, imprecisas e estão distribuídas em fontes documentais diversas, o que dificulta a determinação de dados estatísticos mais objetivos como a data exata das duas edições de que se tem notícia, assim como dos números relativos à tiragem.

Neste tópico tentaremos reunir, organizar e comparar esses dados, a fim de rastrear o percurso editorial dessa obra. Consideramos como fontes as pesquisas anteriores à nossa, a correspondência ativa de Lobato publicada em *A Barca de Gleyre*, as edições disponíveis da obra (1998 e 2008), as edições matutina e vespertina de *OESP* e as da *RB*, onde buscamos citações sobre *OSPRI* entre os anos de 1917 e 1919.

A primeira menção ao projeto de transformar o inquérito das páginas do *Estadinho* em um livro aparece já no início da enquete, paralelamente à publicação dos depoimentos, no artigo “O Saci”, veiculado pelo *Estadão* no dia 05 de fevereiro de 1917. Tal artigo apareceu impresso pela segunda vez no livro *OSPRI* em 1918, com o título de “Interregno” e pela terceira vez em *Ideias de Jeca Tatu*, sendo mantido nesta obra desde sua primeira edição, em 1919.

Este texto configura-se como um dos primeiros balanços das diligências preliminares da investigação, funcionando como uma espécie de resumo das principais características do assunto investigado, acrescido da indicação de possíveis projetos futuros, derivados da experiência, que seriam o concurso de pintura e a edição em suporte mais perene.

Lobato aproveita o ensejo e, apoiando-se em dupla perspectiva, ou, para recuperar uma metáfora lobatiana, utilizando-se do “olhar utilitário” sempre acompanhado do “olhar estético” (LOBATO, 1944, p. 217), num lance que revela sua face mais pragmática, termina o artigo fazendo a propaganda do livro que pretende editar, contendo a reunião dos depoimentos. Seria esta a primeira menção à iniciativa de edição de *OSPRI*¹⁵:

¹⁵ Mais adiante analisaremos este texto, comparando as versões publicadas no *Estadão* (05/02/17), no *OSPRI* (1918) e na primeira edição de *Géca Tatu* (1919). (Cf. item 3.2., p.85)

Este inquérito pela massa preciosa de informações colhidas fornecerá elemento para um livro curiosíssimo, onde o Saci seja estudado rigorosamente à luz da ciência demonológica. Livro para o psicólogo e para o povo, duplamente interessante, pois. Este encontrará nele um reflexo da sua mentalidade e divertir-se-á com os inúmeros casos narrados; aquele terá aí material para preciosas deduções. (LOBATO, 2008, p. 103)

Considerando-se a ordem cronológica, as referências seguintes em relação ao projeto do livro surgiram em algumas cartas enviadas a Godofredo Rangel. Em 10 de maio, Lobato compartilha com o amigo o projeto que se inicia: “Também preparo para o chumbo o ‘Inquérito do Saci’, que fiz no *Estadinho*.” (LOBATO, 1944, p. 350). Quatro meses depois, em 24 de setembro, a ideia retorna: “Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor Idem (sic) e o *Saci-Pererê*.” (LOBATO, 1944, p. 359). Mais dois meses se passam e o projeto se concretiza, sendo anunciado para o correspondente em primeira mão, em carta datada de 04 de novembro: “O Saci está no prelo. Depois, Ricardo!” (LOBATO, 1944, p. 365). Finalmente, em missiva de 08 de dezembro, comunica: “Meu *Saci* está pronto, isto é, composto; falta só a impressão.” (LOBATO, 1944, p. 366).

O final do ano de 1917 parece ter sido especialmente agitado no que se refere à edição do livro sobre o Saci. Extrapolando a esfera privada das missivas citadas acima, a primeira edição de *OSPRI* começa a ser noticiada pela imprensa. No âmbito público, o projeto da transposição do inquérito para o livro foi divulgado concomitantemente nos três periódicos com os quais Lobato colaborava.

Em 28 de novembro de 1917, na edição do *Estadinho*, à última página, de número 8, na quarta coluna, aparece pela primeira vez o seguinte anúncio, cujo tom panfletário se constrói a partir do emprego do superlativo e da menção às ilustrações:

S. Paulo, 29 de Novembro de 1917.
 Infelizmente para
 esse que os maxim
 ando no poder. I
 mos, porque o do
 e de seus assecias
 venturada nação e
 é somente a obra
 que está acriamer
 a propria existenc
 principio, suppun
 lo, que o govern
 estava fadado a r
 sphemera: uma r
 conservadoras re
 isação anterior,
 assustadora que
 brevemente ase
 yento de L...

seções	7705	705	05	05
A	8632	632	32	32
B	826	26	26	26
C	324	34	34	34
D	451	51	51	51

S. Paulo, 28 de Novembro de 1917.
 VITO.
 O fiscal do Governo Federal
 DR. CARLOS RIBEIRO.

--- BREVEMENTE ---
O SACI-PERERÊ
 :: :: VOLUME DE MAIS DE 200 PAGINAS
 ENFEIXANDO O INTERESSANTÍSSIMO INQUERITO
 HA TEMPOS PUBLICADO PELO "ESTADINHO",
 COM NUMEROSAS REPRODUÇÕES DE QUADROS
 RELATIVOS AO ASSUMPTO E MUITOS DESENHOS
 ORIGINAES DE VARIOS ARTISTAS DE VALOR.

ACHA-SE A VENDA EM "ESTADINHO"
 TORRES

AVOGADOR
 ADVOGADOS
 NINO BARRETO E FI
 LHO - Rua da Boa
 Tel. 4119.
 ESTINO LISBOA - Av.
 S. Bento, 11. Caixa 508.
ANALYSES
 E MICROSCOPIA CLINICA
 e Malhada Filho - LA
 Rua de S. Bento, 14 (co
 de Casa Branca. Tel.
 Rua, rua Santa F
 Cidade 894.
ENTISTAS
 DR. FTLES - Dentis
 uria 1.
EDICOS
 DR. PORTUGAL - CH.
 dentista

Estadinho, 28/11/1917, p. 08, col. 04

Ilustração 5 – Anúncio de *OSPRI* no *Estadinho*

Pouco tempo depois, a 17 de dezembro, é a vez de a edição diurna anunciar o livro, utilizando o mesmo clichê impresso na versão vespertina (*Estadão*, 17/12/1917, p. 11 col. 09):

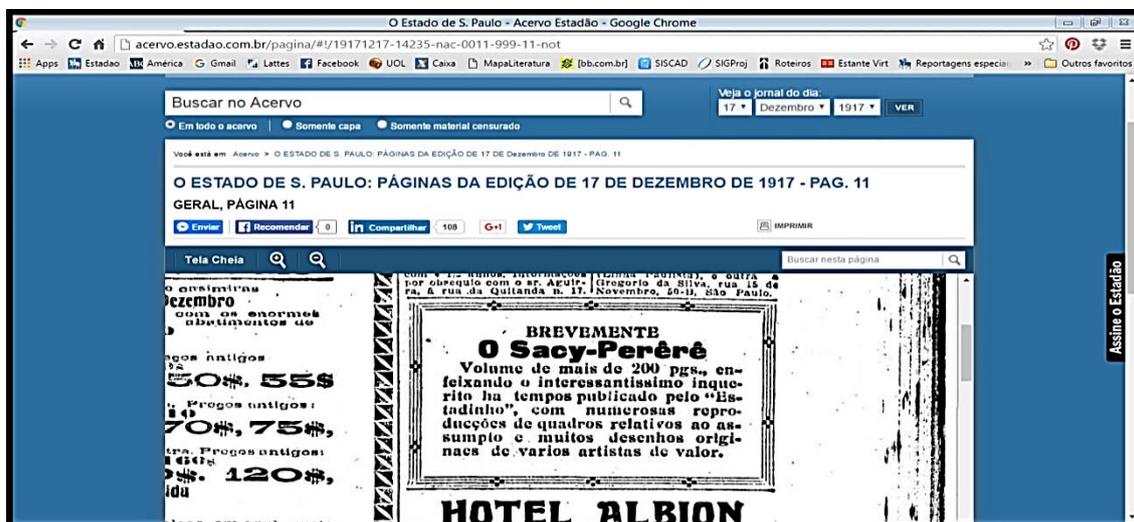
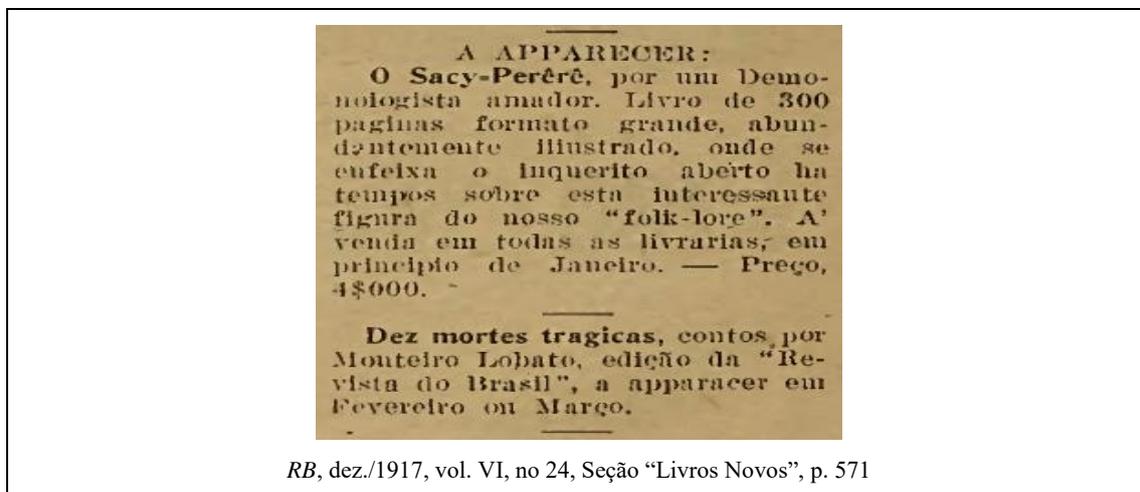


Ilustração 6 – Anúncio *OSPRI* no *Estadão*

As imagens dos clichês do *Estadinho* diferem um pouco daquelas publicadas no *Estadão*, mas o texto é exatamente o mesmo, qualificando o trabalho como “interessantíssimo” e chamando a atenção para a presença de ilustrações e para o valor dos ilustradores. Sem dúvida configura-se nessas publicações a linguagem de uma campanha publicitária. As edições de 1918, de ambas as versões do jornal, já não trazem mais anúncios do livro e o assunto do inquérito igualmente desaparece.

Por sua vez, as páginas do volume VI da *RB* de dezembro de 1917, lembra Bignotto (2007, p. 196), trazem, na seção “Livros Novos” dedicada ao anúncio dos lançamentos editoriais, uma versão ligeiramente diferente daqueles mostrados acima, relativos à primeira edição de *OSPRI*:



RB, dez./1917, vol. VI, no 24, Seção “Livros Novos”, p. 571

Ilustração 7 – Anúncio *OSPRI* na *RB* n. 24

Poderíamos estabelecer que o lançamento de *OSPRI* deu-se em “princípios de janeiro” de 1918? Levando-se em consideração a imagem acima e outra na qual a *RB* informa, como veremos algumas páginas adiante, que em fevereiro desse ano o livro já estava à venda na sede da revista, podemos aceitar uma resposta afirmativa.

Note-se que é a primeira vez que se menciona o valor de venda do livro, mantido posteriormente em todos os outros anúncios. Outra particularidade é que o preço aparece somente nos anúncios da *RB*, não sendo mencionado nos jornais. Neste texto também é possível observar a evolução de outro projeto, o da edição de *Urupês*, a princípio intitulado *Dez mortes trágicas*, fato comentado por De Luca (1999, p. 66):

[...] a idéia de lançar as edições da *RB* não era nova; o próprio Lobato mencionou o assunto em carta à Rangel datada de agosto de 1917. Em dezembro deste ano, antes portanto da venda do periódico, a revista publicava anúncio de um livro de contos de Monteiro Lobato intitulado *Dez mortes trágicas*, a ser lançado em fevereiro ou março vindouro. A obra, com o título alterado para *Urupês*, somente seria lançada em julho de 1918. O enorme sucesso alcançado pelo livro certamente contribuiu para demover qualquer dúvida sobre a potencialidade da atividade editorial.

A compilação destes anúncios sugere ao menos duas questões a serem destacadas. A começar pelo fato de que o primeiro projeto editorial de Lobato vem acompanhado de uma preocupação com a recepção, trazendo em seu bojo uma estratégia que não parece ser tão inconsciente como insinua Cavalheiro (1955, p. 192), uma vez que Lobato mantinha-se atento às reações do público e ao que De Luca nomeia “potencialidade da atividade editorial”, principalmente depois da repercussão do artigo “*Urupês*” em 1914. Em segundo lugar indica-se a divulgação do livro através da publicação de anúncios, estratégia que vai colaborar para a consolidação do sucesso do editor ao longo de sua carreira. Vê-se, portanto, que desde as primeiras edições de *OSPRI* e *Urupês* e mais ostensivamente ao assumir o comando da *RB*, Lobato procura incorporar as técnicas do *marketing* ao universo editorial¹⁶.

Essa postura lobatiana diante do “negócio dos livros”, por ele próprio considerado como empreendimento comercial de um “negociante matriculado” (LOBATO, 1944, p. 366), configurou-se como traço distintivo e marcante em sua atuação como editor, desde seu primeiro trabalho. Por este motivo julgamos interessante

¹⁶ Sobre a atuação de Lobato como editor da *RB*, há que se consultar o trabalho de Tania Regina De Luca, *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. Também o terceiro capítulo do livro *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* traz uma análise da atuação de Lobato para a consolidação do sucesso da *RB*. (cf. AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, São Paulo: Senac, 1997, p. 119 a 124).

observar o modo como a notícia do lançamento de *OSPRI* foi divulgada em cada um dos periódicos consultados.

Dissemos acima que a primeira propaganda do livro sobre o Saci foi veiculada pelo *Estadinho*. Além dessa precedência, chama a atenção também o fato de que aquele mesmo *clichê* se repete diariamente até o final de 1917, com variações apenas de localização nas colunas da última página, em geral destinada aos anúncios. Durante um mês os leitores do *Estadinho*, incluídos entre eles os autores dos depoimentos, estiveram expostos à perspectiva de ver editadas em livro as histórias do inquérito lidas no jornal.

Este recurso mercadológico evidencia a postura lobatiana diante de sua primeira iniciativa como editor, na qual não apenas organiza e compõe a obra por uma perspectiva estética, mas assegura-se de que ela tenha, sob o aspecto utilitário, penetração junto a um público o mais amplo possível, de tal modo que “corra o país”, sem “bichar nas estantes”, roído pelas traças (LOBATO, 2008, p. 368).

Ainda que tivesse que “tocar outra sanfona” (LOBATO, p. 359), ou seja, mudar de profissão, o editor procurou certificar-se de que a primeira tentativa/música fosse bem executada e tivesse amplo alcance. Em última instância, Lobato não apenas espera que o livro seja vendido, mas empenha-se em criar condições para que seja consumido como qualquer outro produto anunciado nas revistas daquela época, ou mesmo em seu próprio livro, cujos anúncios vendem desde chocolates e fumo até máquinas de escrever, além de promover estabelecimentos como magazines e drogarias. De acordo com Lajolo (2002, p. 174), às vésperas dos anos 1920 era inusitado, como ainda hoje o é, o recurso a “uma explicitação tão clara da dimensão comercial dos livros de leitura”.

Rastreando as reflexões de Lobato sobre o trabalho de edição de *OSPRI*, percebe-se que a iniciativa pode não ter sido fruto de um impulso aventureiro, mas sim de um projeto cuidadosamente arquitetado durante anos, com base na observação tanto do “negócio” como do “público” destinatário do “produto”, como se depreende da leitura da correspondência com Godofredo Rangel, observação esta evidenciada pelos seguintes fragmentos, pinçados entre tantos outros apenas a título de amostra: “Já compreendi o nosso *público* (em 07/02/1916; LOBATO, 1944, p. 300); “[*O Saci*] Será *livro* popular e de vender bem” (em 10/05/1917; LOBATO, 1944, p. 350); “Se o *negócio* correr bem editarei outros livros [...]”(em 08/12/1917; LOBATO, 1944, p. 366, grifos nossos).

Revelada a motivação econômica por trás da iniciativa, percebe-se que Lobato esteve atento a questões como a aceitação por parte do público e a divulgação do

produto livro. Nessas reflexões estão amalgamados de modo harmonioso o olhar estético e o olhar utilitário, características que se revelaram constitutivas de sua personalidade e indissociáveis em seus empreendimentos nos mais diversos campos de atuação.

Dando continuidade às observações sobre a divulgação da obra na esfera pública, identificamos, para além da publicidade no *Estadinho*, mais duas frentes de atuação: *Estadão* e *RB*, cada uma revelando características particulares, que apontaremos a partir de agora.

Nas páginas do *Estadão*, a edição de *OSPRI* aparece primeiramente, como já foi indicado, no último parágrafo do artigo “O Sacy”, cujo tom aponta para a o aproveitamento das contribuições dos leitores, principalmente pelo emprego de verbos no futuro: o livro “fornecerá”, o leitor “encontrará”, “divertir-se-á”. Depois de um bom intervalo sem menções ao livro, suas colunas estamparam, em 18 de outubro de 1917, a notícia da abertura da exposição das obras do Concurso de Pinturas e Esculturas¹⁷ relativas ao tema da enquete. Ao final do texto, aproveitando o ensejo, publicou-se que

Talvez durante o período da exposição ou logo a seguir, deve aparecer um livro sobre o Sacy. Esse trabalho conterà o inquerito publicado pelo “Estado” e organizado pelo nosso distinto collaborador sr. Monteiro Lobato, o qual será precedido de uma valiosa introduccção subscripta pelo mesmo talentoso escriptor. (*ESTADÃO*, 18/10/17, p. 5, col. 8)

Observa-se neste texto o mesmo tom afirmativo dado pelos verbos conjugados no futuro, sugerindo tratar-se de um projeto já pensado, em vias de ser executado. Outro aspecto do fragmento acima é a possibilidade de leitura pela chave da ironia. Conhecendo a veia satírica de Lobato e sabendo que ele foi também o promotor da exposição ficamos tentados a nos perguntar se não teria sido ele próprio o redator do elogioso anúncio...

¹⁷ Neste ponto a pesquisa indicou um viés tentador, que não foi explorado por não contemplar os objetivos propostos. Trata-se da recuperação de informações sobre o concurso. O artigo “O Sacy” (LOBATO, 2008, p.34) sugere o aproveitamento do duende como tema para as artes plásticas, ao considerar que: “[...] nenhuma tentativa inda foi feita para fixal-o na téla ou no barro”. Em outro artigo sobre o assunto, veiculado pelo *Estadão* em 05/02/17, à p. 3, col. 5, lê-se: “O inquerito continua aberto e breve será feito um concurso entre desenhistas e escultores com premios ás melhores representações do moleque demoniaco. Entrará elle, assim, definitivamente, para o seio da arte.” Em 03/04/17, (p. 4, col. 7) um artigo anuncia a prorrogação das inscrições do concurso por mais uma semana, listando uma escultura e sete pinturas concorrentes, com indicação de autoria e breves comentários elogiosos. A abertura da exposição foi noticiada em 18/10/17 no *Estadão*. No nº 22 da *RB*, de novembro de 1917, Lobato publicou um artigo no qual analisa detalhadamente o evento e reproduz as imagens de algumas das obras expostas. Outra notícia do jornal diurno, de 02/02/1919, p. 4, col. 5, coluna “Notícias do Interior”, informa que quatro das telas sobre o saci foram expostas numa mostra em Campinas, SP.

Foram ao todo três os momentos em que o *Estadão* abriu espaço para a divulgação explícita do lançamento de *OSPRI*: dois fragmentos de textos (os parágrafos finais do artigo sobre o Saci e do artigo sobre a abertura da exposição de pintura e escultura) e um anúncio cuja arte foi aproveitada das edições vespertinas.

À primeira vista, levando-se em consideração a pequena extensão dessas propagandas, tem-se a impressão de que a edição matutina do *Estadão* não abriu espaço para a divulgação de *OSPRI*. Entretanto, a leitura mais atenta das edições do período revela que a promoção do livro não ficou restrita à menção direta da obra. Durante os quatro primeiros meses de 1917 e também em outubro e novembro daquele ano, o assunto Saci-Pererê, ainda que não relacionado ao inquérito de Lobato, surgiu frequentemente, de modo que os leitores estiveram em constante contato com o projeto, mesmo que por vias indiretas. Para melhor visualização desta estratégia, propomos a lista a seguir, que traz a vantagem extra de resumir as ocorrências:

O Saci no <i>Estadão</i> – edição matutina		
Localização/ano 1917	Gênero/ Título/ Autor	Coluna
06 jan., p. 5, col. 1 a 3	Artigo - A Criação do Estylo - M.L.	Liceu de Artes e Ofícios
28 jan., p. 4, col. 6 a 8	Edital de Abertura do Inquérito-M. L.	Mythologia Brasilica
31 jan., p. 3, col. 4	Poema de Ezequiel Freire - editor	Notas e Informações
05 fev., p.3, col. 5 e 6	Artigo – O Sacy – M. L.	-
08 fev., p. 6, col. 8	Nota - Sorocaba participa do inquérito - editor	Noticias do Interior
10 fev., p. 5, col. 1	Nota – Inquérito na imprensa do Rio - editor	Telegramas - Rio
11 fev., p. 7, col. 3	Artigo – Carnaval – anônimo	Noticias Diversas
13 fev., p. 2, col. 6	Nota - Casa Branca participa - editor	Noticias do Interior
20 fev. p. 4, col. 2	Artigo – O Carnaval – anônimo	Noticias Diversas
02 mar., p. 9, col. 3	Letra da música – Eloy/Tupinambá	Mythologia Brasilica
03 mar., p. 2, col. 8	Edital chamada concurso – M. L.	Artes e Artistas
07 mar. p. 7, col. 5	Anúncio – música - Eloy/Tupinambá	Mythologia Brasileira
18 mar., p. col.	Anúncio – música - Eloy/Tupinambá	-
25 mar., p. 3, col. 7	Anúncio/Cartaz – Festival O. Bilac – anônimo	-
26 mar., p. 3, col. 4	Anúncio/Cartaz – Festival O. Bilac – anônimo	-
26 mar., p. 4, col. 2	Programa do Festival O. Bilac – anônimo	Artes e Artistas
03 abr., p. 4, col. 7	Prorrogação do Concurso – M. L.	Noticias Diversas
18 out., p. 5, col. 8	Abertura da exposição – M. L.	Artes e Artistas
20 out., p. 6, col. 7	Nota sobre a exposição – M. L.	Artes e Artistas
04 nov., p. 10, col. 6	Anúncio- RB 22- Sumário e cupom	Classificados

07 nov., p. col.	Anúncio- <i>RB</i> 22- Sumário e cupom	Classificados
09 nov., p. col.	Anúncio- <i>RB</i> 22- Sumário e cupom	Classificados
18 nov., p. 7. col. 8	Anúncio- <i>RB</i> 23- Sumário	Classificados
28 nov., p. 7, col. 5	Anúncio- <i>RB</i> 23- Sumário	Classificados
17 dez., p. 11, col. 9	Anúncio- <i>OSPRI</i>	Classificados

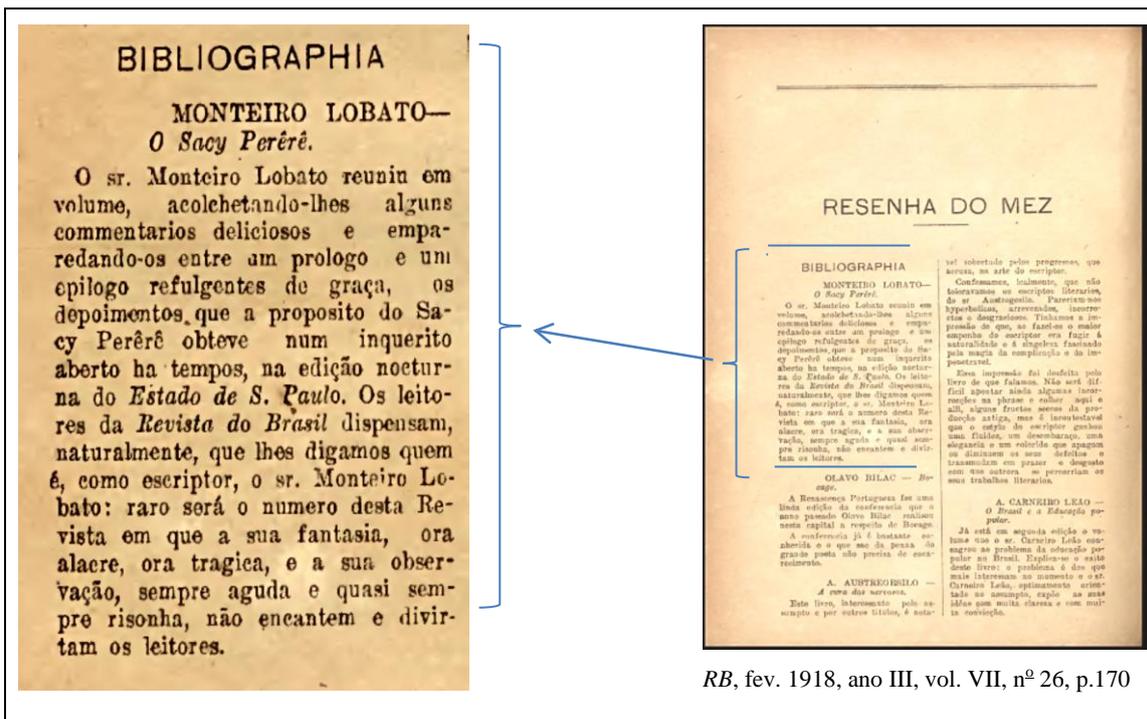
Tabela 10 - O Saci no *Estadão* – 1917

Note-se que, tanto nas páginas do *Estadinho* quanto nas do *Estadão*, o tema do Saci Pererê (seja por meio do inquérito, seja pela divulgação do livro, ou ainda por simples menções) é explorado apenas o ano de 1917. A partir de janeiro de 1918 as menções a essa lenda folclórica diminuem drasticamente, referindo-se a assuntos sem relação com o inquérito. A tarefa de divulgação de *OSPRI* passa então a ser de responsabilidade da *RB*.

Nesse sentido, a *RB*, por seu turno, desenvolveu um trabalho diferenciado desde o mês de dezembro de 1917 até agosto de 1919. A leitura das edições da *RB*, do volume VI até o volume XII, em busca dos rastros do Saci Pererê, revelaram que também neste periódico desenvolveu-se uma campanha publicitária, não somente de *OSPRI*, como de *Urupês*, no momento-chave de transição da revista, tornando-se curiosamente uma das evidências das transformações impostas por Lobato a partir da aquisição da empresa, em maio de 1918, segundo Cavalheiro (1955, p. 194), com escritura lavrada no mês seguinte (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA 1997, p. 120).

A primeira menção ao livro de Lobato na *RB* ocorrida em 1917 foi um pequeno texto cuja imagem foi reproduzida acima. Na seção “Livros Novos” do número 24, à página 571, se anuncia rapidamente que *OSPRI* será disponibilizado para venda a partir de janeiro de 1918, pelo preço de quatro mil réis (4\$000), chamando a atenção para a presença de ilustrações, mas sem indicação de autoria.

No mês seguinte não há nenhum rastro do Saci nesta revista, mas em fevereiro saiu publicada, na seção “Resenha do Mez”, uma nota um pouco maior para a apresentação do livro:

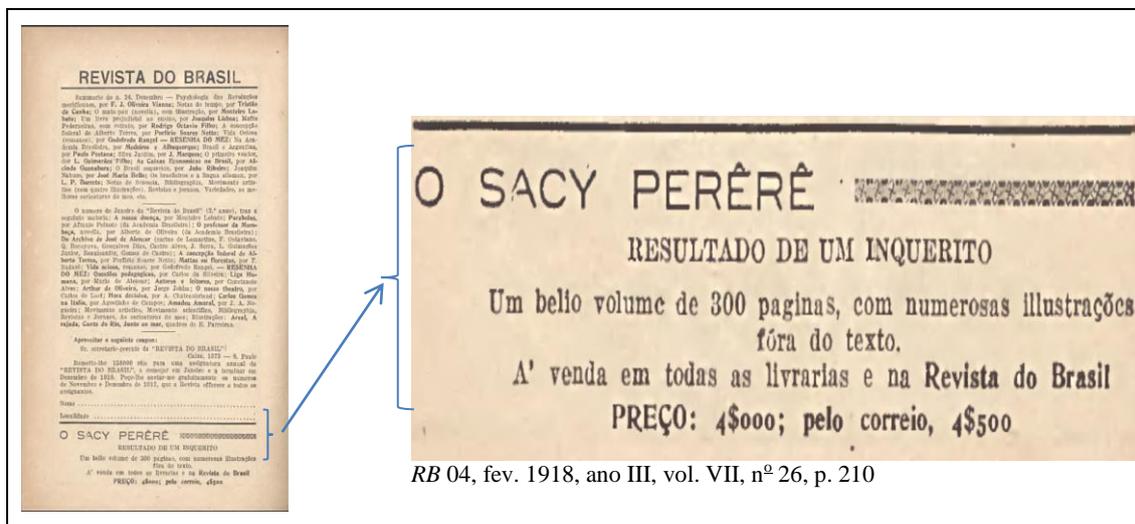


RB, fev. 1918, ano III, vol. VII, nº 26, p.170

Ilustração 8 - Anúncio OSPRI – RB n. 26

É neste texto que se revela, pela primeira vez em público, não somente o título definitivo da obra, como também a atuação de Monteiro Lobato como seu organizador e editor, ao atribuir-lhe a autoria dos paratextos. Ao contrário do anúncio anterior, a estratégia mobilizada aqui é a de exaltação do organizador, conhecido pelo público da revista, de modo a explorar o prestígio que já possuía à época.

No mesmo número, algumas páginas adiante, outro anúncio retoma as principais características dos clichês de *OESP*, e acrescenta as informações sobre os valores de venda. Ao final da edição de fevereiro, ao anunciar o sumário do próximo número, a *RB* publica em rodapé:



RB 04, fev. 1918, ano III, vol. VII, nº 26, p. 210

Ilustração 9 – Anúncio OSPRI na RB n. 26

O anúncio, estrategicamente localizado tanto na coluna dedicada às resenhas quanto ao final do sumário, parece coincidir com o momento em que se começa a considerar de modo mais incisivo a dimensão comercial do produto livro, fato reforçado pela indicação da possibilidade de seu envio pelo correio, com acréscimo da taxa de remessa. Estaria aí uma das primeiras ações em direção à ampliação dos postos de venda? É o que nos parece, se levarmos em consideração a tão propalada iniciativa de Lobato de pedir aos agentes dos correios os endereços de casas comerciais para onde pudesse enviar a famosa circular na qual oferecia livros para venda em consignação (HALLEWELL, 2005, p. 320).

Deste momento em diante, a divulgação de *OSPRI* caminha junto com a de *Urupês*, o segundo livro editado por Lobato, que imediatamente passa a primeiro plano, ocupando espaço maior. Três meses depois, em junho de 1918, a *RB*, já sob novo comando, imprime junto a outros anúncios o seguinte clichê, que ocupa meia página:

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De accordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o inicio de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

Urupês *Contos por Monteiro Lobato.*—Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Bocea-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

Sacy-Perêre *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, eom muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réls; pelo correlo, 4\$500

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL
Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

RB jun. 1918 – vol VIII, nº 30, p. 221

Ilustração 10 – Anúncio *OSPRI* na *RB* n.30

A sequência de anúncios veiculados em seguida tem quase a mesma configuração. Entretanto, as pequenas e quase imperceptíveis alterações dizem muito sobre a história das edições de ambos os livros. Por esse motivo, achamos interessante trazer os anúncios dos meses de agosto, setembro e novembro também, comentando-os em seguida:

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De acordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o início de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

Urupês *Contos por Monteiro Lobato.*—Livro de mais de duzentas paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, 2.^a edição capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês.

Sacy-Perêre *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada volume: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500
Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL
Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

RB, ago. 1918, vol. VIII, nº 32, p. 520

Ilustração 11 – Anúncio OSPRI na RB n. 32

EDIÇÕES DA REVISTA DO BRASIL

De acordo com o seu programma, a Revista do Brasil acaba de editar um novo livro de contos de lavra do sr. Monteiro Lobato. É o início de uma serie, na qual serão dados á publicidade romances, livros de contos, livros de versos, obras scientificas, etc., que constituirão no correr do tempo uma bibliotheca eminentemente brasileira e sob todos os pontos de vista, notavel.

Urupês *Contos por Monteiro Lobato.*—Livro de duzentas e sessenta paginas, optimo papel, illustrado com desenho a penna, 3.^a edição capa de Wash Rodrigues, e trazendo os seguintes contos: Os pharoleiros, O engraçado arrependido, A colcha de retalhos, Chóóó! Pan!, « O meu conto de Maupassant », « Pollice verso », Bucolica, O mata-pau, Bocca-torta, O comprador de fazendas, Um supplicio moderno, O estigma, Urupês e Velha praga.

Sacy-Perêre *Resultado de um inquerito.* — Um grosso volume, com muitas illustrações.

Preço de cada Sacy: 4\$000 réis; pelo correio, 4\$500
Edição popular dos URUPÊS, em papel de jornal: 2\$000; pelo correio, 2\$300

PEDIDOS Á REVISTA DO BRASIL
Rua da Boa Vista, 52 — S. PAULO

RB, set. 1918, ano III, vol. IX, nº 33, p. 131 e RB, nov. 1918, ano III vol. IX, nº 35, p.383

Ilustração 12 – Anúncio OSPRI na RB n. 33 e n. 35

Estas duas últimas imagens atestam o sucesso de público que teve *Urupês* desde seu lançamento, ao revelar, em nota abaixo do título, o número da edição. Em junho, a *RB* informa que a obra acaba de ser editada. Em agosto já se indica a segunda edição e no mês seguinte, a terceira. A tiragem, segundo indica Martins (2003, p. 208), ampliou-se em progressão geométrica a cada edição: um milheiro em junho, dois em agosto e quatro em setembro. Outro detalhe que chama a atenção é a informação de que a segunda e terceira edições são diferenciadas por serem “populares”, impressas em papel jornal, portanto de qualidade inferior, o que permitiu o barateamento de cada exemplar, anunciado a dois mil réis (2\$000) na venda direta ou dois mil e trezentos réis (2\$300) quando remetido pelos correios, metade do valor de *OSPRI*.

Com relação a este último, tanto o texto quanto os valores permanecem inalterados. Apesar de ocupar menor espaço e de não se mencionar o número da edição, os preços relativos a *OSPRI* permanecem em posição de destaque ao serem impressos em fontes maiores. Nos meses seguintes, outubro e novembro de 1918, o *Saci* volta para primeiro plano:

O SACY PERERÊ
Bello volume de 300 paginas em optimo papel, contendo tudo quanto corre a respeito desta interessantissima criação do nosso folk-lore, e ornado de numerosas gravuras de pagina.
Preço. 4\$000
Pelo correio 4\$500

URUPÊS
Tercera edição, a sair. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.
Preço. 3\$000
Pelo correio 3\$300

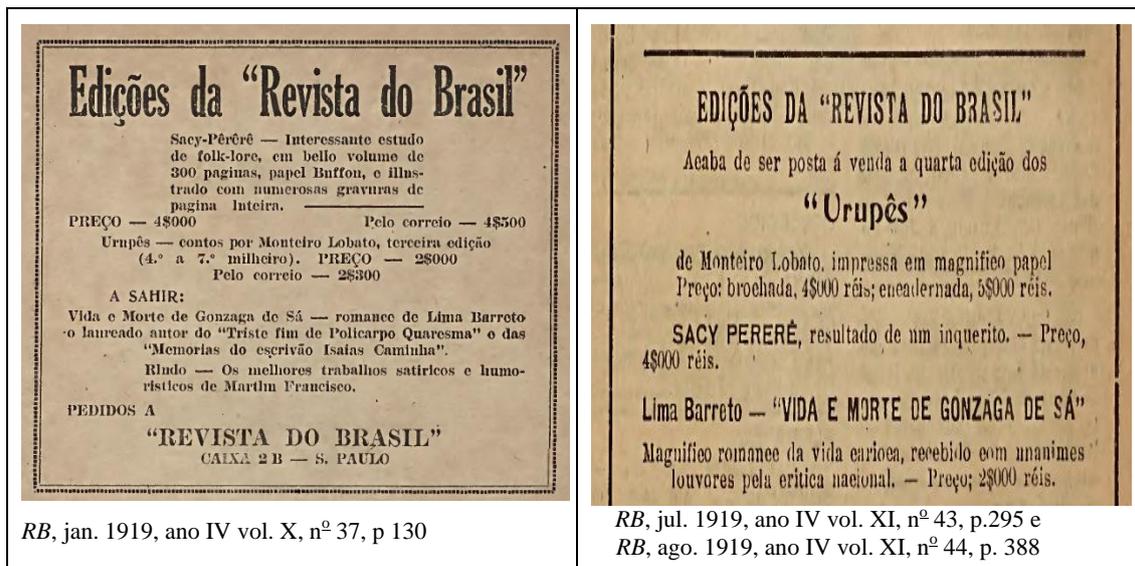
URUPÊS
Tercera edição, a sair. Livro de contos, por Monteiro Lobato, com 260 pags., illustrado.
Preço. 3\$000
Pelo correio 3\$300

RB, ano III, vol. n.º 34, p. 133 e *RB*, nov. 1918, ano III vol. IX, n.º 35 p. 244

Ilustração 13 - Anúncio *OSPRI* na *RB* n. 34 e 35

Em um anúncio de página inteira, *OSPRI* e *Urupês* continuam sua jornada lado a lado. Contudo, enquanto aquele segue estável, sinaliza-se uma valorização dos contos de Lobato já que o preço anunciado atinge três mil réis, num acréscimo de 50%. Outro detalhe destacável é que aí se indica que *Urupês* segue em sua terceira edição. Em contrapartida, não há informação sobre o número da edição de *OSPRI*, o que parece sugerir a diminuição do ritmo de vendas deste título, sobretudo se considerarmos que não há notícias de uma terceira edição de *OSPRI*.

Em 1919 há três ocorrências de anúncios de meia página sobre as primeiras experiências editoriais lobatianas que seguem caminhos paralelos:



RB, jan. 1919, ano IV vol. X, nº 37, p 130

RB, jul. 1919, ano IV vol. XI, nº 43, p.295 e
RB, ago. 1919, ano IV vol. XI, nº 44, p. 388

Ilustração 14 – Anúncio *OSPRI* na *RB* n. 37

Ilustração 15 – Anúncio *OSPRI* na *RB* n. 43 e 44

Se em janeiro o *Saci* ainda se destaca, o mesmo não ocorre a partir da segunda metade do ano, quando se anuncia a quarta edição dos contos, agora “impressa em magnífico papel” e em duas versões, brochura ou encadernação, com o preço consequentemente inflacionado. Note-se que, de acordo com a primeira figura, o valor do exemplar de *Urupês* tinha se mantido nos patamares da edição popular, o que contradiz o conteúdo dos anúncios do final do ano anterior. Talvez a diferença deva-se ao fato de existirem exemplares de qualidades diferentes. No entanto, ao sair a 4ª edição, materialmente superior, o valor dobra. Estes lances coincidem com o episódio do discurso de Rui Barbosa (1849-1923) em março de 1919, que durante campanha eleitoral cita e elogia a obra, fato comentado por Lobato nos seguintes termos:

O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos *Urupês*. Não ficou um para remédio, dos 7.000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isso antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba - e agora, com o discurso do Cacique-Mor, vai subir que nem foguete. (carta a Rangel, de 20/04/1919) (LOBATO, 1944. p. 391)

Pudemos verificar que a partir do número 44 da *RB*, de agosto de 1919, não foram publicados mais anúncios relativos a *OSPRI*, indício de que, depois desta data, a segunda edição se esgotou sem que se lançasse outra em seguida.

O primeiro “documento” que provaria o fim da disponibilidade deste livro é a quarta capa do terceiro lançamento editorial de seu autor, o livro *Ideias de Jeca Tatu*. Nela há uma lista de nove obras anunciadas, três das quais dadas como esgotadas, entre

elas *OSPRI*. Certamente este lançamento foi em data posterior a 06 de julho de 1919, quando Lobato informa a Rangel, entre notícias das boas vendagens e projetos futuros: “Vou dar agora *Ideias de Jeca Tatu*, coisas publicadas em jornal, sobretudo no *Estado*” (LOBATO, 1944, p. 397). Eis as imagens:



Ilustração 16 – Capas - *Ideias de Jeca Tatu* 1. ed., 1919

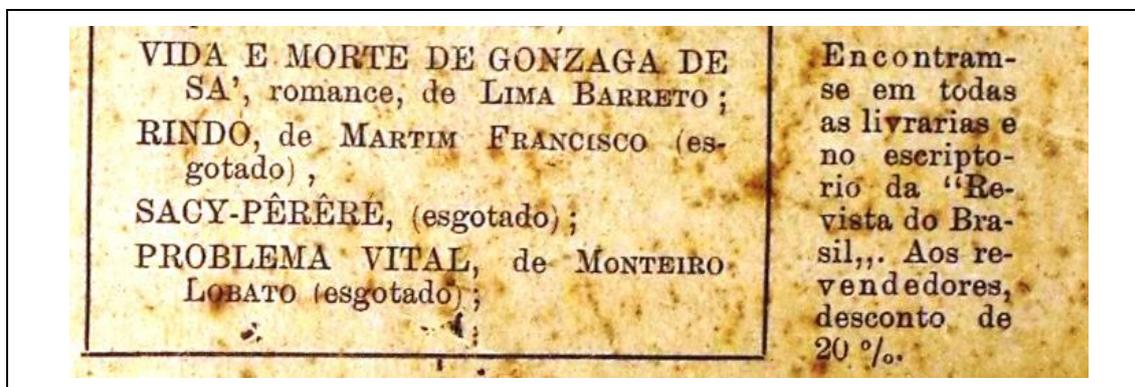


Ilustração 17 - Detalhe da quarta capa - *Ideias de Jeca Tatu*, 1919

É difícil precisar a data deste lançamento. Em geral são consideradas como fontes seguras as cartas reunidas em *A Barca de Gleyre*. Está nelas a informação de que, se em julho o livro *Ideias de Jeca Tatu* estava ainda em fase de edição, no início de novembro o trabalho já havia avançado: “Tenho no prelo várias obras, somando aí uns 15 mil volumes, inclusive novos *Urupês*, *Cidades de Ideias*. [...] Tiro de cada um 4.000.” (carta de 05/11/1919) (LOBATO, 1944, p. 399). No penúltimo dia do ano o autor avisa ao amigo que está remetendo uma nova edição, ao mesmo tempo em que se queixa dos contratempos enfrentados nas tipografias:

Gratissimo pela escovadela e conserto das ideias de Jeca Tatu, que foi atamancado em uma semana. Depois de encalhado, numa miserável tipografia falida e mudado para outra pior ainda, que também ia falir ou mudar, não sei. Agora te mando um exemplar de edição mais decente, com a condição de dares o que tens aí ao porco mais magro de Minas. Aquilo não foi edição para gente ler e sim para porco magro comer. (carta de 30/12/1919) (LOBATO, 1944, p. 400)

Temos então que provavelmente em novembro ou no mais tardar em dezembro de 1919, lança-se não uma, mas duas edições do *Jeca*, a primeira com graves problemas de revisão, seguida de outra mais “decente”, na opinião de Lobato. E aí já não se fala mais em *Saci Pererê*, pelo menos durante os dois anos seguintes, depois dos quais surgirá o livro infantil *O Saci* que gozará do mesmo sucesso de seu antecessor.

O livro que imortaliza o inquérito reaparecerá nas prateleiras das livrarias somente em 1998, por iniciativa de Azevedo, Camargos e Sacchetta, promotores de uma edição fac-similar apoiada pela Fundação Banco do Brasil e da Odebrecht, através do Projeto Memória, que celebrou o cinquentenário do falecimento do autor. Mais uma pausa de dez anos e ganhamos outra edição, desta vez da Editora Globo (2008).

Resulta destas análises um panorama geral ainda incompleto do percurso histórico das duas primeiras edições deste livro. Buscamos resumi-lo em um quadro:

Nº ed.	Ano	Tiragem	Citação	Referência
	1917	-	“Também preparo para o chumbo o ‘Inquérito do Saci’, que fiz no <i>Estadinho</i> .”	Carta a Rangel, de 10/05/1917 (LOBATO, 1944, p. 350)
		-	“Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor Idem (sic) e o <i>Saci-Pererê</i> .”	Carta a Rangel, de 24/09/1917 (LOBATO, 1944, p. 359)
		-	“O Saci está no prelo. Depois, Ricardo!”	Carta a Rangel, de 04/11/1917 (LOBATO, 1944, p. 365)
			A <i>Revista do Brasil</i> anuncia o livro para o começo de janeiro do ano seguinte.	(<i>RB</i> , dez 1917, vol VI, n. 24, Seção “Livros Novos”, p. 571)
		-	“Meu <i>Saci</i> está pronto, isto é, composto; falta só a impressão.”	Carta a Rangel, de 08/12/1917 (LOBATO, 1944, p. 366)
		2.000	“Queres editar em livro a <i>Falange</i> ? Resolva de uma vez, porque estou habilitado a da-la depois do <i>Saci</i> . Estou tirando 2 milheiros. Que África, hein?”	Carta a Rangel, de 28/12/1917 (LOBATO, 1944, p. 371)
1ª	1918		“[...] a publicação, feita às suas expensas e por ele vendida com algum sucesso de livreria (a 2ª edição aparece dois meses depois), leva-o a considerar seriamente a possibilidade de se transformar em editor.”	(CAVALHEIRO, 1955, p. 191)
2ª		5.300	“Publicando <i>O Saci Pererê</i> – a primeira edição	(CAVALHEIRO, 1955, p.

		(?)	foi de 5.300 exemplares – ficou surpreso com a repercussão alcançada”	192)
			“O Saci Pererê também se vende bem; estou já só com um resto – talvez um quarto da 2ª edição.”	Carta a Rangel, de 08/07/1918 (LOBATO, 1944, p. 375)

Tabela 11 - Percorso editorial de *OSPRI* - 1917 a 1918

Tendo acompanhado as idas e vindas do Saci pela bibliografia consultada, resulta que o perneta não nega a fama que tem. Continua sendo bastante difícil acompanhá-lo na tentativa de desvendar seu paradeiro ou de identificar os caminhos que, com o livro de Lobato, percorreu até os dias de hoje.

Seguiremos agora outras trilhas, desta vez em busca das diferenças entre os depoimentos publicados no jornal e aqueles levados para o livro, visto que a análise das interferências apontadas por Lajolo (2014, p. 26), configuradas pelos recursos de supressões e acréscimos, revela o trabalho de edição realizado por Lobato.

3.2. A MATEMÁTICA DO SACI: ACRÉSCIMOS

Conforme indicado anteriormente, *OSPRI* teve duas edições em 1918¹⁸, seguidas de uma grande pausa, interrompida somente oitenta anos mais tarde, quando se imprimiu uma edição fac-similar em 1998, com exemplares fora de comércio. Nova pausa, desta vez de dez anos, para ser relançado como parte da obra completa, que entrou em circulação a partir de 2007. Nesta pesquisa privilegiamos, para citações e devidas referências, a edição que mais facilmente se poderá encontrar no mercado, na esperança de facilitar o trabalho daqueles que se aventurarem a (re)descobrir a obra.

Se no tópico anterior indicaram-se alguns números além da dimensão comercial por trás do primeiro lançamento editorial de Lobato, este tópico se destinará a expandir essa visada matemática, desta vez desde o ponto de vista interno à obra, ao indicar o acréscimo de alguns elementos, ausentes das páginas do jornal. Antes, porém, um pequeno parêntese se faz necessário, para sinalizar com clareza os motivos de se decidir pela análise da edição fac-similar.

Em 2007, “após uma acirrada disputa entre grandes editoras brasileiras pelos direitos autorais” (Ceccantini, 2014, p. 55), a Editora Globo inicia um projeto de relançamento da obra completa de Lobato, cujos volumes apresentam direcionamento editorial que estabelece algumas características comuns a cada um deles, a começar pela uniformidade das capas, diferenciadas apenas pela variação das cores e do título da obra. Logo depois da quarta capa vem o sumário, seguido pela reprodução de um retrato de Monteiro Lobato, assinado por J. U. Campos¹⁹. Na sequência, uma pequena biografia de Monteiro Lobato, seguida da lista dos títulos que compõem o que foi chamado pelos editores de “plano de obra da edição de 2007” (LOBATO, 2008, p.13).

Somente a partir deste ponto os volumes deste relançamento vão se diferenciar. É quando surge um texto de apresentação de cada obra, em geral contendo ilustrações e fotos. A autoria tanto da biografia quanto destes prefácios são algumas vezes reveladas, mas em outras ocasiões tais textos não são assinados. Entretanto, é possível atribuí-los a Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, os responsáveis pela consultoria e pesquisa do projeto de relançamento, de acordo com as indicações editoriais.

¹⁸ Durante esta pesquisa não pudemos encontrar nenhum exemplar de 1918. Tampouco os pesquisadores que estudaram a obra referiram acesso a eles, o que sugere que recorreram à edição fac-similar de 1998.

¹⁹ J. U. Campos (1902-1972) foi importante colaborador de Monteiro Lobato, atuando também na Revista *A Cigarra* e nos jornais *OESP* e *New York Times* (SERRA, 2013, p. 39).

A capa de *OSPRI* desta última edição não é ilustrada, mas mantém a cor vermelha das edições anteriores e elementos verbais. A introdução, da página 14 à 18, leva o preciso título de “Um símbolo de resistência”. Com seis parágrafos de extensão, comenta a origem do inquérito e seu objetivo de revitalização da cultura popular, aponta o resumo dos principais traços do Saci estabelecidos pelos depoimentos, citando breves trechos do livro, para em seguida revelar a história da primeira edição, destacando os anúncios nele contidos e pontuando seu significado ao transcrever a justificativa que o próprio Lobato indicou no epílogo: além de símbolo de resistência, a fixação das características do ser mitológico contribui para a compreensão de nossa cultura.

Três imagens delimitam cada bloco de dois parágrafos dessa introdução. Logo após o título há uma representação iconográfica do Saci, trabalho feito a nanquim pelo próprio promotor do inquérito. Esse desenho, no entanto, não frequentou as edições anteriores. A imagem seguinte é a reprodução de uma fotografia de Lobato na redação da *RB*, de 1918, bastante difundida pelos trabalhos a respeito do autor. Por último estampa-se uma das imagens que compunham o próprio livro. Trata-se do quarto dos sete anúncios da primeira edição, desenhado por Voltolino, a propaganda da Casa Stolze, uma loja de artigos fotográficos.

Antes ainda de se iniciar o texto de *OSPRI*, há a reprodução da capa da primeira edição, em tons de cinza, com a indicação da data e da autoria de Wasth Rodrigues. Sendo assim, a edição mais atual perde, além da cor vibrante da capa, as imagens dos outros seis anúncios veiculados pela edição original, sendo compreensível a eliminação das propagandas, visto que as circunstâncias hoje são evidentemente diversas daquelas de 1918 e o “patrocínio” não mais se justifica.

Fechando o longo parêntese, mas breve apresentação da edição de 2008, gostaríamos de argumentar que, tendo em vista a centralidade do nosso trabalho na investigação das alterações impostas pela passagem do inquérito do jornal para o livro, optamos por tomar como elemento de comparação a edição resultante das comemorações do cinquentenário da morte do autor por ser aquela que, teoricamente, mais se aproximaria temporalmente da publicação em jornal, levando-se em consideração a raridade de exemplares da primeira ou da segunda edição.

As primeiras “adições” de elementos na composição do livro saltam aos olhos já na apresentação do volume, pela capa ousada para os padrões da época, de um vermelho intenso em contraste com a figura do negrinho, sinalizando a consciência do editor em

relação à materialidade do produto. Assim que se abre o livro, mais imagens saltam aos olhos e desta vez são os anúncios desenhados por Voltolino.

Marisa Lajolo (2002, p. 171-180), ao comentar a capa de *OSPRI*, destaca o aspecto do “*primitivismo* que, mais tarde, gera tanto o *Macunaíma* de Mário de Andrade quanto, no além - mar europeu, as máscaras africanas de Picasso”. Apontando traços de modernidade no livro de estreia do autor, a pesquisadora, ao analisar os anúncios do livro, destaca o aspecto contraditório que eles imprimem à obra. A consciência que Lobato tem da dimensão econômica dos livros configura outro eixo argumentativo de Lajolo:

Nos anúncios, no interior do mesmo livro que representa penhor de resistência cultural, o Saci de Lobato contracena com a mais gritante modernidade, que é tão estrangeira quanto os anõezinhos com os quais Lobato embirra. O que faz o livro *O Sacy Pererê* protagonizar uma contradição de envergadura muito maior. A figura do saci, em tantos depoimentos estigmatizada pelo provincianismo que a marca, mas ainda assim proposta como alternativa brasileira à mitologia europeia, quando vende a máquina de escrever e o material fotográfico, *vende* uma tecnologia que, além de emblema de modernidade, representa uma modernidade tão importada e tão estrangeira quanto os pobres anõezinhos de jardim que deram origem a toda a história, acusados de serem anõezinhos fora do lugar... (LAJOLO, 2002, p. 176, grifo da autora)

Evandro Camargo completa a análise das propagandas dos patrocinadores do Saci em sua dissertação intitulada “Um estudo comparativo entre *O Sacy-Pererê*: resultado de um inquérito (1918) e *O Saci* (1921), de Monteiro Lobato”, apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp em 2006, que também pode ser considerada referência obrigatória para os estudos de *OSPRI*. O segundo capítulo do trabalho é integralmente dedicado a uma cuidadosa análise da edição fac-similar. Começa por analisar a capa do livro, pontuando que,

Acerca do saci de Rodrigues, observamos apenas que o artista retratou o mito com algumas características que não são tão mencionadas ao longo dos relatos. Ou seja, o artista privilegiou alguns aspectos do saci que não são recorrentes nos depoimentos, tais como o par de chifres com que Rodrigues orna o duende. Só há uma referência no *Inquérito* ao saci ter chifres, ainda assim, são chifres compridos, e não encurvados. O porrete que o saci traz na mão também não é ponto pacífico entre os depoentes, sendo mencionado poucas vezes. O saci trazendo um cachimbo aceso na mão esquerda é mencionado apenas uma vez no *Inquérito*, se bem que o hábito de fumar mantido pelo duende seja mencionado com frequência. Assim, a influência e/ou interferência da iniciativa de Lobato sobre a concepção que, a partir do *Inquérito*, se teria sobre o mito do saci, começa pela capa, que retrata um saci um tanto diverso daquele que os depoimentos contidos na obra revelariam. (CAMARGO, 2006, p. 108)

Em seguida o pesquisador apresenta a imagem de cada um dos anúncios inseridos nas primeiras e últimas páginas da obra, além de uma análise por meio da qual faz uma sondagem dos sentidos que se podem atribuir à presença do Saci em cada uma delas.

Se na capa o moleque é representado por traços que não frequentam o depoimento com assiduidade, o mesmo não ocorre em relação aos anúncios, considerados por Camargo como representações coerentes com o teor do inquérito. A despeito de sua extensão, optamos por transcrever sua análise, por considerá-la precisa. Diz ele:

Outro aspecto a ser observado com relação às propagandas é o caráter zombeteiro e até agressivo que o saci preserva em alguns dos anúncios, que, considerados em conjunto, formam um grupo heterogêneo com relação à representação do saci.

No primeiro anúncio, temos o saci com um porrete enorme ameaçando destruir outras três máquinas de escrever que tiveram a ousadia de não ser da marca Remington. No segundo, o saci abandona seus traços incivilizados e recita, como aponta Blonski, “uma quadra com versos heptassílabos e rima perfeita alternada, no esquema abab”, agradando à mulata branca de Voltolino. Em seguida, o diabinho volta à carga, puxando violentamente os cabelos de um fumante, com o intuito de arrebatá-lo o cigarro. Na seqüência, o saci aparece em meio a um redemoinho de artigos fotográficos, o que causa certa tensão, já que tais objetos são, em geral, frágeis, e correm o risco de se desarranjarem com as estripulias do duende. Encerrando a obra, após os relatos e as considerações finais de Lobato, existem, como vimos, mais três anúncios. No primeiro deles, o saci aparece em meio a objetos de louça amontoados em certa desordem. Apesar de estarem todos intactos, a cena desperta certa apreensão, já que o saci pode, a qualquer momento, transformar tudo em cacos. Em seguida vem o comercial dos chocolates Falchi, em que o saci retoma seu aspecto agressivo e ameaçador, assustando crianças para tomar-lhes o gostoso doce. O último anúncio traz o saci com um ar maroto, falando ao ouvido de uma dama elegante sobre a drogaria e perfumaria Bráulio. (CAMARGO, 2006, p. 120)

Continuando operação matemática, é necessário observar que o editor somou 14 ilustrações ao livro, à primeira vista como itens promocionais ou elementos de destaque para sua divulgação, como vimos anteriormente, ao analisar a “campanha publicitária” orquestrada pelo editor. Intercaladas aos depoimentos vieram as reproduções das imagens de algumas telas e estatuetas inscritas no Concurso de Pintura e Escultura promovido meses depois do inquérito. Reproduzimos a seguir as legendas:

1. *Sacy assustando preto*, aquarela de Norfini;
2. *Sacy e as pretas*, aquarela de Richter;
3. *Sacy na cavalhada*, aquarela de Norfini;

4. [Escultura, sem legenda, sem indicação de materiais ou autoria];
5. *Sacy no rodamoinho*, aquarela de H. della Latta;
6. *Sacy destelhando casa*, aquarela de Norfini;
7. *Sacy no rodamoinho*, aquarela de Norfini;
8. *Sacy na Cavahada*, óleo de R. Cipicchia (premiado em concurso);
9. *Sacy Pererê*, estatueta em gesso, de João Frick;
10. *Sacy satisfeito* [sem autor];
11. *O sacy e o caipira*, aquarela de Richter;
12. *Sacy laçador*, estatueta de M. Vellez;
13. Medalhão em gesso, por R. Cipicchia (premiado em concurso);
14. *Sacy na estrada*, por Fantomas.

A presença destas ilustrações, entretanto, cumpre uma função mais ampla do que a de promoção da obra, de chamariz para os leitores. Pelos comentários algo otimistas presentes nas chamadas para o concurso, a expectativa de Lobato era grande. Ao anunciar o encerramento das inscrições, depois de elencar algumas obras e artistas participantes, indica que há outras e deixa transparecer seu entusiasmo:

E muitos outros trabalhos de menos vulto, embora de não menor valor artístico, têm surgido, provando que desta feita o Sacy-Pêrê não escapa de introduzir-se definitivamente e com brilhantismo no mundo das artes plásticas. (*ESTADÃO*, 03 abr. 1917, p 07)

Chiarelli (1995, p. 185) também nota essa expectativa, ao afirmar que “a partir daquela exposição Lobato esperava que os artistas brasileiros percebessem a fonte que a mitologia local poderia vir a ser para que suas produções ganhassem um caráter nacional”. Ao que parece essa esperança teria sido frustrada, como se pode depreender do teor do artigo no qual Lobato faz o inventário da exposição, publicado na *RB* (ano II, vol. VI, p. 403-413). Nos primeiros parágrafos há uma crítica contundente aos artistas brasileiros, que segundo o articulista não teriam talento suficiente para *algo nuevo*. Esse ressentimento é exatamente o mesmo que vemos ampliado à máxima potência no Epílogo de *OSPRI*, como veremos mais adiante, na última etapa do nosso trabalho (item 3.4). Talvez também tenha sido um dos fatores que contribuíram para que se pensasse que

[...] 1918 de fato representou o ocaso da crítica nacionalista de Lobato em termos de produção. Lobato, após sua experiência com a Exposição do Sacy e com a Exposição de Pintura Moderna, nunca mais deu continuidade à sua crítica militante. (CHIARELLI, 1995, p. 216)

Sendo assim, o significado dessas imagens, para além da mera presença de ilustrações interessantes ou pitorescas, reside no fato de que elas ajudam a compor uma obra que veicula a proposição de uma estética definida durante os anos anteriores, através de sua atuação como crítico de arte. O conjunto das ações relativas ao inquérito parece realizar-se como exercício do projeto nacionalista defendido por Lobato, exercício que se executa em três frentes de atuação: a promoção da consulta, a organização do Concurso de Pintura e Escultura e a edição do livro, cumprindo este último o papel de registrar para a posteridade um trabalho inovador em muitos sentidos. Para argumentar a favor da importância da iniciativa do livro, é possível também imaginar quantas outras exposições de arte foram esquecidas, sem terem sido perpetuadas em impressos como catálogos ou livros.

Continuando a operação de adição, devemos apontar três outros acréscimos efetuados pelo editor do livro. O “Interregno”, o depoimento de “Brasilófilo” e a elaboração de variados paratextos editoriais. Estes últimos se apresentam com tal significação, que merecem ser analisados com apuro e por isso constituirão o assunto do próximo capítulo. Ainda neste tópico apontaremos os casos do depoimento de “Um Brasilófilo” e do “Interregno”, este a marcar o ponto médio do inquérito e, aquele, o término das diligências, indicando que a iniciativa rendeu mais material do que aquele que foi aproveitado para o livro.

O depoimento do misterioso “Brasilófilo” (LOBATO, 2008, p. 354), pela posição que ocupa, a de último depoimento do livro, parece ter sido acrescentado ao final do trabalho de edição, suposição reforçada se considerarmos que não foi publicado no jornal. Talvez tenha sido um texto que ficou esquecido ou perdido em meio a tantos que chegaram à redação do periódico, ou quem sabe alguém pediu a Lobato que o inserisse posteriormente... Impossível precisar. De qualquer modo parece ser merecida a inclusão, pois narra um divertido “causo” de Saci, não dissonante em relação à caracterização geral do diabrete.

O “Interregno”, já o dissemos no tópico 2.3., apresenta-se como um balanço geral das características do moleque perneta. No entanto a sua significação se amplia quando sofre pequenas mas significativas alterações, tanto de acréscimo quanto de supressão, nas versões posteriores à publicação em jornal.

No livro, depois de dezesseis “capítulos” e mesmo número de depoimentos, o editor intercala a transcrição do artigo “O Sacy”, que apesar de ter o mesmo título do artigo reproduzido no capítulo de apresentação, veicula teor completamente distinto.

Este texto foi publicado pela primeira vez na edição diurna, portanto no *Estadão*, em 05 de fevereiro de 1917, página 3, colunas 5 e 6. Depois disso é publicado novamente no livro sobre o inquerito, em 1918, e posteriormente no livro *Ideias de Géca Tatú*, de 1919, sendo mantido nas edições seguintes com pequenas alterações apresentadas no quadro (destaques nossos):

<i>Estadão</i> , 05fev.1917, p. 3, col.5	<i>OSPRI</i> – 1918	<i>Ideias de Jeca Tatu</i> - 1919
Referem-se a elle como a um conhecido velho que a vida, a idade, o discernimento, os faz perder de vista, mas não esquecer. Este inquerito pela massa preciosa de informações colhidas fornecerá elemento para um livro curiosissimo onde o Sacy seja estudado rigorosamente á luz da sciencia demonologica. Livro para o psychologo e para o povo, duplamente interessante, pois. Este encontrará nelle um reflexo da sua mentalidade, e divertir-se-á com os inumeros casos narrados; aquelle terá ali material para preciosas deducções. <i>O inquerito continúa aberto e breve será feito um concurso entre desenhistas e esculptores, com premios ás melhores representações do moleque demoniaco. Entrará ele, assim, definitivamente, para o seio da arte.</i> M. L.	Referem-se a elle como a um conhecido velho que a vida, a idade, o discernimento, os faz perder de vista, mas não esquecer. <i>Este inquerito pela massa preciosa de informações colhidas fornecerá elemento para um livro curiosissimo onde o Sacy seja estudado rigorosamente á luz da sciencia demonologica. Livro para o psychologo e para o povo, duplamente interessante, pois. Este encontrará nelle um reflexo da sua mentalidade, e divertirse-á com os inumeros casos narrados; aquelle terá ali material para preciosas deducções.</i>	Referem-se a elle como a um conhecido velho que a vida, a idade, o discernimento, os faz perder de vista, mas não esquecer... <i>E - dubitativos uns, scepticos outros, afirmativos muitos, - a conclusão do inquerito é esta: O Sacy existe!... Como o Putois de Anatole France? Que importa? Existe. Deus e o Diabo ensinaram-no esta maneira subjectiva de existir...</i>

Tabela 12- Quadro comparativo das alterações textuais de "O Sacy"

A primeira observação a ser feita diz respeito à assinatura de Lobato. No jornal ele assume a autoria do texto, que termina com as iniciais M. L., como era de costume nos textos dos colaboradores. Quando o texto ganha sua versão definitiva e ocupa o capítulo final de *Ideias de Jeca Tatu*, esta questão já nem existe mais.

Em *OSPRI* porém, a opção de não assinar a obra, atribuindo a autoria a um “Demonólogo amador”, instaura a possibilidade da mobilização de um artifício interessante, a duplicação do autor, por meio da ficcionalização da figura do articulista. Trocando em miúdos, o Monteiro Lobato editor de *OSPRI* assume o papel de narrador da história do inquerito e transforma o Monteiro Lobato autor dos artigos em personagem. Este recurso da duplicação se estende a outras instâncias, e se configura

como um dos elementos enriquecedores do trabalho do editor/autor de tal forma que o assunto merece ser tratado com maior atenção num capítulo específico, o último deste trabalho.

Os destaques em itálico chamam a atenção para as interferências do editor, uma vez que o parágrafo final do texto publicado pelo jornal anunciava não somente a ideia de transformar o inquérito em um livro, mas também a outra parte do projeto, o Concurso de Pintura e Escultura. Ao transpor o texto para o livro *Ideias de Jeca Tatu* e estabelecer sua versão final, Lobato retira os trechos relativos a *OSPRI* e ao concurso, acrescentando a derradeira e inevitavelmente irônica conclusão: “O Saci existe!”.

Do jornal para o livro, o editor suprimiu apenas o fragmento referente ao concurso, gerando uma incoerência. Qual a razão de se manter o texto que faz menção ao livro? Afinal parece pouco razoável que um texto faça a divulgação dele próprio. De qualquer modo, é uma alteração que revela, já nesta primeira iniciativa editorial de Lobato, por vezes considerada aventureira, o processo de constante e cuidadosa reescrita que vai caracterizar sua atuação como escritor. Tal característica tem se tornado alvo de interesse dos pesquisadores que hoje se dedicam aos estudos lobatianos, como é o caso de Milena Martins (1998 e 2003), Evandro Camargo (2006), Cilza Bignotto (2007), para citar apenas alguns.

Há ainda outros sete depoimentos do jornal que devem ser destacados, cujos acréscimos são de ordem diversa, pois ganharam uma pitada a mais de ironia, ao serem transpostos para o livro. A título de exemplo, apresentamos dois deles, dos quais destacamos algumas expressões:

<i>Estadinho</i> , 599, 01 fev., 4:2	LOBATO, 2008, p. 61
O sr. N. Carneiro já viu o Sacy por varias vezes, não só em criança, como já adulto.	Este senhor viu o Saci <i>com os olhos que a terra há de comer</i> . Viu-o em criança e viu-o em adulto.
Em Agosto do anno passado, viajando pelo rio Ribeira, na lancha “Prainha”, como esta abicasse para pernoitar, o sr. Carneiro desembarcou e foi procurar abrigo numa palhoça proxima.	<i>E o senhor Conselheiro Acácio tem o topete de acoimar o Saci de "superstição grosseira"! Uma criatura que o senhor Carneiro viu!</i> Em agosto do ano transato, viajando pela Ribeira, na lancha Prainha [...]

Tabela 13 - Depoimento de N. Carneiro – introdução

<i>Estadinho</i> , 605, 08 fev., 4:2	LOBATO, 2008, p. 131
<p>De casa Branca o sr. José Vieira conta de como as crianças de lá, por muito sabidas, descrêm de sacys. São crianças aperfeiçoadas, que consertam relógio no escuro e não têm medo a cucas. Entretanto, se veem um soldado, tremem.</p> <p>Vejam só! Diz Vieira:</p>	<p>É de Casa Branca o senhor Vieira. Conta de como as crianças de lá, por muito sabidas, descrêm do Saci. São crianças <i>dernier cri</i>, aperfeiçoadíssimas, que consertam relógios no escuro e <i>riem-se</i> de cucas. Entretanto, se enxergam soldado, tremem.</p> <p><i>Vejam só até onde chega a nossa militarofobia! Que trabalhão vai ter tu, Bilac, se pelo país inteiro os fedelhos orçam pelos de Casa Branca!</i></p>

Tabela 14 - Depoimento de José Vieira - introdução

Os comentários acrescentados para a publicação em livro sinalizam a intensificação da acidez em relação às discussões frequentes no inquério, sobre a validade de se estudar as manifestações culturais populares. O editor não perde a oportunidade de alfinetar aqueles que provavelmente eram os críticos de sua proposta de investigação das raízes do povo brasileiro, lançando mão do argumento de que o folclore não passava de “superstição grosseira”.

Até o momento, indicamos os acréscimos articuladores de uma das estratégias utilizadas para a edição da obra de estreia de Lobato e reveladores da extensão das interferências de seu editor. Mas estamos já saindo do domínio da soma em direção às análises das operações de subtração, que também se revelam significativas e por isso serão assunto da próxima etapa deste trabalho.

3.3. AINDA A MATEMÁTICA: SUBTRAÇÕES

O cotejo entre o inquérito do jornal e o do livro revela que Lobato, além dos acréscimos fez também alguns cortes, de modo que os 83 depoimentos do jornal foram reduzidos a 73 ao se alterar o suporte. Considerando o acréscimo da participação de “Brasilófilo”, que se registra somente no livro, teremos onze contribuições cortadas. Uma observação mais detida evidencia que, além disso, foram eliminados ou resumidos parágrafos de introdução, assim como alguns dos parágrafos de encerramento das contribuições que foram mantidas.

Estas supressões representam uma interferência significativa do editor e provocam inevitáveis questionamentos: Quais foram os depoimentos cortados? Quais teriam sido os motivos? A resposta talvez esteja nas entrelinhas dos próprios textos excluídos e por isso nos ocuparemos deles, não sem antes observar algumas interferências de menor extensão.

As paráfrases indicadas no final do capítulo anterior já sinalizavam para a ocorrência de cortes ou abreviações, permitindo-nos considerá-las como vestígios do que nomeamos primeiro trabalho de edição de Lobato. É o caso dos textos de “uma constante leitora” (dep. 03, *ESTADINHO*, 598, 31 jan., 3:4), que sugere paráfrase de todo o depoimento e daquelas estratégias que chamamos paráfrases parciais, as interferências nos parágrafos do início dos textos enviados pelos leitores.

Outro indício do uso dessa estratégia seriam algumas expressões empregadas em parágrafos de apresentação, dos quais selecionamos algumas frases. No depoimento de nº 10 o editor informa: “V. P. C. envia cinco tiras. Affirma não haver criança que não tenha ouvido falar do Sacy.”. Em seguida o redator do periódico parafraseia o que parece ter sido assunto de boa parte dessas “tiras” e só então cede espaço para texto do colaborador: “Sobre o Sacy depõe:” (LOBATO, 2008, p. 71). Este depoimento não ocupa mais do que uma coluna do jornal e é até curto em relação a outros, o que nos permite levantar a hipótese de que houve uma seleção, uma interferência do editor, no sentido de resumir algumas prováveis digressões para em seguida transcrever apenas aquilo que realmente interessa, o “causo” contado. Tal recurso parece ser mobilizado também no depoimento de nº 17: “Em seguida a estas generalidades aborda o tema proposto. Diz: [...]” (*ESTADINHO*, 602, 05 fev., 5:1). Nestas passagens se confirma a impressão de que o editor evita estender-se com divagações, privilegiando as histórias narradas.

Sem embargo, é o próprio editor quem nos dá a prova cabal de que esta atitude é proposital. Logo no começo do inquérito, ao final do depoimento nº 5, publicado na edição 598 do *Estadinho*, dia 31 de janeiro, o promotor acrescenta o seguinte pedido:

O inquerito continúa aberto. Só pedimos ás “testemunhas” que não façam literatura, nem divagações, nem psychologia.

Agarrem logo no moleque, digam sob que forma o concebem e contem singelamente, sem preocupação de estylo, os casos typicos sabidos a respeito. (*ESTADINHO*, 598, jan. 31, 3:5)

Neste momento entra em ação o “olho exclusivamente utilitário” de Lobato, pois a proposta é recolher o maior número de informações objetivas sobre o tema da enquete, não havendo espaço para delongas. Além disso, deve-se levar em conta uma questão ligada à materialidade do suporte, que é a limitação espacial. Em geral os articulistas contam com um número pré-definido e geralmente limitado de palavras para publicar seus textos, o que os obriga a operar cortes.

Por outro lado, esta ocorrência nos faz pensar em outra característica do autor, a preocupação com a adequação do texto, mais especificamente com a receptividade do leitor. O fato de pedir que os colaboradores “não façam literatura” e nem se preocupem com o estilo, coaduna com uma postura frequente em suas obras, sobretudo nas de literatura infantil, aquilo que chamou de “escrever em língua desliteraturalizada” (LOBATO, 1944, p.419), principalmente quando procura “abrasileirar a linguagem”, ou ainda escrever com “estilo água do pote” (p. 453).

Na passagem para o livro, o recado que acabamos de comentar foi excluído, porque obviamente não faria sentido mantê-lo, uma vez que foi produzido em um contexto muito específico, definidor de textos, leitores e situações de leitura particulares. Alterado esse contexto, alteram-se os outros elementos e a supressão se torna obrigatória. O mesmo ocorre em mais dois depoimentos: no nº 2, cujo parágrafo final lista o nome de seis depoentes que enviaram suas colaborações, as quais o editor promete (mas cumpre apenas parcialmente) publicar nas próximas edições do jornal; e no nº 81, do dia 06 de março, que traz o anúncio do encerramento do inquérito.

Exemplo claro de que o redator do inquérito, como os depoentes o chamavam, privilegiava os “causos” narrados e dava especial atenção para a linguagem, é a supressão de parágrafos em que os depoentes se alongavam em considerações elogiosas ou se esmeravam no estilo empolado, como no caso do final do longo depoimento de um intelectual de destaque, o sr. Luiz Fleury:

Ha que de annos não ouvia falar no Sacy!
Agora “O Estado” a lembrarm’o!

Não fôsse expresso e o intuito do “Estado” seria transparente: prestigiar as coisas nacionaes que o amor pedantesco exclusivo das forasteiras ia empurrando para o monturo dos archaismos imprestaveis e ridiculos, e abrir, para as agasalhar, um seio quente de interesse na alma da arte brasileira.

Quiz tambem concorrer para essa obra patriotica, não fosse a consciencia accusar-me depois, se me deixasse levar pelas reflexões de commodismo.

Lá segue o meu esforço, não sem a companhia de meus votos por que o Sacy, o alegre e bregeiro mytho de nosso povo passe, emfim, a figurar nas criações dos nossos artistas...” (dep. 58, *ESTADINHO*, 616, 22 fev. 3: 1)

As outras supressões são, em geral, de parágrafos de apresentação e encerramento (estes em menor número) dos depoimentos, contendo expressões de cortesia, algumas das quais listaremos a seguir, a título de exemplo:

Início do texto:

Correspondendo ao vosso appelo para o renascimento, na mythologia nacional, do Sacy, acudo ao vosso risonho desejo com estas linhas, apagadas, de collaboração. (dep. 22, *ESTADINHO*, 604, 07 fev. 3: 1)

Mui curiosa e feliz é a idea de um inquerito sobre o nosso Sacy-pêrêrê. Meus sinceros parabéns... (dep. 24, *ESTADINHO*, 605, 07 fev. 4: 2)

Tenho acompanhado com interesse o inquérito em boa hora aberto no apreciado Estadinho... (dep. 43, *ESTADINHO*, 611, 15 fev. 3: 1)

Final do texto:

Se esta communicação psycho-mythologica não lhe servir de nada, mande-a, por caridade, para qualquer instituto historico ou repartição publica da nação, que ha sempre ahi um logar confortável par as coisas imprestaveis. (dep. 19, *ESTADINHO*, 603, 06 fev. 3: 4)

Para terminar, sr. redactor, direi que o Sacy é uma criação mythica genuinamente nacional e que vive nos campos, nos sertões e até nos povoados em perfeita camaradagem com os nossos caboclos, negros, filhos destes com aqueles e daqueles com bugre. (dep. 46, *ESTADINHO*, 612, 16 fev. 3: 1)

Muito representativo das consequências das supressões na passagem de um suporte a outro é o depoimento de Luigi Cappalunga (LOBATO, 2008, p. 341), pois quando comparadas as duas versões, percebe-se que ocorre o mesmo efeito apontado acima, em relação à supressão de comentários específicos do contexto do jornal. Modificado o suporte e suprimido o parágrafo inicial, o público leitor perde algumas informações que o ajudariam a identificar o depoente e levantar hipóteses sobre a autoria do texto. Para melhor ilustrar estas operações, elaboramos o seguinte quadro comparativo:

ESTADINHO		LIVRO	
Nº 625, Seg., 05mar., 4: 2e3	<p>Do velho e conceituado jornalista aposentado - “Luigi Cappalunga”, muito conhecido pelas suas celebres “Cartas do u’ Buô Ritiro”, - recebemos a seguinte contribuição ao nosso inquerito sobre o Sacy:</p> <p>“Il Zazi Zapêrê...” - Zignore redattore do u’ “Statinho di Zampaolo”.</p> <p>“Anch’io, vecchio bitando di questo benedetto paese dove i miel figlii si dexáronno pigá la luce [...]</p> <p>[...] ello si, che sá scrive como um disgraziato, meglio ancora di mê...”</p>	<p>“Anch’io, vecchio bitando di questo benedetto paese dove i miel figlii si dexáronno pigá la luce [...]</p> <p>[...] ello si, che sá scrive como um disgraziato, meglio ancora di mê...”</p>	(LOBATO, 2008, p. 341)

Tabela 15 - O depoimento de Luigi Cappalunga, no jornal e no livro

Para os leitores paulistas contemporâneos das primeiras edições do *Inquerito*, a supressão das informações de que o depoente é jornalista, aposentado, bem conceituado e muito conhecido em São Paulo, talvez não representasse perda significativa de dados. Entretanto, são poucos os leitores deste nosso século XXI que conseguem recuperar as informações sobre este depoente, considerado insondável e misterioso (JANOVITCH, 2006, p.14). Tal dificuldade reside no fato de que Luigi Cappalunga não teve fama prolongada como seu colega Juó Banarère, perdendo-se sua identidade, assim como seus textos, nas edições esquecidas das revistas literárias que marcaram a *belle époque* brasileira.

Em outros parágrafos excluídos, os colaboradores se despedem ou felicitam o promotor pela iniciativa da enquete, divagam sobre como conheceram as histórias de sacis, ou emitem opinião sobre a veracidade do mito. Dois deles, demonstrando empolgação pelo projeto, chegam a sugerir sua continuidade:

Sr. redactor, é preciso agora que seja aberto um inquerito sobre a existencia do Lobishomem, de quem lhe contarei uma historia que se passou com minha propria familia, em Tatuhy.” (dep. 74, *ESTADINHO*, 623, 3:1)

Eis sr. redactor, como sem psychologia, sem literatura e sem pretensões, junto á collecção de narrativas sobre o inquerito do Sacy-pêrêrê, estas que são naturaes.

Permitta que lhe lembre abrir um inquerito sobre o “lobis-homem”. (dep. 43, *ESTADINHO*, 611, 5:1)

Neste último fragmento, o colaborador, além de propor outra pesquisa, defende a sua participação utilizando como argumentação os próprios critérios estabelecidos pelo promotor: sem psicologia, sem literatura e sem pretensões.

Aparentemente o resultado alcançado por Lobato foi realmente um trabalho sem pretensões e sem profundas e eruditas interpretações. No entanto, uma leitura atenta permite afirmar o contrário e o próprio Lobato contradiz este seu primeiro

direcionamento quando no “Epílogo” faz duas afirmações, ambas indicando a possibilidade de interpretações mais abrangentes: “Este livro significa um pouco mais do que parece ao primeiro relanço” e “O estudo das credices populares revela o povo em sua íntima textura psíquica” (LOBATO, 2008, p. 368 e 369). A presença de narradores cultos que empregam a norma culta da língua em seus depoimentos também demonstra que as aparências enganam, pois os sentidos do inquérito oscilam entre o sério e o cômico, o culto e o inculto, polaridades constitutivas de *OSPRI*.

Tampouco a literatura poderia ficar de fora e prova disto é que todos os depoimentos se constroem a partir de narrativas em que os depoentes contam os casos ouvidos sobretudo na infância. Ainda que sejam consideradas produções carentes de elaboração estética, as colaborações dos leitores do *Estadinho* podem ser entendidas como literatura tal como a concebe Antonio Candido em “O direito à literatura”:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 174)

Para a defesa do caráter literário do inquérito contribuem ainda as composições poéticas, metade delas transpostas para o livro, assim como a própria estrutura da obra construída também como uma narrativa (veremos no próximo capítulo), constituída por um conjunto polifônico de depoimentos, cuja unidade é garantida pelo tratamento ficcional dado à história do inquérito, desde sua motivação, até a publicação no *Estadinho*.

As poesias que foram mantidas para a versão em livro são quatro, sendo dois sonetos (um deles dedicado a Lobato), uma “batelada de versos” com vinte e cinco estrofes de quatro versos e outra composição de oito estrofes de seis versos. Distribuem-se simetricamente quanto ao aspecto formal: metade de cunho erudito, outra metade de inspiração popular, se considerarmos que quadras e sextilhas são estruturas frequentes nos cordéis e nas modinhas sertanejas, por exemplo.

Foram as contribuições do sr. Sinforoso Américo (LOBATO, 2008, p. 160), sr. Ulisses de Souza e Silva (p. 250), sr. Amadeu de Queiroz (p. 202) e Procópio Silvestre, (p. 316). Note-se que em todas elas a linguagem empregada não foge à norma culta, ainda que de registro informal, o que é perfeitamente compreensível, dado que foram

enviados por depoentes que se identificaram assinando seu nome e sobrenome, senhores que provavelmente não gostariam de ser considerados incultos.

Voltando à questão das supressões, observaremos agora os poemas que foram eliminados quando da alteração do suporte, o que nos encaminha novamente para o manejo de aspectos materiais, ao revelar lances das relações entre os profissionais das letras. São eles:

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 604 - qua, 07 fev. - 4:1	(dep. 23)
<p>E, para terminar, estes versos de F. Quirino dos Santos, remetidos pelo sr. Alberto Faria, que também promete trazer o seu depoimento pessoal.</p> <p style="text-align: center;">O SACY (Lenda)</p> <p>Que tens tu, ó Mariquinhas, Porque é essa pallidez? Tristeza, que nunca tinhas, Te inunda os olhos e a tez!</p> <p>Ao terreiro, á horta e á cercada Tu ias sempre a brincar E eu sempre a dizer: -- que eu perca A vida, se ella mudar!</p> <p>Como eu ficava contente Ao ver-te os modos gentis! E exclamava toda a gente - Como esta velha é feliz!</p> <p>Quando passavas na roça, Todos vinham ao redor: Dizia um, logo: - Que moça! Outra, em seguida: Que flôr!</p> <p>Se não era o mesmo encanto Ou coisa de tentação Tanta inveja a dar quebranto A' luz do meu coração!</p> <p>E eu tão crente na figa, Na tua figa de marfim... Olha-me cá, rapariga, Chega-te bem junto a mim!</p> <p>Mariquinhas, minha neta, A causa toda já sei. De andares tão inquieto Por certo que adivinhei.</p> <p>Ha no mato destas terras Um maldito Serêrê: Salta campos, valles, serras, E o bicho tem um só pé.</p> <p>Toda aquella densa moita Corre o medonho Sacy: Ninguem por ela se afoita: E' "assombrado" tudo alli!</p> <p>E aquelle que vem horrendo Espantar os animaes: A noite toda correndo, Ai! quanto sustos nos faz!</p>	<p>Oh! foi ella quem tu viste Que a tua face beijou... Depois disso é que assim triste A minha neta ficou!</p> <p>Mariquinhas, minha neta, Neta do meu coração, Não te quero ver inquieta Inquieta mais assim, não!</p> <p>Toma lá este rosário, Que um padre santo me deu: Não ha sorte, nem fadario Que resista ao que é do céu.</p> <p>Conserva-o sempre ao pescoço Com sincera devoção, Applicando um "Padre Nosso" Das almas pela intenção.</p> <p>E quando o redomoinho Levantar-se ao pé de tí, Atira-o nelle mansinho E prenderás o Sacy!</p> <p>E depois, ó Mariquinhas, Vae-se a tua pallidez: Tristeza, que nunca tinhas Há de acabar-se de vez.</p> <p>Assim falou a velhinha, Em seu sizudo falar: Aconselhou a netinha E logo pôz-se a rezar.</p> <p>Mariquinhas maguada Não responde á velha, não! Ai, pobre! de envergonhada Cravou os olhos no chão!</p> <p>Mas de noite a janellinha Do seu quarto se entreabriu! E ouve quem visse asinha Que um vulto a ella subiu...</p> <p>Como ella deixa a tal hora Um vulto junto de si! Vão dizer á velha, agora, Que não seria o Sacy!</p>

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 614 – seg., 19, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 53)
O professor A. J. Bonifacio Martins remette os seguintes versos de Mello Moraes Filho:	
O SACY	
<p>É caboclinho feio, alta noite na mata a assobiar; quando alguém o encontra nas estradas, saltando encruzilhadas, se põe a esconjurar!</p> <p>É alma de um Tapuyo fazendo diabruras no sertão ... Cavalgando o queixada mais bravo, transpõe valles e rio com um cachimbo na mão.</p> <p>Assombro das manadas, enreda a onça em moitas de cipó; de montanha em montanha vae pulando, vae quasi que voando, suspenso num pé só.</p>	<p>Ao pobre viandante assombra e ataca em meio do caminho; e pede fumo e fogo, e sem demora lhe mostra a caipora seu negro cachimbinho</p> <p>Servido no que pede, as contas justas safa-se a correr... do contrario ... se fica descontente, de cocegas á gente faz rir até morrer.</p> <p>É caboclinho feio, alta noite na mata a assobiar; no norte, diz o povo convencido: não indo prevenido não é bom viajar!</p>

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 618a – sab., 24, fev. – 4 : 1	(dep. 66)
José Eloy manda versos para serem cantados com musica:	
SACY-PERERE	
(Lenda sertaneja)	
Musica de Marcello Tupynambá – Letra de José Eloy	
<p style="text-align: center;">I</p> <p>Lá no alto do sertão, Quando ronca a trovoada Ninguem passa num vallão Que fica p'ra lá da estrada. Ninguem passa, não, proquê Lá é a tóca do malvado Sacy-pêrêrê, Que anda sempre assanhado, Fazendo pirraça, Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p>O Sacy, não é brincado, Na noite de cerração, Mette susto, mette medo, A quarqué um valentão. Sempre, sempre, ouvi dizê, (Por medroso não me tome) Sacy-pêrêrê, É pió que lobishome, Fazendo pirraça, Sustando quem passa E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).</p> <p style="text-align: center;">III</p> <p>Dizem todos que o Sacy É mais feio que o tinhoso, Corre mais do que o coaty É cáoio e defeituoso... Toda a gente, assim o crê E diz logo, esconjurando, Sacy-pêrêrê, É um'arma que tá penando Fazendo pirraça Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).</p>

Estas poesias foram citadas quando do estudo dos autores do inquérito, no tópico 2.2., a respeito dos quais levantamos duas hipóteses: a) de serem elas evidências de que se articulava, entre os intelectuais daquela época, um crescente interesse por observar questões autóctones e b) provavelmente foram excluídas por questões de direitos autorais.

Nos três casos temos que os depoentes enviaram versos de outros autores, ao contrário dos poemas mantidos, em que dois são de autoria do próprio depoente. Sendo assim, sua publicação em livro teria que ser consentida pelos autores e não pelos depoentes colaboradores do inquérito.

Esta hipótese se reforça ao observarmos os anúncios da venda da partitura e da letra do tanguinho de José Eloi e Marcelo Tupinambá em dois estabelecimentos comerciais diferentes, publicados nas colunas do *Estadão* nos dias 02, 03 e 18 de março de 1917, isto é, enquanto corria o inquérito (ver ilustração 4, p. 39). Considerando que esta música já circulava desde 1915 pelo menos, quando foi enviada a Monteiro Lobato por sua irmã Teca, como vimos anteriormente, somos levados a imaginar que este seja um exemplo concreto das relações entre os agentes da vida cultural na São Paulo da década de 1910. Uma vez que a partitura e a letra eram comercializadas, foram publicadas nas páginas do inquérito, mas não foram transpostas para outro suporte, ao contrário do que aconteceu com a partitura da música de Sebastião N. de Lima (LOBATO, 2008, p. 349), de modo que foram promovidas comercialmente no jornal, suporte efêmero, mas não no livro onde estariam mais acessíveis, talvez por questões de protocolos editoriais.

Quanto aos outros dois textos poéticos podemos observar que seus autores, tanto Francisco Quirino dos Santos, como Melo Moraes Filho, não se envolveram diretamente com a enquete do *Estadinho*, o que nos leva a supor que a supressão de suas poesias seja uma questão de respeito aos direitos autorais, assunto sobre o qual Lobato tinha um posicionamento claro, de valorização do trabalho do escritor, como atesta o episódio no qual o editor negocia com Lima Barreto a compra dos direitos sobre obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, conforme anuncia em carta ao amigo Godofredo Rangel em 24 de agosto de 1918 (LOBATO, 1944, p. 384; KOSHIYAMA, 2006, p.69).

Outra supressão que se apresenta significativa para a construção do caráter literário do inquérito é a do primeiro parágrafo do curioso e divertido depoimento de Cappalunga. As crônicas epistolares, mais difundidas pela obra de Juó Bananère, circulavam nos semanários da imprensa irreverente empregando uma linguagem híbrida não apenas dos imigrantes italianos como também dos alemães e portugueses, definida como macarronismo literário, utilizado para abordar de forma caricata os fatos do cotidiano, principalmente os de caráter político, numa “atitude anárquica de aproximação crítica e irreverente da realidade por meio da literatura” (JANOVITCH, 2006, p. 170).

Para finalizar as operações matemáticas, será necessário ainda sondar os motivos da exclusão de oito depoimentos cujos autores são:

1. Uma constante leitora (*Estadinho* -598 – qua., 31,Jan., - 3: 1 a 5),
2. J.B.F. (*Estadinho* - 606 – sex, 09, fev. – 4: 1 a 4),
3. Sr. Jayme de Oliveira (*Estadinho* - 609a – ter., 13, fev. – 3: 1 a 5),
4. Sr. Dolor de Brito Franco (*Estadinho*- 610- qua.,14, fev.- 4: 1 a 4),
5. Sr. Ruben Leal (*Estadinho* - 610 – qua., 14, fev. – 4: 1 a 4),
6. Sr. Joab S. e Castro (*Estadinho* - 610 – qua., 14, fev. – 4: 1 a 4),
7. Sr. R. Ceylão (*Estadinho* - 618a – sab., 24, fev. – 3: 4 e 5) e
8. Trindade e Mello (*Estadinho* - 618a – sab., 24, fev. – 3: 4 e 5).

As eliminações que mais se destacam do conjunto são as de número 4, 5 e 6, compondo a totalidade dos depoimentos da edição 610 do *Estadinho*, do dia 14 de fevereiro de 1917 e a hipótese que se pode levantar é a de que este exemplar simplesmente foi esquecido ou perdido durante a edição do livro. Contudo, tomados em conjunto com os depoimentos 3, 7 e 8, é possível verificar que todos foram assinados, fato que talvez gerasse algum receio em relação à exposição pública, porém não seria razoável sustentar com segurança tal interpretação, de modo que as razões da supressão destes textos permanecem incógnitas.

Em relação aos depoimentos de “uma constante leitora” e de J. B. F., ambos tecendo comentários sobre a iniciativa da enquete, a sondagem dos motivos da exclusão resulta um pouco mais fácil. O primeiro, filtrado pela perspectiva do editor que publica um texto proposto como uma paráfrase de uma suposta carta, traz rápidos comentários de cunho político e parece não acrescentar dados novos sobre o duende, como se nota pelos fragmentos: “pergunta se não seria o barrete phygio” símbolo da república, ou “Estamos habilitados a informal-a que não. O Sacy é profundamente monarchista[...]” e “reafirma o typo do negrinho travesso [...]”. Tal participação parece não acrescentar novos dados, o que talvez fosse motivo para sua supressão. O depoente J. B. F., por seu turno, destaca um aspecto que considera muito negativo na transmissão dessa lenda, o que não contradiz com o objetivo do inquérito, de promoção do dado folclórico:

Hoje, vejo com desprazer os males que as referidas historias me fizeram. Eram por exemplo, as noites mal dormidas, os sonhos terríveis. Este meio de tornar as crianças mais quietas, pode ser bom a quem o emprega, porém ruim, mas, pessimo mesmo ao pobre e pequeno paciente.

Prepara a criança ao nervosismo, á superstição, ao mêdo. Quantas molestias mais tarde poderão atacar uma pessoa devido a este mau costume de a terem assustado quando pequena.

Porém, não só o Sacy é o agente causador de todos estes males, como comparsa delle temos ainda o Lobis-homem, a Cuca, etc.
(*ESTADINHO* - 606 – sex, 09, fev. – 4: 1 a 4)

Não seria muito coerente publicar estas críticas em uma obra que pretende defender as pesquisas folclóricas como forma de conhecimento do homem brasileiro, como elemento de formação da identidade das crianças e, por consequência, do país. Terminado o estudo comparativo dos depoimentos nos dois suportes em que foram publicados, a tarefa de agora em diante será a análise do trabalho de edição do livro.

4. O INQUÉRITO NO LIVRO

É a minha musa, a Cólera!

Monteiro Lobato

4.1. A “MONTAGEM” DO LIVRO: DUPLA FACE

O aspecto da duplicidade, que contribui para o estabelecimento do caráter contraditório de Lobato, inscreve-se como um dos elementos constitutivos da obra aqui analisada, manifestando-se já na duplicação do suporte – jornal e livro – e atingindo níveis cada vez mais profundos por meio das variadas polarizações sugeridas. É possível identificar, em meio aos textos, oposições como escritor e editor, culto e popular, formal e coloquial, profissional e não profissional (das Letras), realidade e fantasia, urbano e rural, imitação e originalidade, estrangeiro e nacional, nacionalismo e francofilia. Tentaremos indicar, ao longo da análise dos paratextos, o caráter duplo, tanto de Lobato quanto de seus textos.

O livro *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito, não é simplesmente uma reunião de depoimentos. É um conjunto coeso, que apresenta uma pesquisa, desde sua motivação inicial, a justificativa do método escolhido, a história de sua execução e a reflexão sobre os resultados finais. Tais delimitações definem a estrutura de sua apresentação, que conta com elementos pré e pós textuais, para além dos depoimentos. O livro está dividido do seguinte modo:

- ❖ Dedicatória
- ❖ Prefácio
- ❖ Intróito
- ❖ Como surgiu o Saci em São Paulo?
 - Dias depois
 - Consequências
 - Novas consequências
 - O Inquérito
 - Depoimentos (1 ao 16)
- ❖ Interregno
 - Depoimentos (17 a 73)
- ❖ Conclusão
- ❖ Epílogo

Antes dos depoimentos temos: “Dedicatória”, “Prefácio”, “Intróito”, e uma apresentação, ao modo de “primeiro capítulo”, intitulada “Como surgiu o Saci em São

Paulo?». Este último texto é longo, subdividido em tópicos, com uma apresentação: ‘Dias depois’, ‘Consequências’, ‘Novas consequências’ e ‘ O inquerito’.

Em seguida há a transcrição dos setenta e três depoimentos, a grande maioria deles introduzida por um parágrafo de apresentação, de extensão variável. Após o décimo sexto, um texto intitulado “Interregno” quebra a sequência trazendo um apanhado das características do saci. Encerrando a obra surgem dois textos: a “Conclusão “ e o “Epílogo”.

Para melhor compreender a arquitetura da obra, sobretudo o que chamamos de uma espécie de "primeiro capítulo", recorreremos às reflexões de Gérard Genette, em *Paratextos Editoriais* (cuja primeira edição, com o título original de *Seuils*, data de 1987), na qual o teórico analisa inúmeras obras a partir das produções, verbais ou não, que circundam uma obra literária, de modo a inventariar os seus tipos, identificar suas características e sistematizar suas funções. Os paratextos editoriais são definidos pelo autor como

Certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua "recepção" e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.[...] (GENETTE, 2009, p. 09)

Aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. [...] constitui, entre o texto e o extratexto, uma zona não apenas de transição, mas também de transação: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e seus aliados. (GENETTE, 2009, p. 10)

A leitura dos paratextos de *OSPRI* pelo viés das reflexões de Genette permite agrupar todos os textos construídos ao redor dos depoimentos sob a rubrica de "Instância Prefacial", isto é, "um discurso produzido a propósito do texto que segue ou antecede" (GENETTE, 2009, p. 145).

Entretanto, cada um deles cumpre função específica. O texto denominado "Prefácio" é onde se justifica a opção pelo inquerito como método de pesquisa, o "Introito" situa o contexto histórico da enquete e o "primeiro capítulo", contendo a explicação de como surgiu a iniciativa, pode ser classificado como o prefácio propriamente dito que, pela definição de Genette, é o prefácio original ou "paratexto

retrospectivo", cuja função seria "informar o leitor sobre a origem da obra, sobre as circunstâncias de sua redação, sobre as etapas de sua gênese" (GENETTE, 2009, p. 187). É aí que o autor declara suas intenções e põe o leitor a par de todas as circunstâncias que motivaram a publicação da obra, ao mesmo tempo em que o seduz para a continuidade da leitura.

O "Epílogo" parece encaixar-se na categoria de posfácio, por sua posição ao final do livro, uma localização talvez mais discreta ou modesta, mas com um conteúdo demolidor, como veremos adiante, que se constrói não apenas por uma interpretação da obra, mas também como a verdadeira declaração das intenções de seu editor/autor, uma espécie de "manifesto" revelador do projeto estético de Lobato. Parece ser uma instância que ocorre com pouca frequência, uma raridade ao menos na perspectiva genettiana, na qual o leitor entra em contato com o comentário apenas depois de ter lido o texto propriamente dito, quando já sabe do que se trata e o escritor propõe um diálogo: "Agora os senhores sabem tanto quanto eu, vamos então conversar" (GENETTE, 2009, p. 211).

Resta observar a situação da "Conclusão", cujo autor é José Antonio Nogueira. Igualmente em posição de posfácio, igualmente pouco empregado, poderia ser chamado de prefácio alógrafo original, aquele que não foi escrito pelo autor do livro. Original porque Genette ainda propõe a distinção dos prefácios alógrafos entre: a) os originais, escritos para uma primeira edição; b) os posteriores, para reedição em vida do autor da obra ou para uma tradução; c) os tardios, geralmente póstumos (GENETTE, 2009, p. 232-233).

A leitura de *OSPRI* pela luz desta teoria dos paratextos editoriais poderia gerar um trabalho muito interessante, mas que neste momento significaria uma longa digressão e, portanto, se revela pouco recomendável. Recorremos aos conceitos genettianos principalmente com a intenção de compreender o significado do texto introdutório denominado "Como surgiu o Saci em São Paulo?". A fim de alcançar o objetivo a que nos propusemos, de análise do segundo trabalho de edição de Lobato, seguiremos com a observação do encaixe destas instâncias prefaciais.

4.2. ANTES DOS DEPOIMENTOS

Dedicatória: entre o culto e o popular

Ampliando a duplicidade dos suportes, a “Dedicatória”, com as primeiras palavras da obra, constitui-se de dois textos distintos. Na primeira edição eles foram impressos em duas páginas separadas, sequenciadas mas não numeradas, e na edição de 2008 numa mesma página (que sabemos ser a de número 26, ainda que não expressa) e em dois parágrafos. A dualidade gráfica, mais nítida na primeira edição, se estende ao sentido, visto que a dedicatória dirige-se ao “Trianon” e a uma “Tia Esméria”, destinatários em tudo opostos:

A ti, Trianon, bar “*dernier bateau*” onde, por canudinhos de palha ingerimos doses maciças de elegância; a ti, raspadeira que nos descasca a gafa da brasileirice, em torno de cujas meninas uma lépida Maria Antonieta nos ensina a chocar o ovo de uma coisa mais engraçada do que a civilização de hoje – que será a ciivilização d’amanhã; a ti, ó autoscopia, *nós*, teus detratores e teus fregueses humildemente te ofertamos este livro.

À memória da saudosa Tia Esméria, e de quanta preta velha nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens, tão mais interessantes que as larachas contadas hoje aos nossos pobres filhos por umas *lambisgóias de touca branca, n’uma algaravia teuto-italo-nipônica* que o diabo entenda. Vieram estas corujas civilizar-nos; mas que saudades da tia velha, quem, em vez de *civilização requentada* a 70 mil-réis por mês, afora bicos, nos apavorava de graça! (LOBATO, 2008, p.23, destaques nossos)

O Trianon, ou melhor, o Belvedere Trianon foi um requintado clube inaugurado em 1916 - portanto apenas um ano antes do inquérito - que imediatamente se tornou ponto de encontro da elite paulista. Funcionava num edifício imponente²⁰, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, de amplas janelas envidraçadas que propiciavam uma vista panorâmica de todo o Vale do Anhangabaú. Demolido em 1957, deu lugar ao Museu de Arte de São Paulo.

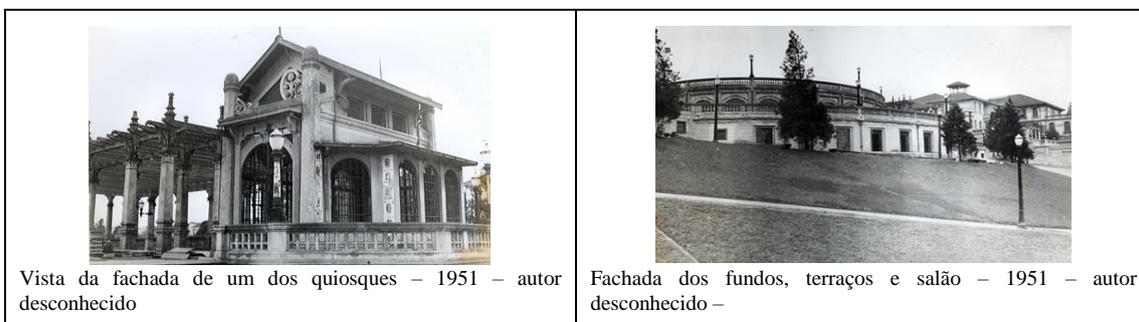


Ilustração 18 - Belvedere Trianon, Avenida Paulista

²⁰ As imagens são do acervo fotográfico do Arquivo Histórico de São Paulo. Disponíveis em: <http://www.arquiamigos.org.br/foto/index2.php> Acesso em: 03/04/2015, 13:34h

Este espaço simboliza aquilo que Lobato criticava abertamente e muitas vezes com virulência em seus textos, a grande influência da cultura europeia, sobretudo a francesa, em todos os âmbitos da vida brasileira. Destaca-se a elegância do ambiente condicionada, porém, ao escamoteamento da “brasilidade”, que deve ser eliminada como se fosse “casca”. Ao lado desta divertida metáfora, expressões como “por canudinhos de palha ingerimos doses maciças de elegância”, ou a sugestão de que a civilização futura se tornará mais “engraçada”, imprimem o tom sarcástico que desconstrói o símbolo. Uma segunda camada de duplicidade se mostra ao final do parágrafo, com a insinuação de que os frequentadores do Trianon - e Lobato se inclui entre eles ao empregar o pronome “nós” - são a um só tempo seus “detratores” e seus “fregueses”. Inscreve-se desde já a marca da contradição e também da desconstrução das próprias credenciais apontada por Lajolo (2002, p. 175-6; 2014, p. 32).

Dedicar o livro também à Tia Esméria, caracterizada como “preta velha” contadora de histórias muito mais interessantes que as “teuto-italo-nipônicas”, é reforçar a oposição entre o culto e o popular. Diz Lobato:

Se o Trianon, o “lado” culto, simboliza com sinal negativo a civilização, a Tia Esméria representa o primitivismo, o “lado” do povo, mas agora de modo positivo porque lembrada com carinho. Sua imagem está relacionada à saudade, ao ato de contar histórias interessantes e, “melhor de tudo”, diz o autor, gratuitas. Apenas um adjetivo está ligado a seu nome: saudosa. Em contrapartida, os vocábulos que caracterizam o “outro lado” são em maior número e depreciativos, tais como larachas, lambisgóias, corujas, requentada, referindo-se ao fato de que são elas as amas que criam as crianças da cidade. Sem dúvida estes epítetos contribuem para a construção do humor sarcástico com conseqüente rebaixamento do outro, recursos que enaltecem a figura da Tia Esméria.

Além disso, os aspectos negativos da dupla dedicatória da obra, somam-se harmoniosamente à negatividade atribuída ao Trianon, onde as mulheres, ao imitar as francesas, constroem “uma coisa mais engraçada do que a civilização de hoje”, ou seja, tornam-se ridículas, passíveis de riso. Estes comentários ácidos em relação às mulheres estrangeiras ganham ainda mais significação quando comparados com a introdução do texto do depoente V. P. C., onde se lê:

Afirma não haver crianças desconhecedoras do Saci, cuja tradição lhes é transmitida pelas amas e crioulinhos. Famílias há, entretanto, nas capitais, cujos filhos são desnacionalizados desde o berço pelas amas estrangeiras. Os pequenos chupam um *leite de galega* para

começar; *guia-lhes os primeiros passos uma italiana*; o desenvolvimento do espírito é norteado por *governantas inglesas e alemãs*, cujas histórias, se as contam, são coisas tendentes a despegá-los da terra. [...] (LOBATO, 2008, p. 71)

Não se pode estabelecer com segurança se estas foram palavras do depoente ou se foram escritas pelo editor, uma vez que tal texto se constrói como uma paráfrase, isto é, como um texto que passou previamente por um filtro. De qualquer modo, caso se aceite a possibilidade da existência das cartas dos leitores, esta semelhança se torna no mínimo curiosa, pois vemos Lobato tomando de empréstimo, sem cerimônia alguma e somando a eles uma dose extra de acidez, os argumentos de um leitor/colaborador, cujo ponto de vista reforça o clima de combate à invasão do elemento estrangeiro e de valorização do dado local.

Mais do que isso, esta manobra remete ao momento em que Lobato começa a despertar para a necessidade de criar uma literatura infantil brasileira: "Ora, um fabulário nosso com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos[...]" (LOBATO, 1944, p. 326). Os comentários do depoimento e da dedicatória de *OSPRI*, somados às reflexões sobre nosso fabulário, expressos na correspondência a Rangel meses antes, em 08 de setembro de 1916, poderiam ser considerados como blocos que vão se somando para reforçar o alicerce do projeto que daria grande fama ao escritor, sua obra para as crianças.

Mas quem seria a Tia Esméria? Lobato faz com que ela seja a representante de "quanta preta velha que nos pôs, em criança, de cabelos arrepiados com histórias de cucas, sacis e lobisomens" (LOBATO, 2008, p. 23) e, por extensão, representante da cultura popular, objeto de interesse não só do livro e de seu autor, mas de uma parcela da intelectualidade brasileira, ideologicamente comprometida com um projeto de construção da identidade da nação.

O mesmo apreço dirigido à Tia Esméria aparece nos depoimentos e será retomado para compor a Tia Nastácia, do Sítio do Picapau Amarelo, a Velha Totônia de José Lins do Rego (*Histórias da velha Totônia*, 1936), Vó Candinha, de Viriato Correa, descrita pela personagem central de *Cazuza* (1938)²¹. Talvez essa simpatia resida na própria vivência das pessoas da época, uma vez que era comum ver crianças cuidadas por criadas negras. Dentre elas, há uma que curiosamente se chamava Tia Anastácia,

²¹ Esta reflexão sugere mais um tema para pesquisa futura, sobre a atuação de afrodescendentes, sobretudo das mulheres, como contadoras de histórias na Literatura Brasileira, notadamente na Literatura Infante-juvenil.

apresentada em carta de 07/02/1912 como “a preta que eu trouxe de Areias [...] excelente preta” (LOBATO, 1944, p. 222).

Resta dizer que Lobato se mostra contraditoriamente participante de ambos os universos representados, quando utiliza a segunda pessoa do plural em ambas as dedicatórias: “quanta preta velha nos pôs”, “nós, teus detratores e teus fregueses” (LOBATO, 2008, p. 23).

Prefácio: verbete literário

O “Prefácio” se impõe como a defesa do método escolhido para a pesquisa. Ao mesmo tempo justificativa e definição do inquérito, o texto mantém o sentido irônico e insiste na polarização, principalmente entre “literatos” e não literatos, acusando aqueles de tender ao parnasianismo com seu estilo maçante, almejar apenas a glória e não o interesse científico, e por outro lado defendendo os “leigos”, ao atribuir-lhes qualidades como sinceridade, ingenuidade, espontaneidade.

A justificativa gira em torno do argumento da pluralidade de pontos de vista e de estilos, do caráter pitoresco e democratizante (porque coletivo) do método. Como definição, aponta o fato de que muitas vozes podem, ao contar desinteressadamente as suas reminiscências, colaborar com o objetivo de revelar o saci. Este aspecto da diversidade de perspectivas coincide com uma das definições acadêmicas do método do inquérito: “[...] *interrogar* um determinado número de *indivíduos* tendo em vista uma *generalização*” (GHIGLIONE; MATALON, 1997, p. 2, destaques do autor).

O recurso de relacionar os homens eruditos à imagem de cortesãos ambiciosos, de maçante erudição e por fim compará-los a pavões, soa contraditório em relação à própria prática de Lobato confessada em carta a Rangel: “falando de Fradique Mendes eu habilmente falo de mim e me pinto lindo” 23/10/1915 (LOBATO, 1944, p. 274).

Novamente ri de si mesmo e desconstrói a própria imagem, como fez em relação ao Trianon.

Intróito: pausa para a fantasia

No “Intróito”, mais imagens em duplicidade, a chamar a atenção para a simultaneidade da pesquisa com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e relacionando aos dois eventos os conceitos de “imaginação” e “pesadelo”, respectivamente. O texto está posto graficamente como um só bloco:

Introito

Começara mal o anno de 1917. A carnicaria europeia, no apogeu, reflectia por cá o clarão dos incendios, os estouros d'obuzes, a angustia do gaz asphyziante e a selvageria dos mais modos civilizados de matar em grande. Quem se afoutasse a abrir uma folha sorvia sangue dos telegrammas á secção-livre. Um engulho. Foi quando surgiu o Sacy, e veio com suas diabruras alliciar-nos do pesadelo. Por varias semanas alvorotaste meio mundo, oh infernal maroto, e desviaste a nossa attenção para quadro mais ameno que o trucidar dos povos. Bemdito sejas! Estás perdoado de muitas travessuras por haveres interrompido, por um momento, em nossa imaginação, a hedionda sessão permanente de horror, aberta pelo sinistro 2 de Agosto de 1914, de execrabilissima memoria.

Ilustração 19 - Introito (edição fac-similar, 1998)

No entanto, a despeito da aparente unidade, apresenta-se dividido em dois momentos. O primeiro descreve os horrores da guerra, sentidos mesmo aqui, do outro lado do mundo, através dos jornais: “Quem se afoutasse a abrir uma folha sorvia sangue dos telegramas à seção livre. Um engulho.” O segundo ocupa-se do saci, caracterizando-o como o alívio daquele quadro de horrores e com os adjetivos “infernal” e “bendito” oposição que retoma a contradição, elevada a um nível muito mais elaborado na passagem que define a guerra como “a *selvageria* dos modos mais *civilizados* de matar em grande” (LOBATO, 2008, p 27, destaques nossos). Além da polarização, este trecho exemplifica a fina ironia lobatiana: a selvageria da matança é o que define os povos civilizados. Ora, não seria o respeito à vida do semelhante o primeiro princípio da civilização?

Mais uma vez surge uma irresistível tentação de relacionar estas reflexões aos textos posteriores de Literatura Infanto-juvenil do autor. Tanto *A reforma da natureza*, de 1941, quanto *A chave do tamanho*, de 1942, discutem abertamente o tema, tendo como pano de fundo, como mote gerador das aventuras da turma do sítio a sensação de horror provocada por outra guerra mundial, a segunda, ocorrida entre 1939 e 1945. A sensação de angústia relatada nas obras infantis parece a mesma desta do "Introito":

É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhinhos e netinhos.(LOBATO, 1987, p.9)

As obras apresentam um momento sombrio, angustiante, que gera uma série de aventuras, válvulas de escape para os habitantes do sítio, assim como o Saci se revelou o alívio para os homens envolvidos no inquérito. Nas poucas linhas do “Introito” cabe ainda, ao lado da exaltação do saci, um outro efeito de sentido: um chamado, uma convocação do saci, realizado através do vocativo “Oh infernal maroto” e do uso da segunda pessoa do singular, como que estabelecendo um diálogo “Bendito sejas!”. Mais uma pitada de contradição. Afinal, se o saci é um diabinho, não se imagina que seja bendito.

Como surgiu o Saci em São Paulo?: um pouco de história

O tópico que leva este título é destinado à apresentação da história do inquérito, desde a ideia inicial até sua abertura. Esta seção apresenta sub-tópicos cujos títulos, destacados do corpo do texto, são: “Dias depois”, “Consequências”, “Novas consequências” e “O Inquérito”.

Todo o livro (e especialmente os textos deste capítulo) é conduzido por uma voz que ao modo de um narrador apresenta, desde o início, mas sem situar claramente no tempo, a motivação, as discussões, o contexto e o desenrolar dos depoimentos do inquérito. Ela se contrapõe a outra voz trazida para o livro pelo recurso das citações, ou seja, quando Lobato cita Lobato. Nesta “instância prefacial” revelam-se mais explicitamente os dois Lobatos: o que edita o livro e o que escreve artigos, um dos aspectos da polaridade que parece permear toda a obra.

Esta voz do Lobato editor descreve em poucos parágrafos, com o tempero da ironia, a cena que já vai tomando ares de clássica, visto que evocada por muitos pesquisadores, na qual Lobato protesta contra os anões de feições europeias que “enfeitam” o Jardim da Luz, em São Paulo.

O rastreamento dos registros desta cena revela o processo pelo qual a ideia do inquérito vai se refinando até tomar vulto. A primeira menção à figura do saci na correspondência com Rangel data de 07/02/1916, quando afirma que o caipira é visto por todos como “enfeites da paisagem – como anões de barro de certos jardins da pauliceia” (LOBATO, 1944, p. 300).

A primeira menção pública à figura do saci está no artigo “A poesia de Ricardo Gonçalves”, publicado na *Revista do Brasil*, em 1916:

Vae um pobre mortal espaiecer ao jardim, e lá, em vez d’uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depara.

Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germanicos, gnomos do Rheno, a sobraçarem garrafas de beer. Por que taes nibelungices, mudas á nossa alma, e não sacys-cererês, caiporas, mães-d'água e mais duendes creados pela imaginação popular? (LOBATO, 1916, RB, vol. III, setembro a dezembro, p. 299)

O Lobato editor, no tópico intitulado “Dias depois”, recupera este parágrafo e também os que o circundam, como parte do texto introdutório do livro sobre o inquerito, transcrevendo o trecho que discute a questão do nacionalismo. Este artigo foi publicado mais uma vez, como o décimo capítulo da primeira edição, de 1919, de *Ideias de Géca Tatú*. A segunda edição dessa obra, em 1920, sofre pequenas alterações: a substituição de uma letra no título (o “g” do nome é trocado por “j”, Jéca em vez de Géca) e a supressão do capítulo final (Epílogo ao Inquerito sobre o Sacy), modificações que se mantêm na terceira edição, sem indicação de data. Entretanto, o artigo sobre Ricardo Gonçalves é mantido (2.ed., 1920, 5º. milheiro; 3. ed., s/d, 13º. Milheiro). Na tentativa de facilitar a compreensão dos caminhos deste texto, elaboramos o seguinte quadro:

Publicações do artigo “A poesia de Ricardo Gonçalves”			
Ano	Suporte	Apresentação	Observações
1916	<i>Revista do Brasil</i>	Artigo	Texto completo
1918	<i>O Saci Pererê: resultado de um inquerito</i>	Citação	Transcrição de fragmento longo (defesa do nacionalismo)
1919	<i>Ideias de Géca Tatu</i>	Capítulo	Chiarelli (1995, p. 236) sugere que o capítulo contribui, ao lado de outros, a compor o todo da tese nacionalista de Lobato

Tabela 16 - Publicações do artigo "A poesia de Ricardo Gonçalves"

A segunda menção pública ao saci aparece no início do ano seguinte, quando se publica no *Estadão* o artigo “A questão do estylo” no qual Lobato, entre reflexões diversas sobre arte, retoma a proposta de aproveitamento das figuras do folclore brasileiro, nos seguintes termos:

Um caso: possuímos um satyrozinho de imenso pitoresco que ainda não penetrou nos domínios da arte, embora já se crystalisasse na alma popular estylisado ao sabor da imaginativa sertaneja: o sacy. No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos alemães, sacys... do Rheno!” (LOBATO, 1919, p. 50) (*ESTADÃO*, 06/01/17, p.5: 1-3, “A criação do estylo”)

Este texto não aparece no livro sobre o saci, talvez porque pudesse soar redundante, mas sua publicação em jornal pode ter ajudado a acirrar o debate em torno

do assunto. A reiterada exposição do seu nome ou de um tema em publicações diversas é condizente com a estratégia a que o autor vai recorrer durante sua atuação como escritor e editor. É uma visão de marketing que já se revelava em Lobato desde muito cedo, como se pode depreender de um trecho de uma das cartas a Rangel, de 12/02/1915, já amplamente divulgada pelos estudiosos e citada anteriormente: “a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio” (LOBATO, 1944, p. 266).

A terceira menção ao episódio dos anõezinhos vem com a publicação do livro. Terminado o inquérito do *Estadinho*, a questão dos anões do Jardim da Luz é retomada e transformada em uma pequena e pitoresca narrativa, que enriquece a apresentação do livro. O Lobato articulista é apresentado como personagem do episódio, descrito como “um sujeitinho bilioso” que trava um diálogo com um interlocutor indefinido. O recurso a uma composição narrativa permite um tom menos formal que o dos artigos publicados nos periódicos (*Revista do Brasil* e *Estadinho*), e por isso mesmo mais explicitamente crítico, porque pressupõe a liberdade e informalidade do diálogo entre amigos, ocasião em que não se costuma medir tanto as palavras. Vale a pena a transcrição da anedota, uma vez que, ainda que um pouco extensa e bastante citada, evidencia a contundência da crítica:

Um sujeitinho bilioso, recém-chegado da *selva selvaggia* do Buquira, em passeio com um amigo pelo Jardim da Luz, parou diante dos anões de gorra, barbaçudos, entrajados à alemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados. E disse filosoficamente:

– Como berra esta nota nibelúngica neste pastinho de grama, entre jerivás e jiçaras! E como um fato insignificante destes demonstra a nossa profunda covardia estética!

- Querias então ...

- ... que estivesse aqui um saci, por exemplo, um curupira, um papagaio, um macaco, uma preguiça, um tico-tico, um coronel – qualquer bicho enfim que não desafinasse com o ambiente, como desafina esse anão do Reno que treme de frio sob pesadas lãs enquanto os sorveteiros apregoam a dois passos daqui as suas neves açucaradas. (LOBATO, 2008, p. 29)

Nos três momentos destacados, a crítica à presença dos anões tem seu fundamento na preocupação com a construção de uma imagem verdadeiramente nacional para o país. A diferença é que, depois do inquérito, estabelecida a identidade do saci, torna-se mais evidente a contradição e polarização entre os anões europeus e os duendes nacionais, entre o francesismo e o nacionalismo. O protesto de Lobato vai progressivamente subindo de tom, aumentando a tensão. As imagens construídas

através de expressões como “sujeitinho bilioso”, “berra”, “covardia estética” e “desafinasse” intensificam o tom de protesto. Na ocasião da publicação do livro, os argumentos de Lobato se revelam oportunos e coerentes com seu posicionamento ideológico, o que lhe dá forças para criticar mais duramente e de peito aberto o que chama de “covardia estética” do brasileiro. Sugerimos mais um quadro, desta vez para visualizar o percurso dos anõezinhos nos textos de Lobato:

As andanças dos anõezinhos				
Data	Fonte	Gênero	Título	Fragmento
1916 (07/02/16)	<i>A Barca de Gleyre</i>	Carta	-	“enfeites da paisagem – como anões de barro de certos jardins da pauliceia” (LOBATO, 1944, p. 300).
1916 (dezembro)	<i>Revista do Brasil</i>	Artigo	“A poesia de Ricardo Gonçalves”	“Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germanicos” (LOBATO, 1916, RB, vol. III, setembro a dezembro, p. 299)
1917 (06/01/17)	<i>O Estado de São Paulo (Estadão)</i>	Artigo	“A criação do estylo”	“No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos alemães, sacys... do Rheno!” (LOBATO, 1920, p. 50)
1918	<i>O Saci Pererê: resultado de um inquérito</i>	Narrativa	“Como surgiu o Saci em São Paulo?”	“[...] parou diante dos anões de gorra, barbaçudos, entrados à alemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados [...]” (LOBATO, 2008, p. 29)

Tabela 17 - Os lugares dos anõezinhos

Dias depois & Consequências: desdobramentos da história

Secundando a anedota, na sequência, há um tópico com o título “Dias depois”, em cuja introdução se distingue a voz do editor a ressaltar o “ato de insistência” do “sujeitinho bilioso”, ao publicar um artigo de nacionalismo panfletário (sobre Ricardo Gonçalves) que, justamente por tematizar o “achincalhe da nossa individualidade”, merece um espaço no livro sobre o saci, por meio de transcrição, ainda que seja de apenas um trecho. Esta citação, cuidadosamente introduzida e encerrada por aspas duplas, não apresenta a assinatura de Lobato, mas o próprio “narrador” faz questão de evidenciar sua autoria, utilizando a terceira pessoa gramatical para introduzi-la e

referindo-se ao “sujeitinho”, imprimindo assim a sutil ironia apontada por Lajolo (2014, p. 33-34) que marca o “diálogo consigo mesmo”.

Depois da transcrição do trecho do artigo sobre Ricardo Gonçalves temos um novo tópico, intitulado “Consequências”, com a continuação da história do inquérito. Aí se revela a falsa modéstia do editor, ao afirmar que apenas quatro pessoas leram o artigo da *Revista do Brasil*. A primeira delas seria o revisor, que na verdade não leu, pois alguns erros persistiram, sendo encontrados pelo próprio autor. O segundo leitor teve apenas a intenção de “gozar” os imprevistos de revisão. O verbo é empregado em seu sentido oposto, configurando o uso da figura retórica da ironia (LOBATO, 2008, p. 31). Finalmente, o editor diz que o artigo teve um terceiro leitor e insinua que na verdade este foi o único.

Tal artigo foi lido por três pessoas além do tipógrafo. Uma delas foi o próprio autor para gozar os imprevistos da revisão. Outra não foi o revisor. A terceira manda a lógica concluir ter sido o senhor M. L. de O. F.

Apesar de ocupadíssimo no criar carunchos em escala pequena, para descobrir o método de arrasá-los em massa, teve lazer S. S. para tomar um palito de fósforo e, com o cinzel marca Olho, modelar em barro do Poá o primeiro Saci jamais esculpado neste país de sacis. Fotografou-o e deu ensejo a que o *Estado* o estampasse em gravura[...] (LOBATO, 2008, p. 31)

Se assim tivesse caminhado o assunto, com certeza esse “único” leitor não teria feito a escultura em barro. Aquela estatueta, cuja imagem foi estampada na abertura do inquérito, é a prova cabal de que o interesse pelo assunto vai se intensificando gradativamente e enseja a publicação de outro artigo, desta vez para discutir e defender de modo mais incisivo a validade do estudo do folclore.

Além da desconstrução de si mesmo através do riso, esta insinuação de que o artigo foi lido apenas por *M. L. de O. F.*, ao informar apenas as iniciais de seu nome, provoca o efeito de ocultar ainda mais o leitor que lhe fez uma caridade. A identidade deste último somente será conhecida pelo leitor da edição mais recente, de 2008, avisado por uma nota de rodapé, de responsabilidade dos editores da obra. Trata-se do sr. Manuel Lopes de Oliveira Filho, na ocasião colega de Lobato na redação do *Estadão*. A hipótese que se levanta para a explicação desta necessidade de identificação na edição mais recente é a de que o leitor das primeiras edições tinha melhores condições de identificar o nome por trás das iniciais, dada a proximidade temporal.

O narrador também informa que tal artigo ensejou a confecção de uma estatueta do saci, assinada por esse terceiro leitor. A imagem de tal estatueta, segundo o narrador, foi publicada no jornal, junto ao texto “O Sacy” que passa então a ser transcrito.

Cabe aqui um parêntese para esclarecimento. Na edição do livro ocorre uma imprecisão, um desencontro de informações, que talvez sirva para ilustrar uma das dificuldades de se editar uma obra naquele tempo, a falta de pessoal especializado para a revisão dos textos, como revela o desabafo ao amigo Rangel, em carta de 14/02/1920: “[...] o tipógrafo não respeitou a minha segunda revisão de provas e lá deixou tantos erros” (LOBATO, 1944, p. 404). Na verdade, a imagem da estatueta foi publicada junto com o anúncio da abertura do inquérito, a 27 de janeiro de 1917, na edição 595 do *Estadinho* e no dia seguinte a mesma matéria, com a mesma imagem, sai no *Estadão*. Fechado o parêntese, voltemos à análise da montagem do livro.

O artigo “O Sacy” foi então publicado antes, sem a ilustração, a 24 de janeiro, no *Estadinho*, na edição 592. No livro, tal artigo é reproduzido na íntegra, destacado por aspas duplas, com a assinatura “M.L.” ao final, fato que permite ao leitor identificar as duas vozes: a do Lobato autor do artigo e a do Lobato editor do livro. A separar os dois, há a distância temporal e a distinção das vozes.

Na transcrição do artigo, o narrador/editor interfere em três momentos e o faz em um texto de formatação diferente, em “blocos de texto à direita da página” nos quais comenta o artigo com ironia, desconstruindo, como sugere Lajolo, “tanto o que diz o artigo quanto suas próprias credenciais” (LAJOLO, 2014, p. 16). O narrador refere-se à outra voz como “o articulista”, usando a terceira pessoa gramatical: “Aqui o articulista foi inepto.” (LOBATO, 2008, p.32). Deste modo marca, ele próprio, a distinção entre as duas vozes. Outra marca de diferenciação são as aspas, cuidadosamente fechadas antes da intervenção do narrador e abertas novamente na continuação da transcrição. Quanto ao teor destas intervenções, parece sugerir uma atitude de revisão crítica das ideias postas na primeira versão do texto, uma vez que questiona algumas afirmações e retifica outras.

A primeira delas refere-se ao trecho em que aponta como exemplos de brasilidade o maxixe, a moqueca, o péu-péu e a modinha, e invoca o assunto da política citando o marechal Pires Ferreira, um senador da República Velha. Quando da recuperação deste texto para publicação em livro, o Lobato editor acha oportuno acrescentar um comentário à parte que parece, num primeiro momento, revelar uma discordância ou tentativa de retificação: “Aqui o articulista foi inepto. A comparação é

desairosa... Para o marechal? Calo-me. E deixo o discernimento ao leitor.” (LOBATO, 2008, p. 32).

A interpelação direta ao leitor pode sinalizar um movimento de aproximação, uma tentativa de tratá-lo como um interlocutor mais íntimo e de instigar sua participação efetiva. Além disso, as reticências têm, neste caso, o poder de suspender o sentido contrário que acaba de ser dado pelos adjetivos e de introduzir a ambiguidade, uma vez que delegam ao leitor a responsabilidade de atribuição do sentido último. Ao calar-se, este interlocutor anula o sentido contrário que acaba de imprimir, e o resultado é que o leitor é capaz de ouvir o riso sarcástico aí implícito.

Logo em seguida o texto citado critica as bibliotecas, sugerindo que estas instituições não querem “conspurcar o nobre ambiente” com velharias e bobagens folclóricas. Tal insinuação poderia ter provocado um mal estar nos leitores da primeira publicação e, para desfazê-lo ou amenizá-lo, ao retomar e transpor o texto para o livro, o narrador faz um *mea culpa* enviesado. Interrompe a citação para declarar que a afirmativa é um “exagero evidente”, além de acusar o articulista, ou seja, o *outro eu*, de não frequentar bibliotecas, gerando mais uma vez o efeito da desconstrução de suas próprias credenciais.

O conteúdo da terceira intervenção do narrador parece confirmar a sugestão de que estes comentários à parte resultam das discussões despertadas pela publicação dos artigos em jornal. Novo comentário destacado do corpo do texto afirma que o escultor da imagem do saci “protestou contra o menoscabo do seu talento escultural”. Desta vez o editor sai em defesa do articulista, dizendo que “ele [o articulista] não se explicara convenientemente” (LOBATO, 2008, p. 34) e sugerindo que o talento não tinha sido criticado, mas apenas a técnica, ainda assim se comparada à de um escultor profissional, como Rodin.²²

Novas consequências e O Inquérito: mais algumas dobras

O terceiro tópico, “Novas consequências”, contém apenas um parágrafo, cujo efeito de sentido seria a apresentação das possíveis reações dos leitores ao artigo “O sacy” e ressaltar o fato de que a discussão substituíra os comentários sobre a guerra em curso na Europa.

²² François-Auguste-René Rodin (1840-1917), escultor francês, autor de obras muito admiradas pelo realismo das figuras humanas, entre elas *O Beijo*, *Os burgueses de Calais* e, talvez a mais conhecida, *O Pensador*. Quatro de suas peças foram adquiridas pelo Palacete das Artes, na Bahia, e incorporadas aos jardins do museu.

Também revela em tom divertido que se formaram dois grupos com concepções opostas em relação ao artigo: o primeiro seria o da “parentela do conselheiro Acácio” que dizia ser desperdício de tinta e papel o inquérito sobre uma “grosseira” superstição popular; o segundo, “o outro lado”, trataria o assunto com mais leveza, rindo da situação e valendo-se do apoio do povo, que aprovou o tema.

Este é um dos momentos em que se evidencia a polaridade de culturas que permeia toda a obra. Justamente aí nasce a ideia do inquérito, como anunciam as palavras finais deste tópico: “[...] palavra vem, palavra vai, nasce a ideia do inquerito” (LOBATO, 2008, p. 35).

“O inquérito”, quarto e último tópico deste “capítulo”, também é conduzido por aquela voz misteriosa que vai compondo o mosaico de textos. Antes da reprodução do artigo de abertura da consulta popular, há um parágrafo introdutório, contextualizando-o temporalmente. O tom de formalidade do texto ao citar o nome dos governantes da época em contraste com seu conteúdo imprime mais uma nota de humor ao conjunto, uma vez que põe, lado a lado, Dr. Wenceslau Brás, “reinando” no Brasil e Bellona, deusa da guerra na mitologia romana, “reinando” no mundo.

A data informada pelo editor, 25 de janeiro de 1917, não condiz com a documentação levantada para o corpus desta pesquisa. Segundo as imagens digitalizadas das edições do *Estadinho*, a publicação da chamada ocorreu no dia 27 de janeiro, na edição da noite. No dia seguinte, 28 de janeiro, o mesmo texto aparece impresso na edição matutina. Qual seria o motivo desta confusão? Talvez o comentário de Cavalheiro sobre o sucesso da primeira edição do *Inquérito* aponte para uma resposta. Ao comentar a repercussão da obra, o biógrafo insinua que o editor “Não imaginara que uma coisa feita tão despretensiosamente alcançasse tal êxito” (CAVALHEIRO, 1955, p. 192). Depreende-se daí que a obra foi composta sem grandes pretensões, como um ensaio ou teste, e que sua recepção superou as expectativas do editor.

O livro apresenta em seguida a transcrição do edital de abertura do inquérito na íntegra, com a assinatura “L.”, tal como apareceu publicado nas edições do jornal. O editor suprime apenas a frase final do anúncio: “As comunicações deverão vir endereçadas a ‘Sacy-Pêrêrê’ ”, provavelmente por ser uma instrução específica, inadequada para o contexto do livro.

Há apenas uma interrupção para a entrada do narrador, com um comentário de quatro linhas, por meio do qual assinala sua discordância com um ponto específico do

artigo, a origem do nome Saci Pererê. A primeira voz (a do articulista) declara: “[...] Vem do autóctone que lhe deu o nome atual, corruptela de Çaa cy perereg.” (LOBATO, 2008, p. 37). Entra então a segunda voz, a do editor, com texto destacado por recuo à direita, e comenta: “Não ficou provado, antes, parece, que é criação exclusiva do negro. A filiação do nome corre por conta do senhor Oliveira Lopes, autoridade em tupi-guarani e línguas adjacentes” (LOBATO, 2008, p. 37, 38).

Interessante notar a pluralidade na indicação do nome de um dos colaboradores de Lobato no inquérito, o sr. Manoel Lopes de Oliveira Filho. O fato de chamá-lo pelas iniciais, M. L. de O. F. (LOBATO, 2008, p. 31), Senhor M. L. de Oliveira Filho (p. 34 e 88), Oliveira Filho (p. 34) e senhor Manoel Lopes (p. 134), parece ter o efeito de multiplicar o número de contribuições ao inquérito, já que dificulta a compreensão de que se trata de uma mesma pessoa.

Há uma pausa na leitura do artigo, para um comentário pessoal, dirigido a um interlocutor/leitor, uma correção posterior, que não quer desautorizar completamente as informações prestadas a princípio. Esta é outra interrupção, como aquelas comentadas acima, que parecem funcionar como uma retificação daquele exato trecho do artigo que está sendo transcrito e que merece ser repensado, dado que gerou polêmica, pelo que se pode depreender do teor destas interrupções: “o articulista foi inepto”, “exagero evidente” (LOBATO, 2008, p. 32), “o autor protestou” (p. 34).

Para reiterar a suposição de que a publicação dos depoimentos em jornal causou alguma polêmica, é possível argumentar que alguns deles põem em dúvida a derivação indígena sugerida por Manuel Lopes de Oliveira Filho, apresentando dados que situam sua origem nas lendas africanas, como no “Depoimento de um anônimo”:

Affirmam os velhos africanos escravos que o diabo, em certo dia, resolveu dar uma grande festa no inferno. E foi de tal porte o forrobodó, prodigalisou-se tanta cachaça, que nem sequer o porteiro escapou a uma grande carraspana. Ora, á sahida dos convivas, aproveitando-se desta circumstancia, muitos diabinhos escapoliram cá para a terra. Furioso, o diabo deu-lhes caça, agarrando a todos menos a um, o Sacy, que, não obstante ter uma perna só, ainda hoje zomba do filho das trevas, graças á sua astucia e agilidade inexciveis. (depoimento nº 24, *ESTADINHO*, 605, 08/02/1917, p. 4 col. 2) (LOBATO, 2008, p. 127)

Talvez Lobato tenha levado em conta os novos dados trazidos pelos depoentes para reavaliar seus artigos e concepções anteriores, fato que o leva às retificações e comentários à parte nos textos introdutórios do *Inquérito*.

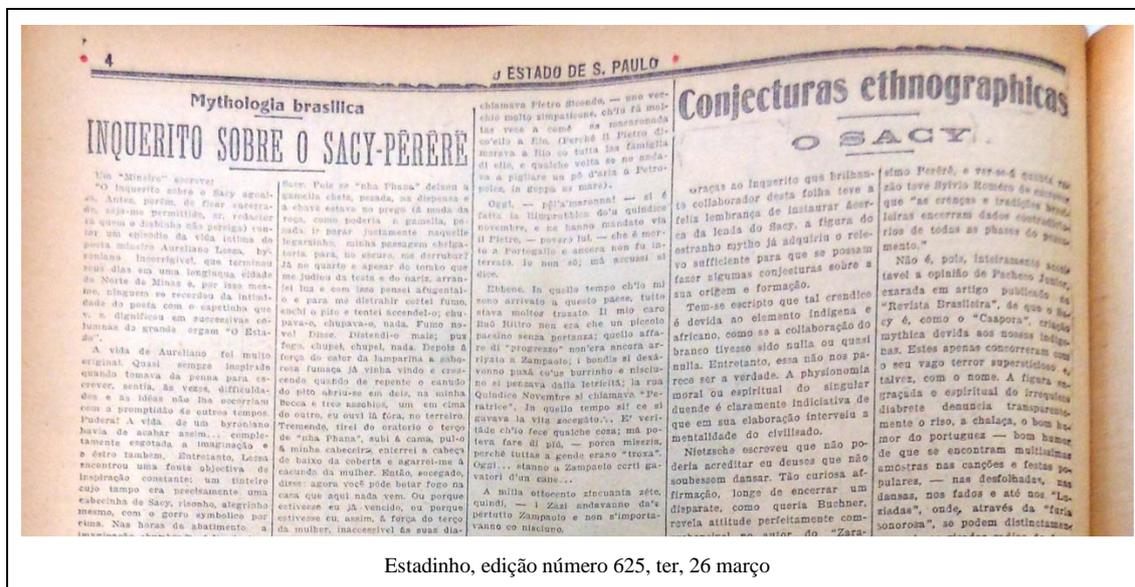
Uma última intervenção do editor antes de começarem os depoimentos ocorre por um pequeno parágrafo recuado à direita, em bloco, mencionando a confraternização que comemora a abertura do inquérito. Não deixa de ser irônico também o fato de que esta reunião ocorreu no Trianon, espaço referido várias vezes em tom de crítica (veja-se, por exemplo, a Dedicatória) justamente por representar o francesismo tão combatido por parte dos intelectuais da época.

4.3. DEPOIS DOS DEPOIMENTOS

Etnografia sacisesca como conclusão

Na “Conclusão” da obra o editor quis aproveitar, por achar “formosas”, as palavras de um artigo de José Antonio Nogueira, de Baependi. Tal texto foi publicado pelo Estadinho, edição de número 625, sob o título de “Conjecturas etnográficas” e faz uma espécie de balanço final das impressões reveladas pelo inquerito. Nogueira era colaborador de *OESP* e amigo de Lobato desde a época do Minarete, o sobrado onde se reunia o grupo de nove jovens estudantes com projetos grandiosos para o futuro (CAVALHEIRO, 1955, p. 74 e p. 80). Também foi seu sócio na editora Monteiro Lobato & Cia (cf. BIGNOTTO, 2007, p. 262; AZEVEDO et. al., 1997, p. 134) . O próprio Lobato atesta esta participação numa das cartas a Rangel em 28/12/1917: “Dos nossos só compareceu no inquerito sobre o saci – e excelentemente – o Nogueira” (LOBATO, 1944, p. 371).

Na mesma edição do jornal aparecem, além das Conjecturas, mais três depoimentos. O conjunto foi impresso em blocos separados: os depoimentos nas colunas (1 a 3) da “Mythologia brasilica: Inquerito sobre o sacy” e as conjecturas em colunas separadas (4 e 5), porém na mesma página, cuja imagem reproduzimos a seguir:



Estadinho, edição número 625, ter, 26 março

Ilustração 20 –Conjecturas Etnográficas

Nestas “Conjecturas ethnographicas”, Nogueira traça, a partir do que leu nos depoimentos, um panorama geral da lenda do saci. Procura fazer um balanço das informações e vai refletindo sobre a participação de cada etnia na criação do mito. Uma vez que os depoimentos ressaltavam a participação da cultura africana e, em menor

escala, citavam a influência da cultura indígena, o articulista procura estabelecer a contribuição do homem branco para a construção da lenda.

Abstraindo o nome, de provável influência indígena, e a cor negra da pele, mas sem deixar de reconhecer a importância de sua colaboração, Nogueira defende que “a fisionomia moral e espiritual do singular duende é claramente indicativa de que em sua elaboração interveio a mentalidade do civilizado” (LOBATO, 2008, p. 361).

Sua opinião é a de que a brejeirice do saci só pode ser fruto da mente do homem civilizado, uma vez que os deuses africanos eram sérios e a civilização indígena encontrava-se em uma etapa de desenvolvimento inferior à do africano, portanto incapaz “de conceber um deus que dance e ria” (LOBATO p. 361). Se hoje estas afirmações podem chocar nossa sensibilidade sendo certamente consideradas preconceituosas e politicamente incorretas, parece que à época do inquérito, estes eram posicionamentos aceitos com mais tranquilidade, ao menos pelos depoentes, que se expressavam do mesmo modo em seus textos. Devemos ressaltar que estamos tratando de um contexto completamente distinto deste no qual vivemos, quase um século depois.

Para sustentar sua tese o autor recupera, da cultura grega, a imagem dos demônios alegres e dos sátiros, comparando-os a uma revoada de sacis. Cita textualmente Shakespeare (1564-1616), a partir de quem recupera a figura de Puck, ser mitológico travesso e brincalhão da cultura britânica, personagem da peça *Sonhos de uma noite de verão* (1596?). Este cotejo revela que as diabruras tanto do saci quanto de Puck são muito parecidas. Outro argumento é o da influência do bom-humor do homem português expresso nas canções, festas populares, “nas danças, nos fados e até nos *Lusíadas*, onde, através da ‘fúria sonora’, se podem distintamente ouvir as risadas sadias do forte soldado que foi Camões” (LOBATO, 2008, p. 363).

Nogueira conclui suas “Conjecturas” insinuando que o saci se destaca em relação a outros mitos justamente por causa da colaboração do branco e dizendo que o negro e o índio forneceram a matéria-prima a partir da qual o europeu plasmou a figurinha com “magismo poético” de modo que o Saci, para ele, é digno de “aparecer ao lado dos Pucks, dos Oberons e das Titânias” (LOBATO, 2008, p. 364).

Epílogo: ácido fórmico à tinta

O último bloco de textos que gravitam em torno dos depoimentos é o “Epílogo”, também ele um mosaico, composto de seis fragmentos, separados graficamente um do outro por três asteriscos (***). O “Epílogo” surge pela primeira vez no livro sobre o

inquérito, configurando uma espécie de “balanço geral” e, mais do que isso, um verdadeiro manifesto do nacionalismo lobatiano. O modo de composição é oposto ao do “Prólogo”, que retomava artigos publicados anteriormente, aqui e ali, destacando deles o particular projeto nacionalista do autor e o seu crescente interesse pela figura do saci.

A comparação do “Epílogo” publicado no *Inquérito*, em 1918, com o “Epílogo ao Inquerito sobre o Sacy”, último texto do livro *Idéas de Géca Tatú*, da primeira edição, em 1919, revela que Lobato, do *Inquérito* para *Géca*, manteve apenas o terceiro dos seis textos. Já na segunda edição de *Idéas de Géca Tatú*, em 1920, tal texto foi suprimido, não retornando nas edições seguintes. As duas versões merecem uma atenção especial, dado que a transposição opera significativas alterações. Antes disso, porém, talvez seja interessante a tentativa de visualizar apenas as principais alterações na passagem de um livro a outro:

Publicações do “Epílogo”			
	<i>OSPRI</i> , 1918 (palavras iniciais do fragmento)	<i>Idéas de Géca Tatú</i> , 1919	<i>Idéas de Géca Tatú</i> , 1920
Fragmento 1 (F1)	“Este livro tem o mérito de fixar um momento da vida duma superstição popular.”	suprimido	-
Fragmento 2 (F2)	“Este livro significa um pouco mais do que parece ao primeiro relanço”	suprimido	-
Fragmento 3 (F3)	“O estudo das crendices populares revela o povo em sua textura psíquica. Revelar é conhecer”	Alterado em alguns pontos	suprimido
Fragmento 4 (F4)	“Não há mais ilusões. Não seremos nunca ‘original’ e sim má ‘cópia’.	suprimido	-
Fragmento 5 (F5) (destaques do autor)	“Os caminhos são opostos. O dilema se impõe: ou ser Jeca, ou Capilé <i>gommeux</i> com pingos de <i>whisky</i> .”	suprimido	-
Fragmento 6 (F6)	“Mas o Saci... Pano da amostra, já dissemos, revelador de que esta terra tem uma alma.”	suprimido	-

Tabela 18 - Publicações do "Epílogo"

Chamam a atenção, de imediato, os termos utilizados pelo autor para se referir aos tipos representantes de cada uma das ideologias postas em discussão: Jeca e Capilé. No momento em que se discute a necessidade de voltar as atenções para o verdadeiro Brasil, Lobato elege o Jeca Tatu como o representante legítimo de nossa cultura. Se em

1914, no artigo “Urupês”, o Jeca foi apresentado a partir de uma perspectiva extremamente negativa, em 1917 já seria visto por seu autor como símbolo da resistência à tendência do homem brasileiro de copiar tudo o que a Europa, principalmente Paris, ditava como moda. Lobato então, no “Epílogo” de *OSPRI*, cria uma personagem em tudo contrária ao Jeca, chamada Capilé. Este, ao ser extremamente ridicularizado, terá a função de enaltecer aquele. O Capilé é eleito representante do “partido do plágio”, sendo rebaixado a todo momento, desde seu batismo. O mecanismo derrisório é articulado a partir da comparação entre o sofisticado *whisky*, bebida de origem europeia, e o capilé, nome dado a uma bebida feita a partir da mistura de tamarindo e aguardente. Deste modo, Capilé passa a ser o símbolo de uma classe social que se quer refinada, civilizada. Entretanto, ao copiar os modelos europeus sem adequá-los à situação local se revela ridícula, uma vez que, segundo Lobato, quer ser um “whisky de requintadíssimo sabor, mas não passa [...] de insulso capilé”(LOBATO, 2008, p. 369).

O “Epílogo” é o momento em que as duas principais vozes, que se confrontavam no começo do livro, unem-se. Agora não há diferença entre os dois Lobatos, articulista e editor. São uma só voz, que reitera e ao mesmo tempo intensifica o tom combativo do prólogo, acrescentando mais “ácido fórmico à tinta” (LOBATO, 1944, p. 345)²³.

A dose de acidez parece ter sido exagerada, principalmente quando se dirigiu à política e à literatura canônica. Isto ficou evidente quando comparamos as duas versões do “Epílogo”, como indicado no quadro acima. Ao publicá-lo em outro livro, Lobato mantém apenas o terceiro fragmento por ser não somente o mais longo, como também o mais significativo em termos de argumentação sobre sua proposta de combate ao que denominou de “macaqueamento”, de cópia dos modelos europeus. É neste trecho que se concentra sua atitude crítica em relação à classe dirigente do país (à qual ele assumidamente pertence), ao governo, ao modelo político e eleitoral, à literatura, às artes plásticas, à arquitetura.

Na reedição do “Epílogo” operou-se uma pasteurização por meio da retirada de quatro fragmentos que, como veremos em seguida, referiam-se de modo ácido a grupos ou pessoas e por isso poderiam causar alguns dissabores a seu autor. Se como epílogo de *OSPRI* as críticas mais diretas seriam beneficiadas por um anonimato, ainda que

²³ Identificaremos os fragmentos do “Epílogo”, a partir de agora, pela letra “F” seguida de seu número sequencial: F1, será o Fragmento 1, e assim por diante, até o número 6, cf. tabela 07, acima.

facilmente desconstruído, como capítulo final da primeira edição de *Géca Tatú*, deixariam mais vulnerável o nome estampado na capa.

A primeira intervenção restringe-se a um pequeno comentário, “Procedemos, nós educadores, assim? Nós, Rio e São Paulo, nós, Capilé dirigente?” (LOBATO, 2008, P. 369), substituído por: “Procedemos nós, os cultos, assim?” (LOBATO, 1919, p. 209). É evidente a diluição da responsabilidade pela incapacidade de promover o conhecimento, quando se coloca uma classe mais ampla, a dos cultos, de identidade indefinida, no lugar de outra específica, de educadores, cuja delimitação geográfica restringe mais ainda o alcance, permitindo quiçá a identificação de alguns indivíduos.

A alteração seguinte refere-se à reescrita do trecho:

Não. Em ocasião nenhuma, ao criar um instituto político, ou literário, ou educador de qualquer natureza ou grau, *o governo, cuia oca à qual delegamos a tarefa de pensar e agir, pôs-se* em face do material humano como o temos.” (LOBATO, 2008, p. 370, destaque nosso)

Depois de alterado pelo recurso da generalização, não se poderia acusar seu autor de afronta por criticar abertamente o governo. Vejamos:

Não. Em ocasião nenhuma, ao criar um instituto político, ou literário, ou educador de qualquer natureza ou grau, *pomo-nos* em face do material humano como o temos. (LOBATO, 1919, p.209, destaque nosso).

As outras alterações consistem na supressão dos seguintes trechos:

[...] faz lembrar uns sujeitos vestidos pelo século XVII francês, que há tempos anunciavam cigarros pelo triângulo. A nossa impressão como República no concerto das nações deve orçar pela que aos passantes davam os tais exotocíssimos anunciadores de cigarros.

Jefferson... Iam-nos saindo umas palavras do sensato Jefferson relativas a esses ideólogos. Mas fique Jefferson no seu canto. Quem compreenderia aqui o bom senso de Jefferson? Adiante. Isto que é na política é no mais o Capilé. Vejam-se as letras. Nem uma invenção, nenhum desenvolvimento por graus de sementezinhas germinadas *in loco*. Sempre o transplante e o plágio. (LOBATO, 2008, p. 370, 371)

[...] No romance Alencar mete romanos de Plutarco na pele de Aimorés, e derrama na paisagem balsaminas, graúnas, serras azuis, e todo um Houbigant caheteaubriandesco de cheirinhos mil-flores. O resto (meu M. de Assis, tu bem sabes que és a Exceção Única) plagia com engenho maior ou menor, ciente ou inconscientemente. (LOBATO, 2008, p. 371)

A eliminação destes períodos provoca o mesmo efeito de sentido da alteração anterior, de diminuição da ousadia, da crítica mais ácida e direcionada, explícita no caso da referência ao escritor José de Alencar. Em relação ao segundo período, que cita Jefferson, a reescrita elimina a repetição de um vocábulo, que torna o texto inadequado

em relação às normas de boa redação, ainda que a intenção tenha sido de ressaltar a ideia aí contida. Em todo caso, apresenta-se novamente nesta ocasião, o *modus operandi* lobatiano, a reescrita constante de seus textos.

Uma leitura do Epílogo

Tadeu Chiarelli, em seu livro *Um Jeca nos vernissages* (1995) elabora uma análise não somente destes textos, como também de todos os artigos nos quais Lobato exerce o papel de crítico de arte. Antes de apresentar as análises do pesquisador sobre o “Epílogo”, vale a pena um parêntese para apresentação geral do estudo por ele desenvolvido.

Com rigor científico e um estilo claro e muito bem articulado, o pesquisador parte do objetivo de estudar a atuação de Lobato como crítico de arte até 1919. Entretanto vai mais além e acaba propondo uma revisão das concepções até então vigentes sobre o Modernismo brasileiro, ao mesmo tempo em que ilumina a cena cultural paulista que antecede a Semana de Arte Moderna de 1922.

Durante o seu percurso analítico, Chiarelli revela uma face de Lobato pouco discutida até então. A partir da análise dos artigos lobatianos, publicados em variados periódicos desde 1903 até 1919, vai delineando o processo de formação de um crítico de arte com um pensamento estético próprio. Tal posicionamento insere-o no projeto nacionalista de um modo muito específico e particular, de forma que não apenas propõe que as artes plásticas sejam genuinamente brasileiras, mas também defende uma intervenção no panorama artístico de São Paulo, abarcando a literatura e, mais ainda, estendendo a questão às esferas políticas, educacionais e ideológicas no Brasil, como se pode inferir das reflexões que seguem:

Percebe-se o pensamento estético de Lobato sempre voltado às origens. No texto sobre a caricatura, conclamava o artista a ir até o povo em busca de inspiração; nos artigos sobre pintura, conclamava o pintor a deixar a cidade para captar a natureza e o homem do campo brasileiros; escrevendo sobre o Liceu, encontrava no artista-artesão o eixo básico para a criação de uma feição estética característica para as cidades brasileiras, desde que bem orientado por intelectuais voltados ao mesmo propósito; no terreno da arquitetura, engaja-se na luta pelo neo-colonial. Agora [no *Inquérito*], entende o artista como aquele que deve plasmar a mitologia popular. Para Lobato, a volta às origens brasileiras, à natureza, ao povo, à “mitologia brasílica”, continuava sendo a base de seu ideário para a regeneração do país. (CHIARELLI, 1995, p. 169) (o aparte é nosso)

Chiarelli examina, ao final de seu estudo, três momentos da crítica lobatiana: 1) os textos que introduzem e encerram a obra *O OSPRI – Resultado de um Inquérito*; 2) o artigo que trata da exposição de Anita Malfatti e a polêmica daí advinda, ambos de 1918; 3) os artigos publicados em *Ideias de Jeca Tatu*, de 1919. Para o estudioso, estas duas obras concentrariam o ápice da atuação de Lobato como crítico militante e nelas se delineia “uma estética nacional/naturalista, antiacadêmica, que tornava possível, e ao mesmo tempo real, o desejo de uma arte nacional expresso desde o século XIX, no país [...]” (CHIARELLI, 1995, p. 247). Por último, insinua que o *Inquérito* constitui-se como a primeira atitude prática do crítico na tentativa de ampliar sua intervenção no panorama cultural paulista. Terminado o parêntese, voltemos ao “Epílogo”.

Na concepção de Chiarelli este seria um texto mais analítico, que procura defender a importância das fontes folclóricas, dadas através dos depoimentos, como exemplos de exercícios para o real conhecimento da realidade brasileira e o consequente despertar de uma consciência nacional.

Compara este texto aos manifestos das vanguardas europeias pontuando que, se por um lado eles se aproximam pela radicalidade de seus projetos de transformação estética, por outro se distanciam através da forma, mais imperativa nos manifestos e mais literária e convencional no “Epílogo”. Para o pesquisador, em Lobato “a ironia, o cinismo, a objetividade e o enfoque demolidor vêm sempre emoldurados pela preocupação com a qualidade literária”. (CHIARELLI, 1995, p.189)

Comenta a polarização entre a “zona plagiária” e a “outra”. A primeira representada pelo urbano, culto, civilizado, seguidora dos valores internacionais, constituindo a classe dirigente do país. A “outra” como o seu oposto, o rural, inculto, rude, mas que em compensação era o grupo social que de fato produzia riquezas, portanto de grande relevância econômica e cultural, exatamente por ser carregada de valores legitimamente brasileiros.

Segundo Chiarelli, a sugestão de Lobato de que o brasileiro use trajes indígenas é um indício da sua compreensão de que o modo de vida “do homem nas mais diversas regiões do planeta” seria a “expressão do seu ambiente natural” (CHIARELLI, 1995, p. 194), concepção, afinal, delimitadora do projeto lobatiano de atuação estética.

Em sua leitura, Chiarelli sugere que a proposta lobatiana de substituição dos cassetetes ingleses por um pedaço de pau-brasil como armas dos soldados brasileiros indica que para o promotor do inquérito a estetização nacionalista deveria atingir até o aparelho repressor do Estado brasileiro. Por fim destaca a apologia do Jeca e o impasse

denunciado por ela: ser Jeca ou ser Capilé, ser nacionalista até as últimas consequências ou continuar plagiando. Jeca representando a “zona” autêntica do Brasil e Capilé, que a princípio é o nome de uma bebida feita de tamarindo e aguardente, que nunca chegará a ser um *whisky*, ainda que se esforce muito para isso, representando a “zona plagiária”.

O pesquisador também chama a atenção para a literariedade do texto lobatiano, dada pela introdução de um interlocutor. Assim, em forma de diálogo, fica facilitada a concatenação das ideias. Para ele, o “Epílogo” é o momento em que Lobato extrapola suas propostas de intervenção no campo da arte estendendo-as à educação, política, moda, arquitetura, mobiliário, enfim, para o campo do pensamento e da identidade do homem brasileiro. Com apoio das reflexões de Chiarelli, procuraremos ler com mais atenção este texto “ao modo de manifesto literário”, começando por um questionamento: Quais caminhos Lobato indica para a transformação estética?

Encaixes difíceis

Parece que, neste ponto da montagem do mosaico, as peças resistem a se encaixar. Numa leitura inicial destacam-se dois principais movimentos: primeiro uma crítica virulenta à cópia, ao plágio, ao pastiche, mais incisiva no segundo e terceiro fragmentos (LOBATO, 2008, p. 368 a 373). Em segundo lugar, nos fragmentos de número quatro e cinco (LOBATO, p. 373 a 375), surge a “apologia do Jeca” apontada por Chiarelli e a proposta de nacionalização da cultura. Sobre o saci, tema central da obra, fala-se muito pouco nesse texto final.

Entretanto, o resultado apresenta-se harmonioso e coerente, na medida em que um movimento complementa o outro e ambos valorizam o *Inquérito*. O projeto que se coloca claramente é o de combate ao “macaqueamento”, à cópia, à importação ingênua de estéticas estrangeiras, justamente por meio do resgate, do conhecimento e da valorização da cultura local, ainda que esta não seja considerada ideal. O Jeca, apesar de seus problemas, é aquele que tem essa “nota de originalidade” e por isso Lobato passa a defendê-lo. Outra via proposta para o conhecimento da realidade brasileira seria afinal o estudo do folclore, cujo exemplo prático é exatamente o inquérito publicado em jornal e fixado pela publicação em livro, onde a figura do o saci é defendida como um dos “elementos de estudo e compreensão de nós próprios” (LOBATO, 2008, p. 368). Passamos agora a apresentar, resumidamente, o conteúdo de cada trecho do “Epílogo”, para depois analisá-los de modo mais atento.

O primeiro bloco de texto começa com uma auto-promoção: “este livro tem o mérito de fixar um momento da vida numa superstição popular”. Destaca-se em seguida que o *Inquérito* é o registro específico de um elemento da cultura brasileira. A origem do saci é situada no “Éden adâmico”, ou seja, nos tempos mais remotos, e há um alerta sobre o antiacademicismo da obra e sua leveza. A nota negativa fica a cargo da constatação de que no Brasil não existem condições intelectuais para estudos de grande fôlego científico.

O segundo fragmento inicia-se por um aspecto positivo, ao afirmar que a importância do livro amplia-se na medida em que indica a fonte onde se deverão buscar os elementos para conhecer e compreender o Brasil; além disso, retoma a polarização presente nos textos introdutórios, posta em termos de “zona plagiária” e a “outra” [zona], em que aquela, apesar de detentora do poder, é risível. Algumas gotas de tinta ácida são vertidas para criticar a classe dirigente do país e vislumbrar um futuro sombrio: “Sereis vós, ó netos, tolos e ridículos um bocado mais do que somos, como somos dez pontos mais que nossos avós?” (LOBATO, 2008, p. 369).

A partir do terceiro e mais longo texto, Lobato acrescenta mais ácido à tinta e o tom negativo acentua-se, afrontando principalmente a esfera política, para a qual dedica mais sarcasmo, estendendo as críticas à literatura, artes plásticas, arquitetura e por fim à moda, sendo o vestuário o elemento utilizado para ridicularizar os “plagiários” e ao mesmo tempo reforçar a proposta de valorização do nacional.

O quarto momento dedica-se a uma exaltação do Jeca, feita por meio da descrição e comparação dos ambientes em que vivem o caipira, representante da originalidade e o Capilé, que se pretende civilizado, cuja preocupação maior é a cópia de modelos europeus. Novamente estão em contraste os aspectos positivos relacionados ao Jeca e os negativos associados ao Capilé.

No quinto fragmento há uma radicalização da idealização do Jeca, apresentado agora como símbolo não só da brasilidade, mas também da resistência à invasão do estrangeiro. Este é o momento em que se apresenta claramente, através de um *slogan*, o projeto de Lobato: “O dilema se impõe: ou ser Jeca ou Capilé.” (LOBATO, 2008, p. 375)

Por fim um texto curto, mas não menos combativo, apresenta o resultado final do trabalho, uma cena do “dia seguinte”, um pouco amarga já que mostra como a sociedade continua alienada, desprezando o saci, considerado apenas como um regionalismo.

A unidade dos fragmentos é reforçada por uma intensificação gradativa do tom de crítica, que vai se acentuando até a desconstrução total do aspecto “civilizado” do homem brasileiro. A partir de então, surge a proposta de solução para a cultura brasileira: resistir como o Jeca, ser autêntica como ele, voltar-se para o interior do Brasil, para suas manifestações mais genuínas.

Ao modo dos manifestos

Este aspecto propositivo aproxima o texto lobatiano dos manifestos que marcaram as expressões artísticas do século XX, aqui entendidos no sentido que lhes atribui Barroso:

Formas de comunicação que apresentam os princípios de um fazer artístico, de uma realização.

[...] meios de difusão das reflexões dos artistas a respeito da arte – conceitos, técnicas, aspectos ligados à fruição da obra. As realizações, as obras de arte, são ali explicadas e interpretadas pelo artista para a sociedade, que começava a ver a arte de outro modo, reconhecendo valores estéticos onde antes não era possível. (BARROSO, 2007, p. 158)

Apresentar seus princípios, difundir suas reflexões a respeito da arte, propor uma nova maneira de ver a cultura brasileira e buscar valores estéticos onde nem se imaginava. Estes parecem ser os objetivos do “Epílogo”. Mas este manifesto chama a atenção não só pelo que propõe, mas também pelo modo como o faz, pelas palavras que usa, pelo trabalho com a linguagem. Procuraremos a partir de agora aprofundar a análise dos fragmentos, exemplificando as características que aproximam o “Epílogo” dos manifestos e também observando sua moldura literária, para usar a expressão de Chiarelli.

Para propor uma mudança radical da vida cultural do país, Lobato primeiro questiona a ordem vigente. O desmonte da atitude estética presa aos moldes europeus se faz por meio de um discurso incisivo e bastante provocador, que utiliza estratégias como a crítica violenta, a ridicularização e o tom apocalíptico.

Soam alarmes

O leitor do “Epílogo” vai encontrando espalhadas pelos fragmentos algumas expressões que sugerem um desalento em relação ao futuro. Vejamos algumas:

- F1- Ora, pois, não há nesta faixa quente e impaciente do globo sábios deste fôlego; e que se houvesse um por artes do acaso: não haveria leitores capazes [...] (LOBATO, 2008, p.367);
- F4 - Não há mais ilusões. Não seremos nunca um “original”, e sim má “cópia”. O partido do plágio erigido em sistema de governo e educação vencerá em toda linha (F4, p. 373);
- Pobre do meu Jeca Tatú, serás suprimido! Negar-te-ão na paz; rebentar-te-ão a dinamite na guerra (F4, p. 373);
- F5 - Pois bem: seguimos o caminho errado. Condenamos o Jeca à morte. (F5, p. 375);

Expressões de negação, carências, visão desalentada do futuro e constatação dos erros indicam a falta de perspectivas e transmitem a sensação de que tudo está perdido. Diante deste panorama sombrio, não há quem resista a buscar uma saída.

Gargalhadas

Com a intenção de seguir mobilizando emocionalmente o leitor, Lobato lança mão de mais um recurso, a zombaria. Os nossos sábios são “carecas surdos”, as pesquisas científicas sérias estão sepultadas no Instituto Histórico [...] e a ciência é item supérfluo – “Para que pensar?” (F1, p. 368); o modelo político, comparado a uma roupa, não serve, pois “está curta a calça, o paletó abotoa atrás, os bolsos às avessas” e, vestido à força, “rompem as costuras, saltam os botões, estalam os cós, o chapéu enterra-se até a orelha” (F3, p. 370); o governo é “cuia oca” e “pândego de sobrecasaca” (F3, p. 370); a farda do exército é também inadequada e os capacetes alemães na cabeça dos soldados brasileiros caem ora para trás, ora para o lado, ou ainda ficam enterrados até a orelha, “de modo a provocar sorrisos de compaixão em todo o mundo” (F3, p. 372); o homem que se julga civilizado vai ao *club* de *smoking* beber *whisky* e fumar charutos contrabandeados enquanto discute os destinos do mundo, tudo com o dinheiro do papá... (F4, p. 374).

Letras afiadas

Ainda há espaço para uma crítica mais direta e cortante, dirigida a todos os setores da vida. A lista é longa:

- O mundo moderno é obra pura da serpente bíblica. (F1, p. 367)

- Nunca nos vemos a nós, e todos os nossos males embicam nesse erro. (F2, p. 368)
- [...] que prodígio de sério cômico era o nosso sufragiosito universal! (F2, p. 369)
- Supõe-se esta civilizaçãozinha um raro whisky de requintadíssimo sabor; mas não passa, no juízo dos paladares finos, de insulso capilé. (F2, p. 369);
- Em ocasião nenhuma, ao criar um instituto político, ou literário, ou educador de qualquer natureza ou grau, o governo, cuia oca à qual delegamos a tarefa de pensar e agir, pôs-se em face do material humano como o temos. (F3, p. 370);
- Vejam-se as letras. Nenhuma invenção, nenhum desenvolvimento por graus de sementezinhas germinadas *in loco*. Sempre o transplante e o plágio. [Lobato excetua Machado de Assis] (F3, p. 371);
- Nas artes plásticas, pastiche. (F3, p. 371);
- Sempre a cópia. [...] Existe a fobia da invenção. (F3, p. 371);

Nestas ocasiões em que a crítica é mais direta, nota-se com mais clareza o combate à reprodução dos valores estéticos europeus, denunciada através de vocábulos como cópia, transplante, plágio, pastiche, macaqueamento, imitação.

Vendendo o peixe

Toda esta acidez e estes ataques enérgicos preparam o terreno para o aparecimento de uma postura mais pragmática. A desconstrução, em tom apocalíptico, dos valores estéticos até então vigentes, expõe a necessidade de transformação e facilita a aceitação da proposta de Lobato.

O início do quinto fragmento é o ponto alto desta tensão entre o nacionalismo e a postura oposta, nomeada por Lobato como “francesismo”. Só restam duas alternativas para o impasse: ou copiar, ou criar a partir da própria realidade, seja ela qual for. Entretanto, tendo sido o “partido do plágio” tão duramente criticado, fica óbvio que esta não seria uma alternativa viável.

Vale notar que, para a apresentação de sua proposta, Lobato lança mão de um recurso próprio da área da publicidade, até então pouco explorado no mundo dos livros, o *slogan*: “Ser Jeca ou Capilé”. Com uma frase de impacto, curta, de fácil identificação

e memorização, são apresentadas duas imagens poderosas que retomam e sintetizam as figuras construídas ao longo do texto. Para ajudar a construir e sustentar este *slogan* principal, o autor desenvolve outros, tais como: “Revelar é conhecer” (LOBATO, 2008, p. 369) e “não seremos nunca um original, e sim má cópia” (LOBATO, 2008, p. 373).

Leitor, narratário ou personagem?

Dissemos acima que este manifesto vinha com um “moldura” literária, na medida em que se propõe também como trabalho com a linguagem. Para além do recurso da linguagem publicitária, é possível citar três outros: a presença de um interlocutor (já apontada por Chiarelli); o desenvolvimento de uma ambientação, pela descrição dos espaços, e finalmente o uso de metáforas. Todos eles contribuindo para a construção das imagens, tanto a do Jeca como a do Capilé, que vão simbolizar o nacionalismo e o francesismo, respectivamente.

No terceiro fragmento de texto aparece um narratário, um interlocutor para a voz que conduz as reflexões, identificado explicitamente como leitor:

- Olha o despautério! O Saci ensandeceu este sujeito – *exclamará o leitor* –; uma porunga na cabeça!, que extravagância!

Este *interruptor*, entretanto, acha nobre ir-se à festa com um canudo de chaminé na sinagoga e no corpo um surtum preto com cauda bipartida. Veste-se de fogão e ao mirar-se no espelho acha-se elegantíssimo! (LOBATO, 2008, p. 372-3) (detalhes nossos)

Sem perder a oportunidade de ironizar e ridicularizar os plagiadores, comparando-os a prosaicos fogões, Lobato mais uma vez mobiliza o seu receptor, agora de modo mais direto. Mesclam-se as categorias de leitor, narratário e personagem. O efeito é o de intensificação da polarização e da tensão entre os dois modos de ver o mundo.

Tal tensão pode ser inferida da qualidade de *interruptor*, atribuída ao leitor/narratário, elemento que surge para discordar dos argumentos apresentados até então. Paralelamente, o conflito também se inscreve no nome dado ao ousado interruptor: Xarope. Um xarope, apesar de adocicado, é um remédio. A palavra tem carga semântica negativa, podendo significar algo desagradável, que em geral as pessoas querem evitar. Usado como adjetivo e relacionado a uma pessoa, define-a como desagradável, desajustada, inadequada.

A mobilização do leitor se amplia na medida em que este ganha mais espaço ao ser equiparado a uma personagem que pode dialogar diretamente com o narrador. Ao

protesto diante do que considera como despautério e extravagância, segue-se toda uma argumentação contra a imitação e em defesa da originalidade, elaborada por um “eu” e dirigida a um “tu”:

- *Amigo Xarope*, a ideia da porunga vale a ideia do inglês aproveitando velhos stocks de luzidios canudos de fogão [...] [...] confessa, Xarope [...] [...] Mas a *tua* razão, Xarope, é de cabo-de-esquadra: trago cartola e casaca nos momentos solenes porque... ingleses e franceses as trazem.
Este raciocínio simiesco é o mesmo *que te leva* a dar ao exército um fardamento por ano sem nunca criar uma farda. [...] (LOBATO, 2008, p. 372) (detaches nossos)

Neste momento elabora-se a ridicularização da farda do militar brasileiro e o cassetete é definido como “pauzinho”, ao que o Xarope contesta, polemizando: “- E esta! Que queria você que eles tivessem nas mãos?”. Esta será a deixa para que se introduza a proposta, que vai responder ao dilema entre ser Jeca ou ser Capilé: “- Um galho de pau-brasil, amigo! Seria pitoresco, e heróico. É força ser heróico; e o heroísmo máximo é esse arrostar o ridículo criando a personalidade.” (LOBATO, 2008, p. 373)

Pintar com palavras

Ainda alicerçado na polarização e expandindo a caracterização dos dois tipos sociais, o quarto fragmento do “Epílogo” constrói uma ambientação bipolar. Lobato “pinta com palavras” o espaço, a cena cotidiana de uma e de outra personagem. Sobre o Jeca diz:

Vede-o. Lá está ele a esta hora com o sebooso pinho na mão, pondo em sons os anelos vagos de sua alma. Defronta-o a *mata* em calmaria, onde *embiruços gigantes* escorrem-se de *cipós e parasitas*. A *baitacas* num galho inclinam a cabecita *verde*, à *escuta*. A *lua* no alto também entrepara, como a *ouvi-lo*. As palavras que o homem modula são dele, criadas com emoção para seu uso pessoal. Os pensamentos que lhe pirilampeiam no cérebro *são filhos do ambiente*, como a *baitacas*, a *árvore*, a *lua*. Traz-lhos um sentir pessoal, puro de atitudes falsas; é o produto da *observação* inconsciente dessa guerra eterna e *silenciosa* que é a *natureza virgem*. Suas *imagens* poéticas não vêm de França *brochadas* por um *Verlaine*: sugere-as aquela *piúva* toda *gema do ovo* que lá *amareleja* no espigão, ou o gesto arisco do último *caititu* escapo à sua carga de chumbo. Se ama, honra à menina arisca do seu coração com sentimentos frescos como um *sombrio* de *avencas*, rudes como a *pedra áspera* das *corredeiras*, *coloridos* ingênuos como *trapoeraba* ou a *margaridinha* de pétalas singelas. Dentro de sua *casa*, biboca de *barro* e *sapê*, barro que ele amassou, *palha* que suas mãos arrancam na boa lua, estão os cantinhos cheios do *feijão* mouro, de *milho* cateto e *arroz* sem qualidade, do à-toa. Na ceva gaiolinha de jiçara, ronca o *porquinho tatu* entre *sabugos* e cascas de *abóbora*.

Brinquinho, *cão* sem raça, todo inteligência e amor ao dono nos *olhos*, cochila-lhe ao pé. Súbito entreluz numa moita de caetés um *brilho*, e *barulha* um *ruído* entre *folhas*. *Late* brinquinho, de *orelhas* em riste. Jeca atenta *olhos e ouvidos*. Perito que é no *discernir* todos os ruídos da natureza, não pode de pronto identificar aquele. Vacila. E como falha a experiência, recorre ao sobrenatural.

- É o Saci – murmura -, e abafada a *viola* recolhe-se verificando dum *olhar* se pende da porta a cruzinha de pau. (LOBATO, 2008, p. 374) (detaches nossos)

Ainda que bem extensa, esta citação justifica-se por apresentar uma unidade constitutiva de um bloco coeso, como que indivisível. Eis aí uma crônica, toda ela literária, no sentido de que, simples e breve, com aparência de conversa fiada, “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1993, p. 24).

O recurso de linguagem mais evidente no trecho destacado é a sinestesia. O sentido da audição é evocado por palavras e imagens como *viola*, *escuta*, *orelha*, *ouvidos*, *ruído*, *barulho*, *sons*, a *lua* a ouvir o *Jeca*, a natureza silenciosa, o *latir* do *cão*, o *barulho* das *corredeiras*, a *viola* abafada.

Para os olhos, primeiro os “coloridos”, os “sombrios” e as cores: o amarelo gema-de-ovo da *piúva*, o verde das *avencas*, das *árvores*, das *baitacas*, as cores da *abóbora*, do *barro*, da *palha*. Em seguida, expressões que remetem à visualidade: “vede-o”, “observação”, “brilho”, “olhar” e uma menção explícita às artes plásticas, através da menção às “imagens poéticas [...] brochadas num Verlaine” (LOBATO, 2008, p. 373). Por fim os elementos mais concretos, mais facilmente visualizáveis, como os animais, as plantas e a casa, vão sendo relacionados, de modo a imprimir uma verdadeira tela nas retinas do leitor.

Assim, com um exemplo prático, delinea-se o projeto lobatiano de atuação estética, como “expressão do ambiente natural”, para retomar as reflexões de Chiarelli (1995, p. 194). Lobato não somente sugere “sair da avenida e penetrar nesse indecoroso sertão” (LOBATO, 2008, p. 369), como também mostra claramente como fazê-lo, através deste texto.

Estas imagens ganham ainda mais força quando confrontadas com o parágrafo seguinte, o contraponto da cena bucólica que acaba de se desenhar:

Eis o criminoso. É mister civilizá-lo. Pô-lo de *smoking* em um *club* a discutir os destinos da Alsácia, entre golinhos de *whisky*. O civilizador àquela hora lá está repoltreado num vime do Trianon, com um chapéu calçado para atrás porque Paris o usa assim; discute Rollinat e Capus; apóia-se na *Havas*; bebe pinguinhas em inglês, fuma quebra-queixos de *Havana* que lhe impingiu um espanhol gorducho

murmurando-lhe ao ouvido: é contrabando! Disserta sobre a guerra, traçando planos estratégicos para o esmagamento da Alemanha, e esmaga a cinza do contrabando para mostrar que é fácil esmagar... a Alemanha. Entra uma boneca toda plumas e sedinha. É seu namoro. Ergue-se ele e vai cumprimentá-la com um Mlle. nos lábios. Recita-lhe ao ouvido xaropadas amorosas de Marcel Prevost, sem cuidado nenhum com os pronomes. Despede-se depois com mesuras *modern style*, lombricoidais. Volta à mesinha. Paga, com um dinheiro filado ao papá... “consumação” (esfarelai-vos na tumba, ossos de Camilo!) e dá de gorgeta ao espertíssimo futuro conde que o serve os níqueis do troco. (LOBATO, 2008, p. 374) (detaches do autor)²⁴

Todos os elementos que indicam a atitude acrítica daqueles que simplesmente imitam o modo de vida europeu estão aqui postos com a intenção de ridicularizar o ambiente urbano, de evidenciar sua falsidade e principalmente sua inadequação. A cópia revela-se empobrecedora e ainda que use *smoking*, frequente um *club*, beba *whisky*, discuta assuntos como a literatura francesa e a guerra contra a Alemanha, o homem brasileiro não passará de “contrabando”, de falsificação, de um ser inculto, dependente do “apoio” financeiro paterno, ou seja, incapaz de atitudes independentes, de definição de uma personalidade particular.

Metáforas a mancheia

O máximo grau da acidez se revela na última frase deste excerto, com o emprego de uma metáfora: “E sai glorioso, soberanamente gorila!”. A cena descreve o cúmulo do ridículo a que a imitação pode levar. A figura do gorila, o maior dos símios, parece indicar a intensificação do processo de plágio. A par da agressividade da comparação, que aproxima homem de animal, há que se destacar o modo de construção desta imagem.

No segundo fragmento do “Epílogo”, como já foi apontado anteriormente, surge a figura dos políticos com “munhecas de mico”. No fragmento seguinte, a expressão “raciocínio simiesco” é usada para referir-se ao costume da imitação. De mico a gorila, o Capilé é cada vez mais inadequado.

Entrando no campo das figuras de linguagem, há que se destacar a construção de outras metáforas, que se vão desenvolvendo também gradativamente ao longo do texto.

²⁴ Alsácia-Lorena, um território disputado entre França e Alemanha, conflito que somou-se aos motivos da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Havas foi a primeira agência de notícias, fundada em Paris, em 1835, por Charles-Louis Havas (1783-1858), de onde se originaram as agências Wolff, em Berlim e Reuters, em Londres; juntas dominaram a distribuição de notícias até a Primeira Guerra Mundial (KLÖCKNER, 2008, P. 107). Eugène Marcel Prévost (1862-1941) e Maurice Rollinat (1846-1903) foram poetas franceses. Alfred Capus (1857-1922) foi jornalista e escritor francês, editor chefe do jornal *Figaro* a partir de 1914.

O “Epílogo” retoma o espaço do Trianon como símbolo do estrangeirismo que orienta o senso estético da maioria dos brasileiros. Vimos também a imagem do Xarope, relacionada à figura do leitor. Há ainda a reflexão do início do “Epílogo”, em que Lobato afirma que “reunir este inquerito sobre o Saci em livro foi África. Tudo é África entre nós” (F1, p. 368). África é construída, então, como metáfora de dificuldade, aridez, escassez.

Nomes como Trianon, Xarope e África constituem metáforas mais simples e diretas se comparadas às outras, sempre postas em termos duplos, também estes metafóricos, sempre em tensão e em oposição, a corroborar o aspecto da duplicidade presente desde os textos de abertura da obra e por isso mesmo confirmando sua unicidade. Vejamos cada um dos pares.

Metáforas em duplicidade

Do primeiro fragmento destacamos a frase “Somos leves, aéreos – uns alfenins; somos ‘ligeiros’ levianos” (F1, p. 368). Em seguida, as expressões “borboletear” e “voar” reforçam o aspecto de leveza do elemento “ar”. Imediatamente estes vocábulos são contrapostos a outros que imprimem significação oposta, de peso, já que relacionadas ao elemento “terra”. São elas: “em soando a hora de cavar túneis, perquirir origens, batear [...] vem-nos logo o bocejo, o espreguiçamento”. Somadas aos termos “deduzir”, “induzir”, “concluir”, “analisar” e “pensar” “(que horror, pensar!)” (F1, p. 368), tais ações remetem ao contexto do trabalho científico, do universo acadêmico, em tudo oposto ao que Lobato identifica no pensamento brasileiro, que na sua opinião é antiacadêmico por natureza. Para ele, “não há nesta faixa quente e impaciente do globo sábios deste fôlego” (F1, p. 367).

O Capilé revela-se um dos exemplos mais consistentes da construção da metáfora lobatiana nesta obra. Ela surge aos poucos, como estratégia para proposição de novos valores e como desdobramento ou ampliação de metáforas anteriores, em torno dos termos “whisky” e “capilé”, no seguinte trecho do segundo fragmento: “Supõe-se esta civilizaçãozinha um raro *whisky* de requintadíssimo sabor; mas não passa, no juízo dos paladares finos, de insulso capilé. Capilé com goma, no máximo. Capilé *gommeux*, ah!ah!ah!” (F2, p. 369).

Vale lembrar que capilé, segundo o Dicionário Houaiss, é o nome de uma bebida alcoólica bem menos sofisticada que o *whisky*, feita de polpa de tamarindo e aguardente. Ambas as bebidas são postas como termos de comparação entre tipos sociais: o

“civilizado” e “requintado” europeu de um lado e, de outro, o representante da “zona plagiária”, que desastradamente tenta copiar a civilização. Como a intenção de Lobato é ridicularizar este último, além de se divertir às gargalhadas com a comparação, impõe-lhe o apelido de Capilé, nome que passa a designar os políticos, os professores, os artistas, enfim, todos os representantes da ideologia dominante.

O Capilé passará então a constituir um novo par antagônico com o Jeca Tatu, agora reconhecido como “a única afirmação de individualidade não lavada de ridicularias que possuímos”, um ser “puro de atitudes falsas” (F4, p. 373). Capilé, metáfora do francesismo, da imitação. Jeca, metáfora da brasilidade, da originalidade. Cada um deles traduz uma ideologia.

Outra pitoresca e poética comparação se articula na frase a seguir: “Só tu neste embaubal és cabiúna, Jeca!” (F5, p. 375). A Embaúba é uma árvore de tronco fistuloso, do qual se extraem fibras e polpa para fabricação de papel e que frequentemente é habitado por formigas; é cultivada como planta ornamental, sendo sua folha áspera usada como lixa. Já a Cabiúna é uma árvore alta, nobre, também conhecida como jacarandá, muito valorizada por sua madeira nobre, lisa, resistente. A associação com as imagens do Jeca e do Capilé se constrói a partir das características de inconsistência deste e de robustez daquele.

Tal recurso revela-se muito oportuno para sugerir a ideia de resistência, que passa a ser uma importante característica do Jeca defendida no quarto fragmento do “Epílogo” e intensificada no fragmento seguinte, carregado de frases impactantes: “Condenamos Jeca à morte”; “Jeca, entretanto, resiste”.

Metáforas e visualidade

Se considerarmos que Lobato, no momento em que promove o inquérito e edita sua primeira obra, atua como crítico de arte, como nos mostrou Chiarelli (2005), será possível compreender a tendência do “Epílogo” a mobilizar uma profusão de imagens, seja através das metáforas, seja por meio da descrição dos ambientes. Tal visualidade colabora para o objetivo de propor uma nova atitude estética, na medida em que ilustra e viabiliza tanto a construção desta quanto a desconstrução dos valores anteriores.

Para além das eloquentes imagens elencadas acima, parece ser a categoria da moda, da vestimenta, aquela que melhor funciona com as estratégias de humor corrosivo, de ridicularização e de crítica ácida. Ao menos esta é a que produz maior número de metáforas.

O ponto de partida é a afirmação de que “para fazer um fato²⁵ novo, tomamos a medida a um habitante da lua” (F2, p. 368), acusando a inadequação da postura imitativa dos brasileiros. Começa então a severa crítica à classe dirigente, em cujo meio Lobato se inclui ao utilizar o pronome em segunda pessoa do singular: “Nós, Rio e São Paulo, nós Capilé dirigente?” (F3, p. 369).

No cenário político, o advento da Reforma Eleitoral e das eleições diretas de 1894 são rebaixados, visto que o eleitor transforma-se em “entidade zoológica, inexistente, puro mundo da lua [...] fantasmagoria antropológica” (F3, p. 370). A veste que se talha para o eleitor brasileiro, não sendo feita sob medida, revela-se inadequada, curta, rasga-se, desabotoa. Estas imagens têm o mérito de mobilizar o leitor, exigindo dele a construção do significado oculto por trás da metáfora: o modelo político e eleitoral proposto é inadequado como as roupas.

A proclamação da República, sugerida indiretamente pela menção ao 15 de Novembro de 1889, é também alvo de crítica: “Ao velho mas cômodo e bem assentado *jaleco imperial* que Pedro II conservava escovadinho e cerzido com apuro, resolveram eles substituir por um *terno à americana*. Mas nem sequer coseram-no sob medida.” (F3, p. 370) (detaches nossos).

Jaleco e terno, novo par de metáforas, mesma estratégia de polarização. O jaleco, representando a Monarquia, é visto com certa simpatia ao vir acompanhado das qualidades “escovadinho” e “cerzido com apuro” e portanto velho, mas ainda decente. Já o terno, “importado”, remete ao modelo político americano que, apesar de novo, mostra-se inadequado quando imposto a uma realidade diversa da original.

Ainda tratando da República recente, Lobato recorre a mais duas metáforas. “Variou apenas a coifa: o barrete pé de meia zarcão dos jacobinos do 89 francês (estes 89!) substituiu o clássico *tuyau* do amigo *Bittch*.” (F3, p. 370) (detaches do autor). Mais trabalho para o leitor... A menção ao “89 francês” remete à histórica “Queda da Bastilha”, evento decisivo para a deflagração da Revolução Francesa, de 1789, que viria depor o Antigo Regime. O barrete no texto de Lobato simboliza a nova realidade política, enquanto que o “tuyau”, possivelmente abasileiramento de *tuyaux*, palavra francesa que significa “tubo”, remete às cartolas, acessório indispensável aos trajes de gala do Brasil imperial.

²⁵ Lobato emprega o vocábulo “fato” no sentido de “roupa”, “vestimenta”, “terno” ou “costume” usados em situações formais.

O último par opositivo repousa nas imagens do “pauzinho”, ou seja, do cassetete, acessório do figurino da polícia inglesa, e do “galho de pau-brasil”, proposto para aparelhar o exército local, coerente com a estética nacionalista ardorosamente defendida. Até os acessórios, os detalhes que poderiam passar despercebidos, podem constituir-se como símbolos de uma ou de outra cultura.

4.4. METÁFORA EM EVOLUÇÃO: O JECA TATU

No “Epílogo” de *OSPRI*, no início de 1918, encontramos um Jeca símbolo de resistência, comparado à cabiúna, madeira de lei apreciada por sua dureza, visto por um ângulo claramente distinto daquele proposto pelo artigo “Urupês”, de 1914, que sugeria um homem preguiçoso, incapaz de ação.

Nos anos seguintes, Jeca passou por outras transformações, amplamente estudadas e difundidas por diversas pesquisas, dentre elas a de Aluizio Alves Filho que as considerou como metamorfoses. Desde a perspectiva da sociologia, este pesquisador analisa, como revela o título de seu trabalho, *As metamorfoses do Jeca Tatu*: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato (2003) as condições ideológicas que permitiram a identificação da personagem lobatiana com o homem brasileiro, indicando sua permanência como símbolo de brasilidade.

Tendo como principal fonte as cartas enviadas a Rangel e publicadas em *Barca de Gleyre*, mas contando também com o apoio de uma vasta bibliografia de e sobre o autor, Aluizio Alves Filho parte de um balanço da formação intelectual de Lobato, a partir do qual ressalta o fato de que Lobato “se esmerava, preparando-se com afinco, para um dia estar em condições de tentar ocupar posição de destaque no mundo das letras” (2003, p.38). Faz um levantamento, desde 1904, das leituras comentadas que Lobato vai relatando ao amigo e lista cerca de cinquenta nomes de autores, entre estrangeiros e nacionais, além da curiosa leitura feita do dicionário Caldas Aulete, com a intenção “mariscar na peneira”, isto é, de proceder a um levantamento de vocábulos que poderia utilizar em seus escritos, apontando que Lobato apropriava-se dos textos lidos “ia formando seu próprio ponto de vista [...] e com o mesmo propósito que lia um autor considerado clássico, lia um maldito, [...] com prazer típico de qualquer leitor inveterado, mas com os olhos críticos e atentos do escritor em busca de aprimoramento” (ALVES, 2003, p. 46).

O pesquisador indica a seguir a gênese do Jeca, destacando cartas de 1911 e 1912, nas quais o escritor taubateano revela seu desejo de escrever “um livro de piraquaras, entremeado de lendas ribeirinhas” (LOBATO, p. 217) e constrói sua “teoria do caboclo”, eleito por ser “profundamente nacional” (p. 222). Retoma e detalha o aparecimento da personagem nos artigos “Velha Praga” e “Urupês”, publicados no *Estadão* em 1914, indicando que, a partir de então, Jeca Tatu passa por três transformações fundamentais.

Na primeira, o Jeca passa de parasita do fazendeiro a um ser parasitado por verminoses (ALVES FILHO, p. 67), o que explicaria suas condições de subdesenvolvimento. Para comprovar esta afirmação, o sociólogo cita as “Explicações Desnecessárias”, das edições do livro *Urupês* (1918 e 1919) e a obra *O Problema Vital* (1918), nas quais Lobato, influenciado pelos estudos dos sanitaristas Carlos Chagas, Arthur Neiva e Osvaldo Cruz afirma que o Jeca “não é assim, mas está assim”, debilitado e incapaz de ação porque abandonado pelo poder público, adoentado por verminoses que não são combatidas pelas necessárias campanhas sanitárias defendidas pelos cientistas citados.

A segunda metamorfose ocorre quando surge o *Jeca Tatuzinho*, em 1924, difundido como propaganda do Biotônico Fontoura, que circulou durante décadas em milhares de cópias pelo país, na qual,

Em linguagem didática, Lobato explica que, devidamente medicado e curado das doenças, o Jeca Tatuzinho transformou-se num homem tão trabalhador quanto próspero, dedicando o resto de sua vida a curar outros jecas.” (ALVES FILHO, 2003, p. 69).

A terceira e última transmutação seria radical, segundo o sociólogo, viria com a publicação do “panfletário conto *Zé Brasil*”, lançado em 1947 pela editora Vitória, mas apreendido imediatamente pela polícia, tendo circulado apenas no ano seguinte, editado novamente pela Editora Calvino (ALVES FILHO, 2003, p. 74). Segundo este pesquisador, *Zé Brasil*, a exemplo de *Jeca Tatuzinho*, não pode prosperar em decorrência de um problema ainda mais complexo, as relações assimétricas de produção, historicamente configuradas, em um país que insiste em manter a desigualdade social.

Alves Filho não somente relaciona as metamorfoses do Jeca Tatu com a trajetória política, intelectual, literária e empresarial de Monteiro Lobato, como também argumenta que ambas estão ligadas às próprias transformações pelas quais passava a sociedade brasileira.

Partindo da leitura dos estudos sobre a trajetória do Jeca Tatu e da releitura das menções ao caboclo nos textos lobatianos escritos entre 1911 e 1918, tais como a correspondência com Godofredo Rangel, os artigos do *Estadão* e o “Epílogo” de *OSPRI*, levantamos a hipótese de que a agressividade do criador em relação ao Jeca ficou restrita apenas ao artigo “*Urupês*”. Para verificar a validade desta afirmação, procuramos recuperar algumas passagens de tais textos, destacando deles a postura lobatiana em relação ao homem do campo.

Em carta de 09 de novembro de 2011 a Rangel, Lobato já indicava que “uma das vantagens do romancista brasileiro é poder lidar só com virgindades” e que “tudo está por fazer” (LOBATO, 1944, p. 213), apontando o “caboclo queimador de mato” como um dos elementos passíveis de exploração. Em 10 de dezembro de 1911, reafirma o interesse pelo “Paraíba” como tema literário, afirmando que ainda conservava, no “útero mental” a ideia, “já velha, mas boa”, que serviria “para o mais belo e original romance brasileiro do século 20” (LOBATO, 1944, p. 217). O assunto volta em missiva de 07 de fevereiro de 1912, na qual o autor detalha o que denominou de “teoria do caboclo como piolho da terra”, dizendo que, com base nela, pensava em produzir “um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência europeia”(LOBATO, 1944, p. 222). Sete meses depois, em 19 de setembro, afirma:

E o caboclo ainda é a melhor coisa da nossa terra, porque analfabeto, simples, muito mais próximo do avô pitecantropo do que os que usam dragonas ou cartola e se dão ao luxo de ter ideias na cabeça, em vez de honestíssimos piolhos. (LOBATO, 1944, p. 226)

A longa gestação prossegue, acompanhando o aprofundamento da consciência de que é importante voltar a atenção para as questões nacionais, como se pode depreender de outra carta para seu mais frequente correspondente, em 20 de outubro de 1914:

E muito naturalmente gesto coisas, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconsciente, que é o melhor: gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vítima duma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades*. E há o francês, o maldito macaqueamento francês. [...] Nessa obra aparecerá o caboclo como o piolho da serra, tão espontâneo, tão bem adaptado como nas galinhas o piolho das galinhas [...] (LOBATO, 1944, p. 247, destaques do autor).

Até este momento, a postura de Lobato diante do caipira é positiva, de simpatia. Entretanto, na continuação da carta citada logo acima, o escritor, então proprietário rural, informa ao amigo que está em luta com tais “piolhos” e que por isso estuda-os, relatando ao amigo, em detalhes, o modo de vida deles. Deste estudo começa a surgir uma imagem negativa: “cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro”, homem que reduz as matas a carvão, pilha e depreda a natureza, da qual tira pouco proveito e, sobretudo, “queima toda a face de um morro para plantar um litro de milho”, mudando-se para outro lugar quando não há mais facilidades. Imediatamente defende a necessidade de “matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto” (LOBATO, 1944, p. 248).

No mês seguinte, em 22 de novembro, Rangel recebe a definição do Jeca: “o mata-pau da terra: constritor e parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem baldio – inadaptável à civilização.” (LOBATO, 1944, p. 250)

Coincidindo com a publicação dos artigos “Velha Praga” e “Urupês” no *Estadão*, ambos em novembro de 1914, estas duas últimas missivas completam, no âmbito privado, a gênese do surgimento, em público, do Jeca Tatú como parasita, preguiçoso e depredador. Importante destacar também que foi em 1914 que Lobato enfrentou uma série de problemas com seus empregados na fazenda, cujo ápice foi o incêndio provocado pelos caboclos e a insurgência de seu administrador que provocou um levante dos colonos contra as ordens do proprietário que o havia demitido. (LOBATO, 1944, p. 243)

O auge do ataque ao caipira está, sem dúvida, no artigo “Urupês”, que apresenta o Jeca retratado de modo totalmente negativo, desde sua constituição física, passando pelos seus costumes e cultura, seu modo de lidar com a agricultura e com a política, “a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso, [...] soturno”. O golpe final é a sentença que arremata o artigo: “só ele não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive” (LOBATO, 2007, p.177)

Em 03 de julho 1915, apenas seis meses depois de lavrada a “certidão de nascimento” do Jeca, a questão da identidade nacional volta a surgir nas cartas a Rangel, sob a forma de uma consciência de que o caráter brasileiro é ligado ao do Jeca: “somos todos uns Jecas Tatus” e o Brasil é um “jecatatuásia de oito milhões de quilômetros quadrados”, além de que o povo diverte-se muito com as histórias pitorescas que se espalham sobretudo pelas produções de Cornélio Pires (LOBATO, 1944, p. 286, p. 300).

Já em 07 de dezembro de 1916, logo antes da promoção do Inquérito sobre o Saci no *Estadinho*, Lobato definitivamente esquece da mágoa que teve do Jeca e confessa a Rangel:

As rodinhas do *Pirralho*, da *Vida Moderna*, do *Estado*, da *Cigarra* e outras que frequentei em meu último mês em S. Paulo, fizeram-me mudar de opinião quanto a estes urupês daqui. O caboclo parece-me hoje açúcar refinado perto do açúcar preto que são os urupês citadinos de gravata. Que pulhas! (LOBATO, 1944, p. 339)

Logo depois da publicação do inquérito no jornal, mas ao que tudo indica antes ainda de escrever o “Epílogo” de *OSPRI*, onde se evidencia a alteração do modo de encarar o Jeca, há outro desabafo de Lobato ao amigo mineiro, em carta de 17, de abril

de 1917: “A nossa imbecilização é das mais curiosas: vem de cima para baixo, e decresce quando chega ao povo. Quanto mais conheço os paredros, mais admiro o equilíbrio, a sensatez a sanidade mental destes meus bons caboclos da roça.” (LOBATO, 1944, p.347)

É ao escrever o “Epílogo”, entretanto, que o criador do Jeca expõe publicamente pela primeira vez sua mudança de postura, o fato de ter “virado a casaca”, retomando a concepção externada em 1912, quando afirmou ser o caboclo a melhor coisa desta terra. Novamente, Lobato se convence e defende a ideia de que “O Jeca Tatu é a única coisa que presta neste país (carta de 08 de dezembro de 1917, LOBATO, 1944, p. 366) e termina reverenciando sua personagem: “Salve, amigo, só tu neste paraíso dos xaropes és como o pau de lei: casca mole por fora, cerne que machado não morde por dentro. Só tu neste embaubal és cabiúna, Jeca!”(LOBATO, 2008, p. 375)

Para encerrar a reflexão sobre o Jeca, resta lembrar o que nos indica Aluizio Alves Filho em seu ensaio, o fato de que o criador do matuto, a partir de *OSPRI*, sempre vai se empenhar em “reparar” seu erro de avaliação do caipira, citando uma carta de Lobato a Matias Arrudão, em agradecimento a um artigo que indicava esta mudança de posição: “Só você viu claro neste triste caso do Jeca [...] naquela época, por um defeito de criação eu não via a miséria humana, ou se a via, era apenas sob um aspecto estético [...] Eu só visava uma coisa, resgatar-me do crime de desumanidade para com o Jeca, isto é, para com o povo brasileiro talvez em sua maioria” (ARRUDÃO, *apud* ALVES FILHO, 2003, p. 71).

5. CONCLUSÃO

Se um novo entra humilde, a pedir licença,
todas as portas se fecham. É preciso
aparecer de machado em punho, faca nos
dentes e arrombar as portas a pontapés.

Monteiro Lobato

Inquérito ou enquete foram os nomes do método comumente utilizado por jornais e revistas na transição entre os séculos XIX e XX, para investigar as opiniões dos leitores sobre os mais diversos assuntos, entre eles a literatura. São exemplos dessas iniciativas os inquéritos sobre “A Instrução Pública do Estado de São Paulo” em 1914, “A Instrução Pública em São Paulo” em 1926, ambos veiculados pelo jornal *OESP*. Os periódicos *A Cigarra* e *O Pirralho*, também promoveram inquéritos nos quais participaram os intelectuais atuantes no cenário cultural brasileiro. Estes periódicos atingiam um público amplo e seu alcance, ao que parece, era mais abrangente do que o do livro, em geral de baixa circulação. Tal fato pode ser ilustrado por comentários do próprio Lobato, a exemplo de seu diálogo com Guilherme de Almeida em 1917, no qual discutiam os números relativos à tiragem dos livros, em torno de um milheiro, ao que Lobato reage dizendo que pensava em imprimir apenas 300... (CAVALHEIRO, 1955, p. 190).

Nesta época Lobato já havia se tornado um “sapo da redação”, como eram chamados os colaboradores do jornal *OESP*, “que compareciam à redação quase todas as noites e lá ficavam até alta madrugada” (AZEVEDO, CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 102). Consciente do alcance dos periódicos, logo percebeu a importância da *Revista do Brasil* para a defesa dos ideais do grupo de intelectuais ao qual pertencia e cuja principal preocupação era o resgate dos valores da cultura nacional, em contraposição ao modelo europeu de cultura.

Diante desse panorama foi surgindo o desejo de descobrir o verdadeiro Brasil, de “sair da avenida e penetrar nesse indecoroso sertão” (LOBATO, 2008, p. 369), atividade a que poucos se aventuravam “por medo dos carrapatos” (LOBATO, 1944, p. 249). Aqueles que o fizeram na época não puderam se desvencilhar da perspectiva romântica, de modo que apenas substituíram o índio pelo caboclo mantendo a idealização como é o caso, por exemplo, das personagens caipiras de Cornélio Pires e Valdomiro Silveira. O próprio Lobato defende este ponto de vista em “Urupês”, ao afirmar que “o indianismo

está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de *caboclisto*” (LOBATO, 2007, p. 168).

O universo rural pouco explorado oferecia inúmeros temas para as manifestações artísticas além da figura do caboclo, dentre eles uma tão curiosa quanto desconhecida lenda, a do Saci Pererê. Lobato então decidiu apostar no filão promissor sugerindo em seus artigos que os artistas se dedicassem a explorar a imagem do duende ao invés de valorizar os gnomos, produtos culturais europeus. Como os dados sobre o Saci eram poucos, surgiu a ideia do inquérito, cuja história foi registrada pelo próprio autor nos textos que antecedem e apresentam os depoimentos publicados em livro.

Vieram então as contribuições dos leitores com uma profusão de dados sobre o duende brasileiro, de modo a fixar suas principais características e fundar a imagem do Saci, muito próxima desta que temos hoje. Com o tempo o saci foi se transformando e ganhando traços mais amigáveis, em parte graças ao trabalho do próprio Lobato com *O Saci*, de 1921, livro destinado às crianças.

Emerge dos depoimentos um molecote negro cuja estatura varia entre oitenta centímetros a um metro e meio de altura, com uma só perna, fato que não representa maiores dificuldades, pois ele é muito ágil. Ele usa um capuz vermelho, tem olhos muito vivos, fuma cachimbo, cheira a enxofre e assobia. Há outras características variáveis, como mão furada, gargalhada estridente, soltar fogo pelos olhos, ficar invisível. Em geral gosta de pregar peças, mas é mais atrevido e artemista do que realmente mau.

Os colaboradores da pesquisa trouxeram histórias ambientadas principalmente na zona rural, num território amplo, abrangendo todo o estado de São Paulo e parte de Minas Gerais, além de Rio de Janeiro e Mato Grosso com apenas uma ocorrência cada. Poucas vezes, mais precisamente em nove depoimentos, o saci se movimenta no espaço urbano e nessas ocasiões o tom de galhofa é mais acentuado, coerente com o clima de irreverência próprio de um segmento da imprensa daquela época.

Os depoentes são majoritariamente cultos, pois do contrário não poderiam participar do inquérito, fato que induz à interpretação de que a amostra seja a princípio representativa de apenas um segmento da sociedade, aquele com acesso à alfabetização e aos bens culturais. No entanto eles trazem as narrativas coletadas principalmente no espaço rural, através de histórias contadas por narradores, estes sim, representantes do povo, da camada da população que tinha menos acesso à educação formal.

Se por um lado a enquete avançou positivamente no sentido de registro de um elemento da tradição folclórica, por outro escancarou o distanciamento entre o culto e o popular e isso foi percebido quando analisamos o emprego do dialeto caipira por parte dos depoentes, que se esquivavam da identificação com o universo popular ao delegar a palavra a narradores considerados por eles pessoas incultas, tais como as tias velhas, os negros, os caboclos, pelo recurso da mobilização de um terceiro nível narrativo. Deste modo, o editor cede a voz aos depoentes, que por sua vez cedem a voz aos contadores de histórias, manobra marcada graficamente pelo uso de aspas e de discurso direto, cujo efeito é a diferenciação nítida entre o registro culto e o inculto, deixando explícito o distanciamento social marcado pelos depoentes em relação aos contadores dos “causos”.

Ainda que se tenha registrado este distanciamento entre os segmentos da sociedade, o fato de que os depoimentos abriram espaço para os contadores de histórias acaba por contribuir para a legitimidade da pesquisa das raízes brasileiras, constituindo “verdadeiro pano da amostra”, como constatou Lobato. Portanto, o emprego do dialeto caipira, mesmo não superando o aspecto do pitoresco, nem tampouco atingindo um nível eficiente de estilização que lhe imprimisse qualidade estética (CANDIDO, 2002, p. 92), sugere um movimento no sentido de aproximação, sem idealizações, do homem culto ao universo genuinamente brasileiro, objetivo que só foi plenamente alcançado pelo movimento modernista anos depois.

A análise dos depoimentos publicados no jornal permitiu identificar o emprego, por parte do editor, de recursos que consideramos como “vestígios do primeiro trabalho de edição” compreendendo a transposição, para o jornal, das cartas que muito provavelmente existiram, mas que infelizmente não puderam ser recuperadas. Estes vestígios revelam-se a partir das paráfrases, seja de depoimentos inteiros, seja de fragmentos deles, as quais permitem supor a existência de um texto anterior, “traduzido” pelo editor para a publicação no jornal. Os momentos parafraseados parecem ser aqueles em que o depoente se alonga em “eruditas considerações”, ou tenta reproduzir fielmente o dialeto caipira como, por exemplo, o depoimento de João B. de Andrade (LOBATO, 2008, p. 74) escrito em uma linguagem quase incompreensível, o que exigiu a interferência do editor, no sentido de facilitar a leitura.

Também foram identificadas, nas entrelinhas dessas paráfrases, outras interferências da voz do editor que dão um toque de ironia e sarcasmo ao texto, como se ele estivesse a comentar o que foi dito pelo depoente a partir de sua própria perspectiva, conversando com o leitor e, em última instância, mediando a leitura dos depoimentos.

No jornal, as interferências vão diminuindo a cada número, o que sugere que o ritmo acelerado da publicação do inquérito não permitia que todos os textos passassem por uma apreciação, já que os parágrafos introdutórios com comentários irônicos foram sendo reduzidos com o passar do tempo.

A pesquisa no *Estadinho*, ao revelar a presença de um clichê com o anúncio do lançamento do livro, indicou uma preocupação com a divulgação do evento, desencadeando a busca por ocorrências do mesmo procedimento no *Estadão* e na *RB*, periódicos onde Lobato atuava mais intensamente. Voltar a atenção à materialidade do livro revelou outra dimensão das manifestações artísticas e permitiu observar o percurso editorial de *OSPRI* de modo a acrescentar novas informações relativas à data do lançamento do livro, que muito provavelmente ocorreu em janeiro de 1918. Infelizmente, os números relativos à tiragem continuam obscuros, mas sabemos que no início de 1919 as duas edições já se haviam esgotado.

Por este ponto de vista fica evidente que Lobato usou na ocasião o seu “olho utilitário”, isto é, procurou levar em conta o caráter econômico das produções culturais. Mostrando conhecer o gosto do público, o editor tratou de cuidar da materialidade do livro ao acrescentar várias ilustrações e uma capa marcante, pouco usual, preocupando-se com a sua divulgação, ações que podem ser entendidas como indício de modernidade em relação ao modo de produção, na medida em que revela e expõe a consciência que tinha da dimensão econômica do livro, desde sua primeira investida editorial.

O passo seguinte das análises, centrado no cotejo entre os dois suportes, evidenciou o trabalho de edição que Lobato desenvolveu ao levar os depoimentos do jornal para o livro. Suas interferências se deram, para além das paráfrases (totais ou parciais), pela mobilização dos recursos de acréscimo e de supressão de depoimentos inteiros, trechos deles, ou de parágrafos de apresentação e de conclusão, de autoria tanto do depoente quanto do editor.

As supressões atingiram poesias inteiras, a princípio com a intenção de seguir a orientação de “desliteraturizar” a obra. No entanto, uma leitura mais atenta e a observação de dados de autoria foram sugerindo a existência de outra preocupação, relativa ao respeito pelos direitos autorais. Lobato muitas vezes eliminou os comentários demasiadamente elogiosos, as expressões de apresentação e despedida, assim como as sugestões para outros inquéritos, além de trechos de depoimentos que revelavam posturas muito negativas em relação ao folclore, ou que desprezavam as “crendices populares”, de modo a priorizar as histórias apresentadas pelos depoentes.

A identificação do que foi acrescentado ao livro revelou outra face do processo de composição, permitindo perceber que o trabalho não apenas se limitou a uma dupla edição, como também consistiu na execução de um projeto amplo de intervenção no cenário cultural de São Paulo e por extensão do país. São na verdade três eventos motivados por um ideal e apoiando-se reciprocamente: enquete, concurso e livro. O primeiro é o levantamento e o registro, o mais abrangente possível, de dados sobre a lenda folclórica, através do método de pesquisa de opinião levado a cabo pelo *Estadinho*, espaço aproveitado para a divulgação tanto do concurso de pintura e escultura, quanto do lançamento do livro. O segundo revela outra frente de atuação sobre o mesmo assunto, com o sentido de exemplificar o modo como poderia ocorrer o aproveitamento do tema, em especial no âmbito das artes plásticas. Antes de seu primeiro lançamento editorial Lobato foi principalmente crítico de arte e, por isso, suas reflexões partiam de experiência prévia na análise das manifestações artísticas. O livro consolidou, por meio dos textos que circundam os depoimentos, uma proposta de intervenção no cenário cultural como um todo, segundo a qual as manifestações artísticas, abrangendo pintura, escultura, arquitetura, mobiliário e literatura, seriam o reflexo de um projeto estético amplo, sintonizado com as preocupações nacionalistas de seu tempo e extensivo à educação e à política.

O concurso de pintura e escultura, realizado em outubro de 1917, constituiu-se como exemplo de realização efetiva dos ideais defendidos. Parte integrante e significativa para o todo do projeto, as imagens do concurso foram acrescentadas ao livro, tornando-se, além de chamariz para os leitores, um modo eficaz de argumentar a favor da viabilidade das propostas. É como se Lobato estivesse a dizer para o público: “é assim que se faz, é assim que o verdadeiro Brasil vai entrar para o seio da arte”.

A publicação, em livro, do inquérito e das imagens do concurso talvez possa ser considerada como a chave de ouro dos trabalhos, no sentido de que retoma e define o sentido de todo o percurso, além de registrá-lo em um suporte mais perene, que proporcionaria ao leitor maior facilidade de acesso em contraposição à efemeridade e fragmentação dos jornais.

Paradoxalmente, esta publicação marca também, com a amargura do epílogo, uma nítida retração da atuação de Lobato como crítico de arte (CHIARELLI, 1995, p. 216). Ao final do livro surge uma crítica virulenta, gradativamente intensificada como se vê na comparação entre o brasileiro e o macaco: a princípio se ressalta o comportamento imitativo, depois se denuncia seu raciocínio simiesco para enfim

qualificá-lo como gorila, “soberanamente” gorila. O tom de desilusão é flagrante, principalmente no trecho em que Lobato desabafa: “Não há mais ilusões. Não seremos nunca um ‘original’, e sim má ‘cópia’. O partido do plágio erigido em sistema de governo e educação vencerá em toda a linha” (LOBATO, 2008, p. 373). *OSPRI* sinaliza, ao mesmo tempo, o início da carreira de sucesso de um editor e o declínio de uma fase de produção de artigos relativos às artes plásticas.

Ao transpor os depoimentos do jornal para o livro Lobato articula dois principais recursos, a polarização e a ironia, transformando-os em fios condutores cuja função é dar coesão ao trabalho. Os comentários irônicos, se no jornal apareciam nas entrelinhas, tímidos, vão ganhando intensidade nas páginas do livro, através da adição de alguns comentários nos parágrafos introdutórios. Entretanto, é nos textos elaborados pelo editor com função de emoldurar os depoimentos que a ironia atinge seu grau máximo, elevada ao nível de elemento constitutivo e estruturante do trabalho.

É por meio do riso sarcástico que se opera a desconstrução de uma ideologia segundo a qual o brasileiro, para ser considerado civilizado, deveria copiar os modelos europeus em tudo, sem levar em conta a inadequação do transplante cultural. Ao rebaixar essa atitude, Lobato eleva o posicionamento contrário, de valorização do que é genuinamente local e caracterizador do povo brasileiro, mesmo que para isso seja necessário eleger o Jeca Tatu como símbolo de brasilidade.

Ironia e polarização andam juntas e são indissolúveis, desde a dedicatória até o epílogo, caracterizando as imagens problematizadoras: culto e inculto, erudito e popular, cidade de campo, estendendo-se a todos os elementos possíveis, tais como vestuário, bebidas, política, paisagens, ambientes. Tais elementos sustentam também a estrutura dos paratextos, que vão se construindo como uma narrativa, pela ficcionalização do percurso histórico do livro.

Nos textos que apresentam o inquérito observa-se a presença de duas vozes distintas: a do Lobato articulista e a do Lobato editor, este apresentado como narrador, aquele como personagem. Duas vozes que se caracterizam por certo distanciamento no início do livro, mas que ao final se mostram unidas e coerentes com a defesa de um ideal nacionalista, atuando efetivamente para a construção de uma imagem verossímil para o Brasil. Este recurso revela um trabalho de dupla natureza, transitando entre edição e autoria, confundindo os limites que parecem existir, a princípio, mas que afinal se diluem. Destaca-se novamente que Lobato propõe uma dessas vozes como uma instância narrativa, ou seja, identifica-se a presença de um narrador que conta, desde seu

ponto de vista, a história do inquérito. É então que vemos o Lobato editor comentar com ironia algumas frases do Lobato articulista, desconstruindo a si próprio também. Além disso, esse narrador seleciona, comenta, critica e unifica a pluralidade de vozes dos depoimentos, resultando no efeito de conduzir e gerenciar a leitura.

Duplicidade e ironia estão também nos sentidos que podemos atribuir à obra, como por exemplo no fato de que há nela um jogo de contrários implícito, uma vez que a pesquisa sobre um ente fantástico é feita através de um inquérito, método geralmente associado à esfera jurídica, mais exatamente criminal, denotando uma seriedade que geralmente intimida os envolvidos. Se considerarmos o inquérito como pesquisa de opinião, teremos também a noção de seriedade, uma vez que se trata de construção de conhecimentos, de aspecto científico. Mas nesse caso o procedimento refere-se ao Saci, elemento pertencente ao universo da fantasia, associado ao jogo lúdico, à diversão, ao ilusório, de modo que se subvertem os sentidos originais, pela proposta de levar a sério o que a princípio não o é, resultando na desqualificação de um elemento com consequente qualificação de seu par opositivo.

Levar a sério o Saci, uma lenda, desprezada por muitos depoentes como simples credence e superstição é uma atitude irreverente e de resistência contra a imitação de modelos, contra a falta de dicção própria, ainda que com sotaque caipira. A irreverência, a zombaria e a gaiatice, do mesmo modo que a pesquisa das origens, dos dados folclóricos, são características presentes em *OSPRI* que sugerem jogo lúdico e proposta temática ao sabor das vanguardas do início do século XX.

O tom incisivo e panfletário do epílogo, que o aproxima dos manifestos vanguardistas na medida em que anuncia e defende um projeto estético, se impõe como o registro do ideário lobatiano, marcado por um contexto de transição entre dois modos de se pensar a arte, de ver o mundo. Lobato, com a edição de *OSPRI* conduz um projeto estético rumo aos tempos modernos ao indicar novos caminhos, numa visão prospectiva, mas ao mesmo tempo não se desvencilha de uma visão retrospectiva, uma vez que prefigura “algumas das mensagens de 22” no plano temático, sem porém fazê-lo “no nível dos códigos literários, que passam a registrar inovações radicais só a partir de Mário, de Oswald, de Manuel Bandeira.” (BOSI, 1991, p. 391)

Por fim, o trabalho comparativo nos permitiu observar que a alteração de suportes provoca outras alterações em cadeia. No jornal, na exposição de arte e no livro, a variação de suporte exige configurações textuais diferentes que vão atuar em leitores, tempos e locais também distintos. O jornal e a exposição veicularam seus textos em

eventos efêmeros, datados e atingiram um público específico, enquanto que o livro, por sua perenidade, amplia não apenas as configurações textuais, como também o alcance em relação aos receptores, lugares e tempos.

O Inquérito revelou-se como o manifesto lobatiano, uma proposta de atuação estética que abrange todas as manifestações culturais, forjado com a ferramenta da ironia e com acréscimo de ácido fórmico à tinta. O tom combativo se impõe de modo a escandalizar e assim chamar a atenção para si, com o objetivo de se fazer conhecido, em clara atitude de autopromoção. Depois da estreia em livro Lobato parece mudar o alvo, mas sempre conservando a ironia, um de seus traços identitários.

Tinta e ácido fórmico são as ferramentas do editor e autor do triplo projeto do Saci Pererê. Este foi o modo como Lobato entrou em cena: de machado em punho, faca nos dentes e arrombando as portas a pontapés.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

AZEVEDO, C. L. et al. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC – São Paulo, 1997.

BANANÈRE, Juó. *As Cartas d'Abaixo Pigues*. Organização e estudo Benedito Antunes. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

BARROSO, Ana Beatriz de P. C. *A mediatização da arte*. 2007. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BESSA, Virgínia de Almeida. *A cena musical paulistana: teatro musicado e canção popular na cidade de São Paulo (1914 – 1934)*. Tese. (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

Disponível em: < file:///D:/Downloads/2012_VirginiaDeAlmeidaBessa_VCorr.pdf >
Acesso em 08/out./2015, 14:30h.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese. (Doutorado em Literatura Brasileira) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. 422fl.

BOMTEMPI Jr., Bruno. O jornal *O Estado de S. Paulo* no processo de americanização: o inquérito de 1914 e o ensino moral e cívico. Artigo. In: Anais do 6º. Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, MG, de 17 a 20 de abril de 2006. Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Bruno%20Bontempi%20Jr%20-%20Texto.pdf>

Acesso: 02fev.2015, 8:15h

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. Narrativa e resistência. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção estudos; 20)

[BRASIL, Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatística., Recenseamento do Brazil.](#) Realizado em 1 de Setembro de 1920. População (1a parte). População do Brazil por Estados, municipios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade, 1926 (volume: Vol 9; 1920) Disponível em:

<https://archive.org/details/recenseamento1920pop1#page/2/mode/2up>

Acesso em : 04/08/2014, às 13:40h.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: I Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Coleção Vera Cruz, 63)

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975. (Documentos Brasileiros, v.108)

CAIUBY, Alita Tortello. *Outros Tempos de Juó Bananére*. Dissertação – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. 152f.

CAMARGO, E. do C. *Um estudo comparativo entre "O Sacy-Pererê", resultado de um inquérito (1918) e "O Sacy" (1921) de Monteiro Lobato*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006. 493 f.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. Literatura e Cultura de 1900 a 1945 (panorama para estrangeiros). In: _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. rev. São Paulo: Nacional, 1976. p. 109-138.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 23-29

_____. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002, p. 77-92. (Coleção Espírito Crítico)

_____. Literatura como sistema. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. 1750-1880*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009. p. 25-39.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011. p. 169-191.

_____. Uma palavra instável. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011. p. 215-225.

CAMARGOS, M. *Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2007. (Série imagem & texto)

CASCUDO, L. da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

_____. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7. ed. Belo Horizonte –MG; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

_____. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.

_____. *Lendas Brasileiras*. São Paulo: Global, 2001.

CASTELLO, J. A. *A Literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. (2v.)

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. v.1.

_____. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Coleção autores brasileiros, 9)

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. (Texto e Arte, 11)

- CHIARI, Maria Camila. *Educação, pedagogia e psicologia no pensamento educacional de Carlos da Silveira 1916-1923*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos –SP, 2014. 117f.
- COUTO DE MAGALHÃES, General. *O Selvagem*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (Bibliotheca Pedagógica Brasileira, série V, vol. LII)
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o Leitor, esse conhecido*. Itajaí: UNIVALI, Ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- DE LUCA, Tania Regina A *Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. - (Prismas).
- DUARTE, Lia C. *Lobato Humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ESPÍRITO SANTO, Silvia Maria do. *O colecionador público documentalista: Museu Histórico e de Ordem geral “Plínio Travassos dos Santos” de Ribeirão Preto*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) UNESP, Marília -SP 2009. 206f.
- FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague*. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- FONSECA, Denise Sella. *Uma “colcha de retalhos”: a música em cena em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX*. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- Disponível em: < file:///D:/ http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15012015-185426/pt-br.php > Acesso em 08/out./2015, 14:52h.
- FURLAN, Oswaldo A. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin [1977]. *O Inquérito: Teoria e Prática*. 3.ed. Trad. Conceição Lemos Pires. Oeiras: Celta Editora. 1997.

GOULART, I. C. V. *As lições de Meninice: um estudo sobre as representações de livro de leitura inscritas na serie graduada Meninice (1948/1949)*, de Luiz Gonzaga Fleury. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. 280f.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. revista e ampliada. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOHLFELDT, Antonio. *Pelas veredas da Literatura Brasileira*. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1994.

JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por trocadilho: a imprensa de narrativa irreverente paulistana 1900 – 1911*. São Paulo: Alameda, 2006.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*. Porto Alegre, RS: AGE: EDIPUC, 2008.

KOSHIYAMA, A. M. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2006. (Coleção Memória Editorial, 4)

KRUG, Edmundo. A Superstição Paulistana. Conferência (1909). In: *Revista da Sociedade Científica de São Paulo*. vol. V, janeiro-agosto – 1910. Disponível em: <http://search.ihf19.org.br:8080/xmlui/handle/1357/263#page/1/mode/1up>
Acesso em: 04/03/2015, 09:35h.

LAJOLO, M. P. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 94-103.

_____. A modernidade em Monteiro Lobato In: Zilberman, R. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Novas Perspectivas, 8)

_____. Os anõezinhos fora do lugar. *Revista Remate de Males*. Vol. 22, Campinas: UNICAMP. 2002. p. 165-180.

Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3170/2652>
Acesso 29/05/2013.

_____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M. P.; CECCANTINI, J. L. (orgs). *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra infantil. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, M. P. (org) . *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

LEITE, Sílvia H. T. de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996. (Prismas)

LOBATO, J. B. M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. A poesia de Ricardo Gonçalves. In: *Revista do Brasil*, ano I, vol. III, setembro a dezembro de 1916. p. 298, 299.

_____. *Idéas de Géca Tatú*. 1. ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1919

_____. *Idéas de Jéca Tatú*. 2. ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

_____. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. Edição fac-similar (1918). Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A., 1998.

_____. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008.

_____. Urupês. In: _____. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007. p. 166-177.

_____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Globo, 2010.

_____. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Globo, 2010.

_____. *Contos Completos*. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

_____. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007.

LOPES, E. M. T.; GOUVÊA, M. C. S. (orgs.) *Lendo e Escrevendo Lobato*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARCONDES, Marcos Antônio. (ed.). *Enciclopédia da Música popular brasileira: erudita, folclórica e popular*. 2. ed. São Paulo: Art Editora/Publifolha, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP: 2003. 418fl.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica* o processo de escrita do conto lobatiano. Dissertação (Mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP: 1998. 416f.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Volume VI – 1915-1933. 3. ed. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2010.

MELLO, Luís Correia. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo – Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1979.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

MOTA Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933–1974)*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1985.

MOTOYAMA, Shozo. *USP 70 anos: imagens de uma história vivida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 124-5.

NUNES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu: a questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.

POEL, Francisco van der (Frei Chico). *Dicionário da religiosidade popular: Cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

QUEIROZ, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o Saci*. São Paulo: Polis, 1987.

REIS, Carlos; LOPES, Ana C. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos)

RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974. (Ensaio, 5)

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SERRA, Elizabeth (org.) *A Arte de Ilustrar Livros para Crianças e Jovens no Brasil*. The Art of Book Illustration for Children and Young People in Brazil. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro : FNLIJ, 2013.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo*. Volume1. São Paulo: Editora: 34, 1999.

SILVA, Marcos (org). *Câmara Cascudo e os Saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

SOUZA, Alberto. *A população do Estado de São Paulo no último decênio (1907-1916)*. São Paulo: Tipografia Piratininga, 1917. Disponível em:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=14597&pesq=>
acesso em 27/03/2015, 16:47h

SOUZA, Cruz. *Obra completa*. Edição do centenário. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1961.

VALENTE. Tiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*. Tese. UNESP. Assis, 2009. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ZILBERMAN, R. (org.) *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Novas Perspectivas, 8)

ANEXO

A seguir apresentamos as transcrições dos depoimentos do “Inquérito sobre o Saci Pererê” publicados no *Estadinho*, no período de 27 de janeiro a 06 de março de 1917, na coluna intitulada “Mythologia Brasilica”.

Cada um deles ocupa um quadro, cuja primeira linha indica, na ordem, o número da edição, o dia da semana, o dia e o mês da publicação, seguidos do número da página e das colunas, separados por dois pontos. À margem direita desta linha registra-se o número do depoimento ou a indicação de que se trata de um artigo. A segunda linha informa a localização do texto em livro, quando houver, com indicação do título, ano de publicação e número de página.

MYTHOLOGIA BRASILICA

Inquérito sobre o Saci Pererê

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 573 ter., 2, Jan., - 5: 3 a 5	(Artigo)
Em livro:	Idéias de Jeca Tatu, edição de 1946	
ARTE BRASILEIRA		
<p>É crime deixar que morram os ecos da festa promovida pela S. de C. A. no S. José, sem frisar a significação das duas manifestações de arte puramente nacional que mais impressionaram o publico.</p> <p>A “conferencia” de Sebastião Arruda é uma joia de observação psychologica, de humorismo, de graça, de “estilo”. Não faz Arruda uma caricatura do caipira, não o falseia com exageros de “charge”; mas o reproduz com fidelidade de miniaturista nos menores detalhes, magnificamente equilibrado numa sobria justa medida, sem uma descahida sequer.</p> <p>O introito onde Arruda depois do “Não vê que...” inicial aborda o problema da formiga, -- logico, pois “falava uma conferencia” numa sociedade de “agricultura”, e depois de condemnar o uso do formicida por “deixar catinga na terra”, expõe o processo da pedra, do tabaco e do espirro fatal, é uma cena de alto humorismo que vale todo o melhor livro de Mark-Twain.</p> <p>Nunca uma platéa como a nossa, victima de azía chronica pelo abuso de orchatas francezas como essa que o Poe-Lugné nos forçou a ingerir a 10\$000 a dose, vascolejou diaphragmas e adjacencias com mais sinceros, saudaveis e tonicantes risos. Não era o risinho espremido e forçado, verdadeira careta de martyr, de quem sorri por injucções do snobismo, sorriso palerma que é um esgar simiesco, repuxo comico de musculos faciaes.</p> <p>O que no publico ria não era a attitude, nem a francelha cultura do espirito; era a carne, o sangue, a raça, era esse substrato mental e sentimental que nós, medrosos da critica escarminha dos “rastacueros “ que cheiraram Pariz e nol-o imbutem como padrão supremo, conservamos timidamente aferrolhado em carcere privado. Que bem faz rir assim!</p> <p>Em seguida Arruda, habil na transição, começa a descrever a criação do mundo. O dialogo entre Deus e Adão, a bonhomia do “seu Deus”, o jogo ultra-comico dos anachronismos... Que coisa soberba! Quanta arte em tudo aquilo!</p> <p>De que maravilhosas coisas o brasileiro não seria capaz se o não plantasse no terreno do “pastiche “ o inhibitorio terror a’ mofa escarminha do francez! O que nos mata é o francez. Nós temos a obsessão do francez. Que não dirá o Poe se não fingirmos achar uma maravilha as suas séccas de legua e três quartos? Que não pensará de nós o sr. Prud’homme se não enchermos de ouro e palmas as notabilidades anti-diluvianas que os vêm cavar aqui?</p> <p>Isto é avacalhante. Um relissimo criado de café que se guinda ao palco, na primeira ocasião de apuros financeiros péga da amante e da “ bonne á tout faire ” da amante e tangem-se á mina. Cá obtêm dos governos todas as facilidades; installam-se de graça nos melhores theatros; saracoteiam no palco a velhice cornea e o cambito magerrimo das actrizecas; injectam-nos interminaveis seringações de coisas lá deles, o sr. Lafontaine, o sr. Verhaeren, o sr. d’Avray; zombam da platéa pascacia representando peças com o original na mão, a gaguejal-as; recebem, em vez do merecido ovo choco, palmas, insincerissimas, mas palmas; e voltam a penates, cheios de dinheiro, a comentar com muito chiste a inconcebivel paspalhice da nossa gente elegante. E os zulús albinos que entre nós, por vestirem casaca e bebericarem champanha, são os directores estheticos da alta gomma (que gomma!) murmuram, encalamistrados de chique colonial: -- S. Paulo inda não está na altura de comprehender espectaculos desta ordem!</p> <p>Eça! Eça! Como te foste esquecer de criar o “pendant” do Conselheiro Acacio, um Damaso a serio, critico de arte e cubista?</p> <p>Está claro que diante de coisas como a conferencia Arruda a claque da gomma alta (pfff!) torce as belfas num muxoxo decalcado pelo ultimo figurino. Mas a sensação do publico sensato é bem outra e fala mais alto – e ela nos diz que Arruda nos</p>		

curou da azfia mortal. Que allivio! Porque não dá Arruda uma série de espectaculos idênticos? Porque o dr. Neiva, da Hygiene, o não subvenciona? Um homem que cura a azfia coletiva de uma cidade! ...

A outra consoladora manifestação de arte nossa proporcionou-nos João Pernambuco. Pernambuco é um bello typo de homem. Nelle se vêem em grau accentuado todas as características do brasileiro puro, criado ao ar livre, no contacto directo com a natureza bravia. Dentro do seu peito bate um coração. Su'alma é a propria alma da terra. Pariz não contaminou um globulo sequer daquelle sangue oxygenado pelo ar das florestas.

Cantou o "Luar do Sertão" com tanto sentimento que innumerous olhos se humedeceram da mais pura emoção esthetica. Que soberbos versos são aquelles! Quanta poesia alli, da verdadeira, da authentica, da que brota espontanea do coração. Rudes, sem attenção para a fôrma, cada imagem figurada neles é um escancarar-se-nos as portas do sonho. Quando o luar se abre no sertão e prateia a verde mata,

A gente pega a viola
que ponteia
e a canção é a lua cheia
a nos nascer no coração.

Haverá nada mais suggestivo, e pinturesco, e mais tímido de poesia?

Coisa mais bella neste mundo
não existe
do que ouvir-se um gallo triste
no sertão, se faz luar!
Parece até que a alma da
que descanta,
escondeu-se na garganta
desse gallo a soluçar!

Que quadro! Que imagens! Que emoção!

E o final onde o poeta nostalgico da sua terra ancia por morrer lá na terra natal, e ser enterrado numa grota pequenina,
onde, a' tarde,
a sururina
chora a sua viuvez?

Poesia, o' civilização avariada, victima de iodetos, de cocainas, de Poes e de cubices malsans; poesia, o' Verlaines coloniaes, Baudelaires de cocar disfarçado na cartolinha, de Joões Lorrains da Quarta Parada, poesia é isso! Arte é isso! Esthetica é isso!

Poetas desta força não vão amortallar-se nas anthologias caras ao pedagogo hispido e a traça sem paladar, mas tiram seus versos a milhões de exemplares. Seu editor é o povo.

O papel em que se imprimem não vem da Suecia, não é pasta de madeira morta; é carne viva do coração ingenuo de toda uma raça.

Lugné -Poe não os citara em conferência a faiscação d'ouro e luz do Municipal, nem a Despres os recitará jamais; mas pelos campos, extremo a extremo do paiz, elles soarão através dos lábios das caipirinhas, e as arvores, os correjos, a relva, toda a paisagem estremece revendo nelles su'alma recondita. E como Pernambuco os diz bem!

Até na gesticulação, angulosa, larga, sem arrebiques mollengas de conservatorio, barbara e sadia, puramente reflexa da emoção sentida, elle é o homem daquelles versos. Por sua vez a musica, melopéa singela e nostalgica, contribue para dar aos versos de Catulo a mais harmoniosa das molduras.

Se tivéssemos mais disto e menos das desnalgadas salafrices do café cantante... No entanto o pabulo permanente que o nosso publico tem é o "Viens poupoule... a "Mam'elle Zut-Zut", as escorrecias malsans dos Pollins, os dejectos todos do apachismo de "Montmartre", o "toutou", a perna fina, o "maillot" sebozo, a feiura e a velhice matusalenanesca das cantoras (pff!) gommosas, das cantoras "a voix" (pff!), das "diseuses" trescalantes a avaria luetica n'alma, no corpo e na arte.

Ai! quando nos virá a esplendida coragem de sermos nós mesmos, como o francez tem a coragem de ser francez, e o inglez a de ser inglez, e o allemão a de ser allemão?

Quando? Quando?

M. L.

Em jornal: *Estadinho* - 579 - ter, 09, jan., 1917 - 4:1 e 2

(Artigo)

Em livro: (inédito)

CORNELIO PIRES

Fala-se muito em arte nacional mas poucos a realisam. Cornelio é dos que a realisam sem falar. No fundo da obra pessoalissima que elle vae criando, e que a arguta critica de Veiga Miranda muito bem analysou, ha mais coisas do que enxerga um exame superficial. Não é só a graça, o caso pilherico ou o lado psychologico que lhe dá valor a obra. Cornelio pelo convivio systematico com o nosso homem das selvas apanha ao vivo traços do seu caracter e tambem recolhe o ouro duma lingua que foi inicialmente a portugueza mas que caminha, num processo lento de transformação, para a formação de uma lingua brasileira. As palavras novas, criadas pela necessidade de expressar coisas e sentimentos novos; as palavras velhas, herdadas da metropole e que se conservam puras, com sabor archaico embora na lingua literaria ou estejam banidas, ou remoçadas; as palavras velhas que soffreram modificações radicaes e são apenas reconheciveis; tudo elle apanha em flagrante e fixa nos seus livros.

O paiz necessitava de pelo menos vinte trabalhadores honestos como este, um em cada Estado, para realizar a tarefa difficil de conhecer a SUA lingua. Taes modalidades dialetaes apresenta o portuguez conforme a zona onde é falado, que sem este trabalho collectivo não poderemos nunca ter a impressão exacta do falar popular. Na obra de Cornelio quanta novidade! Quantos termos e locuções pinturescas enxameadas dentro de cada "causo" narrado! É facil inventar caipiras, e inventar lingua caipira entre as quatro paredes de um gabinete. Sae geralmente a coisa mais indigesta e lorpa que imaginar-se pode. Grande somma de caipirismo impresso por ahi em livros e revistas é o produto desta indecorosa improbidade artistica. Em Cornelio tudo é visto e ouvido. Nada inventado. Isto explica a "paxa" do publico sincero pela sua obra. Seus livros esgotam as edições nesta terra classica do encalhe livresco. E mais que isto são lidos em todas as classes sociaes. Penetram nas camadas populares, donde expellem o sordido Escrich, o imbecilicante Montepin e outras moxinifadas francezas; despertam o gosto e a curiosidade pelas nossas coisas;

exercem, enfim, a mais benéfica das influências na alma popular. Acoimam o nosso povo de não ler. Mas faz elle muito bem. Lêr que? o Xavier? o Escrich? João do Rio? Os trezentos de Gedeão do pedantismo actual? Não! O povo é no fundo profundamente sensato. Prefere não ler nada a ler coisas que nada lhe dizem ao coração. Dê-mhe obras vividas, saídas do seio delle, em lingua sua, que estudem typos seus, e analyse-m o homem como elle o vê em redor de si – e esse povo lerá copiosamente.

Dê-mhe romances cheios de acção, com entrecos empolgantes, onde a narrativa corra com fluencia sem empacar a miudo em excessos de descriptivo enfadonho ou em estudos de psychologia opiacios. Dê-mhe a obra sadia, pura, verdadeira, singela, sem resaibo francez sem caroços psychologicos, sem lenga-lenga adjectivosa, e a nossa gente lerá com avidéz.

De Cornelio ha muito que esperar. O lendario popular (para não estragar a coisa dizendo “folk-lore”) está ahi, riquissimo, a florir esplendidamente sem que nós, gente ruim da cidade avariada pelo rastacuerismo, saibamos disso.

Que vá Cornelio a elle, recolha os diamantes esparsos, e nol-os exhiba diante dos olhos. Ninguém como elle é mais capaz dessa obra, nenhum trabalha tanto, nem “sente” melhor a alma das coisas nenhum possui um talento mais ductil, mais adequado para a visão nitida das mil facetas desse imponderavel que é tudo e parece nada: o sentido mysterioso da terra.

M. L.

Em jornal: 592 - qua., 24, jan., 1917 - 3:1 e 2 (Artigo)

Em livro: *O Sacy Pererê*: resultado de um inquérito – 2008, p. 31

O SACY

Entre os nossos artistas já se vae despertando certa curiosidade pelo diabolismo do lendario popular do qual é o Sacy-pérérég a figura mais suggestiva. Em pittoresco e artimanhas o moleque de uma perna só em nada fica atrás dos “bleu-devils” escossezes ou dos gnomos germanicos do Rheno. Merece entrar ruidosamente para a legião universal dos infernisadores da vida. No dia em que esse “enfant-terrible” das capoeiras fôr fixado em fórmulas definitivas pelas artes plasticas, o nosso patrimonio artistico ter-se-á enriquecido de “algo nuevo”. Será uma nota de originalidade brasílica tão valiosa como o maxixe na choreographia, a muqueca na culinaria, o péu-péu nos dias de hymno, a modinha na musica, o desafio na poesia, o marechal Pires Ferreira na politica.

A difficuldade que para isso encontram pintores e esculptores está em que não basta irem ás bibliothecas e pedirem por bocca tal ou tal obra. Nossas bibliothecas publicas possuem nas estantes grammaticas celticas em 20 volumes, in 4.o, mas não se dão á pacholice de conspurcar o nobre ambiente livresco com velharias de Mello Moraes, Sylvio Romero e mais poucos estudiosos destas bobagens folkloricas. Ê-lhes forçoso afundar na roça para consulta verbal ao grande livro não escripto da credence popular.

E como a figura do Sacy varia de zona a zona, conforme o grau de medo que a natureza nocturna inspira ao sertanejo, este facto exige delles uma onerosa investigação dispersiva, caso queiram ser honestos.

O Medo! Eis o pae da bicharia. Aqui, como na Grecia, como nesse Egypto inçado de Raméses que se “perdem na noite dos tempos” é sempre o medo o grande criador dos deuses e dos demonios.

De onde saes tu, religião! Da escuridão da noite...

A treva gera o medo; o medo gera o deus e o diabo, e gera ao pé destes a legião inteira da bohemia infernal – deusesinhos e demonios menores, Ariel, Mab, Caliban, anões subterraneos, diabinhos azues, bruxas, lobishomens, caaporas, currupiras e sacys.

Só no convivio do sertanejo, valente de dia e medroso de noite, ao som da viola num rancho de tropeiros, vendo bruxolear a fogueirinha e, fóra, na imprimadura da escuridão, lucilar o vagalume vagabundo é que um artista poderá “ouvir e entender” sacys.

O medinho contagioso abrir-lhe-á todas as valvulas da comprehensão. E saberá pela bocca ingenuamente credula do Geca Tatu que tempéra a viola que o Sacy é um molecote damninho, cabrinha malvado, amigo de montar em pello nos “alimaes” soltos no pasto, e sugar-lhes o sangue enquanto os pobres bichos se exhaurem em correria desapoderada, ás tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento elle passa pinoteando nos remoinhos de poeira. E que nessa occasião basta lançar no turbilhão um rosario de caiaipiá para tel-o captivo e a seu serviço como um criadinho invisivel. E saberá mil particularidades mais, ouvirá “causos” de mil diabruras pelos campos, ou dentro da casa se uma cruz na porta principal não a proteje do capeta. E ficará encantado com a psychologia do peraltinha, cuja mania é atanzar a vida do sertanejo com molecagens de todo o genero sem entretanto cahir em excessos de perversidade. Não tem maus bofes, o Sacy. O que quer é divertir-se a custa do caboclo e quebrar a vida monotona do sertão.

Vive em permanente diabrura – o que é natural num diabinho – a pregar peças ao bicho homem. Este, por sua vez, desquita-se na mesma moeda armando “boas” ao Sacy, que nem sempre leva a melhor no curioso duello. Quando um delles se excede em travessuras, no redor da casa, o caboclo indignado casca-lhe em cima uma mocada de rezas e amarra-o afinal. Basta um nó bem dado, num cabo de buçá, para que o moleque fique preso, a gemer “sugigado”.

Porque então, se é assim facil, porque não se livra delle, duma vez, o caboclo, conservando o nó sempre apertado? Altos segredos da psychologia sertaneja ... Ao enfurecimento do homem succede logo o dó; o caboclo começa a sentir falta dalguma coisa; o mato parece-lhe triste, a noite muito vazia, os animaes nostalgicos da correria nocturna. E vae, então, e desdá o nó com um ralho amigo:

-- Vae s'imbora, peste!

E o Sacy azulada, ventando.

Que optimo, que precioso thema de arte não é esta concepção popular!

No entanto nenhuma tentativa inda foi feita para fixal-o na téla ou no barro.

Um distincto sabedor das nossas coisas, negociante de café, tentou plasmar no barro – e em barro do Poá, a fórmula do Sacy como elle a concebe. O Sr. M. L. de Oliveira Filho manda-nos o figurão reproduzido em gravura, com as seguintes notas:

“Sacy-perereg -- (Çaa Cy – olho mau; pérérég - saltitante). Preto. Nariz de socó, lingua de palmo, “pincésinho” no queixo, barriga de maleiteiro, umbigo de chorão, uma perna só, rasto de criança, espora de gallo velho que dá para empoleirar dois pintos. Quando trepa em barranco deixa tres riscos, signal de que tem tres dedos. Mão furada, orelha de morcego, carapuça vermelha de cuia, com barbicacho de sedenho. Acompanha os cavalleiros em viagem por dentro do mato arrancando cipós. Quando vê gente assobia, põe a lingua e “curisca”. Deita fumaça pelos olhos.”

Se o “barro do Poá” de Oliveira Filho não resolve, sob o ponto de vista esthetico, a fixação plastica do Sacy, culpa não cabe ao autor. Tem culpa o paiz, este paiz das arabias em que os negociantes se vêem forçados a metter mãos no barro e ensinar o caminho aos esculptores de profissão, porque estes senhores andam talvez a sonhar negocio de café depois que o Zago entrou a zagar os parques, e os encheu de esculptural desanimo.

M. L.

Em jornal:	595 - Sab., 27 jan. 1917, 3:1 (Estadão em 28/01/917)	(abertura)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 36	
Mythologia brasileira INQUÉRITO SOBRE O SACY		
<p>O “Estadinho” inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquerito, ou “enquête” como diz o Trianon na sua meia lingua. Sobre o futuro presidente da Republica? Não. Sobre o Sacy.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Todos os povos, do Inoitto da Groenlandia ao Thuareg bérbere, do inglez ao chim, vivem com um pé na realidade e outro no sonho. Por força de uma necessidade incoercível elles se criam um ambiente fantastico de concepções supra-sensíveis para repouso do prosaismo diario.</p> <p>Verdadeiro oasis onde a ancia vaga d’algo melhor põe tudo quanto o homem não encontra no deserto da vida, mas de que necessita para equilibrio rythmico de sua alma. Assim a Grecia, para tomar um exemplo dentre mil, viu a imaginação dos seus filhos, povoar os bosques de faunos e satyros capripedes, os campos de centauros, as aguas de sereias, dryadas e nymphas, o ar de sylphos, o céu de deuses; e essa mythologia, de criação puramente popular, foi a contribuição maxima que ao mundo legou a gente hellenica.</p> <p>Seus rhapsodos, como seus esculptores nada mais fizeram senão fixar no poema ou no marmore as credices que marinheiro velho, tanado de sol, transmittia ao adolescente embarcado de primeira viagem, nas horas de folga, quando a galera abicava numa angra para repousar. E até hoje todos os povos modernos cultuam aquelles symbolos mortos apesar da nenhuma significação que elles têm fóra do ambiente grego. Será assim pelo valor intrinseco proprio á credice em si? Não. Reside o segredo de sua persistencia seculos em fóra na extrema belleza das fórmas sob as quaes o artista grego a consolidou.</p> <p>Disto se conclue que o povo é o grande criador, e que o artista tem por missão operar como o instrumento esthetico por meio do qual o povo dá corpo definitivo e harmônico aos seus ingênuos esboços.</p> <p>Temos nós, no seio da massa popular, materia prima digna de ser plasmada pelas mãos da arte? Sim. Não tão abundante e rica como a tinha o grego, povo eleito da Harmonia; mas rica e abundante no sufficiente para darmos ao mundo uma contribuição vultuosa de criações originaes.</p> <p>Basta que o nosso artista, se é um garimpeiro de talento, mergulhe no seio do povo e lá bateie na manga rude o ouro de lei.</p> <p>Se andam elles, hoje, vazios de idéas, e desorientados, é porque procedem de maneira exactamente inversa. Homero, Ictiyo, Phidias, Praxiteles, Aristophanes não se mettiam no Trianon a pasmar diante da lepida Maria Antonietta masculina que alli nos inicia aos altos mysterios da alta gomma. Nem iam, todas as noites nhambiquarar em francez diante de uma garrafa de champanha, rodeados de varias “bonnes a tost faire, de Marselha, transfeitas em parizienses montmartrinas “ad usum, fazendeiros do Jahu em fim de safra. Frequentavam o povo, conviviam com elle, impregnavam-se das suas crenças, ouvia-lhes as historias, e sabiam delle cheios de ideas, de formas, de coragem, de inspiração.</p> <p>Procedamos assim. A fonte da agua pura é uma só, e a mesma, na Grecia, em França, na Russia e no Brasil: o povo.</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>Das nossas criações populares a mais original é o Sacy-pé-réré. Vem de autochtone que lhe deu o nome actual, corruptela de “Çaa cy perereg...”.</p> <p>Soffreu o influxo do africano, passando de caboclinho a molecote. Modificou-se por injunção da psychica portugueza. O mestiço meteu nelle muita coisa de seu.</p> <p>Acabará ainda soffrendo a influencia do italiano talvez... E dest’arte, sempre vivo, evoluindo sempre, o sacy que povoou de sonhos a filharada de Thomé de Souza, chegou até nós; e apesar do automovel e do João do Rio, inda convive com as nossas crianças nas cidades, e com o sertanejo na roça.</p> <p>Não ha menino que em dia de vento não arregale o olho para um “rodamoinho” de poeira e não “veja” nelle, com os olhos da suggestão, o moleque de uma perna só. Como não ha tropeiro que ao pegar um animal no pasto, vendo-lhe a crina entrançada é uma suadela de morcego no pescoço, não murmure entre colerico e apprehensivo:</p> <p>-- Dianho de negrinho safado! Eu inda acabo botando um bentinho nesta egua.</p> <p>Esta persistencia denota que o duendezinho representa uma necessidade psychologica, talvez a de explicar innumerous phenomenos cujas causas naturaes escapam á comprehensão do homem inculto.</p> <p>Filho da imaginação collectiva do paiz o Sacy é uma resultante psychica do nosso povo. É digno de estudo como todas as suas outras manifestações originaes.</p> <p>Estudemol-o, pois.</p> <p>Aos frivolos parecerá frivolo, e até pilherico, dar atenção ao Sacy, e consagrar a esse moleque um tempo precioso que podia ser consumido em dissertações sobre o caso Dantas-Borba. Se valesse a pena argumentar com um frivolo dir-lhe-iamos que todas as manifestações da psychica collectiva de um povo têm igual valor perante a sciencia; e é estudando taes manifestações que poderemos conhecer o povo; que o conhecimento traz a comprehensão, e a comprehensão traz o amor, que...</p> <p>Mas, que tolice! O frivolo que vá fazer gomma alta ao Trianon, ou quedar em attitude de bonzo diante de uma Pommery, como se dentro da zurrapa temperada no Bom Retiro estivesse em dissolução gazosa, o Fim Ultimo das Coisas. E que lá impe de Luiz 16 á paisana com as penninhas da tanga só visíveis a quem tenha olhos armados de raio X. E que apodreça de “chic” sob o olho esperto de Maria Antonietta. Sua alma, sua palma.</p> <p>Façamos nós outros arte sádia, e façamos sciencia sem o perceber.</p> <p>O “Estadinho” abre suas columns para esta investigação e pede aos seus leitores um depoimento honesto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.o) sobre a sua concepção pessoal do Sacy; como a recebeu na infancia; de quem a recebeu; que papel representou tal credice na sua vida, etc. 2.o) qual a fórmula actual da credice na zona em que reside. 3.o) que historias e casos interessantes, “passados ou ouvidos” sabe a respeito do Sacy. <p>As communicações deverão vir endereçadas a “Sacy-perere”.</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> , 596 – seg., 29 jan., – 3: 2 (<i>Estadão</i> , no dia 30/01/1917)
Em livro:	não publicado
<p>O Sacy está na moda. Deve-o, sem duvida, ao nosso distincto collaborador M. L., que lhe dedicou dois artigos, abrindo, nas nossas columnas, um inquerito que está despertando, como era de prevêr, muita curiosidade.</p> <p>Entretanto, se são muitas as lendas conhecidas sobre o engraçado diabinho brasileiro, não são pucos, entre nós, os que desconhecem, quasi por completo, o que seja o Sacy. Eis como o pinta um poeta nosso:</p>	
<p style="text-align: center;">Das noites sem luar nas horas mortas, Quando a lareira não tem mais gravetos, E é tudo escuridão pelas senzalas, E só se escuta o ressonnar dos pretos;</p> <p style="text-align: center;">Surge d'além, das bandas da tapera, Cavalgando um corcel de taquary, O pavoroso espectro das madornas, O heroe das sextas-feiras – o Sacy.</p> <p style="text-align: center;">Traja quimão de baetilha escura, Carapuça em funil, hirta e vermelha: Guarda na dextra as redeas de tabua E a ponta do cigarro atrás da orelha...</p>	
<p>E foi assim que Ezequiel Freire descreveu o Sacy. Para satisfazer a curiosidade de muitos leitores, resolvemos inserir em nossas columnas os intressantes versos do poeta patricio sobre o “heroe das sextas-feiras”.</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 597 – ter., 30,Jan. - 3:1 a 4	(dep. 1)
Em livro:	<i>O Saci Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 40	
<p>Está no galarim o capetinha. De todos os lados nos chegam comunicações preciosas sobre as artimanhas do brejeiro. Principiaremos com o singelo depoimento de uma senhorita de 25 annos em cujo cérebro inda estão frescas as impressões da puericia.</p> <p>Diz a sra d. M. Amaral Villaça: “antes de dar ao querido orgam as impressões que pedis, no vosso originalissimo concurso, não posso resistir à tentação de agradecer a essa illustrada redacção a lembrança que teve de offerecer aos seus leitores um pretexto... “sui generis” para falar de uma quadra da vida que, para todos nós, é sempre de saudade indefinida.</p> <p>O Sacy-Pêrê!... Já lá vão vinte e cinco annos!</p> <p>Eu tinha então quatro auroras; era bem essa a minha idade. Naquelle tempo as crianças eram só crianças. Tempo ditoso! Não iam ao theatro nem a bailes de embaixada nem a nada. Mas á noitinha emquanto o papá ia ao club e a maman examinava as contas da cozinheira, as crianças em torno da aia ouviam interessadas as historias de Pedro Malazarte, da formiguinha e do João e Maria...</p> <p>Porém...deixemos as divagações.</p> <p>Meu pae não ia a clubs; e a mamãe não tinha criadas; era ella quem á noite, emquanto a senhora e o senhor iam ao theatro cuidava dos meninos e os adormecia embalados nos seus contos singelos. A innocencia não tem gerarchias; por isso ao lado dos pequenos Henrique, Pimpolho, Olga e Nenê, esta bem pequenina e com direito ao collo da sua velha Anna, e nós outros assentados em torno no tapete, íamos ouvindo, ouvindo, até que vencidos pelo somno, cada um ia carregado para o leito sorrindo a dormir...</p> <p>Foi nesses serões inesqueciveis que eu ouvi mil vezes a descripção do Sacy-Pêrê, que era o calmante ministrado por mamãe ás crianças quando á sahida da senhora elles se punham a choramingar.</p> <p>E dizia-nos então a doce criatura que o Sacy era um diabinho muito pelludo, muito vivo, e travesso; andava sempre de camisa vermelha e tinha uma perna só. A sua profissão era carregar para uma mata muito distante as crianças desobedientes e manhosas. Dahi o effeito magico das duas palavras quando um de nós chorava ou fazia travessuras. Sobre mim a influencia do Sacy foi terrivel até ha bem poucos annos. Á minima sombra em qualquer canto já eu via o Sacy.</p> <p>Se eu me aproximava de uma janella á noite e olhava a massa de arvoredos do parque via exercitos, legiões de Sacys a executarem uma dança de saltos sob à folhagem: então eu cobria o rosto com as mãos ou corria a sentar-me no meio de todos.</p> <p>As vezes mandavam-me á chacara por qualquer coisa; de repente parecia-me que um Sacy vinha pulando atrás de mim; eu queria correr; parecia-me entretanto que elle dizia: -- Se corres e' peor ! Eu obedecia mas apressava o passo; elle ...tava-me (ilegível); eu temia ser agarrada, apressava mais; elle fazia o mesmo, eu perdia a tramontana e quando não gritava a plenos pulmões corria cégamente e suppunha que elle já ia alcançar-me; já estava perto... Estendia a mão...</p> <p>Mas nesse instante eu entrava em casa como uma bala, desgrenhada, offegante e batia a porta no nariz do Sacy...</p> <p>Uma vez para fugir do Sacy, não tendo já forças para alcançar a porta da copa, atirei-me pela primeira porta que encontrei diante de mim e fui cahir dentro dentro de um tanque destinado a e exercicios de natação.</p> <p>E ha já bem quatro ou cinco annos que não ouço falar em Sacy.</p> <p>Antes disso, porém, o papae, que tambem contava muitas historias de viagens a cavallo pelos sertões de Minas, de Goyaz e a Corte, -- o papae dizia eu, contou-nos uma vez, que certa noite elle ia de Paracatu para Ouro Preto em companhia de seu amo, que era juiz de direito; como se fazia tarde, e elles estavam muito longe do termo da viagem, os animaes estavam cansadissimos e o tempo annunciando tempestade, Nhonho, a quem Deus haja, resolveu pernoitar no caminho, pelo que se dirigiram a uma fazenda , cujo nome assim como o do seu proprietario ouvi ao papae mas já não me lembra. Depois da ceia a mucama encarregada de tratar dos hospedes indicou ao papae onde devia dormir. Era, dizia elle, uma grande sala, onde os crioulos faziam o serão e em torno da qual havia uma porção de barris cheios de uma bebida que em Minas era muito usada como refresco, -- é pena que eu tenha esquecido o nome! Arranjado o leito com as mantas, ponche, etc., o papae, que era muito catholico, rezou o seu terço num rosario de contas de capim e preparou-se para dormir. O somno, todavia, não vinha e elle estava apenas em</p>		

modorra quando a porta se abriu e começou a entrar na sala um bando de sacys; até ahi a historia do papae estava de acordo com o que já tinhamos ouvido a muita gente. O que nos poz boquiabertos, porém, foi o fim da historia: segundo papae, os sacys, sem fazer a minima bulha foram a todos os barris de refresco, beberam de todos e em seguida puzeram-se a dansar; mas terminada a dansa, foram de novo aos barris e... lá depuzeram o que haviam bebido...

O tio Raymundo que então tinha uma fazendola em Rio Claro, contava-nos sempre que os sacys faziam muitos estragos na roça; assim, quando era tempo de milho verde elles vinham em bandos roubar espigas e quebravam todos os pés de milho. Quando entravam no plantio, um ficava a espreita. Ao minimo aviso o bando afastava-se com a rapidez do raio, enchendo os ares com o seu assobio zombeteiro. Dizia-nos ainda o titio que elles gostavam tambem immensamente de andar a cavallo. Apenas em vez de montar como todos montam habitualmente, achava o titio que elles faziam a cauda do animal de rédea obrigando-o a correr toda a noite. Pela manhan o animal ou os animaes eram encontrados exhaustos, a crina toda embaraçada, as vezes machucados...

Quanto a isso ainda ha poucos anos, em 1905, quando o "Moleque", a montaria do papae vinha para casa cheio de carrapichos, arfando de cansaço relinchando penosamente, o papae dizia logo: -- Foi Sacy que o montou."

*

Em jornal:	<i>Estadinho -597 – ter., 30,Jan. - 3:1 a 4</i>	(dep. 2)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 1998, p. xx, 2008, p. 44</i>	
	<p>O sr. H. G. Manda-nos estas curiosas observações: “Muito, muito viva tenho ainda a concepção do Sacy... e eu já fiz os meus 50. Quem me contou, ha mais de 40 annos a historia ou, melhor, as historias delle, do capetinha, foi minha mãe, foi a Vuvó da Chacara, Tia Marinha, Tia Chica, foi a velha Theodora...</p> <p>Elle era um negrinho muito magro, muito esperto, de uma perna só, do tamanho de um menino de 12 annos, muito feio, benguéilia, olhos vivos, rindo sempre um riso velhaco de corretor de praça, carapinha grande, a saltar e a saltar e a fazer peraltagens ruins.</p> <p>O Sacy girava ninhandas, queimava o balão, comia o piruá da pipóca. O doido que tinha o topete de viajar em noite de sexta-feira, á meia-noite salta-lhe á garupa o Sacy e o punga lerdo virava um passarinho dos diabos.</p> <p>Embaraçava a crina e a cauda dos cavalos. Emperrava as porteiras, que não rangiam mais, tanto que, para espantal-o, a gente furava uma cruz no mourão. E, saltando sempre, sua fala era assim: “Sacy, satêrê nhangu!”</p> <p>Andava só de noite, mas de dia se mostrava no redemoinho do vento, levantando poeira e firmando o “corropio”, diluindo-se no ar.</p> <p>Tambem virava, quando estava triste, num passarinho, muito triste tambem, que canta no fundo das capoeiras escuras, com o sol quente, uma cantiga nostalgica, repetida de cinco em cinco minutos: “Sa... Cy!”</p> <p>Passarinho que o caboclo não atira porque a pica-pau fica espalhadeira; e que eu não tento descrever, porque o dr. Silveira disse delle coisas inexcediveis.</p> <p>O Sacy era assim. Não me metia medo, não.</p> <p>Até parece que o mesmo desejo que eu tinha de fazer camaradagem com os meninos dos cavallinhos, tinha tambem de... que digo! de ver o Sacy, falar com elle e até collaborar com elle, quebradas, a pedradas, as vidraças do coronel José Ignacio, ao lado do becco.</p> <p>Não, não tinha medo do Sacy.</p> <p>Agora, das historias de “sombrações”, que contava o Zé Camillo, oficial de justiça, bebericando cachaça na venda do fallecido Seu Leopoldo, historias que eu ouvia, quando ia comprar “um cobre” de cocada, em companhia de um dos actuaes e mais distinctos membros da Academia Paulista, isso sim!!</p> <p>Historias de arrepiar!...</p> <p>Eu ia para a casa apavorado, premeditando insomnias e fantasticas dores de dentes, para poder chamar minha mãe, quando o pavor chegava ao auge, ás tantas da noite.</p> <p>E ella vinha, coitada, com umas bolinhas de algodão embebidas de agua florida, mais curando o medo, que o meu dente.</p> <p>Essas, sim, essas é que mettião medo, as historias do velho mulato, o Zé Camillo.</p> <p>Como a mula sem cabeça, botando fogo pelos olhos, que foi, na vida, moça de padre, é que andava macabramente galopando á noite, pelos espigões; o “lobis-homem”, um cachorrão, de orelhas enormes, que batiam “tlac-tlac”, quando elle corria; um bicho fantastico que ceitava o que cahia em baixo do poleiro das gallinhas e tantas outras credices populares, o Sacy só andava em noites de sextas-feiras.</p> <p>E era por isso que não se faziam rosca doce, biscoitos e furrundum, de sexta para sabbado, que a rosca azedava, o biscoito não crescia e o furrundum não tomava ponto... Intervenções do peste do Sacy.</p> <p>Isso tudo era lá... lá no tempo, ha mais de 40 annos; e lá... lá na distancia, em uma saudosa cidade do sul de Minas.</p> <p>Que agora, responder a uma das questões da investigação : -- “qual a fôrma actual da credice na zona em que reside?”</p> <p>... Sacy em S. Paulo?! Um menino de 8 a 10 annos, em São Paulo, não sabe o que é Sacy; se se falar no bichinho, elle pensa que é uma hespanholita de “cabaret”, da qual o irmão mais velho fala, sempre, a mesa, ao jantar.</p> <p>O Sacy do meu tempo cheirava a enxofre, esse cheira a ether, sabe a cocaína e produz tiros no ouvido. Não ha Sacy em São Paulo. Ou, melhor, ha, mas elle não é um mytho, uma credice popular, uma ficção; é uma realidade em carne e osso e tambem materialisada no bronze; quem quizer vá vel-o, que elle lá está, na vitrina do “Estado”, pernas cruzadas, braços no peito, de oculos, cartola ao lado...</p> <p>E... Sacy perigoso! Sacy, que tem mandinga:...</p>	
	*	
	<p>Recebemos ainda communicações interessantes dos srs. N. Carneiro, João Baptista de Andrade, Mané das Barroca, Plinio Santos e das senhoras. V. P. C. e Constante Leitora, que reproduziremos em tempo opportuno.</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -598 – qua., 31,Jan., - 3: 1 a 5	(dep. 3)
Em livro:	não publicado	
<p>Uma “constante leitora” depõe que na sua longinqua infancia ouvia muito do Sacy aos pretos velhos, que lhe davam a fôrma de um negrinho travesso e malefico sempre montado numa mula sem cabeça, e que deitava fogo pelos olhos. Usava carapuça vermelha, que ella entre parenthesis pergunta se não seria o barrete phygio. Estamos habilitados a informal-a que não. O Sacy é profundamente monarchista, como se verá no correr deste inquerito. Diz ainda, em digressão, que muito a enthusiasma a crescente curiosidade que já vamos prestando ás coisas nossas; compara a nossa desnacionalisação á espuma suja que sóbe á tona de um vinho bom. Um sopro benefico a expellirá. Voltando ao Sacy discorda do Sacy do Poa, que parece antes a caricatura de um velho negro cabinda seu conhecido em criança, e reaffirma o typo do negrinho travesso que corre muito, apesar de pernetta, e mora no fundo dos poços.</p> <p style="text-align: center;">*</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -598 – qua., 31,Jan., - 3: 1 a 5	(dep. 4)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito</i> – 2008, p. 48	
<p>De Ribeirão Preto manda-nos o sr. Plinio Santos uma bela impressão: “Foi ha muitos annos... Eu era pequenino, mas, era endiabrado como as mais endiabradas crianças criadas na roça. Levantava-me cedo, mal o dia despontava, e, depois de beber um copo de leite da vacca mugida ao pé da porta da cozinha, sumia de casa, para só voltar á hora do almoço e, ás vezes, só para dormir... Já estava taludote – contava cerca de sete annos. Foi tomado um professor, um velho tio, irmão de meu pae, para ensinar as primeiras letras a mim, a um irmão e dois ou tres primos. Não liguei ás ordens recebidas para estudar. Sem attender a conselhos e a ralhos, continuei na minha vida de correrias. O professor, um dia, logo que me levantei, chamou-me para dar um passeio com elle e os meus companheiros de infancia. Ao transpormos uma porteira, logo á sahida do curral grande, vimos quatro ou cinco animaes, dentre os quaes, um estava com uma trança na crina, em fôrma de estribo, e com uma ferida no pescoço vertendo sangue. Intrigado com isso, pedi explicação ao professor: -- Foi o Sacy-Pêrêrê... Nunca o viu?... Pois, elle é um diabinho de teu tamanho, esperto como azougue, pretinho como o Theotonio (o Theotonio era um moleque meu companheiro de travessuras), que anda sempre vestido de vermelho e tem uma perna só e um rabinho muito fino... A’ noite, quando os animaes estão no campo dormitando, elle trepa no pescoço de um delles, faz uma trança na crina, para segurar-se, e suga-lhe o sangue, que é o seu alimento preferivel... É preciso ter cuidado com o Sacy... Elle persegue as crianças, principalmente nos dias de vento, quando apparece envolvido nos “rodamoinhos” de poeira... Voltei do passeio intrigado com a explicação do professor. A’ noite custei a conciliar o somno. Por fim, de cansado, dormi. Sonhei com o Sacy. Elle se me apresentou como um diabinho carnavalesco que, no Rio de Janeiro, nesse mesmo anno, dera-me uma lambada com o rabo ao passar perto de mim numa carreira doida... No dia seguinte não sahi cedo. Fui estudar. Na hora do recreio convidei os companheiros para irmos ao terreiro ver o Sacy. Não esperamos muito. O vento soprava forte. Os “rodamoinhos” se succediam, elevando ao ar, aos turbilhões, nas suas espiraes revoltas, fragmentos de papel e folhas seccas. De repente, ao se formar ao pé de nós um grande “rodamoinho”, gritei para os companheiros: -- Olhem o Sacy! E corremos todos para a casa, aterrorisados. Era o Sacy mesmo, o moleque pretinho, parecido com o Theotonio, de roupa vermelha, com uma perna só ... Era a mesma figurinha descripta pelo professor e vista no meu sonho. De então em diante fui bom alumno... Pela assiduidade. Não me aventurava, por nada, a sahir sem os companheiros e elles, mais velhos do que eu, eram bons estudantes... Certa vez, conversando com um camarada bahiano, o Moreira, disse-me elle que era muito facil pegar o Sacy. Para isso bastava jogar um rosario bento no “rodamoinho” ... E isso tornou-se-me idéa fixa. Ter o Sacy preso! Que ventura para mim! Demais, sabia pelo camarada que o Sacy prisioneiro tornava-se docil e muito util... Na primeira oportunidade apoderei-me de um rosario encontrado numa gaveta, e convidei os companheiros para a caça ao Sacy. A ventania soprava. Formou-se perto de nós um “rodamoinho”. Atirei o rosario. Nada. O Sacy continuou a voltear, fazendo caretas... Atirei o rosario outras vezes, noutros “rodamoinhos”, e sempre sem resultado... Desesperei de pegar o Sacy. Voltamos para casa e colloquei o rosario na gaveta. Um dia appareceu em casa um padre, e uma velha tia foi á gaveta tirar o rosario para ser benzido... Foi por isso que não peguei o Sacy – o rosario ainda era pagão... Ha muito tempo não ouço falar no Sacy. Rara é a criança, nestas redondezas, que lhe sabe da existencia. Isso, com certeza, é porque outros mais felizes do que eu se utilisaram do rosario bento e conseguiram prender o “desgramado” ...”</p> <p style="text-align: center;">*</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -598 – qua., 31,Jan., - 3: 1 a 5	(dep. 5)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito</i> – 2008, p. 52	
<p>Da sua impressão em dialecto caipira o sr. Mané das Barroca. Vê –se que o homem nunca foi Mané. É homem da cidade e escovadissimo, mas que sabe apanhar ao vivo o tom dialectal e é observador: “Eu tive lendo no seu jornásinho ua historia de Sacy Ceperé e vances pede informações sobre a respeito do tarsinho. Me descurpe falá na nossa language de rocêro, proque eu nunca não afrequentei iscôla; ma aprendi assassiná meu nome. Aqui das nossas banda exeste muito desse sogetinho; é verdade, elle exeste e aparece as veis pr’a gente; eu mêmo quando éra mais menô, vi de ua feita um tinhosinho desse; eu tava carpinando um feijãosinho que nois prantemo, na beirada de ua estrada veia que descamba pra casa de um tar joaquim Porquêro; quando senão quando, eu escuitem um baruinho semiante um arrastadinho de saia de muié ansin na beradinha do caminho, garrei a oiá firme pra o tar baruinho; se formô-se ua coisa que nois chama roda- moinho, bem no meio da estrada, alevantava as foia de mato pra o ar; ao depois que aserenô mais aquella coisa, eu vi cum estes óio da minha cara, um dianho de um negrinho, de carapuça vermeia, cum uma perna só, co os óio que nem braza, dando muita rizada e pulava de uma banda pra ôtra, batendo as parma; elle tem o geito de um criolino tal e quá; inton-se meus cabellos ficô tudo arripiado que nem pello de porco; eu se alembrei que nha mãen contava pra nós que já tinha topado ua incasião um</p>		

dianho desse; neste sufragante o tnhoso sartô pra riba de minha égua que tava pastando ao pé da estrada, inolô as crina da sobre dita égua, feis como um estribo e feis a égua sahi nua desparada que parecia o dianho; a égua garrô a estrada pra banda de casa pra vê se escapava daquelle lucifésinho; eu desperei de atrais inté perto quagi do pastinho de casa; ahi eu vi ôtra veis o tar rodaminho no caminho ao pé de mim que quagi me suspendeu pra riba; o tar sortô ua risada no meu ovido, e se sumiu; a égua tava no terreno de casa bem socegada e cum a crina tão imbruiada que foi perciso inté cortá. A' cada passinho vance ôve contá que elle aparece; disem os antigo, que esse tar Sacy é fioo dos vento, mais só qué brincá, nunca não feis mar pra ninguem; mais que exeste é verdade.”

*

O inquerito continúa aberto. Só pedimos ás “testemunhas” que não façam literatura, nem divagações, nem psychologia.

Agarrem logo no moleque, digam sob que forma o concebem e contem singelamente, sem preocupação de estylo, os casos typicos sabidos a respeito.

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -599 – qui., 01, Fev., - 4: 2 a 4	(dep. 6)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito – 2008, p. 56</i>	
<p>Apesar dos variantes apparecidos a figura do Sacy já se vae accentuando. Ha certos traços que apparecem como um fundo commum em todas as communicacões, venham donde vierem. O depoimento do sr. André Capeta é bastante característico. Diz elle:</p> <p>Ha, no Brasil, muita coisa digna de ser estudada para justa contribuição do nosso “folk-lore”. O africano, o bugre e o portuguez, na fusão das tres raças predominantes, criaram entidades mythologicas, crenças asurdas que nos vêm dos tempos coloniaes, passando de paes a filhos e de geração a geração.</p> <p>O Sacy-cererê ou pererê é pintado com o abdomen muito desenvolvido, pernetta, tendo em uma das mãos o inseparavel cachimbinho de barro. Dizem os sertanejos que o sacy tem o tamanho de um macaco, é travesso como elle e para pular leva-lhe vantagem.</p> <p>Quem desconhece as façanhas do Sacy-cererê no sertão? Ninguem. É elle, na ingenua concepção do caboclo, o negrinho endiabrado que sae á noite, assoviando pelos invios atalhos ou “carreadores” desertos, pulando prodigiosamente num pé só; é Sacy o barrigudinho moleque pygmeu que assalta, a deshoras, o incauto viandante nas estradas solitarias do sertão pedindo-lhe fumo e fogo e mostrando-lhe dois olhinhos muito brilhantes e os dentinhos ponteagudos; diz o caboclo convencido: ai daquelle que recusa satisfazel-o! o Sacy faz tanta cocega na gente que se morre de rir!</p> <p>Nos sitios, quando o caipira ouve, pela calada da noite um assovio estridente vir da mata proxima diz que é o grito do “dianho” Sacy-cererê e persignando: “cruz, crédo, canhoto, vá p’ros quintos, mardito ...”</p> <p>O caboclo, à noite, quando socegado na beatifica paz do rancho ouve a “correria esturdia da alimalhada no potrêro” diz resmoneando que é o Sacy que anda “amuntando” no pescço do baio mais “gavião” que nem chega no “imborná”.</p> <p>Um caipira “vaqueano” nos matos embrenhados de Igarapava, contou-me certo dia, que o pouso da fazenda na Rancharia estava abandonado porque os Sacy eram tantos que não deixavam os animaes descansar; parecia “inté uma cavallhada desbragada” toda a noite, cruz, crédo! Quando “garrava” clarear, quando a barra do dia vinha apparecendo os “alimá” ficavam socegados, porém, desbarrigados, com o “vasilho” no fundo e molhado de suor que fazia pena!</p> <p>Os tropeiros de Uberaba, Araguay, Rio Claro, Catalão e mesmo até os da Bagagem refugavam o pouso fatidico e diziam em annexim que ficou divulgado:</p> <p>“Quem dorme na Rancharia Não tem alimá p’otro dia.”</p> <p>Em M’boy, aqui em S. Paulo, ouvi ha pouco tempo um velho caipira dar um original conselho ao afilhado: --- Tonico, disse o “dindinho” ao caboclo de barba rala de carámimoso, córte a crina do seu “pangaré”, p’ra mór de o Sacy deixá o alimá em paz”.</p> <p>O “pangaré” do nhô Tonico depois de tosado engordou, ficou “gavião” e tão “carvoteiro” que nem cêrca de arame farpado respeitava.</p> <p>Um dia o astuto João Baturia encontrou-se com o afilhado e disse-lhe com muita graça: o pangaré que tava qui nem pulêro de carancho, ficô bunito depois que o Sacy perdeu o estribo...”</p>		
*		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -599 – qui., 01, Fev., - 4: 2 a 4	(dep. 7)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito – 2008, p. 60</i>	
<p>O sr. N. Carneiro já viu o Sacy por varias vezes, não só em criança, como já adulto.</p> <p>Em Agosto do anno passado, viajando pelo rio Ribeira, na lancha “Prainha”, como esta abicasse para pernoitar, o sr. Carneiro desembarcou e foi procurar abrigo numa palhoça proxima. A noite estava de breu e elle, esquecido das impressões infantis, sahi a espaiar nas trevas. Estava absorto, em uma moita, a ouvir a unica estrella lucillante no céu, quando dá com um Sacy na sua frente. Estarrecido de pavor grita: Cruz! Credo! Valei-me Senhor Bom Jesus!</p> <p>O capetinha abriu, mas até hoje o sr. Carneiro conserva nitido no ouvido o assobio agudissimo que o moleque desferiu: Sacy-pêrê-sem fim...</p> <p style="text-align: center;">-----</p> <p>Na sua infancia, em Iguape, foi muito perseguido por elles. Affirma sob palavra de honra que até aos 13 annos foi victima de varios encontros com o diabinho. No caminho do porto da Ribeira, no largo das Dores, ao pé do cemiterio, no largo de S. Francisco eram frequentes taes encontros. Certa vez, no largo de Santa Cruz vinha elle com um pote d’agua á cabeça, quando um Sacy cavalgando em pêllo surprehendeu-o. Ninguem imagina, diz elle, a corrida emocionante, desvairada, só comparavel aos antigos pegas entre Guayanaz e Aventureiro, que eu dei para não ser agarrado! Afim de evitar essa perseguição começou a usar no pescço enormes rosarios de capiá e olho de cabra e ainda boas rezas encastoadas. Diz ainda:</p> <p>“O Sacy é um typo “mignon”, preto, lustroso e brilhante como o pixe, não tem pêllo no corpo e nem á cabeça; dois olhinhos vivos como os da cobra e vermelhos como os de um rato branco; a sua altura não passa de meio metro; possue dois braços curtos e carrega uma só perna, com esta pula que nem cotia e corre que nem veado, o nariz, bocca e dentes igualam-se aos dos pretos americanos.</p> <p>O Sacy pratica factos impagaveis, segundo estas narrações:</p> <p style="text-align: center;">1.a</p> <p>Contava o meu avô: uma vez, daquelle outra banda do rio, ouvi que me chamavam pelo nome “seu Joaquim!” ... “Seu</p>		

Joaquim!”... Era voz de gente... percebi. Escolhi o melhor varejão, embarquei na maior canoa e atravessei o rio que fica oposto ao meu sitio. Eram onze horas de uma noite clara como a agua.

Quando lá cheguei nem uma alma vi! Chamei, assobiei, esperei e cansado retrocedi. Era, então, meia noite passada. A maré não tinha ainda subido e o varejão alcançava perfeitamente a areia do rio e a canoa, embora remada com força custava a caminhar, como se estivesse carregada de chumbo! Lidei; suei e, empregando o maior esforço, consegui aportar no meu sitio; nem bem a canoa embicava no seu porto de atracação e já della saltava --- Quem? Um Sacy, um demonio em miniatura, que acabava de me pregar essa peça! Não podendo esse diabo atravessar a agua, porque Deus disso o proibiu, valeu-se da minha canoa, do meu bom humor, para, cá, deste outro lado, vir judiar das minhas criações!

2.a

Contava minha tia: Uma vez, nesta nossa casa, feita de barro e de jissára, já esburacada de velha, precisei, altas horas da noite, ir ao quintal, acudir os cachorros que latiam sem cessar, como a pedir que alguém os soccorresse de um malfeitor qualquer; mais que depressa enfiei a saia sobre a camisa e tonta de somno cheguei á cozinha e dahi não passei; não pude passar! Um Sacy, firme na porta, arreganhado, desdenhando da minha solicitude, pachola, teve para commigo esta phrase: --- “Bôa noite! Dona Evarista!” Desmaiada, cahi, e, até hoje, não posso recordar-me dessa figura exotica, sem um nojo, sem um asco, pois que ainda fede a enxofre!

3.a

Contava uma nossa aggregada:

Eu, na minha profissão de pastelleira, costumava deixar feita a massa de um para outro dia. Porém, constantemente, a massa não era aproveitavel, pois, no dia seguinte, a mesma se encontrava suja e com manchas sanguineas. Aconselhada, sabedora que o autor dessa malvez de outro não era que o Sacy, comecei a fazer na massa, que ficava de um para outro dia, uma enorme cruz traçada com os dedos. E deu tanto resultado essa medida que jamais o Sacy ousou tocar-a com as mãos sujas e ensanguentadas. Mas, uma noite, escutem: Eu cochilava sobre a mesa dos pasteis e, ao despertar, um Sacy, de physionomia alterada e aggressiva, intimou-me: “Nha Monica! Amanhan me faça um pastel grande, grande, assim!” e abria os bracinhos, alongando-os, e ao mesmo tempo rindo-se, sarcasticamente, a valer...

*

O Sacy, segundo o que sei, tem poder sobrehumano, torna-se invisivel quando quer, penetra nos lares pelo buraco das fechaduras e abre qualquer porta, embora esta permaneça amparada por tranca de pau ou de ferro, salvo se a mesma contém, como é de costume na roça, oração ou cruz pelo lado interior. O Sacy é bom cavalleiro, gosta da montaria e escolhe, de preferencia, o animal chucro ou por demais esperto e corredo; diverte-se em fazer na crina do animal, trança, que, nós, pobres mortaes, para desfazel-a, perdemos, sem exaggero, quasi um dia inteiro; sova a cachorrada que o acua, deixando-a em misero estado.

*

Em jornal: *Estadinho* -599 – qui., 01, Fev., - 4: 2 a 4 **(dep. 8)**

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 64

De Conchas o sr. Benedicto Gomide escreve uma dissertação sobre a crendice popular e declara que, “espírito decididamente controverso ás tradições imaginarias, abstractas, não crê absolutamente nas parlatices dos nossos maiores”. Cita a historia de um fidalgo da côrte de Luiz XVI que, tomado de pavor, fugiu do palacio real, em Versalhes, perseguido por um Sacy rocócó, e acrescenta que “se o facto não é real, deu-se pelo menos ... nas immediações do palacio do rei...”

E assim, nas asas dum calembur, faz uma involuntaria zumbaiia ao Trianon cuja Maria Antonietta, entretanto, está adherindo ao movimento. Já metteu lá um sacysinho preto retinto, de barrete vermelho, a que chama “chasseur”, e que de facto é um terrivel “chasseur” ... de nickeis.

Em jornal: *Estadinho* -600 – sex., 02, Fev. - 3: 1 a 3 **(dep. 09)**

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 66

Manda-nos o dr. Carlos Silveira, lente de Psychologia e Pedagogia na Escola Normal de S. Carlos, as seguintes notas:

“Conheço o Sacy desde bem tenra idade, como sóe acontecer com a maioria das crianças brasileiras. Travei relações com o nosso duendezinho, não directamente senão crentes ou a espezteza daquelles nas quaes se commentavam factos que terceiros haviam referido. As palestras de minha casa eram sempre criticas a simplicidade dos crentes ou a espezteza daquelles que, com o Sacy, procuravam tirar algum proveito no presente ou no futuro.

O Sacy dos logares em que passei a minha infancia não era uma “individualidade” fixa, antes pelo contrario apresentava certas variantes, ao sabor da fantasia dos narradores. Como, porém, eu residí durante a minha meninice em Queluz, Silveiras (de onde sou natural) e Pinheiros, pontos extremos do Nordeste de S. Paulo, é possivel que as variantes da crendice proviessem da influencia mineira principalmente e, um pouco, da fluminense. Aos 15 annos mudei-me para S. Paulo e, como é natural, nunca mais ouvi falar da principal figura da nossa mythologia, numa cidade que se enche de “ovos de paschoa” e de “lebres”, por occasião da quaresma, ou de “Papás Noel” encapotados, no pleno rigor do nosso estio. Mais tarde, o destino aturou-me para esta zona caféeira e aqui, talvez pelo pouco tempo de moradia, na cidade exclusivamente, ainda não ouvi falar de nenhum Sacy. Ignoro o estado da crendice na minha terra, mas é de presumir que não tenha variado, pois nem o elemento alienigena é tão forte, por aquellas bandas, nem outras causas existem concorrendo para esse fim.

Apesar de receber a crendice de gente desabusada em materia de superstições, confesso que o duende, sendo eu menino, deu-me bastante medo, talvez por contagio do temor de outras crianças. A minha concepção pessoal do Sacy era a de um sujeitinho cabuloso, arteiro, irrequieto, muito moleque, sendo todavia desprovido de maldade; gostava, sobretudo, de prégar peças aos ... medrosos. Quanto á forma, differia um pouco da criação de M. L. de Oliveira Filho por ser pernetta á moda humana, isto é, com uma perna de um lado, sem comtudo necessitar de muleta senão apenas de um pauzinho, mais ou menos como o “homem da rodinha”. A respeito do traje as opiniões discordes apagaram a minha propria. Numa occasião, dois fazendeiros discutiam sobre o Sacy:

--- Pois não tinha um jalequinho vermelho?

--- Tinha, sim!

--- Então não era Sacy, era Sacy-trique.

Do dialogo se infere que o Sacy não usa roupa encarnada, privilegio, ao que parece, de uma outra entidade, quiça de origem africana --- o “Sacy-trique”.

Sei que o Sacy faz diabruras por esse mundo afóra; chupa animaes, nos pastos, implica com as cozinheiras apagando o lume, bulindo nos tições ou ainda destapando as panellas ... Ha tempos o sr. Edmundo Krug fez, na Associação Christan de

Moços, ahi na capital, uma interessante conferencia cheia de historias do talzinho; eram de fazer rir. Caso original só conheço um e é o seguinte:

Uma parenta minha, senhora de espirito e nada medrosa, estava um dia assentada na sua rêde, num canto do quarto da velha chacara. Balançava-se ella lentamente e ia quasi pegando no somno, pois o calor era forte, quando ouviu uma vozinha melliflua, entre affavel e ironica:

--- Boas-tardes, como vae a senhora?

Minha parenta olhou e ficou estarecida com a aparição. Ao seu lado, empertigado, lá estava o negrinho arrelento, com um ar superior de grande troça. A interpellada, surpresa e atemorizada, numa atrapalhação sem conta, nem respondeu sequer ao delicado cumprimento, pelo que o Sacy (era elle em carne e osso! ...) tornou:

--- Até logo!

Ahi sim, é que a minha parenta quasi teve uma syncope. Que "elle" viesse uma vez, vá; mas prometer nova visita, com o seu "até logo!", isto era mesmo de arrepiar os cabellos aos mais valentes ...

Já lá vão, porém, longos annos e, que eu saiba, o traquinas ainda não veiu. Talvez até tenha morrido de alguma indigestão de "foie-gras" no ... Trianon!"

*

Em jornal: *Estadinho* -600 – sex., 02, Fev. - 3: 1 a 3 (dep. 10)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 1998, p. xx, 2008, p. 70

V. P. C. envia cinco tiras. Affirma não haver criança que não tenha ouvido falar no Sacy. São as amas e creoulinhas as transmissoras da tradição. Familias ha entretanto, nas capitaes, onde as pobres crianças são desde o berço desnacionalizadas pelas amas estrangeiras. Os pequenos chupam um leite de alleman ou franceza, para começar, vêm seus primeiros passos guiados por uma ingleza, ouvem historias de anões do Rheno e crescem inteiramente alheios á terra natal. Revolta-o esta xenomania. Approva o gesto do "Estado" despertando a curiosidade pelas tradições. "Cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso". Cita a Grecia. Cita Angiulli e prova que para termos nacionalistas é preciso criarmol-os desde o berço. Sobre o Sacy depõe:

"Nascido no interior do E. do Rio ouço desde criança falar no Sacy-pêrêrê. Uma vez descreveram-me assim, essa coisa que não se sabe ser homem ou animal: --- Pequeno, negro como azeviche, olhos grandes que parecem soltar chispas, tal é o seu brilho e a ligeireza com que se movem; o nariz é comprido e arrebitado; a bocca parece mais uma caverna de fundo vermelho, que ao se abrir mostra duas fileiras de dentes horribeis, cortantes como navalhas; os cabellos e o bigode parecem fios de arame, tal é a sua dureza. Tem uma perna só e visto de longe, assemelha-se a um moleque, desses que ha em grande quantidade nas estradas e fazendas. Dizem mais que, o seu contacto além de asqueroso, offerece o perigo de queimar quem lhe cahir sob as garras. O meio mais efficaz para afugental-o é, segundo dizem os fluminenses, chamar tres vezes pela Virgem Maria, á qual elle tem um grande horror. Ouvi de um preto velho a seguinte historia, que me deixava transido de medo, quando nas horas mortas da noite eu parecia ouvir a voz do Sacy-pêrêrê que dizia: --- "Sacy-pêrêrê, minha perna dóe como que". A historia era mais ou menos assim: --- Uma noite, começou elle, dando á voz um accento macabro, tão usual nos do sertão, eu vinha da casa de um compadre, cuja mulher estava á morte; a noite era tenebrosa, uma noite de inverno sem lua; um vento frio zunia, qual um gemido abafado, fazendo oscillar as grandes arvores da margem do caminho, que mais pareciam fantasmas, estendendo para o ar seus longos braços. Era medonho o espectáculo que se desenhava a meus olhos; e eu todo arrepiado agarrei-me ás saias de minha mãe, não obstante já ter 7 annos). Elle continuou: cada vez a voz se tornava mais clara, até que na dobra da estrada surgiram dois olhos de fogo --- era o Sacy. Diante do perigo recobrei animo e chamei tres vezes por Maria; foi agua na fervura; a peste do negro, mettu o pé sem olhar para trás, até sumir por trás do muro branco do cemiterio.

A besta então, aproveitando a occasião largou numa carreira louca até a cidade, onde cahiu morta de fadiga. Desde esse dia nunca mais passei de noite pelo cemiterio. Como já fossem horas de dormir minha mãe levou-me para casa; tive um somno accidentado e vi em sonho a historia contada pelo tio Damião.

*

Em jornal: *Estadinho* -600 – sex., 02, Fev. - 3: 1 a 3 (dep. 11)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 74

O sr. João B. de Andrade consulta um velho boiadeiro, Nho Vadô Rodrigues e manda a versão do caboclo em dialecto: Traduzimol-a para mais facil leitura. O sr. Vadô não concorda com o Sacy do Poá. Não está certo. O Sacy bota fogo pelos olhos, como a mula sem cabeça bota fumaça pelas ventas. Já viu rasto do moleque: é que nem rasto de antinha nova, tem tres casquinhos. A cuinha que elle traz na cabeça é pintada de urucu e alumia; o resto do corpo é tisio de uma vez. Ha um Sacy caseiro, tentador das moças, chamado tatêrê; quasi igualzinho ao outro, é, porém, maior, e mais variado, e anda sempre petequendo uma braza que cáe pelo furo dúa mão n'outra. Anda nu, tem barbicha de cabrito desmamado, beicho vermelho e traz a lingua de fóra. O tatêrê tem cara de piá, usa de camisa, tem côr de formiga e não tem espora. Em Minas ha um muito reinador que atenta os garimpeiros, vira os corumbés, esconde a matula, é trelador com as moças e apadrinhador de casamentos. Um faisgador seu compadre disse-lhe que se chamava essa especie sacêrê. Tambem usa calça de algodão e entra n'agua sem se molhar.

Em jornal: *Estadinho* -601 – sab., 0, Fev. - 3: 1 a 4 (dep. 12)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 77

Escreve o Sr. João Lobo:

"Attendendo ao pedido de seu collaborador M. L. no sentido de se estabelecer a "personalidade" de Sacy perêrê, venho trazer o contingente de minhas vagas reminiscencias das historias que ouvi em criança, em afastada região de Minas.

De uma dessas historias, lembro-me bem.

Um caboclo velho, Reginaldo, caçador profissional, levava uma vida nomade: 15 dias em uma fazenda, quinze dias em outra, só se occupando de caçadas e contando historias á noite. Bom homem, em extremo paciente, era estimado de todos e em toda parte bem recebido, deixando sempre saudades quando sahia. Muito gordo (hydropico) sentia em excesso os effeitos do calor, de modo que, a não ser no inverno, só viajava á noite e "a passo" porque nenhum animal seria capaz de o transportar uma légua "a trote ou marcha".

Certa vez, como de costume, o nosso Reginaldo mudou de pouso, tendo de fazer á noite umas cinco leguas, “daquellas mineiras” de espichar o beicho. A certa altura, num vargado comprido, onde o caminho era margeado de macega, o nosso heroe viu cahir o freio da bocca do animal, ficando-lhe suspenso, pela redea. O animal, manso, paciente, habituado já com a pachorra do dono, estacou. O homem desceu, examinou a cabeçada e achou tudo em ordem: nem uma tira de sola partida. Achou o caso original, olhou para um e ó outro lado, nada viu, repöz o freio e continuou. Pouco adiante, trin-tilin-trin, tornou a cahir freio: novo exame, nova inspecção local, tudo em vão.

O homem montou novamente, mas agora olhando attento para todos os lados; queria vêr de onde partia a “brincadeira”. A lua estava “que nem dia”; o campo era mais limpo e ninguém se poderia occultar á margem do caminho sem ser presentido. Dois passos mais e trin-tilintrin – lá se foi outra vez o freio ao chão.

O Reginaldo era corajoso, mas, confessava, dessa vez os cabellos lhe arrepiaram, e, como o heroe do poeta lusitano, que cantava pelas estradas para espantar o medo, gritou a todos os pulmões: -- “isto será o Diabo?”

Uma estridente gargalhada responde-lhe ao lado. Olhou e viu num secular toco de peroba, que as queimas periódicas não tinham conseguido destruir, um molecote preto, de beijos vermelhos como açafião, de cocoras, a rir perdidamente. Um signal da cruz, a exposição de um bentinho que nunca abandonou, fez o milagre: o Sacy desapareceu e o homem concluiu a viagem.

-- De outro facto me lembro e este por muito tempo exerceu so- mim influencia maléfica porque se passou perto de casa e me trazia em constantes sobresaltos. Meu pae mandou certa idade, já ao anoitecer, um empregado (camarada, como lá diziamos) á fazenda de um vizinho (cerca de duas leguas) ver uma coisa qualquer. O homem demorou-se na prosa e regressou já depois de 11 horas. Estávamos dormindo e acordamos em sobresaltos aos seus gritos. Chegou extenuado e só passados momentos poud coordenar as idéias. Ao passar a mata virgem, ponto divisório das duas fazendas, o moleque pulou-lhe na garupa e cruzou-lhe as mãos no “imbigo”. O cavallo bufou e disparou. Ao abrir a primeira porteira olhou para trás: o “capeta” estava firme e gritou: “toca depressa”. Dahi veiu aos berros até á casa. E o facto é que o cavallo estava extenuado, escorrendo suor como uma bica d’agua.

-- Outro empregado da casa, que dormia num giráu, em baixo do sobrado, num commodo terreo em cujo centro accendia fogo todas as noites, contava que certa noite acordara, violentamente agitado por um assobio, estridente como nunca vira, que lhe entrára pelo ouvido direito e sahira pelo esquerdo. Assentou-se na cama. O braseiro estava ainda muito vivo, dando relativa claridade ao aposento. Nada viu, mas o tropel dos animaes em torno do curral denunciava qualquer coisa de anormal. Dispunha-se a levantar para vêr se algum ladrão tentava uma sortida, quando a porta se abriu e o Sacy entrou: era um moleque retinto, sympathico, lábios muito vermelhos e calças arregaçadas, e foi logo assentando-se no chão, ao pé de fogo. Pegou de uma brasa e começou a brincar com ella, atirando-a de uma para outra mão. Como se sabe, o Sacy tem a mão furada e quando a brasa acertava no furo, cahindo ao chão elle dava uma gargalhada e olhava para o seu vizinho, encolhido na cama, hirto de medo. O homem suava e não podia gritar porque a língua estava pregada. Afinal, num esforço supremo, ergueu-se e começou a fazer o “Creio em Deus Padre” em Cruz (Credo).

O Sacy ergueu-se, fitou-o desta vez muito serio, deu um novo assobio ainda mais forte e desapareceu.

-- Quanto á concepção do Sacy, eu a tinha como qualquer negrinho, alegre, sympathico, de uns 15 anos, mas nunca com uma perna só.

A sua figura era sempre sorridente, insinuante, capaz de captivar se não fôra a a sua fama e o medo que infundia.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -601 - sab., 03.Fev. - 3: 1 a 4	(dep. 13)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 81	
<p>No S. Paulo antigo houve tanto Sacy como pelo sertão. Está aqui o sr. Miguel Milano, legionario: em menino, duma famosa “saparia” do Piques, que o documenta:</p> <p>“Há já cinco lustros, morava eu na ladeira do Piques, hoje coronel Quirino de Andrade.</p> <p>Por esse tempo a rua da Consolação prolongava-se, como agora, até Pinheiros, e era pontilhada aqui e alli de velhas habitações, as quaes deixavam entre si largos tratos de terreno inculto e deshabitado, cada um tendo a sua historia de fantasmas.</p> <p>Entre a Consolação e o bairro do Bexiga havia um valle profundo, sulcado pelo Anhanhabahu, valle que se explanava com ligeiro declive, pouco acima do tanque do Bexiga até o “Redondo”, para continuar mais ou menos accidentado pela avenida Paulista e Villa Buarque, vestido de uma vegetação que, não sendo luxuriante, apresentava-se, comtudo, cerrada e cheia de vida.</p> <p>Era alli, naquelle enorme trecho, coberto hoje de casas nobres, que exercia seu dominio a “saparia” do Piques – de que eu fazia parte – e onde desenvolveram a sua irrequieta “actividade” infantil muitos dos mais conspicuos personagens do nosso actual mundo politico.</p> <p>Então, os caipiras que desciam á cidade, para mercadejar, não iam além da venda do coronel Quirino – contigua á de meus paes – ou, quando muito, faziam ponto no largo do Piques, em pequena ponte de madeira que já não existe.</p> <p>Foi numa dessas tropas de caipiras, sentado ao pé delles e com elles almoçando a deliciosa farofa de carne e farinha de mandioca, que, pela primeira vez, ouvi falar do “Sacy-pêrêrê”.</p> <p>Segundo o testemunho de um velho caipira de barbas longas e ralas, a quem coube narrar o caso, e que jurara sobre uma cruz feita pelos dedos indicadores, de como tinha visto e quasi “amarrado” um delles com rosário, o “Sacy” não passava de um miúdo negrinho – cara de macaco, muito delambido – filho do diabo, dotado de uma perna só, com cauda regular, e que desenvolvía uma velocidade superior á de um cavallo.</p> <p>-- O dianho do “tiziú” não corre, avôa – contava o caipira, arregalando os pequeninos olhos; -- e quando “amunta num cavallo, o pobre “bicho” sente “tar” peso que não vai nem p’ra diante, nem p’ra “trais”. Despoi elle fais uma porção de trancinha no rabo do animá, fais elle corrê p’ra tuda parte, sempre amuntado em cima, e só larga o coitado despôi de derreado.</p> <p>E prosseguiu.</p> <p>-- O’i minino, vancê já não ôviu elle cantá de tardinha “sácy, sácy?” Pois é elle que anda em procura dos minino que vai caçá passarinho e escangalá os ninho, p’rá morde enfiá elles num buraco muito fundo e judiá delles. E quando elle encontra muié, meu fio, fais um estrago desgramado. A muié de “nhô Chico” chegou em casa della com as rôpa tudo rasgada e percisou rapá o cabelo, de tanto que elle judiou della. Eu precisei, ôtro dia cortá o rabo da minha russa.</p> <p>E aqui parou o velho caipira, desviando a conversa para outro rumo.</p> <p>Effectivamente, muitas vezes ouvira proximo de mim, quando no campo, os pausados sons de uma ave, como a dizer “sá-cy, sá-cy” e sempre ao cahir da tarde; mas, se bem que profundamente impressionado, quiz ouvir os companheiros mais velhos, e estes confirmaram o que dissera o caipira, adiantando mais outra passagem.</p> <p>-- Você não viu ainda o “rodamoinho” que o vento faz, levantando um “monte” de poeira do chão?</p> <p>-- Sim.</p> <p>-- Pois é o “sacy” que está furioso, e faz aquillo.</p> <p>-- ...!</p>		

-- E'. Olhe, um dia que elle se zangue, você verá o "Sacy".
 -- Como!?

-- De um modo bem simples. Quando o "rodamoinho" se fôrma, a gente faz uma cruz, com um rosário benzido, no meio delle e deixa-o alli ficar. O "rodamoinho" pára, o pó desce e o "Sacy" apparece, começando a dansar. O rosário o deterá alli por muitas horas, se ninguém o soccorrer; mas, a meia noite, ajudado pelo diabo – seu pae – elle consegue livrar-se e ... pobre de quem o prendeu, se algum dia lhe cahir ás mãos!

Tudo deve ser feito com muito cuidado porque, se a pessoa se distrahir, será engulida pelo "rodamoinho", levada pelos ares e de lá, bem do alto, arremessada para a terra.

Esta experiência, feita muitas vezes, pelos mais valentes da "troça", em presença dos medrosos que se conservavam a distancia, jámais deu o resultado almejado. Mas encontrou-se sempre um quê de defeituoso no trabalho, razão por que a crença criára raizes fundas, a ponto de, muitas vezes, na caça de passarinhos, o campo se nos afigurar pequenissimo, tal a furia com que o percorriamos, acossados pelo canto da ave mysteriosa: "sá-cy, sá-cy!"

Gaiolas, alcapões, laços, visgos, tudo lá ficava largado no meio do mato, sem que nos atrevessemos a ir em sua procura.

Naquelle tempo, peas bandas do Piques, o Sacy era até o protector dos ninhos de passarinho; hoje, que a lenda quasi desapareceu, a criançada perversa e má leva o seu atrevimento ao ponto de, nas ruas da nossa metropole, matar as pobres avesinhas com "estilingues", diante dos indifferentes olhares dos nossos "policemen"!...

Passaram-se tantos annos e, ainda hoje, ao rabiscar estas linhas, o cadenciado cantar da ave que parece dizer "sa-cy sa-cy", trouxe-me ao coração a doce remisiscencia de um passado cheio de encantos, passado que não mais voltará."

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -601 - sab., 03, Fev. - 3: 1 a 4	(dep. 14)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 85	

Tambem mandou sua impressão o sr. J. Pires, que diz:

"Concorrendo ao inquérito venho trazer o meu depoimento sobre o Sacy. Devo dizer que na minha infância o conheci por Sacy-siriry. Fiz sobre o Sacy a concepção de que tinha a fôrma humana – era homem baixo, entroncado e forte; physionomia ameaçadora, tinha uma perna mais comprida que a outra, tendo, por isso, o corpo pendido para o lado; braços muito curtos e vigorosos. Era, na cidade onde nasci, o pavor da criançada. Quem me contou da existência do Sacy foram pretos velhos, escravos de meus avós e tios-avós, que diziam ter visto o Sacy e, muitos delles, contavam de lutas que travaram com o Sacy e sahiram victoriosos ou porque veiu alguem em seu soccorro ou porque o Sacy ouviu o latido de um cão ou o tropel de um animal. A aproximação de qualquer pessoa era o sufficiente para o Sacy desistir da luta e correr.

Ha muito tempo que resido aqui, na capital, onde, parece, ninguém crê na existencia do Sacy.

Na cidade onde nasci e passei a minha infancia, existia uma grande ponte que ligava a estação da estrada de ferro á cidade. Essa ponte era muito alta e comprida e, por baixo era um grande charco cheio de mato. Diziam que era alli, debaixo da ponte que morava o Sacy.

Quando sahia de casa, á tarde tinha o cuidado de voltar antes que o sol se escondesse porque emquanto o sol estava de fóra não havia perigo do Sacy apparecer e depois que o sol entrava não havia crianca que, estando só, escapasse ás iras do Sacy!

Lembro-me que uma vez demorei-me um pouco mais que o costume em casa do meu avô, onde ia todas as tardes e, para voltar á casa de meus paes, tinha que atravessar a ponte. Ia eu com muito medo porque já estava começando a escurecer. Quando me aproximava da ponte um pequeno me contou que o Sacy tinha atacado o accendedor de lampeões e tomado a escada, levando-a para debaixo da ponte. O homem por muita felicidade tinha conseguido escapar!

Voltei chorando, e contei ao meu avô o caso todo; como eu não quizesse pernoitar fóra da minha casa mandou, meu avô, que um seu empregado me acompanhasse, dizendo: "mate o Sacy, se o encontrar". Essa autorisação de meu avô me deu muita coragem e fez com que eu, na ponte, chamasse pelo Sacy e o desafiasse!"

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -602 – seg, 05 fev - 4: 4 a 5	(dep. 15)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 88	

O sr. M. L. de Oliveira Filho, a quem coube a gloria de modelar em barro o primeiro Sacy, manda-nos umas notas complementares. Diz que o Sacy gempre foi pí-hu, pitú, piúna ou pixuna, isto é, de pelle preta, como também a curupira, capóra e em geral toda assombrança (angoeraba) exceptuada a Myára (mãe d'agua) e o Mboytátá. Acha errado escrever "pêrêrê" sem o g final, que Montoya assignala, e sem o primeiro "e" agudo. Ouviu a primeira versão sobre o moleque duma ama preta que o espantava exclamando: cruz! credo! canhoto! oia ahi o Sacy! — e com essas reminiscencias modelou com um palito de phosphoro o "barro do Poá" que um caboclo, conhecedor do assumpto, chamado a dar parecer, diz ser tal e qual. A' beira do Paranapanema ouviu, de "cocre" perto do moquem, o seguinte caso contado pausadamente pelo nho Antoninho Fernandes, caboclo dos dentes ralados mas duro que nem anta:

"Voltando de a pé da capellinha do campo já noite escura que nem cozinha de negro, quando ia atravessando um estirão de mato, de repente uma coisa começou a roncar atrás de mim como sororóca de quem já vae morrer. Frio de medo não tinha animo de olhar para trás, descasquei o pé na estrada; o barulho sempre atrás de mim cada vez mais perto.

Já com o folego curto "trupiquei" e m'estendi; o ronco passou por riba me deixando mais frio do que "largato": cruiz, credo, Nossa Senhora! gritei três vezes, deitado de bocca p'ro chão.

'Garrei" no sono, Acordei com duas braças de sol, que nem pinto de suado. Estava rentinho com a tapera do Supriano, sem chapéu, vendendo farinha; tinha perdido a cinta com a faca e o "arreadô" prateado.

Olhei no chão para vêr de que lado tinha vindo, nada de rasto no trilho: ouvi três assobios que vinham de dentro da tapéra, toda tramada de purunga; olhei para cima e vi o chapéu, a cinta com a faca e o relho "pindurado" num barroto, fui buscar e espiei para dentro; vi um Sacy curruipiando no meio da casa com a lingua de fóra; assobiou três vezes e sumiu. Tomei o rumo de casa socegado como se não fosse nada. O Sacy parece que me tinha curado do medão.

Logo que botei o pé na porta da minha casa vi cruzar na cozinha o chale azul da Nha Nica que tinha chegado naquella horinha. Parei e "garrei" a "maginá": o diacho do Sacy me preseguiu tanto, me fez dormir no mato só para me fazer chegar na horinha mesma de mi encontrar "coa" minha sahyra cubiçada.

Pensei na sororóca, no tombo, na cinta, no barroto, na tapéra, no Sacy pererecando, nos assovios: como que acordei ouvindo a nha mãe dizer: ele qué bem vancê que não é vida, tá bão mêmo para vanceis dois misturá os pellego lá pra São João.

Abençoei o Sacy dez vezes; se não fosse elle eu não tinha chegado naquella horinha em que se marcou a minha sorte. Na vespera de São João, na mesma hora do dia do Sacy, eu chegava em casa de volta da capella com a Nica minha “muié” todo envergonhado, com o pé queimando no sapatão e “alebrando” do Sacy.

Tres vezes elle me appareceu esse “cuisaruinzinho desgranhado”; elle “atenta” primeiro para depois se rir: na tal noite, no dia que nasceu Neco, meu filho, e quando elle casou com a Candoca do capitão. Arreliou primeiro todas tres vezes.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -602 – seg, 05 fev - 4: 4 a 5	(dep. 16)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 92	
	<p>O “assiduo leitor” A. P. descreve uma velha tia Rufina, moradora numa palhoça de sapé e da qual ouviu as primeiras historias de Sacy. Entre os contos da carochinha com que divertia a criançada, os do Sacy eram recebidos com especial encanto. Diz elle: Do Sacy, nos falava ella de modo que nunca saberei repetir. Dava-o como sendo um negrinho de cabeça oval e olhos vivos que andava á noite pelo campo a judiar com os animaes. Vestia sempre camisolinha vermelha, andava aos pulos, e vivia num assobiar constante.</p> <p>Durante o dia girava nos redemoinhos do vento, de uma maneira imperceptivel; e á noite fartava-se de brejeireces.</p> <p>Entrava nos quartos pelos buracos das fechaduras, escarafunchava as gavetas e por fim ia ter á cozinha. Ahi elle se deliciava á vontade com grandes baforadas de fumo, aproveitando-se dos pitos das velhas pretas. Depois de tudo isto o incansavel crioulinho lá se ia para os campos enrender as crinas dos pobres animaes.</p> <p>Esta foi a impressão que recebi na minha infância do Sacy. Ella em nada differe das demais contadas pelos leitores do “Estadinho”, o que servirá de confronto para se concluir que as historias do “Sacy- pêrêrê” parecem ter sido inventadas e contadas por uma mesma pessoa.</p>	
	*	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -602 – sex., 05, Fev. - 5: 1	(dep. 17)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 94	
	<p>O sr. Jorge Nobrega aborda o assumpto com muita competencia e explana-se em considerações philosophicas sobre a formação das crendices na pychica de um povo. Em seguida a estas generalidades aborda o thema proposto. Diz:</p> <p>“Passei alguns annos em uma das nossas cidades do litoral, terra lendaria que conserva como reliquia dos tempos coloniaes certos monumentos de valor historico e resistencia invejavel.</p> <p>Afeito ás viagens pelo municipio, estudei um pouco o povo que me cercou sempre generosamente: o brasileiro cultiva a hospitalidade como um dogma.</p> <p>Conheci duas classes distinctas — o caipira abnegado e o cidadão obsequioso e justo. Em todas porém, predomina a hereditariedade: o homem crê invariavelmente nos ensinamentos da ascendencia e guarda-os como se fossem perolas de rarissimo valor, e a evolução das camadas mundanas, o progresso, não conseguem afastal-os da herança dogmatica.</p> <p>Nesse povo laborioso e ordeiro, a crendice nos espantelhos da noite é enorme; e o Sacy que é o coração que alimenta tres arterias — o “lobshomem”, o “cavallo sem cabeça” e a “bruxa”, preside condignamente o “directorio” da sua crença de medo.</p> <p>Entre os caipiras, que são de duas especies: os “praianos” e os “sertanejos” o Sacy é conhecido sob diversas fórmas. O Sacy da beira-mar, segundo os “entendidos” é um negrinho pernetta que lança fogo pelo bocca e usa barrete vermelho.</p> <p>O sertanejo, porém, dá-lhe outra configuração: um preto baixo, gordo, com dentadura perfeita e bem alva; usa um bastão, mas não pula...! Suas manifestações variam segundo o tempo, a estação, a hora ou a sensibilidade de que se acha possuido no momento da aparição.</p> <p>Ha ainda quem diga que o Sacy é uma ave preta com bico vermelho, e igual ao “anun”.</p> <p>Pela manhan, dizem, elle assobia agudo, mas longe; ao meio dia, acompanhando os que trabalham, elle sibila de surpresa aos ouvidos; á tardinha passeia pelas roças e distribue aos animaes, valentes surras de chicote.</p> <p>A peor hora para o credulo é a meia noite. Ahi, cuidado com as rédes de pesca, fachos e lanternas; até ás duas horas assobia “sacy-perêrê”, num diapasão tão forte que até abala as casas e faz estremecer o solo.</p> <p>Dahi é que vem o terror do caipira e o horror da petizada que, embrulhada nos cobertores, nem respira, ao menor barulho que ouça a altas horas da noite.”</p> <p>O sr. Nobrega pára ahi mas promete continuar.</p>	

	<i>Estadinho</i> - 603 – ter, 06 fev. - 3: 4 a 5	(dep. 18)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 104	
	<p>O sr. João Corisco fuzila-nos, não diz de onde, estas notas interessantes:</p> <p>“Embora um pouco atrasado, permitta-me v. que dê a minha informação sobre o Sacy-perêrê, o terrível molecóte, velho habitante dos nossos sertões onde sempre viveu ao lado do nosso sertanejo e para seu tormento.</p> <p>O Sacy, como m’o pintava sempre a Joanna, a mucama que me criou, o “mardito”, como ella o chamava, era um pretinho de, mais ou menos, um metro de altura, de uma perna só, vestido com um calção de baeta vermelha; camisa de algodão branco aberta ao peito, e carapuça vermelha, afunilada; nariz adunco, barbinha de bóde preto, e as unhas das mãos muito compridas.</p> <p>Foi assim que comecei a conhecer o “capeta”, o Sacy dos tempos idos. A’ medida que fui crescendo melhor fui conhecendo o Sacy damnado, conhecimento pelas narrações que delle me faziam os pretos da fazenda, os sertanejos aggregados e o “Chico Rio Grandense”, velho tropeiro, domador de fama, gaúcho e ex-soldado do exercito de Osorio. Era este o heróe predilecto á minha imaginação de criança, porque era quem conhecia e contava mais histórias de “assombrações” e proezas de Sacy. Elle contava que em suas longas viagens, infindas caminhadas pelos sertões, por noite altas, quando a lua — “branca como um marmôr se deitava por cima do capão de mata” — ouvira muitas vezes o assobio provocador do Sacy, as suas risadas, e o barulho que o “manco” fazia saltando, dentro do mato, na folhagem secca. Vira tambem o Sacy empoleirado no cavallo em carreira louca pelo pasto, em noite de sexta-feira, ou trepado ao telhado da casinha do caboclo tranzido de medo, assobiando “moléquemente” e</p>	

divertindo-se em quebrar as telhas. Dizia mais o “Chico” que quando as “molequêra” do Sacy, eram demais, amarrava-o, — fincando com força uma estaca no chão e da qual pendia enrodilhado um rosario de capim, pronunciando ao fincal-a as palavras sacramentais: — “Sacy- pêrêrê preso vae, preso vem; Sacy- pêrêrê, tem , tem. “Mas. . . no dia seguinte, soltava-o, resmungando: “este péste não indireita mesmo.” Contava, emfim, o velho gaúcho que certa vez, em noite escura, proximo á Faxina, viajando para S. Paulo, ao passar uma porteira, o Sacy saltou-lhe á garupa. Foi um desastre: o cavallo disparou como louco, o Chico perdeu a noção das coisas, e quando deu accôrdo de si era dia claro, e estava estirado na estrada. O cavallo tinha desaparecido, levado pelo Sacy.

Já agora, o Sacy desapareceu do sertão. A` medida que a civilização foi invadindo o sertão, elle foi se mettendo para o fundão dos matos com o sertanejo e desapareceu de subito. Mudou de vida: civilisou-se. Veiu para São Paulo...”

*

Veiu para S. Paulo, diz o sr. Corisco e aqui conta-nos elle em quem se transformou o Sacy. Certos segredos demoníacos não convém tornarem-se publicos. Fiquemos só nós, os iniciados, sabedores disso. Basta que o publico saiba que na opinião do sr. Corisco elle reside nesta terra, vestido de gente, rico e gordo, operando maiores maleficios do que quando no sertão. Mas terá razão o sr. Corisco? Está bem certo de que foi o Sacy que se transformou? Não seria o cavallo sem cabeça?

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 603 – ter, 06 fev. - 3: 4 a 5	(dep. 19)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 108	
	<p>O dr. Octavio Augusto, de Barranco Alto (hoje Moreira Cesar!) não se conteve. Abandonou a Ceres arroeira com quem convive e deu expansão ás velhas reminiscências adormecidas em sua memoria. Eis o seu bello depoimento:</p> <p>“Meus parabens nacionalistas pela magnifica idéa do inquerito sobre o Sacy. Por considerar-me incluído entre os chamados a responder ás suas mythologicas perguntas, eis-me aqui, como brasileiro e artista, a dar-lhe dois dedos de palestra.</p> <p>O Sacy é uma graciosa e espiritual concepção, genuinamente nossa. Nasceu da natureza brasilica com a mesma espontaneidade com que surgiram, com significações diversas, o sabiá e a palmeira, a passôca e o jogo do bicho. Mas é mais significativo do que tudo isso, porque traduz admiravelmente elementos proprios, caracteristicos, do meio, e a grandeza rude da natureza.</p> <p>O Sacy resulta da mentalidade fetichista e impulsiva do nosso caboclo, modificada pelo animismo e doçura do africano, e repassada da ironia geral do sertanejo, negro ou jagunço, indio ou estrangeiro de origem.</p> <p>A primeira pergunta do seu inquerito refere-se á concepção de cada um sobre o Sacy. Pois bem, eu lhe direi que para mim o Sacy-pêrêrê, é sobrinho do Pedro Malazarte.</p> <p>Ha um grande parentesco entre estas duas concepções brasileiras. Ambas representam a floresta, o interior, o sertão, o cerrado das nossas matas, o tumulto das vozes, o desordenado dos ruidos, a surpresa dos aspectos, o inesperado das cores e dos sons, a inquietude, o ignoto, uma qualquer coisa de sinistro e grandioso que paira soturnamente sobre a terra immensa.</p> <p>Ambas são filhas do pavor, originariamente, e ambas complicaram-se e transformaram-se em virtude de outros dados psychologicos da raça: a ironia observadora, a fantasia pittoresca, a moralidade indolente e pouco austera, tudo dominado e culminado pela noção primordial que o sertanejo tem do sertão, reservatorio de maldades e artimanhas, de caprichos sobrenaturaes e forças malevolas.</p> <p>O Sacy anima e explica o sertão, como Malazarte, que o sr. Graça Aranha quis que Pariz comprehendesse. Isto mostra, e não é pouco, que este prosador o não comprehendeu. Fez de Malazarte qualquer coisa de diferente da floresta brasileira, quando Malazarte é a floresta personificada, ao mesmo titulo que Boreas era o vento e Pan a natureza na mythica dos gregos.</p> <p>As proezas de Sacy, a sua malignidade e esperteza, o seu riso e a sua diabrura, são os actos inesperados da natureza brasileira, a ironia da sua grandeza, intrincado zombeteiro das suas selvas abruptas, a traição sardónica da sua belleza, o sarcasmo da sua fertilidade. Pedro Malazarte é mais alguma coisa do que isso, mas o amigo não inquire sobre este, o que me permite não falar muito mal do sr. Graça Aranha, com quem sympathiso.</p> <p>O amigo, no seu questionario, quer saber como e de quem recebemos na infancia a crendice do Sacy.</p> <p>A lenda do Sacy anda no ar, e basta um pouco de espirito curioso para apprehendel-a na infancia. De todas as maneiras como ouvi falar do ineffavel Sacy, eis uma, da qual me lembrarei sempre nitidamente.</p> <p>Era na sala de jantar immensa do casarão da fazenda. O administrador, vendo que a noite já cahira profundamente, e que chovia um chuva fria e constante, impacientava-se com a demora de Quito. Quito era o caboclinho, de uns quinze anos, que levava os recados á cidade, o leite, os queijos, as leitôas desmamadas e as pamonhas. Nesse dia fôra mais cedo, e deveria estar de volta ainda com o dia, com sol alto.</p> <p>A noite e a chuva augmentavam o silencio e a solidão. De repente, ouve-se um tropél nervoso de cavallo esporeado. De sobre o dorso do animal espumejante, salta, como um veado fugido, o caboclinho, tremendo, suado, sem uma gota de sangue na pallidez do rosto moreno.</p> <p>Todos o interrogam. O administrador fita-o severo e carrancudo.</p> <p>Mas Quito não pôde falar, tal é o susto que se lhe pinta no olhar, no rosto, na tremura convulsiva das pernas, na dansa de S. Guido dos dez dedos das mãos. Dão-lhe agua a beber, levam-no para o calor lareiro do fogão, onde as roupas encharcadas começam a fumejar como narinas de bois nas manhas de geada.</p> <p>Afinal, sitiado de perguntas e metralhado pela anciedade de todos, Quito explica.</p> <p>Fôra o Sacy, o Sacy- pêrêrê, o maldito bicho de uma perna só. Crepusculava. Era na volta da estrada, defronte do ipé que divide Nhô Grande do Coronel Jacutinga, mesmo em cima da estiva que cobre, sobre a estrada, o Ribeirão dos Quincas, que por signal até estava transbordando nessa tarde, como se estivesse com inveja do Parahyba. Foi ahi que, de repente, sem saber como, lhe appareceu o Sacy, rindo como um perdido, mostrando os dentes alvos e as gengivas roxas.</p> <p>Lembrava-se apenas que elle era negro, negro com aquelles carvões apagados do fogão, e pequeno como um menino de dez annos. Só tinha uma perna, e esta mesmo capenga. Quando ria, sahia-lhe fogo pelas narinas, e os olhos scintillavam-lhe como aquellas brasas ainda não extinctas.</p> <p>Assim que lhe appareceu, pegou-lhe das redeas do cavallo, subiu no pescoço do animal, e dando uma cambalhota escanchou-se na garupa.</p> <p>A aliamaria, logo que sentiu o demoninho no dorso, disparou pela encruzilhada como se estivesse assombrada.</p> <p>Foi então um nunca acabar de correrias pelos campos, pelos banhados, pelos tesos, até perto da Mantiqueira. Sacy gritava como um bando de marrecos e de frangos d’agua. Mas de repente entraram sob uma mata enorme e escura. Era a moradia do Sacy.</p> <p>E lançando- lhe fumaça nos olhos, o diabrete de um pulo largou o animal, e sumiu-se na floresta.</p>	

E nunca mais Quito andou sózinho longe de casa, e em tudo passou a ver o Sacy- pêrêê.
Agora as outras perguntas.
Sobre o papel que este diabinho silvestre representou na minha vida, nada lhe direi, senão que elle representou na minha vida o que todos os papeis representam na vida dos funcionarios publicos: — nada!
Sobre a forma actual desta crendice na zona em que resido, tenho a dizer-lhe que “plus ça change plus c’est même chose”.

Creio que com esta minha pequena contribuição nada se adiantou á historia e philosophia do Sacy, mas deu-me o ensejo de conversar um pouco sobre um assumpto diverso da paz allemã, das hesitações eternas do presidente da coisa publica, dos impostos de exportação, da restauração monarchica e dos casos estaduaes, tudo menos nacional que o Sacy, e, sobretudo, mas estúpido.

Se esta comunicação psycho-mythologica não lhe servir de nada, mande-a, por caridade, para qualche instituto historico ou repartição publica da nação, que há sempre ali um logar confortavel para as coisas imprestaveis.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> -603 – ter, 06 fev. – 4:1	(dep. 20)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 114	
	De Bello Horizonte o sr. Guilherme Lund Netto envia um preciso e erudito depoimento: “Não pretendo contribuir com o meu testemunho pessoal para a “identificação” do famoso duende: sirvo-me do testemunho insuspeito dos mestres, que, provavelmente, o viram nas suas excursões nocturnas pelos soturnos valles do immenso Brasil. <p>Antes de tudo devo dizer-vos que é convicção nossa que o Sacy mineiro é filho do Sacy paulista, pois foram os intrépidos emboabas que o trouxeram nas suas caravanas para as nossas “alterosas montanhas”, quando por aqui andaram á cata do seductor itajubá (pedra ou metal amarelo, — ouro).</p> <p>Vejam, o testemunho dos mestres e sábios que travaram conhecimento com o travesso e horripilante molequinho.</p> <p>Em primeiro logar lembramo-nos de Couto de Magalhães, que na sua conhecida obra “O selvagem” (1876, I, pag. 188) diz o seguinte:</p> <p>“O visconde de Beaurepaire- Rohan, escreve acerca do Sacy o seguinte: “. . . espécie de ente fantástico, representado por um negrinho, que tendo na cabeça um barrete vermelho, frequenta á noite os brejos. Se acontece passar na vizinhança algum cavalleiro, faz-lhe o Sacy toda sorte de diabruras, com o fim, aliás mui innocente, de se divertir á custa alheia. Puxa-lhe a cauda do cavallo, para lhe impedir a marcha; põe-se na garupa do cavalleiro, e outras travessuras pratica, até que o cavalleiro, reconhecendo-o, o enxota e neste caso foge o Sacy soltando uma grande gargalhada. São inimaginaveis as proezas que se contam deste ente imaginario; e entretanto, cumpre diz-lo em homenagem á verdade, ha muita gente que lhe dá credito. Também lhe chamam Sacy-cererê e Sacy-jererê e este é unipede. (Diccionario de vocabulos brasileiros, pag. 127, Rio de Janeiro, 1889.”</p> <p>O sabio naturalista Emilio Goeldi, no seu importantissimo trabalho sobre “As aves do Brasil”, 1ª. parte, pag. 163, escreve sobre a lenda do Sacy o seguinte:</p> <p>“Sacy fogo, Sacy cererê e Boitatá são figuras mysticas das quaes as duas primeiras parecem representar aves e a ultima uma cobra, e no interior, em todas as boccas são como encarnação de terror, que entretanto não se pôde reconstruir dos confusos contornos. Do Sacy ouvi muitas vezes contar que por trás delle se econdia um ente demoniaco, que á noite cospe fogo de sua bocca, só tem uma perna, etc. Provavelmente, fragmentos mais ou menos modificados de antigas lendas indias.”</p> <p>O sr. Dr. Pedro Bernardo Guimarães, lente de Historia Geral e do Brasil no Gymnasio de Itajubá e deputado estadual, filho do immortal poeta Bernardo Guimarães, no seu interessante opusculo sobre - “O que nos resta do Pindorama “ – faz curiosa descripção de “Tupam”, “Guaracy”, “Jacy”, “Perudá” ou “Rudá”, “Cairé”, “Catité”, “Cahapora”, “Jurupari”, ou “Jampari”, “Guiraparu”, “Anhangá”, “Urutau”, “Mboitatá”, “Curupira” e do celebre - “Sacy-cerêê”.</p> <p>Sobre a lenda deste ultimo diz o dr. Pedro Guimarães, obra citada, pag. 43:</p> <p>“Quem não conhece a tradição do Sacy, que a crendice do caboclo guarda e transmite ás gerações, firmemente convencido da existencia material de sêr tão exotico?</p> <p>Quantas vezes, após a fadiga do dia, eu ouvi contar, quando criança, pelas velhas escravas libertas em 88, as historia fantastica desse moleque, a coxear pelas estradas, um barrete rubio enterrado na cabeça de simio, um cachimbo apagado no canto da bocca, em esgares grotescos, á espera do viajante?</p> <p>A todos que passassem, assim m’o narravam as supersticiosas pretas, carregando mais as côres no calor das descripções macabras, pedia fumo para a pipa, e fogo. Ai de quem não o attendia! Deixava-o com uma só pancada estendido no solo, e agil como um macaco corria de galho em galho, de copa em copa, rumo das povoações, onde, invadindo as cozinhas, acordando os lares com o ruido das mãos de pilão que se punha a soccar freneticamente.”</p> <p>Se esses testemunhos não forem sufficientes para “personalisar” o Sacy, nos compromettemos a proceder a mais minuciosa pesquisa, ouvindo aqui em Minas os nossos mestres, dr. Diogo de Vasconcellos, Nelson de Senna, Costa Senna e outros que devem conhecer a archeologia mythologica da nossa terra.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 604 - qua, 07 fev. - 3: 1 a 5	(dep. 21)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 118	
	As mulheres tambem se interessam pelo capeta de carapuça. D. Antonia Benta Alves de Lima apesar da idade recorre á mão gentil duma netinha e depõe no tom pausado de quem já viu muito mundo e sabe a vida. Diz: “Ilimo. Sr. Delegado ou promotor que acompanha o inquerito sobre o Sacy-perêê. Como descrever o tinhoso e pêrêca Sacy, sem fazer literatura, divagações ou mostrar-lhe a psychologia? Impossivel! Quem, como eu, arcada nos meus sessenta Janeiros e já aposentada após 30 anos de magisterio, encontrando quasi que diariamente com bachareis em direito, medicos, deputados e até já senador, meus discipulos, a quem para boa disciplina e maior incremento ao estudo (quando não trabalhava a S. Luzia de cinco furos) contava-lhes a historia do Sacy, sua forma e suas obras. Comecemos a formar o testemunho do typo nas suas diversas phases e especies: <p>1.o – O atraso e a falta da distribuição do ensino desde os tempos coloniaes até a constituição da Republica, em que, nesse periodo, só os ricos é que estudavam, por haver a posse necessaria para manutenção dos mesmos na Universidade do Porto, Collegio Pio Latino em Roma e outras faculdades europeas, té que chegassem as mesmas ás nossas plagas, como Pernambuco, Rio, Bahia, S. Paulo, etc., o restante da população brasileira, em numero de 70, 80 ou 90 % eram analfabetos, ignorantes e supersticiosos. Porque?</p> <p>Derivados do cruzamento portuguez, africano e selvagem, como se vê da própria Historia do Brasil em que os creoulos traziam aos cavalos dos seus senhores, gamelas cheias de ouro, supondo que aqueles comessem, por ter os freios dourados nos dentes. Narremos o facto.</p>	

Em Itú, onde sempre exerci o magisterio, desde a Escola Regia até os adventos da Republica, como poderia contar o dr. Cesario de Freitas, fallecido e ex-deputado federal e outros clinicos seus irmãos, bem como na actualidade os irmãos Lobo, dos quaes dois em evidencia nos Congressos Estadual e Federal, a descripção que eu lhes fazia do Sacy afim de obter delles melhores notas e mais assiduidade, porquanto que o Antoninho era mais do que o tinhoso, só não trazia o barretinho vermelho, de resto envolvia-se num redemoinho capaz de formar um furacão, taes as suas diabruras!

Ora, é sabida a forma terrível com que eram tratados os escravos, e dahi o resultado das fugas para apparecerem á noite em busca de alimento, formando assim pelo medo o medo aos outros devido ás suas aparições como aspectros nocturnos.

Contava-se naquella epoca a aparição de uma porca com 7 leitões, de um cavallo sem cabeça, tudo commandado pelo Sacy, que era, nada mais nada menos do que o escravo fujão, que á noite tudo chamava no facão.

Nas portas das velhas egrejas de Itu', dizia-se existir figuras do Sacy, todo de preto e de arapinha, e no entando eram as beatas que para lá iam aguardar a abertura da porta dos conventos para assistirem á missa. Isto ás 3 da madrugada, em que todos dormiam.

E hoje? A essa hora o movimento é maior do que do dia.

Agora o facto da existencia do Sacy-pêrêrê, é a combinação de nomes indígenas – africano e brasileiro – com toda a sua superstição e ignorância que produziu essa visão, esse medo e esse fantasma que nunca existiu. Haja vista a descripção das “Eneidas” de Virgilio, na qual, em um dos seus cantos se verifica o celebre gigante de um olho só que quiz devorar Achilles e seus companheiros quando abordaram na Ilha de Paros.

Que enorme Sacy seria esse?

No romance “Noite de S. João”, musicado em opera e não levada a effeito, por um accidente qualquer, existe tambem a descripção do Sacy em plena festa de fazenda. Musica essa do mui ilustre maestro Elias A. Lobo, já fallecido.

Quando o saudoso d. Pedro II visitou Itu', á sua presença trouxeram um velho caboclo sexagenario mettido a poeta, falando ao soberano que tomasse muito cuidado com o Sacy, que por diversas vezes apparecera ao velho conde de Parnahyba, quando voltava de comer a herva rasgada com entrecosto na casa do Siô Maneco Russo, negociante forte e conceituado naquella cidade.

Então, o soberano, todo interessado, pediu-lhe que fizesse uns versos, o que immediatamente o caboclo respondeu:

Meo senhô – meo soberano
-- Sacy subiu ao ceo
Pra fazê seo testamento
Não achando papé nem tinta
Deceo pra baixo.

Gargalhadas soaram com o estribilho do pobre velho, e este continuou:

Sacy anda no mundo
Pra fazê trampolinage
E o Siô seo Imperadô
Pra fazê politicage!

O bom soberano não se magoou, talvez nessa hora se lembrasse do d. Bibas de A. Herculano, gratificou o velho e passou-se calmamente a outra sala, onde se achava a Philomela, orchestra então existente naquella terra, da qual ainda existem músicos como o Pinto de Moraes e outros.

Tenho coisas mais interessantes sobre o Sacy e suas artimanhas, porém sobre outro estudo e outra psychologia. Porém, cabelo trançado de cavallo e o mesmo sugado a verter sangue, toda a vida soube que era morcego e não Sacy, entretanto os velhos, pela sua ignorância chamavam de Sacy. Aguardarei oportunidade para melhor descripção de coisas mais interessantes, pois sou velha, estou cansada, e quem esta escreve é minha neta”

*

Em jornal: *Estadinho* - 604 - qua, 07 fev. - 3: 1 a 5 (dep. 22)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 122

Fala agora uma menina. Tem 16 annos apenas. Chama-se M. Aurorita. O seu depoimento tem o encanto das coisas moças e frescas. E' uma manhan a falar da meia noite. Diz:

“Correspondendo ao vosso appelo para o renascimento, na mythologia nacional, do Sacy, acudo ao vosso risonho desejo com estas linhas, apagadas, de collaboração.

Não é como affirma um dos vossosolicitos correspondentes, que o Sacy não existe em S. Paulo.

Há engano desse gentil epistolar que como mineiro da gemma adquiriu as primeiras impressões sobre o “negrito” de uma só perna, lá na doce mansão de algum retiro pittoresco entre as “alterosas” recamadas de “rutilos carbonos”; vestidas de uma flora secular, palpitante de viço, de seiva transudante, de esplendor; e de uma fauna variegada, polyforme, polychroma, onde até é visto noctambulante entre tão ilustre pleiade o celebre “monopede” esse engraçado Sacysinho a pular, a dansar o tango da Quinota do S. João do Sabará...

Não; a primeira impressão é tudo, sr. Redactor: -- quando as criancitas observam, nesse doce porém pueril periodo infantil, algo de estupefaciente chegadinho ao sobrenatural, centro de um diamante, tomando em seguida a côr primitiva daquelle metalloide -- adquirindo rapidamente o vulto de um menor de 12 annos, mas sem uma das pernas, magrito, vivo, activo, bulhçoso, caviloso, sem orelhas e trazeado um só olho em pleno frontal.

E, fazendo caretas, deitando fogo pela bocca e nomeando-se Sacy-Sacy-Sacy, aos pinotes cabrioleiros e no rythmo de um cancan macabro lá se fora numa abalada, disseminando por esse mundo em fóra a prole; pelo que, é visto – ainda em nossos dias – a praticar diabruras o malandro do Sacy perjeta em todos os departamentos da federação onde haja cacholas de infantes para as tanger. Eu, para mim, sr. M. L., creio no Sacy cosmopolitica, mas como uma figurinha exotica, assim como um molecote peralta cujo officio era de, pulando em um só pé, mostrando a lingua rubra e deitando chispas pela bocca, atemorisar as crianças da minha idade, e, por isso é que ao ouvir a tardinha, da capoeira, rala os centros sensoriaes, vivazes pela extrema sensibilidade das cellulas neuronas, retêm a imagem de tal modo que a perfilham naturalizando-a no capaçõ, no temo e no local fazendo-se familiarisar na orbita restricta em que se vive.

Dahi a supposição de o Sacy-serêrê só ser uma criação no “voxpopuli” das “alterosas”.

Todavida, trago a minha pedrinha de contribuição para restituir a Cesar o que delle é: cá como lá e como talvez em todo o paiz o Sacy existe, porisso que é uma criação popular na fantasia dos differentes componentes ethnicos assimilada pela massa actual constituinte da classe rural brasileira.

Eu, caríssimo redactor, quando pequenina, residente numa das mais famosas cidades do nordeste do Estado, á margem do lindo Parahyba, sempre ouvira as narrativas empolgantes descritivas do Sacy e suas travessuras.

Cumpré porém esclarecer que um dos narradores affirmara que o Sacy-serêrê nascera em Minas (sem paernidade) pois – como Pallas sahindo armado da cabeça de Zeus – fora garimpado estrugindo num salto violento do colmatado comoro proximo, a falinha aguda e estridente Sacy-Sacy e arrepiada me recolhia timorata do terreiro a me aconchegar no recesso ameno do lar onde se esvaíam os temores ao contacto doce da maman carinhosa.

Mais tarde porém vim a saber que o que estridulava Sacy-Sacy não era outra coisa senão um certo pássaro preto que habita as adjacências colmatadas das habitações.

Infelizmente, essa desilusão de que outróra tanto me amedrontava só a tive quando do proprio Sacyzinho serêrê eu já não temia, pois era moça; sim, se porém os 16 Janeiro me dão esse direito.”

*

Em jornal: *Estadinho* - 604 - qua, 07 fev. - 4:1

(dep. 23)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008 – não publicado*

E, para terminar, estes versos de F. Quirino dos Santos, remetidos pelo sr. Alberto Faria, que também promette trazer o seu depoimento pessoal.

O SACY (Lenda)

Que tens tu, ó Mariquinhas,
Porque é essa pallidez?
Tristeza, que nunca tinhas,
Te inunda os olhos e a tez!

Ao terreiro, á horta e á cercada
Tu ias sempre a brincar
E eu sempre a dizer: -- que eu perca
A vida, se ella mudar!

Como eu ficava contente
Ao ver-te os modos gentis!
E exclamava toda a gente
- Como esta velha é feliz!

Quando passavas na roça,
Todos vinham ao redor:
Dizia um, logo: - Que moça!
Outra, em seguida: Que flôr!

Se não era o mesmo encanto
Ou coisa de tentação
Tanta inveja a dar quebranto
A' luz do meu coração!

E eu tão crente na figa,
Na tua figa de marfim...
Olha-me cá, rapariga,
Chega-te bem junto a mim!

Mariquinhas, minha neta,
A causa toda já sei.
De andares tão inquieto
Por certo que adivinhei.

Ha no mato destas terras
Um maldito Serêrê:
Salta campos, valles, serras,
E o bicho tem um só pé.

Toda aquella densa moita
Corre o medonho Sacy:
Ninguem por ela se afoita:
E' "assombrado" tudo alli!

E aquelle que vem horrendo
Espantar os animaes:
A noite toda correndo,
Ai! quanto sustos nos faz!

Oh! foi ella quem tu viste
Que a tua face beijou...
Depois disso é que assim triste
A minha neta ficou!

Mariquinhas, minha neta,
Neta do meu coração,
Não te quero ver inquieta
Inquieta mais assim, não!

Toma lá este rosário,
Que um padre santo me deu:
Não ha sorte, nem fadario
Que resista ao que é do céu.

Conserva-o sempre ao pescoço
Com sincera devoção,
Applicando um "Padre Nosso"
Das almas pela intenção.

E quando o redomoinho
Levantar-se ao pé de tí,
Atira-o nelle mansinho
E prenderás o Sacy!

E depois, ó Mariquinhas,
Vae-se a tua pallidez:
Tristeza, que nunca tinhas
Há de acabar-se de vez.

Assim falou a velhinha,
Em seu sizudo falar:
Aconselhou a netinha
E logo pôz-se a rezar.

Mariquinhas maguada
Não responde á velha, não!
Ai, pobre! de envergonhada
Cravou os olhos no chão!

Mas de noite a janellinha
Do seu quarto se entreabriu!
E ouve quem visse asinha
Que um vulto a ella subiu...

Como ella deixa a tal hora
Um vulto junto de si!
Vão dizer á velha, agora,
Que não seria o Sacy!

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 605 – qui, 08, fev - 4: 2 a 4	(dep. 24)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 126	
<p>O sul de Minas também manda a sua contribuição. Um anônimo conta como é o Sacy de lá:</p> <p>“Mui curiosa e feliz é a idéia de um inquerito sobre o nosso Sacy- pêrêrê. Meus sinceros parabens; estou convencido de que tal inquerito despertará a mais justa e viva curiosidade. Deixe-me, pois, tentar um pequeno esforço em prol desse sucesso, dizendo-lhe algo a respeito do Sacy, tal qual elle é concebido aqui no Sul de Minas pelo vulgo supersticioso.</p> <p>Vejam, antes de mais nada, como essa originalíssima criatura veio ao mundo.</p> <p>Afirmam os velhos africanos escravos que o diabo, em certo dia, resolveu dar uma grande festa no inferno. E foi de tal porte o forrobodó, prodigalisou-se tanta cachaça, que nem sequer o porteiro escapou a uma grande carraspana. Ora, á sahida dos convivas, aproveitando-se desta circunstancia, muitos diabinhos escapoliram cá para a terra. Furioso, o diabo deu-lhes caça, agarrando a todos menos a um, o Sacy, que, não obstante ter uma perna só, ainda hoje zomba do filho das trevas, graças á sua astucia e agilidade inexcediveis.</p> <p>As primeiras aparições do Sacy deram-se no tempo da escravatura, nas grandes fazendas, cujos proprietarios eram senhores de muitos captivos. O incorrigivel demoninho tinha grande predilecção pelos monjolos, moinhos, engenhos e frequentava, com especialidade, as cozinhas, senzalas, os sambas e batuques dos pretos. Numa grande propriedade agricola, onde passei grande parte de minha infancia, os escravos viram-no muitas vezes e chegaram a trocar com elle não poucos desaforos. Desges escravos destacarei apenas dois, o pae Adão e a tia Liberata, ambos velhos, estimados, muito acatado e incapazes de invencionices.</p> <p>Uma vez, conta o pae Adão, recolhia-se elle á casa, depois de um pagode que durara toda a noite. Num dado ponto da estrada, como se sentisse fatigado, parou á sombra de uma grande arvore para tomar folego. De repente um dos galhos da arvore, do qual pendia uma caixa de vespas, apesar de estar o ar completamente parado pôe-se a se agitar freneticamente. Alvorçadas, as vespas, atiram-se contra o preto velho, que se vê obrigado a fugir precipitadamente, com o casaco embrulhado na cabeça, até uma grande distancia. Foi então que sobre o coiceiro de uma porteira que lhe ficava na frente, notou um negrinho de pelle muito lustrosa, tendo uma só perna, beijos e olhos vermelhos como brasas, trazendo na cabeça uma carapuça escarlata. Naquella posição o negrinho ria a mais não poder, e ria de um risosinho muito agudo que penetrava os ouvidos do velho africano como agulhadas.</p> <p>— De que é que te rie, negrinho cachorro? — perguntou o Adão, irado.</p> <p>— Sacy gosta de ver marimbondo escaramuçar pae velho, respondeu o outro, suffocado de riso.</p> <p>E o Sacy saltou ao chão, deu algumas cambalhotas difficeis, fez uma serie de caretas e foi-se assoviando, com escarneo. Ora, ninguem pode negar que o Adão tivesse visto o Sacy. Este velho africano foi sempre um modelo de probidade.</p> <p>Tia Liberata. (outro modelo de probidade) certo dia, voltava da fonte com um pote á cabeça, quando, ao aproximar-se da porta da cozinha, sentiu que perdera o equilibrio e depois de lutar por algum tempo, de ir para diante e vir para trás, de oscillar para a direita e para a esquerda, estendeu a fiu, indo o pote fazer-se em pedaços, a grande distancia. Foi então que a preta notou no beiral de casa, desfeito em gargalhadas o mesmo negrinho, anteriormente observado por pae Adão. A Liberata viu-o perfeitamente. Era um negrinho de pelle lustrosa, beijos vermelhos, olhos vermelhos, uma pena só e trazendo na cabeça uma carapuça da côr de uma brasa.</p> <p>— Sacy gosta de ver negra velha quebrar pote — disse elle, acompanhando as palavras de uma careta em que se lhoviam os dentes de uma alvura incomparável.</p> <p>Em todas as demais aparições do Sacy, aliás, elle sempre se apresenta invariavelmente sob a forma de um negrinho de uma perna só, beijos vermelhos, olhos vermelhos, e uma carapuça escarlata na cabeça.</p> <p>Além disso, devemos acrescentar, elle foi sempre incapaz de uma perversidade de consequências funestas. Limitou-se exclusivamente a affligir os velhos escravos e escravas; a assustar os crioulinhos; a afrontar os cavallos de estima; a desarranjar os monjolos, moinhos, engenhos, etc.</p> <p>A carapuça do Sacy tem uma importancia capital. Quem lha deu foi o Eterno. Graças a ella, o terrivel traquinas torna-se invisível aos olhos do Diabo. Assim até hoje não foi ainda apanhado.</p> <p>Como se deprehende facilmente do exposto, o Sacy aqui de Minas é bem diverso do Sacy ahi de São Paulo.”</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 605 – qui, 08, fev - 4: 2 a 4	(dep. 25)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 130	
<p>De Casa Branca o sr. José Vieira conta de como as crianças de lá, por muito sabidas, descrêm de sacys. São crianças aperfeiçoadas, que concertam relógio no escuro e não têm medo a cucas. Entretanto, se veem um soldado, tremem. Vejam só! Diz Vieira:</p> <p>“Será um passado que volta? Não. E’ apenas uma gostosa e tênue recordação que brota nestes ultimos dias de Sacy perêrê, no meu coração, já quasi sem calor. Sim, sem calor, porque quando eu tinha medo do perêrê, era ainda criança e toda criança despida como é, de toda a preocupação da vida. Tem o coração pleno de peraltices e mesmo pouco liga a esta vida.</p> <p>Eu na minha meninice, comecei a temer o Sacy perêrê, desde uma vez que faltei ao tradicional “Terço das Ave Maria”, que também se rezava em casa e foi assim por este modo: minha mãe, ao topar commigo na sala de jantar me perguntou:</p> <p>— Onde estiveste á hora do terço?</p> <p>Meio afobado respondi-lhe:</p> <p>— Estava brincando de “pique” lá no largo do Rosario.</p> <p>— Pois então não sabias da tua obrigação? D’oravante se não compareceres ao terço, o Sacy perêrê te levará juntamente com elle.</p> <p>Com semelhante sentença não deixei de ficar muito assombrado. No dia seguinte fui á casa da tia Rita, (uma preta mina de oitenta annos), e a ella contei o que se havia passado e perguntei-lhe o que era o tal Sacy perêrê e o que elle fazia. Ella se benzeu e começou:</p> <p>“Cluze in cledo minha Deuse do céu: u Sacy Serumperêrê é um cuviteiru do demoniu; Zêli quando tá soltu, pinta u canecu: xega nas cuzinha, quêba tudu us platu das partilleiras ; vai nu fugãu distampa as panella e juga cinza dentru das cumida, quando num quêba tudu as panela; faiz um maridu brigá cá muiê di zêli; i até lagá un du ôtru; Sacy presegue as quiança anti di batisa; Sacy, pita (nus pita das negra), i dispoise enche pitu di istrumo de caçora. Sacy rôbô uma quiança e foi botá nu matu porque zêli num xemava Malia; por isso qui intuda casa, até di sinhô blancu tem quiança do nomi di Malia u Jusué; purque tendu, ta livi di Sacy Serumperêrê via busca Zêllie.</p> <p>Deuse ti livi, me zifillu, du danadu do Sacy Serumperêrê. Cluze Cluze in credu?”</p>		

E tornou a benzer-se. Assim foi o pavor que soffri nos meus tempos de crinça.
 Mas aqui em Casa Branca, as crianças pouco ligam ao Sacy- pêrêrê. Quando alguém lhes diz que o Sacy Pêrêrê persegue as crianças peraltas e manhosas, dizem logo:
 “Mãe disse e o professor falo que isso é historia”.
 Não sei se é pelo facto de Casa Branca ter cento e dois annos, possuir Escola Normal, Grupo e Escola Modelo, Atheneu, Instituto, escola isolada e nocturna, segundo me parece, as crianças daqui “concertam relógios no escuro”. E’ mister esclarecer que ellas têm muito medo de soldado: quando estão na rua, jogando bolinhas, ou mesmo “football”, se lhes apparece um soldado é aquella “bruta” correria. Agora não affirmo e o ellas trocaram o Sacy- pêrêrê pelo soldado; segundo a tradição, elles se parecem no modo de se trajarem...”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 605 – qui, 08, fev - 4: 2 a 4	(dep. 26)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 134	
	<p>O sr. Manuel Lopes, indiscutivelmente a maior autoridade em demonologia sacy-sereresca, e autor da primeira escultura, a pau de phosphoro em barro do Poá, que tentou fixar em forma concreta a figura fugidia do Sacy, remettemos uma série de notas sobre a vida e o modo de ser desse diabólico maroto</p> <p>Eil-as: “Sacy-avisador: apparece atrás das portas, dá gargalhada, faz não com o dedo e canta Sacy, Sacy, Sacy, Oi ahi, Oi ahi, oi ahi! (Olhe ahi). Sacy casamenteiro: moça que sonha em noite de sexta-feira para sabbado com Sacy, casa dentro de um anno. Namorado que briga com a namorada e que ouve assobio de Sacy é signal que a moça está chorando de saudade. Para Sacy não entrar pelo buraco da fechadura é preciso pôr a chave de geito que a lingueta fique bem para cima, isto é, o buraco da chave aberto no rasgo da lingueta; ahi, elle espia só, não entra. Sacy que apparece disfarçado em tico-tico-rei: é signal de caguira. Para prender Sacy quando está attentando na cozinha, dá-se uma machadada, olhando para o gol, no chão, e deixa-se o machado de rachar lenha fincado na terra. — Quem dá a machadada benze-se depois e volta para a cozinha sem olhar para trás. Faz-se isto quando suspiro não quer crescer, calda não pega ponto, forno não esquentar, bolo não córa, etc. Sacy mal baptisado persegue gente a mandado e não larga do perseguido se foi mandado com sete padre-nossos. Afilhado de mulher separada do marido vira Sacy. Sacy tem medo de moça vestida de noiva com a corôa de flores de laranjeira. Em casamento de viuva Sacy faz sempre desordem. Mau olhar não pega em quem Sacy persegue, as arrelias do Sacy são para “enfernizá” não para maltratar. Sacy de Mato Grosso é filho de Jabirú com mulher que casa 3 vezes. Sacy pinta-se de branco com poeira de flor de milho. Pinto de 5 dedos nos pés ou gente com 6 dedos em cada mão, picou ou nasceu, em dia de festa dos Sacy. Sexta-feira Santa Sacy não “trabalha”. Animal (pinto, leitão, cabrito, cachorro, potro, etc. e criança) guacho, (sem “pae nem mãe” desde o dia que nasceu) Sacy não persegue. Araponga é signaleira de Sacy, foi Sacy velho que virou passarinho. Bóde ou gato preto é Sacy “desconjurado” que está preso no corpo desses bichos. Chôro de Sacy é que nem miado de gatinho recém nascido. Guarapa não azêda quando Sacy faz “pi pi” no cocho. Sacy do campo mora nos cupins. Sacy zangado grita: Sacy, Sacy, Sacy pêrêrê Minha peréba dóe como que!</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 606 – sex, 09, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 27)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 138	
	<p>Belmiro Aranha, pseudonymo de um formoso espirito sempre voltado a observação carinhosa das nossas coisas, manda-nos de Pitangueiras este bello estudo: “A concepção em barro do Sacy-pêrêrê estampada pelo “Estado” está errada. O Sacy é um pretinho retinto, beiços vermelhos, experto como o azougue, tendo como unica vestimenta uma carapuça de baeta encarnada. Apprecia em alto grau o fumo no cachimbo, unico engodo capaz de o tornar benigno com aquelle com quem se encontra, horas mortas da noite, na estrada deserta dos sertões ou no centro das florestas virgens. O tio Cosme, preto sexagenario, mas ainda firme nos seus musculos de aço, grande caçador de queixadas, perdera-se uma vez no mais soturno de uma mata. Veiu a noite, e como não atinasse com a sahida, resolvera passal-o alli. Bateu fogo na “binga”, chegou-o a um mólho de gravetos e dahi a pouco a amavel claridade de uma fogueira punha na mata apavorantes figuras de duendes, alongando a sombra do tio Cosme, ora de um, ora de outro lado da clareira, onde sentára sobre um pau “piuca”, tendo ao lado a velha “pica-pau”. Encheu de fumo o cachimbo de barro e, indifferente aos sussuros e aos gemidos mysteriosos da mata virgem, começou a atirar aos ares azuladas nuvens de fumaça. Attrahido pelo cheiro o Sacy veiu pula aqui, pula acolá e surgiu na clareira onde tio Cosme dormitava sentado. --- “Meu avô, me dá uma cachimbada;” Tio Cosme, que apesar de negro velho nunca tivera medo de nada, nem mesmo de Sacy, apanhou a “pica-pau” e enfiando o cano na bocca do Sacy, disse : --- “Toma fumo negrinho excommungado ...” e disparou um tiro no Sacy. Este estalou a lingua, soprou com força uma nuvem de fumaça e de chumbo na cara do tio Cosme, dizendo:</p>	

--- “Meu avô, seu fumo é muito fraco mas tem bom gosto”, e o Sacy, no mesmo instante, “suverteu” no ar.
Tio Cosme, quando recebeu a baforada na cara cahiu para um lado e só foi encontrado no outro dia pelos camaradas da fazenda, ainda desaccordado.

Desse dia em diante tio Cosme começou a respeitar o Sacy e nunca mais foi ao mato sem levar ao pescoço um bentinho tendo dentro um dente de alho descascado, unica coisa neste mundo com que o Sacy embirra, e da qual foge ás leguas, tossindo e espirrando.

É muito sabido de todo mundo, e senão o é de todo mundo, pelo menos o tio Cosme e os pretos do tempo da minha meninice sabiam disso, que a samambaia floresce e que a sua flôr, misteriosa como as coisas encantadas, só aparece, só desabrocha, á meia noite da sexta-feira santa.

E ainda ha outra circumstancia importante, até hoje escapa á perspicacia dos mais afamados botanicos e vem a ser que, em cada região, ou mesmo em cada fazenda, por maior que seja a área occupada pelo samambaial, nelle só aparece uma unica flor.

Filtro magico de todas as venturas imaginaveis, quem, á meia noite de uma sexta-feira da paixão, for ao samambaial e colher a sua flor, terá todas as riquezas imaginaveis, tornar-se-á irresistivel a todas as mulheres do universo e, com um só volver de olhos, ou com uma só piscadela, verá rendida a seus pés qualquer dama, solteira, casada ou viuva.

Mas ... quem guarda a flor da samambaia é o Sacy.

Mais de um ambicioso, por estes sertões a dentro, tem tentado a posse de tão inestimavel thesouro.

Mais de um, talvez dezenas de corações sedentos de aventuras amorosas e de riquezas, á meia noite da sexta-feira santa, emquanto todas as almas christans meditam na paixão do doce Nazareno, tem deixado o leito extremunhadas de somno e, embaladas pela musica incomparavel das noites enluaradas do sertão, lá tem ido ao samambaial com o fito de colher, como um ladrão audacioso, a flor appetecida.

Todos elles chegaram, cautelosos, mal contendo o estuar do peito que arfa ancioso pela posse do bem almejado e tambem todos elles, com verdadeiro assombro e um frio de gelo a zurzir-lhes a espinha, ao tocarem o caule da flor ... viram-n’á desaparecer!

Fora arrebatada pelo Sacy, guarda experto e sagaz que nunca se deixou lograr, consentindo que outrem apanhasse a flor da samambaia.

É por isso que ninguem ainda a viu e os botanicos desconhecem a cor e a forma de suas petalas.

O Sacy é ainda uma criatura calumniada, como aliás acontece a todas as criaturas.

Ha muita coisa por ahi, filha exclusiva e legitima do medo, mas que se attribue ao pobre do Sacy.

É verdade que este, quando pilha um viandante a cavallo, sozinho na estrada erma e depois de meia noite, de um salto encarapita-se-lhe na garupa e pinta o sete.

Um fazendeiro meu conhecido, homem “crente”, não na existencia de Deus e dos santos da corte celeste, mas em coisas de natureza terrena, precisou ir á cidade numa noite escura e tenebrosa.

Foi a cavallo e levou como pagem um molecote.

Ao atravessar a mata, onde existia um Sacy, na crença geral da fazenda, o fazendeiro lembrou-se delle, mas não querendo manifestar o seu medo ao moleque, voltou-se na sella e disse-lhe:

--- Ó Quirino, você tem medo do Sacy?

--- “Não sinhô”, respondeu o pagem.

Mais adiante, crescendo o medo, o fazendeiro retornou:

--- Ó Quirino, si você tem medo do Sacy apeie e venha montar aqui na garupa.

--- “Eu não tenho medo não sinhô”.

--- Olha, moleque, você tem medo do Sacy, apeie já e venha montar na minha garupa, sinão eu te metto o “reio” ...

Dahi por diante o fazendeiro levou o Quirino á garupa e o seu cavallo puxado.

Elle preferiu levar ás costas um Sacy de carne e osso a um Sacy verdadeiro.

São essas as proezas mais notaveis que conheço do Sacy. Outras haverá, mas nem o tio Cosme nem os pretos velhos do tempo da minha meninice m’as contaram.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 606 – sex, 09, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 28)
Em livro:	<i>O Saci Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, não transcrito	
<p>Depõe J. B. F. :</p> <p>Venho tambem trazer o meu concurso ao estudo da mythologia brasilica, concurso este que tanto tem de pequeno em valor como grande em boa vontade.</p> <p>Sejam as minhas primeiras palavras de louvor a quem tão feliz idéa teve, tal seja a de estudar as superstições do nosso povo.</p> <p>Soube, em pequeno, contadas por varias pessoas, as historias do Sacy-perêrê ou cêrêrê.</p> <p>Hoje, vejo com desprazer os males que as referidas historias me fizeram. Eram por exemplo, as noites mal dormidas, os sonhos terriveis. Este meio de tornar as crianças mais quietas, pode ser bom a quem o emprega, porém ruim, mas, pessimo mesmo ao pobre e pequeno paciente.</p> <p>Prepara a criança ao nervosismo, á superstição, ao mêdo. Quantas molestias mais tarde poderão atacar uma pessoa devido a este mau costume de a terem assustado quando pequena.</p> <p>Porém, não só o Sacy é o agente causador de todos estes males, como comparsa delle temos ainda o Lobis-homem, a Cuca, etc.</p> <p>Eis como me contavam ser o Sacy, e como nos sonhos o via.</p> <p>Negro, muito negro, e de côr reluzente, com uma carapinha grande, quasi nu, possuindo uma perna só, sempre rindo com escarneio. Usando um chapéu vermelho, que nunca se desprendia da cabeça; andando aos pulos, possuindo um umbigo muito grande. Sendo que o que mais o caracterisava eram os seus olhos, que possuiam uma côr vermelha, de um vermelho de fogo. Alguns dizem ter elle um só olho, sendo este situado no meio da testa.</p> <p>Os seus costumes eram andar a cavallo, fazendo do rabo rédeas; puchar o rabo de bois, amedrontar os cães e as gallinhas, assim como aos viandantes incautos, aos quaes só pedia fogo para a sua pequena ponta de cigarro, pelo prazer de</p>		

assustal-o.

Segundo diziam, dormia no mato, de onde só sahia ás 24 horas. Dizem mais ter elle o mau costume de bater a porta a deshoras.

De todas estas diabruras, uma boa acção vi delle contar uma boa tia velha, de 75 annos, cearense e supersticiosa, tal seja a de perseguir aos maridos tresnoitados. Assim conta-se que um destes vindo tarde para casa e não querendo mostrar-se á esposa, tal o estado em que se achava, deitou-se no balcão de sua venda. Eis que ao soar das 24 horas, elle acorda assustado e vê um pretinho, que logo reconheceu ser o Sacy, a desarrumar todas as prateleiras, a esvasiar saccos, etc., etc. Desde este dia nunca mais o Chico da esquina enganou a esposa, e nem mais se deitou tarde. Perguntando eu, agora depois dos 20 annos, a uma preta velha, quem era o Sacy, ella, depois de benzer-se, disse-me acreditar ser o demonio ...

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 606 – sex, 09, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 29)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 144	
<p>José dos Santos, caboclo chucro mas sarado, põe duvidas em que deste inquerito sáia uma boa identificação do Sacy. “To sabido das suas agonia pro mór do causo do Sacy pereréca. É um causo que não tava precisano de arrebanhá piniões. Ossuncê vae se afundá de tá manera que adepoz não sabe iscoiê o mió dos retrato. Quarqué caboco véio sabe dizê cumo é o Sacy que só anda pererecando pra mór de tê só uma perna. Tô eu aqui na fé do santissimo que lhe posso aprová cumo é. Quar! se bem que lêa e relêa o seu réclame do jorná, pelo que tô veno ninguem foi capaiz de resorvê a quistan. Sacy, seu redatô, é um caboquinho mandiguêro, fazedô de cabriolêra, pretinho como elle só, quinté reluiz de noite no clarão do luá. Vô lê contá um causo no quá ossuncê vae ficá sabeno treiz veiz o que vem a sê esse máfeitô. Tudo diz que viu Sacy, ma tão inganado, o que viru foi sombração de mêdo, mais nada. O causo é difice. Certa veiz, viajano de Jaguary práz banda de Amparo eu já tava em Duas Ponte. A mode que ia arrevesado co’as sombra do luá, quando escutei barui da banda de Amparo e vi o bixo pará e querê vortá. Minha egoa rinchô , mau siná. Me cheguei perto, fiquei arripiado como quem tá veno o dianho de riba da gente. Em riba do cavallo tava um pretinho c’os oio aceso, pulano e segurano c’ua mão na crina e co’a otra o rabo do bobre bixo. Não tinha nada de feiura não. Era um bacori bonito intê como o tio de nha Colaca do arraiá de Duas Ponte, co’a deferenciação que tinha uma perna e um rabinho comprido, dois palmo ansim. Tava nu’, c’um pedaço de baêta no pesçoço. Todo elle tava cheirano sujera impagave. Eu tava ansim que tava tremendo e intão se me lembrou o santissimo e esconjurei pr’os inferno aquelle máfeitô. Elle pulô da garupa pererecô um instante e se infió pela capoera assobiano ansim a mode que dizeno sa ... ci ... sa ... ci ... De resto, seu redatô, não vale a pena simbrulá co’os parecê que aparece no jorná e c’as figura que tão fazeno pr’os cidadão vê. O Sacy não pode sê de barro E muito menus de pincé O Sacy sempre ade sê Aquillo que deus quizé. Arreceba uns apertão deste seu leitô que lê as veiz cuano chega imbruio feito co seu jorná.”</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 607 – sab., 10, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 30)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 148	
<p>Até um homem pessimista, um C. casmurro, que paga dividas mas não dá esmolos, foi seduzido pelo Sacy e comparece a este juizo para dizer o que sabe. Fala o sr. C. : “Meu caro sr. L. Sou um excêntrico, pessimista em extremo, muito alheio ás coisas deste chaos; semi-religioso e creio em Deus; pago as dividas, não dou esmola. A despeito, porém, o inquerito sobre o Sacy me despertou “la curiosité”. A’ primeira vista, tomei por uma futilidade propria de um cerebro doentio ou desoccupado; mas como me vieram aos bestunto factos passados na minha infancia, vá lá; mal de muitos, consolo é; que o doente se console com o vizinho! ... Li. Achei interessante e razoavel o seu desejo de privar de perto com o negrinho. Pois bem, eu lhes conto quem é esse malandro, tão arteiro que até, dizem, quando entra nos lares dos bem casados, não demora, a taboa está no meio; e para tirar a taboa é preciso rezar sete terços, um em cada sexta-feira, e fazer uma cruz em cada canto da casa; estando na quaresma, basta um só terço na sexta-feira da paixão; alguns são tão teimosos que é preciso o padre botar benzimento. Não sou fantasista, sr. L. , e nem gosto de tecer lendas. O que lhe vou contar é a pura verdade. Nesse tempo, eu vivia no aconchego do meu patrio lar, na villa de ... hoje termo de Lambary, Minas. A casinha, bella e pequenina, se ergue sobre o dorso de um pequeno outeiro, ao norte da villa, dominando-a toda com sua vista tão invejada. --- Inda lá está. A herdade forma um sitio de 24 alqueires de terreno accidentado, excepto a parte baixa , uma varzea de alguns alqueires de pastagens, plana, atapetada de uma grama de qualidade, que resiste á soalheira dos annos seccos e dá perenne sustento á criação. É banhada, ao oriente, em toda sua extensão, pelo rio Verde, que ahi passa preguiçoso. O resto das terras era naquelle tempo occupado com a cultura dos cereaes, para o que, depois da lei aurea, meu pae, se utilisava de caboclos assalariados. Pois bem: ás vezes, --- isto eu vi com estes olhos, cavallos e vaccas formavam dois bôlos e corriam loucamente a esmo pela varzea, até que, cansados, suados, arquejantes, vinham buscar refugio no mangueiro, para dahi a pouco sahirem de novo; e corre que corre, num tropel infernal; de repente paravam, assopravam, levantavam as narinas, olho espantado ao longe, e partiam. Isto tinha occasiões que era de dia e de noite. Não nos incommodava aquillo; entendiamos ser vadição, desejo de</p>		

brincar, de exercitar, embora não conhecessem “sport” e nem os officiaes francezes. Tendo eu desejo de possuir um cavallo de meu, houve-o do criador Antonio Olivio, um polaro de anno e meio, muito bonito e bom, descendente de “Manga Larga”, pastor de truz, que valeu ao velho Andrade um milheiro de queijo --- naquelle tempo! Como era um “bijou”, eu o zelava como dono, temendo algum incidente que lhe viesse turbar a vida tão feliz.

Começou logo a fazer parte do bôlo e a atropelar o mundo com suas correrias.

Como já disse a v. s., meu velho pae lavrava suas “maniocas” com caboclos “de jornal”.

Um delles, o Zé Marinho, caboclo refinado da Diamantina do Norte, côr de pé-de-moleque tostado, um dia assistiu á scena da tropelia, e, assustado, dizia: “O’lá lá, óia o Sacy, óia o Sacy! coitado dos animá! êta negrinho damnado.”

Onde está, sio Marinho? --- era este o seu tratamento ---, onde está ?, perguntava-lhe. “Tá correndo a cavallo”, respondia. Era a folia que estava accessa lá na varzea. Eu, por mais que inquirisse, por mais que olhasse, nada via. Dahi a pouco chegou o bôlo para o curral, suado, atropelado, arfante, em cujo meio o meu estimado “Brazão”, nome dado ao nobre filho do “Manga Larga”.

“Bota um rusario bento no pescoço do “Brazãozinho” senão o Sacy inda joga elle no rio, e vacê perde essa joia”, disse o Zé Marinho. O rosario é bom sio Marinho? perguntei. “Inda vacê prigunta! Nunca mais o Sacy munta nelle”, respondeu.

Ora, minha velha mãe tinha um rosario volumoso, de sete padre-nossos, herança de minha vô materna, que lh’o deu de presente de suas primeiras nupcias --- pois ella foi casada segunda vez, de cujo enlace lá vim eu; se era bento, eu não sabia, era de suppôr que sim.

Não hesitei; lá fui surripial-o da velha. Commettia, é verdade, pela primeira vez, um acto de desrespeito á minha mãe e á religião dos meus avôs, mas o fazia em honra do meu proveito, que já naquelle tempo, eu o reputava acima da agua benta. Aproveitei a ausencia da velha, entrei no quarto, sunguei o colchão, e lá me fui victorioso com a reliquia, enquanto o sio Marinho já tinha no cabresto o meu joven “Brazão”. Mas o rosario era pequeno, e o pescoço a proteger era grosso. Fui buscar o do velho, cujo molde de castigar filhos resava pela cartilha dos antigos portuguezes, de quem descendia: por qualquer dá cá aquella palha, falava a casca de vacca. Affrontei-lhe a fibra com a fação. O que é verdade é que o Brazão dentro em pouco estava de rosario ao pescoço, de onde pendia uma pombinha. Para não ser descoberto, enxotei-o para o pasto.

Pois meu caro senhor L., quer v. s. me acredite, quer não, o Brazão dahi por diante não correu mais. E quando os outros começavam a folia, elle se separava, ia para o terreiro e ficava espectador dos outros, no que muitas vezes lhe fiz companhia.

Perguntará v. s., “porque não poz rosario no pescoço de todos os cavallos?” Tem razão; mas não os havia. Minhas manas tinham, mas tendo descoberto logo a historia, trancaram os seus.

Por muito favor obtive um: fui á missa, estava na sacristia, vestido de opa, thuribulo á mão. Quando o padre encaminhou-se para o altar, acompanhado do seu séquito, de que eu fazia parte, pretextei um esquecimento e fui buscar um respeitavel rosario que abarcava o mais grosso pescoço, igual aos das nossas devotas cá da terra, que o cura deixou em cima do balcão. Essa reliquia de sete padres-nossos, com um bello crucifixo, serviu de anjo da guarda a um estimado corcel de sella do meu pae. Também não correu mais.

Um dia, o Zé Marinho, assistindo a uma tropelia geral, que tambem era vista do terreiro pelos dois “devotos”, exclamou: “Eu num disse que o Sacy num muntava mais! ranja rusario p’rus ôtro”. Dahi a pouco chegou o bôlo, que buscava refugio sempre no terreiro, e reuniu com todos os devotos. Ouviu-se um assobio, fino e comprido, que se afastava, cuja direcção os animaes acompanhavam com a vista, assoprando. “Conhece damnado!, sahi iscurraçado; co rosario ôcê num brinca; hum! tá fedeno inxofre!”, exclamou o sio Marinho. E deu uma grande risada.

O que é, sio Marinho? indaguei. “Vacê num escuitô o subio? é elle, esbarrô co rusario, num gostô, sahi vendeno azeite.

Os animaes socegaram e foram pastar tranquillos.

Meu caro sr. L. Os rosarios foram o anjo protector por quasi um mez. É o que lhe digo.

Não é assumpto da nossa palestra, nem a v. s. interessa, mas se eu lhe contasse as peripecias que se seguiram por causa dos taes rosarios, enquanto v. s. vivesse, havia de se lembrar e fatar-se de rir á minha custa. O que sei é que, após esse tempo, estavam os bucephalos sem o relicario, o cura na posse do seu e eu ameaçado de uma sova, de excommunhão, censurado, apesar de argumentar com eloquencia, qual um advogado verboso em defesa do seu constituinte, ás barras do Tribunal, com os ensinamentos do caboclo, a virtude do rosario de espantar o Sacy, e o socego que trouxe aos animaes.

Inquiri o siô Marinho sobre a personalidade do Sacy. Disse-me: “O Sacy é um negrinho pretinho, magrinho, beiços e olhos vermelhos como pitanga, unhas compridas; tem testa de macaco, o corpo coberto de fubá, rabo de cachorro e uma perna só; veste calça de baêta vermelha e pita num pitinho de barro; pr’a cachaca é pió do que gambá; quando elle chega p’ra tentá, vacê sente logo uma catinga damnada de inxofre. A’ meia noite, elle fica sentado nas incruziada esperano os viajante p’ra pedi fumo; gosta muito de botá a “guasca” nos negrinhos lá na roça.”

--- Não sei se v. s. sabe: no tempo do captiveiro, as escravas iam para o eito com os negros, e as que estavam criando levavam os filhos nuns berços de taquara e deixavam-nos sob o abrigo dum rancho, vindo de quando em quando amamental-os. O Sacy pilhava os negrinhos a sós, ia lá soval-os. Os negrinhos berravam, as negras diziam: O Sacy já tá judiando dos negrinho.

“P’ra gente se vê livre delle, é dá o fumo; elle enche o pito, dispois pede fogo, é dá, senão tá perdido”, continuou o sio Marinho.

Mas quem fez o Sacy, sio Marinho?

“É fio dessas negras desavergonhada, que fica grave, dispois fica co medo das sinhá, porque ás veis o fio é do proprio sinhô ou do sinhô-moço, e vai largá no mato; morre pagão e virá Sacy.” “Esse negrinho é o diabo, num é gente.” “Quantas veis elle num distravia caçadô no mato por môde i caçá nos domingo, a ponto de manhecê no mato; incrava a espingarda, distravia cachorro, intala cachorro dentro da toca. A’s veis os cachorro vai numa “cocha” bonita, de repente some, é o Sacy que elles tava correndo.” “Vacê querendo pegá um Sacy, quando vê um rudimunho, joga um rusario bento de sete padre-nosso, feito de conta da Virge, que tá siguro.” “Querendo agradá elle é dá fumo e pinga, intão é um cumpañherão.”

Eu, de mim para mim, meu caro sr. L., a dar credito á escriptura ingenua dos padres, o Sacy não passa daquelles anjos maus, que, depois de feitos bons pelo Senhor Deus, se rebelaram contra o seu criador, pelo que foram enviados para as caldeiras do Pedro Botelho. Lá vivem esses diabinhos presos como estudantes de seminario; quando escapam é fazendo diabruras.

Na minha terra chamam-no Sacy-Saterê.”

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 607 – sab., 10, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 31)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 156</i>	
	<p>O proprio Sacy resolver falar de si proprio, e manda-nos da varzea de Santo Amaro este auto-retrato: “Sr. Redactor do “Estadinho” --- Bom dia. Aqui, nos arredores da Paulicéa, por onde ando “paráparando” desde que fui expulso da cidade pelas historias da carochinha e dos anões cervejeiros da nebulosa Germania, soube que o “Estadinho” “havera” publicado meu retrato e ia fazer minha biographia.</p> <p>Quiz ver o engrossamento. Passei a mão nuns vintens chãchãs que vinha juntando num buraco de pau podre desde o tempo que d. Pedro virou onça no Ipiranga e comprei a sua folha.</p> <p>Gostei um pouco do que ella dizia no primeiro numero, inquisitei com o retrato. Não está nada parecido, até parece mais com o Manuel Lopes que commigo. Li depois os outros “Estadinhos”, que falavam da minha pessoa e mais “damnado” fiquei porque era só xingação contra mim. Chamam-me negro, “uniperne”, malvado, feioso ... Contaram minhas estrepolias por Minas e Rio de Janeiro e da minha existencia em S. Paulo, nem tico! Entretanto, vivi sempre e com muita consideração na Paulicéa.</p> <p>Pois, se eu ainda me lembro, e com saudades, das boas amizades que ahi cultivei lá pelas alturas da penultima dezena do seculo passado?! Bello tempo!</p> <p>Quanta prosa boa dei ao meu illustre amigo Emilio Pestana, no escriptorio commercial da rua do Rosario, quantas vezes fui “aquestar” fogo na casa do velho redactor da “Provincia” alli por trás da antiga cadeia a ouvir a cozinheira contar as minhas artimanhas á criançada, quantas ... O P. P. sabe disso; pergunte-lhe se é ou não verdade.</p> <p>Mas, voltemos ás coisas que de mim disseram. Não sou negro nem cabra: filho legitimo de cabocla, caboclo tenho me conservado em S. Paulo e por isso e não por ser “coisa ruim” é que ainda não fui “pro céu”, pois a verdade é que</p> <p>“Caboclo não vae pro céu “Inda que seja rezadó, “Caboclo tem cabelo duro “Cutuca nosso senhô.</p> <p>Sou “bi-perne” e piso com os calcanhares para a frente de modo que as minhas pegadas indicam direcção inversa á seguida por mim: menos de um mal é isso um bem porque a humanidade eternamente desviada commigo do bom caminho tem ensejo de mudar de direcção seguindo os traços das minhas plantas.</p> <p>Tambem em S. Paulo não sou “Sacy-pêrêrê: chamo-me “Sacy-sapêrê” e consoante minhas malandragens o povo alcunha-me “Sacy-triqué” e “Sacy-Mofêra”.</p> <p>Por hoje é o que lhe posso dizer: noutra vez contar-lhe-ei por miudo a minha vida, desde criança. De v. s. , etc. --- Sacy-sapêrê.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 608 – seg., 12, fev. - 3: 4 e 5	(dep. 32)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 160</i>	
	<p>O sr. Symphoroso Americo, além de depôr em prosa, depõe em verso. Sonetou o Sacy com muita leveza e graça, como verá o leitor. Diz elle:</p> <p>“Segundo me contou uma preta velha e leal amiga de todos os meus, o Sacy, um negrinho retinto, de um metro de altura, porém velho, de uma perna só, de cara verrugosa e vivendo ao relento, era filho do diabo. Sendo muito mau, foi expulso do inferno e condemnado a viver na terra, a “assombrar todo o mundo”, conforme a expressão da boa e saudadosa Lêlê.</p> <p>Em minha meninice, parte passada na fazenda de meu avô paterno, e parte numa pequena cidade do Estado do Rio, o Sacy exercia uma influencia extraordinaria, não só no espirito da criançada, como tambem no de muito negro velho e no de muito caboclo credulo.</p> <p>Contavam-se delle coisas assombrosas. Era ladrão de profissão e perverso por natureza. Roubava o café das tulhas, bebia a cachaça das pipas, cavalgava o animal á noite inteira e emmaranhava-lhe a crina, dansava no arrosal, enfm, causava mil prejuizos e fazia outras tantas diabruras.</p> <p>Tudo quanto apparecia de mal feito era obra do Sacy.</p> <p>E, a despeito de meu pae --- que não embarcava nessa canôa --- me fazer sentir a falsidade de tal credence que enchia de pavor o meu espirito infantil, a figura macabra do Sacy mais se accentuava em mim, em face das historias fantasticas que as pretas da fazenda me contavam.</p> <p>Quando, em tempo das queimadas, ouvia ao cahir da noite, assobiar nas cercanias --- “Sa-cy!” --- cheio de medo, corria para casa, julgando-me sempre seguido pelo negrinho feiticeiro que, aos saltos e ás cambalhotas, me perseguia na carreira.</p> <p>Interessantes são as historias que ouvi a seu respeito.</p> <p>Contava-se que todas as sextas-feiras, á meia noite, o Sacy ia ao baile, debaixo da figueira; e então, arrancava as pennas dos gallos e gallinhas para se enfeitar.</p> <p>Era por demais perigoso, passar alguém, em tal noite, por perto de uma figueira: lá estava o raio do Sacy, de carapuça vermelha e todo enfeitado, a dansar e a cantar.</p> <p>E quem ousasse surprehender o Sacy nos seus folguedos, perderia a fala e ficaria bobo.</p> <p>O Zé-Fernandes, um caboclo barbado e já avançado em annos, contou-me que, tendo necessidade de passar em noite de sexta-feira por um caminho onde havia uma figueira, topára com o Sacy. E este, vendo-o, de um salto encarapitara-se-lhe nas costas e obrigara-o a disparar como se fôra um cavallo.</p> <p>E o seu medo foi tanto e tão grande, que elle, Zé-Fernandes, cahiu sem sentidos num buraco á beira da estrada.</p> <p>Só voltou a si ao romper do dia, e se nada soffreu além do susto, foi graças ao bentinho de N. Senhora.</p> <p>“E, até hoje, dizia elle, estou a sentir em roda do pescoço o braço gelado do negrinho e a escutar nos meus ouvidos os guinchos do demonio.”</p> <p>E, para que se não duvidasse do facto, o Zé-Fernandes jurava, invocando quasi todos os santos.</p> <p>Uma manhan, aguardava eu a chegada dos animaes. Queria montar no meu pequirá, um doradilho de longas crinas. Ao vel-o chegar, corri para pegal-o. Mas, o José, que cuidava dos animaes, fez-me sentir que o pequirá não podia ser montado, estava muito cansado. Pois elle e o Bragado viajaram a noite toda: foram levar o Sacy numa festa, lá no morro da samambaia.</p> <p>E para melhor me convencer mostrava-me a crina emmaranhada, onde o Sacy se estribára, e o vestigio da sangria.</p>	

Segundo me contou o José, o Sacy depois de voltar das suas viagens, sangra o cavallo para não ficar “aguado”. Nesse dia o pequirá descansou.

Quando vim para S. Paulo, isto ha vinte annos, já a figura do Sacy havia se dissipado quasi por completo de meu espirito, graças e aos esforços e ás constantes explicações de meu pae.

Não sei se em minha terra ainda se contam historias a respeito do Sacy. Talvez não. O tempo ... o tempo ...

O inquerito sobre o Sacy levou-me a remexer a papelada e desencovar um soneto, escripto ha uns dez annos, e que resume a minha concepção.

Se entender que elle merece agasalho em seu conceituado jornal, meus agradecimentos:

Quando o vento remexe do terreiro
A poeira que nos ares rodopia,
De rosto empipocado, mas brejeiro,
O Sacy dá cambotas e assobia.

Apesar de pernetá, o feiticeiro
Vive só a fazer estrepolia:
Sóva o pingó, desgalha o cafeeiro
E faz por toda parte uma arrelia.

Não tem morada certa: é vagabundo.
Expulso dos infernos veiu ao mundo,
Por ser demais perverso e malcriado.

E na terra onde vive por castigo,
Contando em cada canto um inimigo,
Vae pagando de todos --- o “peccado”.

*

SYMPHOROSO AMERICO

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 608 – seg., 12, fev. – 4: 1 a 3	(dep. 33)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito</i> – 2008, p. 164	
<p>Uma lenda typica é enviada pelo sr. J. D. Machado Cesar. Narra elle:</p> <p>Um sympatico casal de ceguinhos, amparando-se mutuamente pelas ruas, e sempre bem acolhido pela caridade publica, contava a historia terrivel do Sacy: um moço muito apreciado na capella do Senhor Bom Jesus enamorára-se de uma moça bonita e, dentro em pouco, corridos os pregões, com ella se casára. Foram viver como aggregados numas terras da redondeza que prometiam ao homem trabalhador fartas mèses, bem o sabiam.</p> <p>Terminada a sua casinha de pau a pique, coberta de sapé, começariam a plantação.</p> <p>Não muito distante da morada foi escolhido o terreno promissor para a roça. Grandes arvores frondosas impediam que o mato meúdo nascesse. Era só cortar a cipoeira que envolvia o tronco e deitar por terra o pau d’alho e outros.</p> <p>Ella, com as panellas a um canto da roça, preparava o almoço, enquanto o marido tão seu, tão querido, com a foice e o machado, punha mãos á obra. Ao pôr do sol voltavam ditosos; o terreno estava quasi preparado.</p> <p>No dia seguinte, ao romper da aurora, casada de fresquinho, feliz, carregando as panellas num balaio e segurando o vestido, fazia roçar na guanchuma orvalhada, as canellas bem torneadas. O caipira, satisfeito, com o machado, cortaria em tóros o madeirame e o encostaria, á guiza de cerca, nos extremos da roça.</p> <p>Mas, ó cruel decepção! Ao chegar, viam attonitos, agitar-se como dantes, ao sopro da fresca brisa os ramos das enormes arvores; e nem um cavaco no chão.</p> <p>Alli havia alguma coisa, ponderou, pensativa, a cabocla gorducha.</p> <p>Repetiram o trabalho: á tarde os cavacos novamente espalhados e as arvores por terra os reanimam.</p> <p>Novas decepções, porém, os aguardavam na terra enfeitada. Pela segunda e terceira vez, as arvores se levantam.</p> <p>Era demais! O caboclo perdeu a paciência; quebraria o maldito machado de encontro a uma grande pedra a seus pés. Ao partir a pedra uma scena tétrica deixa o pobre casal com os olhos esbugalhados, sem se poder mover. O Sacy saltára com um arzinho sarcástico, pulando, pulando.</p> <p>P’ra tudo Deus dá remedio, porém.</p> <p>A Generosa morava p’ra lá da aguada; a preta velha esclareceria tudo. E, sem demora, quando falaram, a preta respondeu que o Sacy morava lá e que a sombra das arvores lhes era necessaria.</p> <p>Havia, entretanto, um recurso para que as arvores, ao ser novamente derribadas, não mais se levantassem. Encontrariam numa destas, na copada da mais alta, pela madrigada — disse a preta — uma cabacinha, dentro da qual estava o feitiço do Sacy. Enquanto a mulher preparasse um varal de rodilhas de cipó, o marido subiria á arvore. O Sacy perseguiria os ladrões do seu encanto, mas não era nada. A mulher iria jogando pelo caminho as rodilhas de cipó e o Sacy, furioso, as desembaraçaria aos poucos, pois, esse cipó enrodilhado era para elle uma quizilia do inferno. Assim, o casal se avantajava de modo a poder enterrar a peçonha, a longa distancia, e o Sacy tinha que desaparecer. Dito e feito. E a preta mandingueira recebeu a paga do seu conselho — uma leitoinha gorda.</p> <p>Tudo corria bem para o casal.</p> <p>Tempos depois, porém, ao passarem pelo local, onde haviam enterrado a cabacinha peçonhenta, a mulherzinha insiste até conseguir que o marido a desenterrasse e a abraisse para verem o que tinha dentro. Foi um Deus nos acuda.</p> <p>Não se sabe como podia ter alli tanto marimbondo venenoso! O casal ficou com o corpo estraçalhado e por fim os olhos foram furados.</p> <p>O Sacy que fez daquelle casal ditoso dois infelizes mendicantes, era um moleque muito preto e esquisito de feições, com riso de negrinho de senzala, capenga de uma perna e com uma carapuça vermelha.”</p>		
*		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 608 - seg., 12, fev. - 4: 1 a 3	(dep. 34)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> - 2008, p. 168	
	<p>Fabricio Junior, pseudonymo do sr. F. B. L. conta-nos coisas curiosas e de passagem pespega uns parotes no Trianon. Pobre chinesice! Está virando cabeça de turco dos nacionalistas:</p> <p>Todos os brasileiros, nascidos e criados longe da cortezia chan dum “garçon” avido de gorgetas, dum Trianon qualquer, conhece algo do Sacy- pèrê ou sapêrê...</p> <p>Quantos sustos não tem elle passado ao menino travesso e aos caboclo mais affeito ás matas virgens, ao sol tropical? Um pio á noite, na quebrada do espigão deserto, nada mais é do que um appello do terrível sacysinho; uma perobeira que estala na mata virgem e boa, o ronco mais forte dum animal qualquer, o marulhar mais alto das aguas do ribeirão, tudo denuncia, fala ao brasileiro “genuino” do sapêrê, que se não cansa de atormentar, de fazer partidas aos incautos corajosos.</p> <p>Tudo o sapêrê...</p> <p>Meio metro de altura, a barba como a de um bode, negro com um urubú, uma perna unica apoiando o pé caprino, olhos grandes e vermelhos, bocca aberta sempre num sorriso sarcastico e mau, uma carapuça vermelha á cabeça grande e disforme, em formato duma melancia comprida, dentes alvos e ponteagudos, como soem usar os nortistas, voz doce, harmoniosa, para facilmente seduzir a victima, “pito” sempre acceso ao canto dos lábios. Torna-se invisivel quando lhe convem, entra em qualquer buraco ou fresta sem a mais pequena difficuldade, não tem morada certa, tanto que se viesse á capital, se se quizesse sujeitar ao trabalho e não fizesse barro á entrada do belvedere, o que duvido, teria de se sujeitar ao furor dos nossos “Sherloks reissados”.</p> <p>Quando eu era menino nada absolutamente me fazia passar proximo a uma moita d’assa- peixe, era alli que o Sacy ia assar os passarinhos que furtava de nossos laços e arapucas e os peixes de nossas cevas.</p> <p>Transformava-se num passarinho de cabeça vermelha e corpo preto, do tamanho dum melro e quando avistava alguém gritava, quebrando o silencio das capoeiras e assustando as rezes que no bebedouro descansam.</p> <p>— “Sa. . . cy. . . sa. . . pè. . . rê?!”; esse pássaro raras vezes era visto.</p> <p>Sentia o Sacy prazer em dormir nas porteiras ou pontes, tanto que é para os nossos caboclos grande ousadia passar pelos sitios onde ha porteiras ou pontes, affrontando o talzinho.</p> <p>Contava-me um caboclo de Ituverava ter topado com o Sacy numa noite aluarada de Dezembro, muito “seu dono”, todo refestelado, trepado na porteira por onde ia passar. Ao vel-o o animal, um poldro nervoso, refugou, e o caboclo quiz retroceder, sem poder; então o Sacy disse-lhe adocicando muito a voz, como se fôra uma namorada:</p> <p>— Seu Chico, você só passará aqui se me der fogo e fumo bom e levar-me á garupa até lá diante, sem parar; porém, perto do rancho que alli tem...</p> <p>O rancho era uma coberta onde existia uma cruz assignalando a morte de algum infeliz e que almas caridosas ergueram para lembrar ao viandante que tudo no mundo é passageiro e que por aquelle que alli morreu rezasse um “padre nosso”. O seu Chico estarrecido fez signal da cruz, o Sacy fugiu gritando:</p> <p>— Você ha de ver. . . negro ruim. . .</p> <p>O caboclo passou a porteira; annos depois, tendo que passar por um sitio mal assombrado, “A agua parada”, teve a infelicidade de se encontrar novamente com o Sapêrê. . . Ahi soffreu horrivelmente, apanhou bons cascudos, sob risadas gostosas e gritos contentes:</p> <p>— Não disse?! Faça mais aquillo? Faça? Tome, negro ruim. . . Tome. . .</p> <p>O chico desde essa vez tornou-se um grande poltrão, e ia sempre colocar nos moirões de uma porteira fumo e phosphoros para o Sacy. Em tudo sentia cheiro de alho...</p> <p>Uma preta que nos serviu de ama dizia-me que o Sacy adorava um pedaço de toucinho bem cozido. Quando eu sentia um pesadello, sempre attribuía ao sapêrê, pois, eu o via, rindo, pulando na bocca do meu estomago a fazer-me cocegas nas ventas, atirando baforadas de fumo e sarro do “pito” de barro.</p> <p>Há na minha terra uma casa onde antigamente funcionára uma loja maçonica; nós os meninos e as velhas beatas juravamos convictos que aos sabbados e sextas-feiras um bando de Sacys, mulas sem cabeça, lobis-homens em companhia dos maçons iam alli cear e dansar. Ceavam carnes de crianças; os pratos eram craneos ainda cheios de vermes, os garfos mãozinhas de anjinhos ressequidas já, o vinho para o brinde era sangue das mulheres e dos filhos dos maçons. Quem preparava a ceia era a Maria Clara, velha papuda e mandingueira. Presidiam o festim um enorme bode preto e um Sacy-sapêrê, que sempre acabava tentando seus confrades maçons e seus parentes.</p> <p>O Sacy parece amar a musica, pois, não ha muito soube que um “tal desses” levou cerca de mez tocando graphophone e jogando estrume de animaes na casa de um fazendeiro de Ituverava.</p> <p>No mesmo logar appareceu ha muitos annos um menino que subia em paredes sem o menor apoio. Tinha, diziam todos, o Sacy no corpo.</p> <p>Eis o que me recordo por ora do Sacy; irei indagar mais e mandar-lhe-ei, si for util, mais alguma coisa.</p> <p>Creio prestar um serviço, auxiliando a encher uma columna do “Estadinho” para ser lida na esplanada do “Trianon” entre um gole de “thé”, uma pitada de cocaina, uma curvadela reverente e grotesca do “garçon” e um tango.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 609a - ter., 13, fev. - 3: 1 a 5	(dep. 35)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> - 2008, não transcrito	
	<p>Escreve-nos de Palmeiras o sr. Jayme de Oliveira:</p> <p>“No meu tempo de menino de 10 ou 12 annos, lá pelos annos de 1898-1900, foi que ouvi as referendas desse mysterioso personagem. Mas, o que eu ouvia pronunciar não era Sacy-perêrê e sim --- Sacy-sererê, nome pelo qual sempre o designei.</p> <p>Foi por intermedio de minha mãe; de algumas senhoras edosas que contavam historias encantadas aos meninos, á noite, especialmente nas noites de S. João, ao pé das fogueiras, e dos meus collegas das modestas escolas daquelles santos tempos, que tive sciencia da existencia do Sacy.</p> <p>Então, todos acreditavam piamente nessa fabula. E muitas vezes ouvi dizer:</p> <p>“Esta noite, no pasto de F., os animaes fizeram um barulhão. Fomos verificar a causa e descobrimol-a: o Sacy montou nos animaes e trançou, com nó cego, as crinas delles!”</p> <p>E todos acreditavam. Os mais velhos faziam o signal da cruz e exclamavam: --- “Credo! ...”</p> <p>Muitos traçavam assim o perfil do Sacy:</p>	

“É um negrinho do tamanho de um menino de 12 annos, veste roupagem escura e usa “bonet” vermelho. É ligeiro como o diabo e anda a cavallo como ninguem.”
 Eis o que foi o Sacy no meu tempo.
 É uma lenda, mas acho-a digna de estudos. É, na acertada designação do sr. L., uma particula da mythologia brasileira.
 Convem mesmo que o Sacy seja tido como uma entidade que existe ou que realmente já existiu. Convem que essa lendaria tradição do povo brasileiro não se perca nas cinzas do passado...”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 609a – ter., 13, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 36)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 172	
	<p>Um assignante depõe: “M. L. de O. Filho, com barro do Poá, fez o Sacy-perêrê, sendo perfeito. Conforme o meio em que vivemos, diverge, porém, a sua concepção. Aqui em Itatinga, o caipira, o negro e o estrangeiro em geral, não dizem perêrê e sim serêrê, e sobre a sua existencia, lendas interessantes são contadas e apreciadas. A existencia do Sacy, é um facto indiscutivel entre os nossos trabalhadores, sendo pintado com côres fortes. O Sacy é um negrinho de cerca de 1 metro de altura, tem uma unica perna e um olho no centro da testa. Veste roupa como nós e pinta o “caneco”. Usa um gorro vermelho vivo, sabe rezar, é capoeiro, casado e são raros os filhos. Aonde nos achamos está o Sacy, sendo invisivel, por ser excessivamente ligeiro como um “percevejo”. Na infancia, vi muitas vezes o Sacy assobiar, correr em pello nos animaes, cantar na beirada das casas, etc. ... Influencia perniciososa das negras velhas, nossas pagens e mamans ... Hoje, porém, que aprecio as impressões alheias, tomo a liberdade de enviar ao “Estadinho”, por intermedio do “Estado de São Paulo”, as impressões de um caboclo de 60 annos de idade, sobre o Sacy. É o empregado mais velho da fazenda e tem o nome de Nhô Samé. Dei ordem para ser queimada uma roça muito grande, tendo reunido 50 a 60 homens para o serviço. O Nhô Samé, como pratico e mais velho de todos elles, ficou com uma turma vigiando uma beirada de café, para a qual soprava algum vento. Os demais homens espalharam-se pelos aceiros da roçada. A principio a queima correu bem e o fogo promettia não fazer damnos, apesar do vento que soprava para as bandas do Nhô Samé. Passou, entretanto, o fogo, os aceiros, queimou cerca de 1.000 pés de café novo e um grande cannavial. Immediatamente fui chamado para examinar os prejuizos. Logo que cheguei, encontrei homens cahidos, outros trabalhando e Nhô Samé, muito indignado com o Sacy. Indaguei de que modo foi lançado o fogo na roçada, tendo obtido a resposta de que o fogo “foi posto na regra”, mas os culpados eram os Sacys. Tratei de perguntar o que era um Sacy e então o velho Samé, de cócoras sobre um pau, narrou as passagens havidas durante a queima e que seguem: “Logo que o fiscal riscou o primeiro phosphoro, eu vi que havia Sacy na roçada, porque começou a assobiar, gritar, cantar e chorar. Impressionado, disse logo aos companheiros: o Sacy vae espalhar fogo pelos cafesaes, matas e cannavial. O fogo foi “parelho”; o Sacy apertado, no meio da fumaça, voou, sahiu do meio da roçada e passou por cima da nossa cabeça e foi cahir do lado do Seu Barros, tendo jogado fogo por tudo.” Perguntei que forma tinha o Sacy e então o Nhô Samé descreveu-o tal como acima disse. É crença do nosso caipira que não se deve lançar fogo numa roçada, em dia santificado ou domingo, porque os Sacys se reúnem e dão prejuizos. Vadiação, porque não querem trabalhar aos domingos, em caso de precisão. Ainda dizem e, finalmente, que o Sacy pertence á raça negra e faz até hoje “pendant” com os pretos. Muita coisa temos sobre o Lobishomem, “Loup-parou”, “Pilões que rolam”, “Cavallos sem cabeça”, “Cachorro sem focinho”, etc.</p>	

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 609a – ter., 13, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 37)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 176	
	<p>Fala o sr. Polycarpo Bicudo: “Soubemos da existencia do Sacy-sererê , ou pêrêrê, por ouvil-a de um preto velho, ex-escravo da nossa familia. Elle asseverou-nos haver encontrado em uma sexta-feira, com o Sacy, e mais ou menos expressou-se assim: “Um dia sinhá mandou-me apanhar vassoura de alecrim no pastinho de fóra --- pegado ao pasto grande, em nossa fazenda, existia um pequeno, denominado pastinho --- e fui abeirando a estrada velha quando ouvi assobiarem: Sacy-sererê ... Sacy-sererê, em som cavernoso e compassado; eu que sabia da existencia do “tinhoso” por ouvir contar a minha mãe, não liguei, a principio, grande importancia aos assobios persistentes, pois sabia que muitos moleques costumavam assobiar em arremedo ao “endemoniado”; entretanto, a certa altura comecei a verificar uma grande quantidade de “pintos de Cuzarruim” a esvoaçarem pelos arbustos e relva, em todas as direcções --- “pinto de Cuzarruim” é denominado certo insecto bem maior que os “pernilongos” estegmyas, de côr negra como o carvão de pedra --- então os meus cabellos arrepiaram-se. Era evidente que qualquer coisa de anormal existia por alli; quiz voltar mas a coragem faltou-me, tinha medo de olhar para trás. Um vento morno soprou havendo uma nuvem de poeira avermelhada passado por mim, formando “rodamuinhos”. Olhei além, e vi, distintamente, a poucos passos, um cabritinho de côr pardacenta a fazer cabriolas, erguendo as patas dianteiras e como que chifrando a poeira. Criei um pouco de “coragê” e disse: “ué! Cabrito por aqui!!!” Vae senão quando vi que não era cabrito, tinha uma perna só e cara de bugio magricella e, tremulo, fui “fastando” ... fui “fastando” , para fugir, mas á medida que eu fugia o “tinhoso” vinha saltando de meu lado. Vi então, com grande espanto, que aquelle ser estranho coçava sem cessar a barriguinha secca, fazendo mil tregeitos. Tinha um barrete cor de “pupra” na cabeça e “estralava” os dedos dos pés nos corcôvos que dava para um e outro lado. Quando criei outra “coraginha” fiz depressa o “pelo signá” e gritei sem voz: “Quem Deus Pade!! Ave Mariia !! Figa !! Crédo !! Rabudo” e um cheirinho de enxofre bateu alli, desaparecendo a temerosa figura entre uma densa nuvem de “pintos de Cuzarruim”. Não sei como cheguei em casa, “sem bassora” bem se vê. Sómente sei que “sinhá” me fez “chá” de losna e mandou “queimá parma benta” no terreiro, dizendo-me: “não conte</p>	

pr'a ninguém senão ...”

--- Eramos então crianças e como os nossos paes não acreditavam em coisa sobrenaturaes devido ao facto, segundo allegavam, de não pertencer á religião catholica romana, nós tambem não acreditavamos na existencia do Sacy.

Alguns annos correram e quando moço, fomos emprehender uma caçada de inhambu'-guassu', em uma mata distante. Fomos a sós. O dia estava quente, a mata num profundo silencio como se não existisse vivente algum por alli. Seriam 3 horas da tarde, e como os inhambu's não respondessem ao piado, sentamos para descansar sobre uma grande arvore cahida ao sólo. Aquelle silencio profundo deixava-nos com os nervos irritados e, quando menos esperavamos, ouvimos repetidas vezes o assobio relatado pelo preto : sacy-serêrê. Apesar de não acreditarmos na existencia do tal Sacy um friozinho correu-nos pela espinha, correu ...

Acreditamos que existe um passaro que pia dessa forma.

--- Certa vez estivemos em uma cidade do interior em uma “tocata” serenata, e quando com mais um companheiro que acreditava piamente na existencia do Sacy, regressavamos para a casa, ás 2 horas, de uma quintal que marginava a rua, cheio de laranjeiras, o mesmo piado: sacy-serêrê... partio, rouco... havendo seguido os nossos passos por dentro dos quintaes até a nossa casa, distante do logar quatro quarteirões. O nosso companheiro ficou horrorizado apesar de pretendemos demovel-o dessa pressão nervosa. Afinal, quando em nosso quarto nos preperavamos para o repouso, na rua, bem em frente á janella do nosso quarto, o mesmo piado tetrico fez-se ouvir de novo.

Apesar disso não acreditamos na existencia do Sacy, mas que existe um passaro ou coisa semelhante que acompanha os individuos á noite a assobiar: sacy-perêrê, nas cidades do interior, existe mesmo. Por varias vezes tivemos occasião de observar esse phenomeno.

Nota importante:

O preto, referido, assegurou-nos que o Sacy corre a cavallo e que não deixa repousar os animaes, em certas sextas-feiras, como por exemplo a maior. Tambem sabia, por ter encontrado, certa vez, em uma “barroca”, um “pito” de barro, que o Sacy fuma, mas não do fumo que usamos. Elle usa secar ao sol o elemento mole da galinha para aproveitá-lo, em logar do fumo commum. Dizia, elle, haver visto, em um pasto, de “caraguatás” diversos “terreirinhos” preparados pelos Sacys para a secca do “perfumoso fumo”, onde havia em grande quantidade o elemento, como se alli pernoitassem gallinaceos.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 609a – ter., 13, fev. – 4:1	(dep. 38)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 180	
	<p>Diz um “Filho das alterosas”, de Baependy:</p> <p>“Preto, sahido das regiões infernaes, sub-producto degenerado da raça dos demonios, invisivel, malfazejo por indole, destino e dever impostos ás entidades lá de baixo, O Sacy em minha terra, é o autor de todos os males, desgostos e transtornos de menor vulto na vida das criaturas humanas. Falta-lhe uma perna, ás vezes e outras vezes só a metade e, por isso, caminha aos saltos, sem auxilio de aparelho algum. Nenhum obstaculo o detem; anda por toda a parte; traz á cabeça um gorro vermelho, symbolico e se desfaz em gargalhadas, quando contempla o effeito de suas malfetorias e essas gargalhadas, ás vezes, são percebidas pelos sentidos da victima que se aproxima do logar para desfazer o maleficio. Em minha terra quem mais padece do Sacy são as cozinheiras, as pretas sobre todas. As senhoras donas de casa que se presam exigem: que as panellas sejam bem limpas, os pratos bem lavados, a comida sem corpo estranho algum. A cozinheira, diligente, ciosa do bom nome de perfeita em sua arte, logo pela manhan se entrega aos seus labores e, alli pelas 9 horas, já as panellas estão mettidas nos buracos do fogão, a cozerem os alimentos, com todos os temperos e condimentos necessarios para tornar-os agradaveis ao paladar de seus patrões. Dez horas!</p> <p>--“Joanna! grita a patrôa. Põe o almoço.” E lá vem ella, a cozinheira com os pratos fumegantes para a mesa. Toma lugar o patrão, homem de meia idade, um tanto dispeptico. Á vista da cozinheira, que pelos pratos relanceou os olhos, nenhum corpo estranho se apresentou. Entretanto, os patrões encontraram: na verdura, um pequeno caramujo, nojento, meloso; no arroz, uma mosca; no feijão, uma barata e na cangica, o picuman; em contraste este com a côr da cangica, sendo aquelle um corpo estranho preto que só um cego deixaria passar! E a cozinheira não viu!! Esta entra em desespero ante os patrões já exasperados, com o apetite estragado em presença de tantas porcarias! A cozinheira volta logo o pensamento para o Sacy diabolico que talvez alli esteja num canto da cozinha, invisivel, em gargalhadas!”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 610 – qua., 14, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 39)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, não transcrito	
	<p>De Santa Rita de Cassia o Sr. Dolor de Brito Franco manda as suas impressões:</p> <p>“Meu caro M. L. :</p> <p>Aqui estou, quasi em pleno coração do Brasil ... Santa Rita de Cassia! Onde é isso, perguntará. --- O logar onde Judas, na sua meninice, adoeceu gravemente com sarampo. Tenho saudades da quadra boa, do “Pirralho” intelligente, em que o Oswald fazia de pae do pimpolho letrado e nós de ama secca do fedelho mas ... na verdade, sinto-me bem aqui, meu caro.</p> <p>É o Brasil! E o Brasil se é grande na majestade das suas metropoles eu o acho maior e mais bello na humildade dos seus sertões, na meiguice da sua vida simples. Aqui, não ha o Trianon, não ha nem uma garrafa de “champagne” para remedio, não se dança o tango, não ha “cabarets”, não ha “haute gomme”, nem quejandas coisas que fazem as delicias dos “emmonocladados” chronistas mundanos, das capitaes. Mas ha, em noites de luar, um “pinho” gemendo nas esquinas e os Catulos Cearenses destas bandas choram as maguas, nos versos de pé quebrado, de uma modinha sentimental: a Casa Branca da Serra, do grande Guima, que elles fazem pernetta, ou o Gondoleiro do Amor, que elles fazem ápede ... Emfim, isso não vem ao caso. O Sacy é que me faz te escrever hoje. Sendo o “bichinho” de um olho só, (como lhe iria bem o monoculo do Eça), mais brejeiro que apavorante, é muito dos seus habitos fazer destas coisas. És o aperfeiçoador do Sacy ... Penso até que o estejas “chaleirando”, com medo das suas molecadas, bom brasileiro que és. E, se me fôra dado escolher agora, um typo de Sacy na literatura luso-brasileira, no Brasil te escolheria e em Portugal vacillaria entre o Fialho e o Camillo. Dito isto, vou responder mais ou menos ao teu inquerito, como assignante do “Estado” e, o que é mais, como brasileiro ... que vive no sertão, a lombo de porco, a tutú de feijão e a couve rasgada.</p> <p>1.o --- A minha concepção pessoal do Sacy formulei-a de accôrdo com as impressões que delle me transmittiram, na meninice, as pretas de confiança de minha avó.</p>	

A Chica, uma antiga escrava dos meus avós, era a maior pregoeira das diabruras do Sacy e foi de quem recebi a concepção do Perêrê. Tal crendice na minha vida, representou o papel de molecadas dos filhos do Capêta que, enquanto pequenos, eram Sacys e depois se transformavam em demonios, com os respectivos chifres e o respectivo rabo. A concepção é esta: um negrinho de uma perna só, com um olho de fogo, bem no meio da testa, sempre sorridente e fazendo prodígios de acrobacia nos mil trejeitos que a manutenção do equilíbrio lhe impõe, usando sempre um luto barato, no dizer do nosso Emilio, isto é, nú. Era esse “molecote” que, conforme me dizia a Chica, aparecia no sombrio laranjal da casa de minha avó, trazendo inacessíveis às crianças os saborosos e aureos frutos.

Lembro-me do dia em que elle appareceu á Chica e do berreiro infernal que ella fez.

2.o --- Tanto quanto tenho podido pesquisar, até hoje, a fórma actual da crendice nesta zona, é essa que atrás deixei descripta.

3.o --- Dos casos interessantes que conheço do Sacy, dentre todos, avultam os da morte do Malachias e o do Raé, ambos occorridos nesta cidade. Foram-se narrados pelas victimas. Ha por aqui uma preta muito rezadeira, que tem sempre muito prazer em assistir aos ultimos instantes dos moribundos, confortando-os com preces, com prédicas religiosas e dando-lhes de instante a instante, para beijar, a imagem do Crucificado. Pois bem, o Malachias, que todos diziam um impio dos diabos e que diziam mais, “tinha parte com o Demo”, inventou de morrer uma occasião. Havia por aqui esta historia da impiedade do Malachias, devido á sua vida de constante blasphemador e algum tanto irregular. Demais, dizem que por obra do Demonio, na sua casa deu-se o primeiro suicidio que esta terra presenciou.

Até então, suicidar-se, era nesta terra, coisa completamente absurda e inacreditavel. Pois na casa do Malachias se matou a si, um homem que havia perdido grande somma ao jogo. A população alarmou-se e, na casa do Malachias, ninguem mais ia, pois havia Sacys em quantidade, que com o velho privavam intimamente.

Apesar disso, na hora da morte de Malachias, achou a beata preta Joanna, que devia ir confortal-o nos seus ultimos instantes. Foi. Entrou. Ajoelhou á beira da cama, com outras pessoas e puxou o terço, com toda a “pose”. Logo no segundo mysterio, começaram a ouvir umas risadinhas picantes e sarcásticas que partiam do alto; continuaram a rezar. As risadas augmentaram. A preta levantou-se e deu o crucifixo a Malachias que agonisava. Qual nada! Elle não aceitou e virou o rosto! Nesse instante, um assobio forte cortou o espaço. Outro, logo após outro e mais outro, e um milhão de assovidos, encheram o espaço. O Malachias agonisava e o vento zunia desusadamente lá fora. Retiram-se todos apavorados. E os Sacys eram tantos, que cada um acompanhou uma das pessoas que rezavam á beira do leito do moribundo. Aos ouvidos da preta Joanna, os assovios do Sacy e as risadinhas se succediam. E, até chegar á sua casa, no meio de uma ventania que lhe erguia a saia a todo instante, ouviu a preta assovios uns após outros, cada qual mais forte. E, agitando o terço, exclamando Credo! e rezando o “Magnificat”, quando a preta foi abrindo apavoradissima a porta da sua casa para entrar, recebeu em pleno ouvido um assobio que, como 42 allemão a deixou surda e um estouro forte e logo após um horrivel e insupportavel cheiro de enxofre. E assim o Sacy a deixou, depois de até lhe ter erguido a saia, atrevidamente, como a predizer o “olha a saia della Inderê ...”

Outro caso é este. Raé, é o appellido de um Israel que mora por aqui.

Uma occasião, mandou elle preparar um pernil de leitão e, sem se lembrar de que era sexta-feira da paixão, preparava-se para saboreal-o, quando lhe advertiram do peccado que ia commetter.

--- Qual! disse elle. Está muito cheiroso o leitão. Isso de não comer carne é arranjo de padres.” E, saboreou a carne do “bichinho”. Mas á noite, ahí é que foram ellas! Quando Israel se deitou e começou a modorrar, ouviu um estridente assobio e olhando assustado para a beira da cama, viu, “com os seus olhos, que a terra ha de comer”, diz elle, um Sacy, muito preto, sorrindo, mostrando uns dentes alvissimos, com um olho de fogo na testa sustendo-se numa perna só, alçando na dextra um pernil de leitão, enfiado num espeto fumegante e que lhe disse apenas isto e sumiu-se: “Vamo comê leitão, Raé?” Aos gritos de Raé, apavorado, acudiram pessoas da familia, que ainda puderam sentir o horrivel cheiro de enxofre que pairava no ambiente. Desde esse dia, o Raé, nunca mais comeu carne sem primeiro ir vêr na folhinha o dia da semana. Mandou benzer a casa e, nunca mais quiz brincar, com “negocios” de padre, diz elle até hoje.

Outro caso: Ha por aqui, numa fazenda um preto “mina”, africano mais do que legitimo, que de quando em vez, vê o Sacy. Dá gritos horribes, aponta, mostra o logar onde o Sacy está, estorce-se todo, e ao fim de todo esse berreiro desmaia com um ataque medonho. Já diversas pessoas me narraram esse facto, que presenciaram.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 610 - qua., 14, fev. - 4: 1 a 4	(dep. 40)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito - 2008, não transcrito</i>	
	<p>O sr. Ruben Leal depõe:</p> <p>O Sacy-pêrêrê é, de facto, uma entidade complexa.</p> <p>Além do que delle já se tem affirmado, em formas varias, ou como um brejeiro de marca maior, eternamente travesso, ou como um terrivel fazedor de diabruras aos animaes e ás gentes, é o Sacy tambem rico, mas muito rico, mais rico do que qualquer “yankee”, rei de qualquer coisa. E a sua prodigalidade não conhece limites. Espalha riquezas por ahí fóra, a mancheias.</p> <p>Nos saudosos serões lá de casa, em que uma meiga e sabida pretinha velha --- a maman Rita --- nos deliciava com enervantes historias de cucas e deliciosas narrações de fadas encantadas, predispondo-nos para o tranquillo somno da idade descuidada em que então nos achavamos, com grande gaudio ouviamos, a miudo, a exposição da lenda do Sacy que se transformava em ouro. A simplicidade do dizer da boa mucama nos convencia. Ella sabia dar calor á narrativa, com adoravel jogo de gestos, dramatizando-a. E assim dormiamos embalados numa série de sonhos de aventuras heroicas, em que nos afiguravamos nababos possuidores de fortunas inesgotaveis, mercê da bondade do diabolico Sacy.</p> <p>Contava-nos a maman Rita que havia alli pr perto, toda noite, a certa hora, um samba de Sacys, cujas figuras se assemelhavam a negrinhos com lingua e olhos de fogo. Eram agilissimos nos requebros e expertos como cerelepes. E nos aconselhava a velha tia que procurassemos penetrar na escuridão da noite e attingir o festivo sitio, onde se requebravam, num desengonço brutal, os diabinhos; chegando alli sem que elles o vissem (porque ai de nós se o contrario acontecesse), deviamos dar um talho no dedo da mão esquerda, que é a do coração, e numa forte agitação desta mão, borrifar sangue na roda dansarina. Então tudo se transformaria em ouro! Mas ... não nos aproveitou a lenda da boa maman. O medo, que era o apanagio da idade, impediu-nos que fossemos em busca do vellocino dos Sacys e ... toda essa riqueza se resumiu em sonhos infantis.</p> <p>Pudéra ... terrivel sempre foi a fama dos Sacys-pêrêrês, e convinha não abusar...”</p>	
	*	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 610 – qua., 14, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 41)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, não transcrito</i>	
	<p>O sr. Joab S. e Castro dá aos escultores uma concepção de Sacy levada da breca. Em vez do molecote elle quer um gorilla de 80 cent. de altura, nem um milimetro pr'a mais ou pr'a menos, com cabellos "africanos", "corcundo" e barrigudo. O sr. Joab confunde evidentemente o Sacy com ... a Cuca! Diz o curioso missivista:</p> <p>"Tem a presente por fim levar ao vosso conhecimento que, interessando-me pelo concurso aberto por essa digna redacção, sob o titulo Sacy-pêrê, e desejando tomar parte no mesmo, no que se refere á esculptura, venho por meio desta esboçar-vos o que, a meu ver, é a lenda infantil do Sacy-pêrê.</p> <p>Quanto ao meu modo de pensar, o Sacy-pêrê é da seguinte fôrma:</p> <p>Altura de 80 cent., corpulento, côr negra, corcundo e barrigudo, braços compridos, mãos de macaco, com unhas compridas. A cabeça de negro, face com rugas, rosto de velho, cabellos africanos, orelhas grandes, olhos vidrados penetrantes e vermelhos, nariz achatado, bocca larga com beiços grossos e vermelhos. Segundo a lenda sertaneja, tem uma carapuça, ou melhor, um lenço côr vermelhão, amarrado na cabeça, cujo laço esteja para trás, e um outro lenço da mesma côr no pescoço, amarrado de fôrma que o laço esteja para o lado do peito e a ponta para trás. Deve usar um calção da mesma côr dos lenços, e amarrado com uma faixa preta."</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 611a – qui., 15, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 42)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 208</i>	
	<p>O sr. H. Salles depõe:</p> <p>"Numa antiga fazenda deste Estado fôra conservado um negro velho a quem o 13 de Maio não tivera a propriedade de lançar ao acaso, como a tantos outros que immediatamente abandonaram as tristezas das senzalas pela satisfação da liberdade plena, eternamente sonhada.</p> <p>Chamava-se Adão.</p> <p>A cabelleira curta e encarapinhada já se mesclava de não raros fios brancos, prova evidente na raça negra, de uma idade já muito avançada. O seu andar cadenciado e tropego fazia suppôr que durante largo tempo, escravo de algum senhor carrasco, tivesse arrastado uma pesada corrente que lhe deixára o habito de cambaiar.</p> <p>Mau grado repetidas advertencias para que poupasse o resto de suas forças, que descansasse mais, o velho preto, por costume ou distração, trabalhava de sol a sol, sem treguas, pouco se lhe importando as torturas da canicula e os inconvenientes da chuva.</p> <p>Bom contador de historias, logo á noite ficava cercado por um rancho de crianças --- e entre ellas eu --- que ouviam com grande atenção o desfiar pausado de suas palavras arrastadas e confusas.</p> <p>De todas as suas historias aquella que mais me interessava e que sempre lhe pedia m'a contasse "outra vez", era a do Sacy-perêrê.</p> <p>Quando, emfim, accedendo aos meus rogos elle se dispunha a repetir-a, o seu rosto retinto e luzidio tomava uma tal expressão de horror, que me causava medo.</p> <p>Na sua algaravia especial o antigo escravo começava invariavelmente por este teôr:</p> <p>--- Muita gente não acredita na existencia do Sacy. Mas eu que já me vi atrapalhado com esse malvado do inferno, creio nelle tanto como no Pery. (Pery era um cão da fazenda).</p> <p>Uma vez em que eu vinha de dar um recado para um sinhô moço da Bôa Vista, o caminho estava escuro como carvão, nem se podendo vêr onde a gente calcanhava o chão.</p> <p>A' sahida de uma picada, já bem perto da fazenda, de repente pisei numa coisa mole e quente que me queimou a sola do pé. Pensando que fosse algum bicho cabelludo, desses que têm fogo nas costas, dei um pulo para o lado na intenção de logo em seguida largar a correr. Mas quando me aprumei não pude fugir. Um grito horroroso e longo, de arripiar cabelo pichaim, me "entroncou" as pernas.</p> <p>Não sei como foi, acendeu-se em torno um clarão como eu nunca tinha visto, e eu pude notar, bem na minha frente, um macaquinho meio pardo, meio vermelho com um palmo de cada grossa e felpuda, rindo-se como cachorro louco e dansando desesperadamente com um pé só.</p> <p>Nunca na minha vida tive tanto medo como nessa ocasião.</p> <p>Antes que eu pudesse fazer qualquer movimento o damnado pulou para cima de mim e começou a arrancar-me os cabellos com furia e sem dó. De certo me teria deixado pellado como leitão se nesse mesmo instante não passasse por ali perto um cavallo de crina comprida.</p> <p>O macaquinho quando percebeu o animal, soltando outro grito mais forte e mais feio do que o primeiro, pulou-lhe para o lombo. O cavallo assustou-se, relinchou, deu uns corcovos e sahiu galopando pela estrada afôra.</p> <p>O clarão logo se extinguiu e eu não pude vêr mais nada.</p> <p>Quando amanheceu fui campear o cavallo para saber o que lhe tinha feito o diabo do bicho.</p> <p>O desgraçado estava frouxo, com arranhaduras no pescoço e na anca, e os fios da cauda e da crina entrançados desde cima até em baixo.</p> <p>Só então me lembrei que o tal macaquinho devia ser o Sacy-perêrê, pois em toda a parte diziam que o seu maior prazer consistia em correr a cavallo encrespando-lhe as crinas ...</p> <p style="text-align: center;">*</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 611a – qui., 15, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 43)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 210</i>	
	<p>E Juca do Pary tambem:</p> <p>"Tenho acompanhado com interesse, o inquerito em boa hora aberto no apreciado "Estadinho" sobre o Sacy-pêrê, que a todos tem despertado curiosidade de tradição.</p> <p>Sacy-pêrê, Caipora, Diabinho e tantos outros appellidos que lhe dão, não passa a meu vêr de um genio endemoniado, assustador e atormentador. Os nossos antepassados e mesmo alguns dos nossos contemporaneos, ainda persistem na crença da existencia de bons e maus genios. Isto causa agouro, isto causa felicidade ou infelicidade, dizem uns, dizem outros.</p> <p>Dei gostosas gargalhadas hontem, ao ouvir as narrativas feitas por personagens videntes, pois todas viram "de verdade" o Sacy, chegando uma dellas a travar luta com o diabolico negrinho monolho-perneta.</p>	

Uma das personagens assim começou:
 --- O sr. não acredita no Sacy?
 --- Não descreio, pois costume respeitar a crença alheia, mas acho que o que se diz sobre o Sacy, não passa de uma lenda ou de uma visão causada pelo medo. --- Pois ohe, eu também não acreditava, mas posso lhe garantir que existe; eu já o vi e com elle travei luta embora sahisse vencido.
 --- E o sr. já o viu em carne e osso?
 --- Ora, já; vou lhe contar:
 Uma vez, era quasi noite, eu ia indo para casa, pela estrada antiga do Pary, beirando o rio Tamanduatehy, em demanda do bairro do Canindé, onde morava, quando ao chegar mais ou menos alli por perto dos armazens da Ingleza, pulou na minha frente um pretinho pernetta, com um gorro vermelho na cabeça. Cercou-me, pediu fogo e fumo, pulando, fazendo caretas e assobiando.
 Achei atrevimento nelle e neguei-lhe o pedido. Pois não lhe conto nada, o damnado não me deixou mais; ia sempre pulando na minha frente, fazendo caretas, assobiando e manejando um porretinho.
 Eu não reparava que elle procurava me puxar mais para a beira do rio, com certeza para me fazer cahir na agua.
 Enraivecido, principiei a dar-lhe com um cacete que também levava e que por signal era um bom pau de mamoninha, meu inseparavel companheiro no transito da estrada.
 Dava, porém, em vão, porque não consegui acertar-lhe uma só cacetada.
 Comtudo, persegui o pretinho que continuava a me puxar cada vez mais para a beira do rio.
 De repente, como que por encanto, elle desapareceu, deixando-me além de “bocó”, muito cansado.
 Quando dei accordo de mim, já me achava pertinho de casa e quasi a escorregar para dentro da agua. Conteí á mulher todo o acontecido. Ella logo me disse: isso não foi senão o Sacy que fez arte; não é você a primeira pessoa que o encontrou na estrada. Quando elle apparecer, faça logo uma cruz com a mão, que elle vae-se embora.
 Outra narrativa ouvi de minha criadinha, uma moça filha de antigos escravos:
 --- Na fazenda onde eu morava, muitas vezes vi o Sacy-pêrêrê; era um pretinho pernetta, de um olho só no meio da testa e usava uma carapuça vermelha.
 Quando o vento fazia rodamoinho na areia do terreiro, era signal certo de que o Sacy se achava no meio; era só jogar um rosario no rodamoinho e o Sacy desaparecia.
 Uma tarde, eu estava assentada com papae e mamãe, á porta de casa, na colonia, quando um cavallinho chamado “Pelintrá” passou corcoveando e em disparada. Papae disse logo: isto é arte do Sacy que está atormentando o “Pelintrá”; vocês vão ver como amanha elle está com a crina toda trançada.
 De facto, na manha do dia seguinte, o “Pelintrá” pastava na frente da casa e se achava com a crina toda em tranças tão bem feitas que era impossivel desatar-se os nós.
 -- Não disse, exclamou meu pae, que Sacy viajou de noite no cavallo? Para se desmanchar estas tranças, é preciso se fazer uma cruz de toucinho salgado e amarral-a numa das pontas.
 Assim fizemos e as tranças se desmancharam.
 Eis sr. redactor, como sem psychologia, sem literatura e sem pretenções, junto á collecção de narrativas sobre o inquerito do Sacy-pêrêrê, estas que são naturaes.
 Permitta que lhe lembre abrir um inquerito sobre o “lobis-homem”.

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 611a – qui., 15, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 44)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquerito – 2008, p. 214	
	<p>O sr. José Pereira da Silva tem a palavra: “Dentre as muitas pessoas que têm feito observações sobre o Sacy, chamando-o de saperê, creio que o verdadeiro nome desse exquisiteso duende deve ser: “Sacy-saderê”, segundo ouvi contar por meus avós (quando nos reuniamos á noite, em volta da lareira, assando milho verde), que tiveram occasião de observar-o a deshoras, fazendo diabruras com diversos animaes. E, de mais a mais, a pronuncia de “saderê” corresponde melhor á euphonia. O saudoso poeta Ezequiel Freire, em umas quadras que escrevera sobre o Sacy, pinta-o como “trajando quimão de baetilha escura, carapuça em funil, hirta e vermelha; leva na dextra as redeas de tabúa e a ponta do cigarro atrás da orelha.” Agora, se elle fuma, é que não posso affirmar se é verdade ou era também imaginação do poeta. Não só baseado nas affirmações dos meus antepassados, como também nas de varios caboclos tropeiros, visto como já habitei pelos reconditos dos nossos sertões, lembro-me que elles nos contavam travessuras do Sacy-saderê, quando passavam por alli em demanda de Mato Grosso. Disseram-nos elles que, em certa noite de luar argenteo, os animaes de sella corriam de lá para cá, relinchando. O capataz, que acordára com o barulho desusado, mandou incontinenti um camarada de nome Bonifacio verificar se se tratava de ladrões, o que era commum naquellas cercanias. Bonifacio, atravessando uma “tiguéra” que existia naquellas immediações, observou um vulto sobrenatural; voltou novamente á barraca, todo espantado, quasi sem fala, e nos relatou que vira um pretinho de gorro vermelho á cabeça, beijudo, assobiando e fazendo mimicas, montado em um alazão e vergastando-o com uma varinha. O capataz, que não acreditava em duendes e muito menos em contos da carocha, ficara curioso e não tardou em ir verificar o tal pretinho. Chegado ao local, tivera ensejo de observar o mesmo phenomeno. Os seus cabellos ficaram eriçados, e, dahi a pouco, voltava á procura dos companheiros de viagem. Até que por fim foram todos armados de carabina, fação “lapeano” á cintura e, ao darem com o tal moleque, este dera um grito estridente, sumindo pelo capoeirão a dentro, cujos écos foram se perder pelas grotas escuras e chapadões soturnos daquellas paragens bravias. Os que ficaram com receio do Sacy faziam preces e o signal da cruz, exorcisando-o e mandando-o ás areias gordas. Também é crença geral dos caipiras qe o Sacy-saderê sae ás sextas-feiras santas, ás horas mortas, atravessa as encruzilhadas e espanta os viandantes noctivagos, chegando até a saltar na garupa dos animaes. Reportando-me a estas observações, ficar-lhe-ei grato pela publicação destas linhas.”</p>	
	*	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 611a – qui., 15, fev. – 4:1	(dep. 45)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 218	
	<p>E agora um “Bandeirante Paulista”, especie que parecia extinta, mas não está, como se vê: “Lendo no seu apreciado jornal os resultados do interessante inquerito sobre o Sacy-perêrê, não posso deixar de lhe relatar alguns veridicos factos, passados não longe da nossa capital e com pessoas da minha familia. Eil-os, pois: Era pelas férias do fim do anno. Seguindo uso costumeiro, dirigimo-nos para o sitio de pessoas de nossas relações, não longe de São Paulo, em Campo Grande. Tomamos, pois um trem na Central e, sem novidades, chegamos á referida estação, onde um carro de bois, nos esperava. Seguimos para o sitio, distante algumas leguas da estação. Entretanto o dia morria e, quando nos apercebemos, estavamos junto a uma porteira e á bocca da noite. A nossa hospedeira recommenda, então ao carreiro que passe com mais velocidade aquella zona. “Porque?” , perguntamos. “É porque o Sacy gosta de fazer das suas por aqui”, respondeu-nos ella. Nem bem eram ditas essas palavras e os bois começaram uma coorreria louca pelo campo. Soltavam horrosos mugidos emquanto as crianças faziam um berreiro infernal, no carro, originado, já se vê, pelo terror. Subito ouvimos estridentes, metallicas risadinhas, acompanhadas de ensurdecedores assobios que vinham fazer um infindo éco nos nossos ouvidos. De repente o nosso carreiro grita-nos: --- Olhem o Sacy! ... Olhem o Sacy! ...” Voltamo-nos para a direção apontada pelo carreiro e vimos um vultinho preto, pretissimo, com uma só perna, labios e olhos vermelhos e com um barretinho da mesma côr, na cabeça. Era o Sacy. Estridentes e repetidos assobios sibilavam nos nossos ouvidos. Entretanto o Sacy não parava. Do leito da estrada subia aos lombos dos bois; de 2 a 3 palmos de altura elevava-se a 2, 3 metros, para voltar de novo a infima altura. E isso nos acompanhou até á porta do sitio. Agóra, outro caso: Um fazendeiro das redondezas de São Paulo começou a notar a morte de muitos cavallos que amanheciam com a crina tão bem trançada que só á faca se podia endireital-a. A isto, juntava-se o facto dos arreios amanhecerem espalhados no terreiro. --- “São artes do Sacy, diziam-lhe. O negrinho vae primeiramente buscar os arreios, monta os animaes, trança-lhes a crina e alguns , com as correrias obrigadas pelo Sacy, morrem.” A isto vinham juntar-se surdos rumores ouvidos pelo fazendeiro. Este, não vacillou mais e, uma noite não dormiu, esperando pelo Sacy. Estando na fazenda, acompanhei o meu hospedeiro na vigilia. A’s 2 horas da madrugada percebemos os rumores. Armou-se, então, o fazendeiro com um bom rebenque e, seguido por mim, foi ao logar onde se guardavam os arreios. A porta estava entreaberta. O fazendeiro, fazendo signal para que eu o esperasse, entra no quarto pé ante pé. Não podendo resistir á tentação, avanço tambem e vejo o negrinho da carapuça, acocorado em um canto, pegando os arreios. Assim que elle nos viu levantou-se e, saltando, foi se collocar em um dos angulos do quarto. Entretanto, o fazendeiro procurava uma boa occasião para dar uma relhada no maroto. Quando o meu hospedeiro se preparou e arriou o braço para descarregar a merecida relhada no Sacy, este dá um estridente assobio e passa como um vento por entre as pernas do irado fazendeiro que, de susto, cáe sem sentidos, emquanto se ouviam ao longe, as ironicas risadas do “dianho do negrinho”. Ainda outro caso: Este aconteceu com um homem já fallecido e ao qual a sociedade paulista muito deve. Em um sexta-feira santa, o referido senhor que, nesse tempo era estudante, foi convidado por um seu amigo para caçarem, de parceria, lá pelos lados da Consolação, onde havia muita caça. Lá chegando, cada um tomou seu lado, combinando reunirem-se em determinado logar, ao ouvirem o som dos apitos que ambos levavam. O estudante, então, como não tinha vontade de caçar, por ser sexta-feira santa, procurou um logar aprazivel, onde se dispoz a desenhar. Á tardinha, o nosso homem levanta-se para ir ao encontro do amigo. Assim, porém, que assobia, vê um vultinho prêto correndo adiante delle. Julgando vêr o seu amigo, tambem o estudante começa a correr e a chamal-o. O vulto, porém, nada responde, continuando a correr, seguido de perto pelo estudante que, apesar de ser bem servido de pernas, não logra alcançal-o. E assim, os dois se afastam do logar, descem e sôbem morrinhos, fazem curvas perigosas, saltam vallados, até que o negrinho pára, assobia, volta-se para trás e faz uma careta tão horrivel que o estudante cáe sem sentidos, percebendo o seu engano. Horas depois é encontrado pelo companheiro de caçada que, como louco, o estava procurando. São esses, senhor redactor, os casos que merecem ser lidos por traduzirem a verdade nua e crua.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 612 – sex., 16, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 46)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 184	
	<p>Fala o sr. A. Vieira Lessa: “A historia do Sacy, da qual nos pedis elucidações, é infindavel e cheia de infinitas modalidades em suas concepções. Muitas das quais comportando, como mui judiciosamente bem dizeis, base para estudo psychologico do povo. A sua origem, porém, remonta aos primordios da terra de Santa Cruz e é fundamentada na crença mystica subsistente na camada inculta, esse sedimento racial, formado pelo concurso dos differentes elementos ethnicos para aqui aportados e em communhão com os autochtones. Todavia, mesmo entre pessoas equidistanciadas desse meio --- talvez pelo contagio --- ha as que levam muito ao sério o duende ao ponto de (por illusão de optica) verem-no, umas, apalparem-no, outras; e, mesmo sentirem alguns, sob sua diabolica influencia, a impregnação sobre a pituitaria de H2S: acido sulphydrico ou o tal cheiro de enxofre. Entretanto, os relatos que tenho ouvido sobre o Sacy da bocca ora do caboclo, ora do africano e ainda do coriboca, todos guardam mais ou menos a mesma originalidade, a mesma ingenuidade e na generalidade o estylo fantasioso. De todos elles, porém, occorre-me relatar o que me foi narrado pela ex-escrava Isaura, na minha infancia. Habitava outróra em Pindamonhangaba, em tempos que lá se vão, uma certa matrona, senhora respeitavel e possuidora de avultados cabedaes, entre estes alguns escravos. Esta dama, excessivamente religiosa, tinha por habito invariavel rezar todas as noites o seu terço antes de se entregar a Morpheu. Era esta uma devoção cumprida systematicamente acocorada e com os pés ambos recolhidos dentro da rêde. A rêde, como é sabido, é um objecto integrante do mobiliario dos solares do nosso interior; é nela que se sentam os mais velhos; uma visita familiar, mas a quem se estima; e, finalmente, a dona da casa. Pois, alli sobre a rêde existente no canto da sala de jantar d. Candida, mergulhada no seu bojo, numa postura á chineza, com os pés mettidos no seu interior, de pernas cruzadas e tendo o indefectivel rosario de contas pendentes das diaphanas e descarnadas mãos, assim posta, começava ás 8 horas nocturnas o seu interminavel rezar de terço. Mas seja porque fosse velha ou porque a monotonia da reza tivesse o effeito de um narcotico, o certo é que d. Candida, adormecia em meio desse exercicio espiritual sem ultimar a contagem dos tentos do seu rosario.</p>	

E, então, para livrar-se desse peccado mortal a boa da velhinha cada vez que acordava, sobresaltada, recomeçava, de novo, o seu terço. Assim ficava até horas mortas da noite tentando concluir a oração sempre recomeçada e jámais terminada porém sacrificando a sua paciente escrava Isaura que a pé firme, por de trás da rêde, enquanto a ama se detinha num mixto de reza e somno, friccionava-lhe a cabeça, praticando o chamado “cafuné” tão apreciado naquelles tempos e religiosamente appetecido por d. Candida.

Certa vez, porém, esta dama, não teria dedilhado meia duzia de contas do seu rosario e já cabeceava de somno, e enrolando no fundo da garganta as ultimas phrases, pendeu o busto desprendendo o resfolegar denunciador de um profundo somno dos justos se não a modorra beatifica.

Mas o seu somno era comtudo agitado lá em sua profundeza porque d. Candida via nesse momento, em seu espirito, um Sacyzinho barrigudinho, muito pretinho, de pello reluzente, olhos vivos com a ires pigmentada de preto e a esclerotica branca como a casca do ovo de cujas orbitas sahiam chispas luminosas, dentes alvos sobre gengivas rubras através de labios grossos e vermelhos, trajava jaleco encarnado e á cabeça um gorro da mesma côr, e, não obstante ter duas pernas uma era atrophiada, andava aos saltos fazendo piroetas, porém em um só pé, palmipede. E, no auge do pavor d. Candida, via o Sacyzinho, que tinha o tamanho de um moleque, aproximar-se rindo-se, com a lingueta de fóra, a caretear e lhe puxar ora as vestes ora o rosario; afflicta, estava para arrebentar de susto e já suava em bicas quando recebendo um piparote no nariz entrou de reagir somnambulescamente entre gestos e palavras entrecortadas: --- Isaura! Isaura! ... Olhe o Sacy ... toque elle Isaura! ... toque! toque!

Neste somenos fôra despertada por uma solenne bofetada que a debruçára sobre a rêde!

D. Candida, horrorisada, não vendo ao seu lado a escrava, aos gritos pavorosos abalou toda a casa. Todos acudiram ... e a humilde Isaura, prestes, contou que tambem vira o Sacy que por signal tinha uma barbinha de bóde, e que correu atrás della até a cozinha e lhe segredou que batera em sinhara para que não dormisse mais na reza.

Entremettes, um dos presentes obtemperou: Com o grito de sinhá, por despertar mais gente da casa, o Sacy-perêrê fugira, (elle é medroso e não gosta de conflicto) o que --- valha a suggestão --- foi visto por d. Candida tambem, pulando por uma janella proxima, deitando fumaça de enxofre; e, logo após todos ainda ouviram distinctamente, lá fóra, uma risada forte assim como gargalhada, que foi dando pelo terreiro a fóra o terrível pernetta, e em seguida, o ladrar da canzoada acuando-o em sua perseguição; e, por fim, lá no espigão proximo, além do pasto, ouviu-se o assobiar estridente do patusco do pêrêrêzinho.

No entanto, ao ouvir a criada e as confirmações, a velha matrona, recolhida, persignou-se toda tremula; e, dahi em diante, nunca mais dormia quando rezava o terço, o que fazia de um só folego para regalo de Isaura, que resmungando dizia á Palmira, outra serva: --- “qual Sacy o que ... o Sacy foi esta mão que ta qui (mostrando a mão direita) o diabo da veia não deixa a gente drumi.”

Para terminar, sr. redactor, direi que o Sacy é uma criação mythica genuinamente nacional e que vive nos campos, nos sertões e até nos povoados em perfeita camaradagem com os nossos caboclos, negros, filhos destes com aquelles e daquelles com bugre.

*

Em jornal: *Estadinho* - 612 - sex., 16, fev. - 3: 1 a 4 (dep. 47)

Em livro: *O Sacy Pererê*: resultado de um inquérito - 2008, p. 188

Escreve A.C. :

“O velho Juca Rego, homem sério e incapaz de pregar uma mentira, era antigo morador de S. José do Parahytinga.

Proprietario de uma pequena chacara a uns tresentos metros distante da villa, ahi passava o tempo necessario para fazer a colheita de cereaes.

No vasto terreiro, circumdado por uma cerca de paus-a-pique, com entrada por uma porteira tosca, erguiam-se duas pequenas casas cobertas de sapé, distantes uma da outra uns cincoenta metros. A primeira, onde Juca Rego fazia sua residencia temporaria, erguia-se na parte mais alta do terreiro, e a segunda ficava na extremidade do mesmo, em frente á porteira.

Residia nesta ultima o filho mais velho de Juca Rego, casado, e uma sua irman solteira.

Essa modesta residencia foi a escolhida pelo Sacy para fazer as suas diabruras. A’ noite, logo que a familia se accommodava, as espigas de milho amontoadas em um canto da sala eram arremessadas em todas as direcções do interior da casa. Pela manhan, quando a dona da casa vinha ao fogão, encontrava tudo em grande desordem: O toucinho, a carne defumada, os artilhos de milho de pipocas que estavam pendurados em um varal em cima do fogão, as panellas de barro e outros utensilios da cozinha, eram revolidos juntamente com as cinzas do fogão!

A porta da entrada e as duas janellas ao lado foram riscadas com grandes traços de carvão. Correu em toda a villa a noticia de tão estranho acontecimento, e os seus habitantes em peso corriam á chacara de Juca Rego, para vêr as diabruras praticadas pelo Sacy.

Em companhia do saudoso padre Bento Claro, tambem fui ao quartel general do Sacy, que nesse tempo tinha sido abandonado pelos seus moradores.

Nada vimos, a não ser os riscos de carvão sobre a porta e janellas ... Alguns dias depois de nossa visita, a casaa do filho de Juca Rego era reduzida a escombros por um incendio.

E o Sacy, depois dessa ultima façanha, desapareceu para sempre.

.....

Em uma roda de amigos, cada um contava uma historia sobre coisas sobrenaturaes. O Antonio Polycarpo, assim contou a sua:

“Sabem vocês que moro no bairro do Pico-Agudo, a duas leguas distante da villa, e que antes de chegar em minha residencia, é necessario atravessar um grande morro, coberto de mata virgem.

Na noite de ... ao voltar da estação de Guararema, cheguei á villa ás nove horas. Depois de uma viagem de cinco leguas a cavallo, era justo dar descanso á minha cavalgadura, e só ás dez horas continuei a viagem para o meu sitio. A noite estava muito escura.

Quando comecei a subir o morro, o escuro era tal, que eu não via nem sequer a cavalgadura em que ia montado. Subitamente sinto qualquer coisa segurar-me pela cinta. Cresceram-se-me os cabellos, e ao voltar-me instintivamente para trás, vejo sobre minha garupa um negrinho de beiços muito vermelhos e risonho, que, com uma das mãos segurava-me pela cintura e com a outra empunhava um pedaço de pau piuca (pau podre) aceso!

O meu pavor foi indiscriptivel! Deixei-me ir pelo andar paciente do animal que me conduzia.

Ao chegar ao cimo do morro, ouvi ao longe o cantar de um gallo. Olhei para trás e não mais vi o Sacy, que desapareceu como por encanto.”

*

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 612 – sex., 16, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 48)
Em livro: <i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 250	
E o sr. Ulysses de Souza e Silva manda uma batelada de versos:	
SACY-PERÊRÊ	
Ao Nuto Sant'Anna Horas das Ave Maria E, dizem que a velha estrada, Muda, deserta, sombria É muito mal assombrada.	Que estranho assobio é esse Que as sombras da noite corta? E o caminhante estremece Nos ermos da noite morta ...
Apenas a voz do rio Turba o silencio nocturno --- --- Com seu longinquo e sombrio Cantochão de agua, --- soturno.	De folhas seccas, --- em frente Um nonticulo farfalha, --- Surge um vulto, de repente Daquelle monte de palha ...
Pelas grótas, de ermo em ermo, La vão as aguas, lá vão ... Sob esse silencio enfermo, --- Nesse triste cantochão ...	Sexta-feira da paixão! ... Corre o corpo um calafrio ... E estruge, na solidão, --- Aquelle estranho assobio ...
Velhas arvores paradas --- Como que estão modorrando --- --- Nos barrancos das estradas Ou como que meditando.	Olhos de brasa, pretinho, De carapuça vermelha, --- Uma só perna, um negrinho Saltita --- na estrada velha.
E tósca cruzinha preta, Surge, ás vezes, dos barrancos, Por onde o luar projecta Estranhos fantasmas brancos .	E vivo, esperto, na estrada, Assobia, guincha, pula. Solta a estranha gargalhada Que dóe até na medulla ...
E peja-se toda a terra Do aroma dos vegetaes --- --- Sob o pallio, que descerra, O luar, --- de seus cryaetaes.	Puxe, depressa, o “bentinho”, --- Caminheiro, --- pois não vê Que esse maldito negrinho É o Sacy-perêrê?
Longe, no meio dum campo, Um velho rancho isolado --- Ergue para o céu escampo Um lume, triste e maguado.	Tire o cachimbo da bocca, Pelos ermos, --- não se afoite, Deixe a pretenção tão louca Que o faz andar nesta noite.
E, da cerca do terreiro, --- Um velho gallo anuncia, Com seu canto alviçareiro, Aos ermos, o fim do dia.	A noite é santa. Os velhinhos Ensinam que não se sáia, --- Que o Sacy, --- pelos caminhos, Guarda a flôr da samambaia.
A's vezes, de longe em longe, Passa um soluço no ar; É o urutu, --- velho monge Do ermo, --- rezando ao luar	***
Lá, por longe, a voz do vento Ulula pelas taquaras E solta um gemido lento Passando pelas coivaras.	Ao clarão da lua cheia, Quanta vez, na velha estrada Para alguém de minha aldeia, Passei por alma penada.
Não ha ninguem que se afoite Por essa deserta estrada --- Em horas altas da noite De medo d'alma penada.	E, minha alma, á luz da lua, Resvalava pelo espaço --- Doida por se unir á tua --- Num leve e mystico abraço.
E passam almas vestidas De branco e vão se casar Nas silenciosas ermidas --- Feitas do branco luar ...	E, minha alma, que vivia A sonhar em ser feliz, --- Em seu sonho sempre via, Um lindo par “de Sacys”.
	Eram nada mais, nem menos, Que esses teus olhos, Maria, Espertos, vivos, pequenos, Doces Sacys da alegria.
	E, minha alma, anciosa e louca, Pelos ermos a sonhar, --- Era a flor da tua bocca Que ella andava a procurar.

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 613 – sab., 17, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 49)
Em livro:	<i>O Saci Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 192	
<p>Depõe o sr. A. Reinke:</p> <p>“Não ha brasileiro que não conheça, de tradição, este estranho personagem. Durante a infancia, a nossa convivencia com os criados e para aquelles que nasceram e cresceram no interior, o convívio com as amas, com os velhos pretos ex-escravos e com os caboclos, fizeram com que se nos arraigasse no conceito, ainda em desenvolvimento, nessa idade, a idéa da existencia de fantasmas e duendes, de demonios e capetas, de Sacys e assombrações. Depois crescemos, formamos o espirito, nos civilisamos e ainda nos restam de tudo isto vagas e saudosas lembranças.</p> <p>Os que vivem no interior mais na intimidade dessa classe de espirito inculto, ficam fanatisados pelas credices e superstições e ha mesmo alguém que jura pela existencia de “coisas do outro mundo.” Esses seres abstractos que lhes povoam o espirito são innumerados e recebem nomes diversos conforme a região e conforme o povo que os adopta, mas na essencia são todos semelhantes e todos capazes das mesmas façanhas.</p> <p>Quem estas linhas escreve, nasceu e cresceu no interior, em convívio com os caboclos e com toda essa casta de gente, em cujo espirito está fortemente arraigada essa crença.</p> <p>É nos saraus festeiros, nos sambas, nos cateretês, em torno das fogueiras em noites de festa onde se reúnem os caipiras e os “camaradas”, que se ouvem os contos, historias e façanhas, em que cada um se esmera em contar o que viu, ouviu ou que praticou. Dizem com toda a convicção, falam firmes e, ai daquelle que se mostrar incredulo! É todos attentos e boquiabertos ouvem admirados as façanhas dos mais temerarios.</p> <p>Um conta que, de “uma feita” viera, da cidade p’ra fazenda em noite de sexta-feira santa e quando dobrou a encruzilhada da serrinha, bem ao pé da cruz que existe á beira da estrada, viu uma “mula sem cabeça” que corria, aos pinotes soltando fogo pelos olhos!</p> <p>Confessa que, “pela primeira vez na vida”, teve medo, tremia, o chapéu dansava-lhe no alto da cabelleira eriçada, mas fez o “pelo signal” com a canhotá, rezou o Crêdo tres vezes, de trás p’ra diante” e a tal “mula” sumiu-se no meio da roça.</p> <p>Um preto forte e espadaúdo narra que, um dia, elle e a mulher, estando de viagem, foram obrigados a pernoitar numa casa antiga, velho engenho de canna onde não havia quem não tivesse visto uma “assombração” grande, vestida de branco e com enorme chapéu na cabeça.</p> <p>Deitaram-se e pela meia noite, eis que apparece a tal fantasma que, por mais de duas horas, levou a tocar marimbau nos beijos. Debalde gritaram e só pela manhan se viram livres da visita importuna.</p> <p>Um caboclo velho, barbado e tido na zona como incapaz de mentir, conta que, quando moço, era caçador apaixonado. Sahiu um dia para a diversão e não tendo reparado que esse dia era santo, soltou os cachorros no mato. Depois de muito esperar, ouviu o latido do melhor cachorro da matilha e logo após uma quantidade enorme de porcos do mato que, grunhindo, passavam junto delle; esperou o ultimo e qual não foi o seu espanto quando viu, montado no ultimo porco, um homem alto, coberto de pellos, só tendo nua a roda, em torno do umbigo!</p> <p>“Era o “Canhambóra”, disse elle, e voltei num carreirão p’ra casa e até hoje nunca mais caicei.”</p> <p>Um outro conta que a irman era casada com um “lobis-homem” . Pois todos o conheciam durante o dia, vestido e parecendo um verdadeiro homem. A’ noite, sem que a mulher o visse, transformava-se num enorme porco, calçado de botinas e lá ia para a rua a fazer diabruras: comia o sabão que encontrava nos lavadouros de roupa, lambia os tachos de gordura e avançava cêgo naquelle que tivesse a infelicidade de o encontrar, não por ser mau, porém por ter interesse em fazer com que outros se transformassem em lobis-homens. Pois é crença entre os caipiras que toda a pessoa que fizer sangue em um lobis-homem transforma-se, se for homem, num “lobis-homem” e se for mulher numa “bruxa”. Pois bem, uma dada noite a irman do caboclo, surprehendeu o marido em plena mutação, dando voltas e batendo o queixo; foi o bastante para elle abandonal-a e fugir e até hoje não se sabe para onde foi.</p> <p>O filho do fazendeiro dizia que o demonio apparecera-lhe em casa sob a forma de um preto nú, com chifres e enorme cauda e fizera disparar uma espingarda que estava pendurada á parede.</p> <p>A credice popular, narrando com convicção estes factos, faz com que aquelles que os ouvem, crianças ou mesmo adultos de espirito atrasado, se convençam da existencia dessas criaturas fantasticas imaginadas por elles.</p> <p>Todos representam o Sacy sob varias formas com que se apresenta para tentar e aborrecer a humanidade.</p> <p>Dizem, no interior, que o Sacy ou “Capêta”, apparece, quasi sempre, sob a forma de um pretinho magro, esguio, ás vezes nú, ás vezes vestido de vermelho, sobre uma perna só. Traz na cabeça um gorro comprido afunilado.</p> <p>A arcaz dentaria saliente e munida de dentes alvos e aguçados. Rosto fino, comprido e encovado. Physionomia alegre, prazenteira e soltando continuamente um riso sibilado e fino, semelhando á passagem do vento entre as folhas das arvoredos: si ... i ... i ... i ... i ... si ... i ... i ... i ... i ... si ... i ... i ... i ... i ... É endiabrado e se compraz em desfazer tudo o que encontra. A’ noite embaraça a cauda e a crina dos animaes, bóle no ninho das gallinhas; faz cahir os tições dos fogões enchendo a cozinha de cinza, fagulhas e fumaça; cospe nas panellas quando a cozinha é preta. Faz o vento assobiar nas portas e janellas. Quando as pretas dão á luz, o Sacy passa horas inteiras junto do petiz a ensinar-lhe caraminholas e macaquices. Nos campos deixa as porteiras abertas; faz nascerem chôchas as espigas de arroz; vae aos monjolos e os faz parar, ás vezes empinados e deixam queimar a farinha. Aproveita os dias de vento para atirar terra nos olhos humanos. E o povo supersticioso emprega contra essas mil diabruras, uma porção de remedios e meios para evital-as. Traz consigo bentinhas, figas, rezas, orações, rosarios, cruces, agua benta, etc.... Diz um caboclo que o Sacy se havia mudado para a sua casa e para o ver fóra, foi preciso lavar a porta da casa com agua benta. Quando perdem as coisas, dão 3 nós numa palha de milho verde e deitam-na em baixo do pilão; a receita é infallivel. Quando o Sacy apparece na cozinha, a cozinheira dá as costas para o fogão e atira ao fogo 3 punhados de sal.</p> <p>Para não fazer gorar os ovos das gallinhas e evitar a acção malefica do Sacy, costumam fazer, em cada ovo, uma cruz de carvão. E dizem elles que, quando o Sacy está satisfeito das diabruras praticadas, reúne os companheiros e todos de mãos dadas, rindo-se e dansando sobre uma perna só, saem aos turbilhões, levantando palhas, ciscos e pó do chão, formando os redomoinhos e que só tres dias depois é que apparecem novamente. Eis as noções que tive do Sacy, durante a primeira phase da minha vida e de que ainda hoje me lembro com saudades.</p> <p style="text-align: center;">*</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 613 – sab., 17, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 50)
Em livro:	<i>O Saci Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 198	
<p>Renato Barros, de Casa Branca, espirito culto e voltado ás nossas coisas, manda-nos um bello depoimento.</p> <p>“Não sei se chego a tempo de concorrer com o desvalioso contingente do meu depoimento ácerca do Sacy-pêrêrê. O que é certo é que não resisto ao prazer de disreterar comtigo sobre o diabinho que nos povoou a mente durante a quadra mais risonha de nossa existencia.</p> <p>Na região em que vivo, desbravada por mineiros, corre a lenda do Sacy, tal como é concebida em Minas. É sempre o</p>		

negrinho vagabundo, que, á noite, de boina vermelha, perambula por estradas e montes, visita as velhas “fazendas”, correndo com a sua unica perna, assobiando, dando gargalhadas ... E de quanta coisa não é capaz o Sacy! ... Ora entra nas habitações, fuma pelos cachimbos que encontra, desarranja machinas, ora leva mancheias de ouro aos seus aliados.

De um ancião, tropeiro de outr’óra, dos que transmontaram a “Paranapiacaba”, caminho de Santos, trilhando a vetusta estrada do Vergueiro, hoje remoçada, de um ancião, dizia, ouvi que nunca deixava de, á tardinha, ir ao moinho de sua propriedade acertar a mó, para que durante a noite fôsse moendo fino fubá. Acontecia-lhe sempre, pela manhan seguinte, encontrar desengouçado o engenho, a moer quiréra grossa.

Já desanimado e decidido a abandonar o moinho sem prestimo, queixava-se com amargor a um seu compadre e vizinho, homem de pról e de bom conselho em assumptos taes.

--- Não é nada, cumpadre, é só vancê botar uma cruz por riba do muinho, que o negrinho não volta.

E acrescentou sentencioso:

--- Isso é arte de Sacy, num é outra coisa.

De feito, seguido o conselho, jamais desandára o moinho.

É fama, por aqui, entre gente da roça, que a machina de café de certo fazendeiro --- um jovem sportsman, que ás vezes pilota a sua “Fiat” pelo “corso” da Avenida --- fôra incendiada por ... um Sacy!

Acredita-se tambem que, quando as folhas seccas bailam tangidas pelo vento, descrevendo espiraes, se se jogar um rosario bento ao remoinho ter-se-á laçado o Sacy, que é quem, invisivel, agita as folhas no ar.

Quanto á minha opinião pessoal, tenho para mim que o Sacy não é outra coisa senão um dos muitos mythos indigenas, desvirtuado pelo preto e assimilado pelo branco.

A forma original, hoje evanescente, do Sacy, consoante o mytho tupy, era a de uma pequena ave.

O Sacy actual, o moleque peralta, é a forma africana do genio indigena. Do lendario tupy, o que mais se assemelha ao Sacy, tal como nos legaram as abusões das nossas amoveis mucamas, é o corrupira.

Graça Aranha, em Chanaan, conta-nos pela bocca do Jôca, que é o corrupira, (que o festejado homem de letras escreve “corrupira”, quando é certo que em tupy não existe o “r” forte) genio máu em tudo semelhante ao popular Sacy.

Não devo findar estas linhas sem que te apresente o meus parabens pela acção patriótica que os teus artigos vêm exercendo, seguindo as pegadas dos Mello Moraes e Arinos. Sem duvida despertarão o gosto do nosso povo pelo formoso lendario nacional, caudal riquissima, qual filão ignorado, onde os nossos verdadeiros artistas devem beber a inspiração, como em uma fonte sagrada.

É necessario que espiritos como o teu procurem desviar os olhares dos nossos “super-civilizados” de beira-mar das exoticas “arvores de Natal” e quejandas, para o que é nosso, para o que sentimos e compreendemos, porque está na consciencia de nossa raça, para não continuarmos a representar o papel degradante de nação desnacionalizada.”

*

Em jornal: *Estadinho* - 613 - sab., 17, fev. - 3: 1 a 4

(dep. 51)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* - 2008, p. 202

De Pouso Alegre chegam versos sobre o thema deste inquerito, assignados pelo sr. Joaquim Queiroz Filho. Vêm por intermedio do sr. Amadeu de Queiroz. Eil-os:

SACY

Era uma vez um menino
Que tinha o triste destino
De trabalhar para o mal:
Quebrava a louça por troça,
Botava fogo na roça,
Escancarava o curral.

Como o Pedro Malasarte
Era visto em toda a parte,
Mas pulando c’um pé só:
Uma quéda na cisterna
Foi que lhe quebrou a perna,
Segundo disse a vovó.

Cahiu tambem na fogueira
Que elle accendeu na capoeira
Numa noite de São João.
E, mesmo branco que fosse,
Dessa maneira tornou-se
Pretinho como carvão.

Na poeirada dos caminhos
Levantava remoinhos
Que faziam suffocar.
E, nesse divertimento,
Apparecia um momento,
Para sumir-se no ar.

Achando pouco esses damnos
Levava a gente aos enganos
Pois que sabia mentir.
Com tamanha habilidade,
Fazia tanta maldade,
Que nem ha mãos a medir.

Em qualquer das conjunturas,
Invisivel nas diabruras,
Como o proprio Belzebu’,
Quando alguem o procurava,
Elle, de longe, cantava:
--- Sacy ... sêrêrê ... nhangu’ ...

Mas veiu, um dia, o castigo
Desse damnado inimigo
Com infernal phrenesi:
Para o socego da gente,
Elle virou de repente
No passarinho Sacy ...

Hoje, tão triste e singello,
Num desespero amarello
Como a florada do ipê,
Nas fumaradas de Agosto,
Gême com fundo desgosto:
--- “Sacy ... Sacy-sêrêrê! ...”

Em jornal: *Estadinho* - 614 - seg., 19, fev. - 3: 1 a 4

(dep. 52)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* - 2008, p. 246

Cesar envia com letra de Raul uma nota interessante:

Na figura que o “Estadinho” estampou ha dias não consegui reconhecer o Sacy da minha infancia. Acredito que haja um typo de Sacy em cada parte.

Aquelle, porém, de que me contavam historias de arripiar os cabellos, quando eu era pequeno, nada tinha de commum

com a figura inexpressiva a que me refiro.

Eis aqui, em breves traços, o Sacy, segundo a minha zona: Era um molecóte do tamanho de um menino de 12 annos, muito preto, de cabellos pinchaim, olhos vivos, --- pequeninos e vermelhos; era esguio, tinha uma perna só e apesar disso, em materia de esperteza, passava a perna no proprio serelepe.

Como Democrito, nunca chorou. Vivia rindo, troçando de tudo e de todos, na sua tanguinha e carapuça de baeta encarnada.

Passava as noites a tirar mel dos favos, que enchia de ... babosa para enganar a macacada; substituia por ovos de corvo os ovos das gallinhas chócas; amarrava bezeros com embira e virava bezerro para mammarr; arranjava visgo com que pregava peça aos passarinhos; furtava fumo das negras velhas; desviava a agua dos monjolos; emfim, pintava a saracura.

O seu divertimento predillecto, porém, era disparar cavallos. Ia ao pasto, laçava o melhor animal, colocava-lhe um cabresto, fazia um estribo na crina, e zás! Encarapitava-se no collo do "bruto". Começava então a correria da cavallhada espavorida, atropelo que durava até a madrugada.

E ao recolher-se a animalada era uma lastima! Vinha toda estropiada, suando em bicas e desconfiada que nem cotia.

--- Ah! Sacys dos diabos, bradava o camarada! Olhem em que estado o dianho deixou a animalada! Facilmente se descobria entre os cavallos o escolhido pelo Sacy para a sua cavallgada nocturna.

Bastava examinar-lhe a crina: estava toda trançada. Quando se viajava á noite, principalmente nas sextas-feiras, o animal fatalmente passarinha nas encruzilhadas. Segundo se dizia era um beliscão do Sacy! ...

Contava-se que em Araraquara os Sacys perseguíam tanto os animaes que para livral-os das artes do endemoninhado pretinho era preciso collocar-lhe bentinhos no pesçoço.

O maior castigo que se podia infligir a um Sacy era dar-lhe uma surra de rosario. O rosario tinha o estranho poder de fazel-o sahir desembestado, campo a fóra, deitando fogo pelos olhos e pela bocca.

Mas para caçal-o depois é que era o diabo! Quasi impossivel! Só com o auxilio da sorte e de um rosario de capim.

O João, um escravo de meu pae, conheceu um caboclo em Itu', que era na sua pittoresca linguagem, mais esperto que um saguy e mais ligeiro de pernas do que um veado. Esse caboclo, affirmava o João com a mais solida das convicções, conseguiu laçar um Sacy. E narra por esta fóma a extraordinaria façanha: Estava elle certa noite aquentando fogo á soleira da porta, quando lobrigou atrás de uma figueira um Sacy que o espreitava. Fingindo que nada percebera, entrou em casa, mettu no bolso um rosario de capim e voltou para a soleira da porta onde ficou por longo tempo, a cabeça na attitude de quem cochilava. Suppondo-o adormecido, o Sacy aproximou-se, pé ante pé, e começou a tirar grandes baforadas do seu pito. Em dado momento, o caboclo num movimento rapido como um corisco atirou-lhe o rosario de capim e zás! segurou o "bicho". O moleque esperneou, berrou como um desesperado, mas em vão: estava no laço! Em seguida, senhor da situação, o caipira tirou-lhe a carapuça encarnada, que ficou p'ra "garantia", e disse-lhe num tom zombeteiro: --- Sacy, só te darei a tua carapuça se você enchê a minha tuiá de café, atopeté o meu paió de mio e me trouxe 20 kilos de ouro em pó.

E o Sacy em menos de uma hora, encheu-lhe a tulha do melhor café, abarrotou o paiól de espigas de palmo e meio e ainda por cima deu-lhe 20 kilos de ouro em pó...

E rematando a sua historia tão pittoresca, tão cheia de côr local, o João accrescentava profundamente convencido: "Dizem que foi assim que os Galvão fizeram fortuna." Seria? Quem sabe, João! "Ha mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa van philosophia."

*

Em jornal: *Estadinho* - 614 - seg., 19, fev. - 3: 1 a 4

(dep. 53)

O professor A. J. Bonifacio Martins remette os seguintes versos de Mello Moraes Filho:

O SACY

É caboclinho feio,
alta noite na mata a assobiar;
quando alguem o encontra nas estradas,
saltando encruzilhadas,
se põe a esconjurar!

É alma de um Tapuyo
fazendo diabruras no sertão ...
Cavalgando o queixada mais bravo,
transpõe valles e rio
com um cachimbo na mão.

Assombro das manadas,
enreda a onça em moitas de cipó;
de montanha em montanha vae pulando,
vae quasi que voando,
suspenso num pé só.

Ao pobre viandante
assombra e ataca em meio do caminho;
e pede fumo e fogo, e sem demora
lhe mostra a caipora
seu negro cachimbinho

Servido no que pede,
as contas justas safa-se a correr...
do contrario ... se fica descontente,
de cocegas á gente
faz rir até morrer.

É caboclinho feio,
alta noite na mata a assobiar;
no norte, diz o povo convencido:
não indo prevenido
não é bom viajar!

Em jornal: *Estadinho* - 614 - seg., 19, fev. - 3: 1 a 4

(dep. 54)

Em livro: *O Sacy Pererê*: resultado de um inquérito - 2008, p. 256

J. S. conta estas duas historias:

"Era meia-noite mais ou menos. No monjolo da fazenda, estavam, eu, dois irmãos meus, fazendo companhia a uma velha empregada, que, por motivo de accumulo de serviço, estava áquella hora a "coar" farinha. De assumpto em assumpto passou-se a falar no Sacy. A velha, cheia de crença falava, com ardor, nas proezas do negrinho.

Nós nos mostravamos incredulos a respeito do que a velha dizia (apesar de estarmos com um "medão" delle).

O monjolo batia compassadamente no "pilão", rompendo o silencio da noite. Tudo estava calmo e a escuridão da noite,

fôra, só poderia inspirar medo.

“Vocês não acreditam, mas não de vêr ainda”, dizia-nos a velha meio despeitada.

Não lhe conto mais nada, sr. Sacy-Perêrê.

Nesse instante, o monjolo deixou de bater no pilão, começou a oscillar no ar e, por fim, ficou quasi immovel.

Não foi preciso mais nada. “Abrimos o arco” (a velha também não se deixou ficar) e pouco depois chegamos em casa, offegantes, contando havermos “visto o Sacy”.

A causa do facto, porém, era muito simples: por um motivo qualquer, diminuiu a agua e começando ella a bater no meio do “cocho” observou-se o phenomeno, que se attribuiu ao Sacy.

A outra historia ouvi contar, ainda, na fazenda.

Era noite de inverno. Na cozinha fez-se fogo no chão, para como se costumava dizer “aquestar o fogo”.

Nós, a criançada, fomos já trazendo os “banquinhos” para a beira do fogo, sentamo-nos á roda delle, para ouvir a Joaquina, cozinheira, contar historias.

Eis a historia que ella nos contou:

A’ beira do caminho, numa casinha de barro, vivia um velho negro. A’ noite, antes de se deitar, o pobre velho, fazia a “pitada” para o dia seguinte e punha o cachimbo em cima do fogão.

Ora, o Sacy, muito sem cerimonia, aproveitava-se de um buraco que havia na parede para vir saborear a pitada, preparada pelo velho.

Indignado com o atrevimento do Sacy o velho lembrou-se de prégar-lhe uma peça.

Uma noite encheu o cachimbo de polvora, poz por cima uma camada de fumo (para o Sacy não desconfiar) e collocou-o no logar costumado.

Em seguida escondeu-se, muito bem, para presenciar o logro do Sacy.

Altas horas da noite entrava este, muito sorrateiramente, pelo buraco.

Julgando não ser espreitado pegou no cachimbo, poz-lhe uma brasa e começou a fumar tranquillamente, machinando, talvez, alguma nova diabrura.

Porém, subito, a polvora se inflama, o Sacy leva um susto formidavel e esfregando o rosto, que ficara queimado, tratou de “azular” quanto antes.

O velho ria-se a mais não poder do jeito do Sacy.

E a Joaquina terminou dizendo que nunca mais elle voltou para “filar” a pitada do velho negro.”

*

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 614 – seg., 19, fev. – 3: 1 a 4	(dep. 55)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 260	
<p>Finalmente, L. P. S. traz esta contribuição:</p> <p>“Conversando hontem em casa de um meu amigo, notavel collaborador dessa folha, sobre a questão do Sacy-pêrêrê, que tanto interesse tem provocado e como eu lhe contasse alguns factos ouvidos na minha infancia e que me ficaram gravados na memoria, interpellou-me elle porque não concorria com o pouco que sabia para a elucidação do caso de mythologia brasileira lembrado pelo sr. M. L. É, portanto, para satisfazer o desejo do meu illustre amigo que venho á sua presença.</p> <p>A lenda do Sacy-sererê (foi assim que a conheci), não é tão velha como querem dizer, pois eu, apesar de ter vivido apenas um quarto de seculo, ainda alcancei o tempo em que o Sacy era o terror da criançada e mesmo de muita gente grande. Havia na fazenda onde fui criado, quasi nas divisas de Minas, um preto velho chamado “Nho Urbano”, um perfeito conhecedor das lendas brasileiras. Contava-me elle historias do “arco da velha” ocorridas na redondeza, com pessoas suas conhecidas e com elle mesmo, historias terrificantes de fantasmas e assombrações e com tal convicção as narrava que duvida alguma sobre a realidade dellas ficava-me no espirito infantil.</p> <p>O heroe predilecto das suas façanhas era o Sacy, que elle pintava da seguinte forma: um pretinho retinto, de olhos accesos como brazas, nariz arrebitado, de uma perna só e um pé redondo como uma bolacha. Filho do diabo, andava pelo mundo a tentar os meninos. Tinha uma paixão extraordinaria de andar a cavallo e era por isso que, a altas horas da noite, andavam os cavallos de correria pelo pasto e amanheciam com as crinas trançadas. Muitas occasiões tive de verificar de visu a verdade da affirmação do preto velho, quando, ao amanhecer de uma noite de correrias ia examinar a crina dos cavallos. Este mysterio, que mais tarde contaram ser arte de morcego e não de Sacy, faziam-me crêr na real existencia do descendente de Satanaz.</p> <p>De uma feita, ficando eu só no velho casarão da fazenda, pois toda a minha familia tinha ido a uma festa do “arraiaá”, impressionado como andava com as historias ouvidas, não tive animo de dormir sem companhia no meu quarto. Appellei para a coragem do “Nho Urbano” quem muito satisfeito por ter uma occasião de prestar-me um serviço, veiu deitar-se ao pé da minha cama, sobre uma esteira. Para entreter-me contava elle as suas costumadas historias de Sacys. De repente um vulto negro passou entre nós e a lamparina apagou-se como por um encanto. Um calafrio de medo percorreu-me a espinha, os cabellos eriçaram-se-me na cabeça e fiquei immovel na cama, com o coração aos saltos. Passados alguns minutos de terrivel silencio ouvi a voz sumida do “Nho Urbano” que me perguntava:</p> <p>--- “Nhô moço, cadê o forfi?” .</p> <p>--- Não sei, procure você, respondi-lhe eu.</p> <p>E o pobre preto, fazendo das tripas coração, depois de muito esforço conseguiu levantar-se e accender a lamparina. A physionomia do velho estava transformada pelo medo e posso garantir-lhe, sr. redactor, que estava “pallido”.</p> <p>--- “Isto não pode deixá de sê trabaio do Sacy”, garantiu-me “Nho Urbano”; “é perciso esconjurá elle sinão nois está perdido.”</p> <p>E ambos ajoelhados rezamos contritamente um “Credo”, 7 “padre-nossos” e 7 “Ave Marias”. O certo é que o talsinho não mais nos incommodou.</p> <p>Não lhe posso garantir, sr redactor, se existiu ou não o Sacy-sererê, pois nunca tive que tratar com tão extravagante personagem, porém, posso affirmar pela bocca do “Nho Urbano” (que Deus tenha sempre na sua santa companhia) que o Sacy é uma entidade real, realissima. O preto contava com tanta firmeza e convicção tel-o por muitas vezes visto que não nos seria licito duvidar das suas palavras.”</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 615a – qua., 21, fev. – 3: 4 e 5	(dep. 56)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 264</i>	
<p>Ulysses de Souza e Silva quanto aos costumes disse nada e quanto ao capeta declarou o seguinte: Venho de estar entre a galharda flôr da minha gente; e, se v. s. me dá licença. --- trago-lhe tambem este pequenino contingente ácerca do Sacy-perêrê --- o estupendo bohemio das florestas que, cansado de errar pelos ermos, a fazer molecagens, -- vem para a cidade --- para distrahir as atenções ameaçadas de terror --- nestes tempos de guerra.</p> <p>Imagine-se um exercito de sacys! Lá por Minas, onde estive em goso de férias, --- vi o inquerito, que em tão boa hora v. s. abriu, e, --- como tencionava tambem trazer-lhe algumas linhas, andei de casa em casa, da boa caboclada de minha terra, --- interrogando-os sobre o Sacy. Seria longo contar todas as historias que ouvi. Farei um resumo. A velha Mariana, a preta Balbina, o Joaquim Custodio, o João Corrêa, o Venancio, o Manuel Creoulinho e tantos outros, contar-lhe-iam magnificas historias do dianho do Sacy. Ai! que saudades! Lá estava a velha casa de meus antepassados, na fazenda Grande, --- que eu, mal contendo a ancia de rever, --- velho cofre de tantas illusões, --- revia agora, --- com os olhos marejados ... E tudo me falava ás reminiscencias!... As velhas arvores, onde eu, feliz, outrora, traquinava como o Sacy, --- evocavam, na saudade do passado, --- as ultimas folhas que cahiram ... Ai! que saudade! ... E eu, de palpebras cerradas, --- deixava que as lembranças me viessem, serenas, --- tremulando a flôr da alma, --- como a flor do lotus, ao luar, na superficie azul da agua morta do velho açude. Lá estava o velho laranjal, onde, como dizia a velha Balbina, o “peste” do Sacy fez tantas maluquices, no tempo de “sinhô véio”. E, como outrora, quando, ao pé da lareira, na vasta cozinha do velho casarão, --- ouvia das escravas as historias de assombrações, com os cabellos arrepiados, --- pedi á boa velhinha que me contasse de novo a historia do Sacy. Cabeça alvejando, como uma pasta de algodão cardado, --- tremula, --- olhos baços, --- mascando o cabo do velho pitinho de barro, --- olhos de uma placidez de agua profunda, --- ella, a bôa velhinha, contou-me: “Sinhôzinho: Sinhô véio tava duente. Iсталêro tá cheio de purvio. Ingenho tava moendo. Negro trabaivava intê gallo miudá treis vêis. Vae, Sinhô véio mandô negra buscá herva cidrêra no laranjá, prumóde fazê chá prá Sinhô véio. Negra foi. Era na bôcca da noite, sinhôzinho. Negra chamô Cuti, --- pulô cêrca, rudiô paió, --- subi laranjá. Quando negra foi panhá herva cidrêra prá Sinhô véio, --- Sacy tava lá, --- incurajado ni tôco preto, pitando seu pito delle. Quando negra deu cos óio nelle, --- o péste do negrinho deu um pulu e uma gargaiada e pediu fogo prá cendê seu pito delle. Negra não teve nem tempo de pujá rusario e o bentinho ... Sacy deu uma burduada na negra e negra cahiu. Sinhô véio viu que negra tava demorando, --- mandô Simião catá ella e Simião trouxe negra quaji morta, sinhôzinho! .. Foi allí mêmo, sinhôzinho.” E a pobre sexagenaria, estendendo o braço tremulo, --- apontava-me o velho laranjal. E todos que eu interrogava tinham uma historia a contar. O Sacy punha “sujêra” nas panellas; o Sacy parava o engenho; o Sacy derrubava os “barreiros”; o Sacy alvorocava a cachorrada; o Sacy “pintava o diabo” com os animaes ... Eram casaes que se separavam por artes do Sacy, --- telhas que cahiam da casa; monjolos que se desarmavam á meia-noite; queiijos que cahiam das prateleiras; comidas que queimavam na panella; porcada que ficava louca nos “mangueirões”; viajantes que levavam “sóvas” nos caminhos ermos, etc. Tudo artes do Sacy. Para terminar, --- mais esta historia, contada pelo Joaquim Custodio, --- antigo capataz de meu avô: “De uma feita, --- quando levavam boiada para a Côrte, --- pousaram no rancho do “Manduca” nas margens do Rio do Peixe, em um logar, onde o Sacy fazia o dianho. Perto, havia uma casinha de sapé, onde morava uma velhinha que possuia um elegante “papo de cordel” --- com uma “bolóta” na ponta. O Sacy não a deixava em paz. Um dia, --- o Sacy foi visital-a como sempre. A velhinha tinha toucinho a fritar em uma panella. Pois o “péste do Sacy”, --- quando a velha se inclinou, para tirar o “torresmo”, --- deu-lhe um “papilote” -- no papo que ela trazia enrolado no pescoço, --- o papo cahiu na gordura quente e a velha sáe como louca a urrar, pelo terreiro e o dianho, ás gargalhadas e aos assovios, em cima da casa! ... Mas, --- dessa vez, --- a “maldade” do Sacy foi benefica ... Desde esse dia, --- o papo da velha entrou a murchar, a murchar e o resultado foi ella ficar sem papo. Contam tambem que, em Santo Antonio do Machado, --- o Sacy entrou na casa da Maria Rosa e, vendo-a triste, --- fez-lhe esta quadrinha:</p> <p style="text-align: center;">Como vae, sia dona Rosa! Porque está tão “jururu”? Parece gallinha choca, --- Quando briga com peru’.</p> <p>O Sacy-perêrê, --- ou Sacy-cerêrê, ou ainda Sacy-saperê, Sacy-sia-“Thereza”, --- como o conhecem em minha terra, --- apresenta-se sob o aspecto de um molequinho retinto, --- muito vivaz, --- maldoso, capacete vermelho na cabeça, olhos côr de brasa, -- uma perna só, capenga, --- sempre a pitar num pitinho preto. Ai de quem lhe negar fogo ou fumo para o pito! ... Gosta muito dos samabaiaes escuros e das casas velhas. Tem medo dos rosarios que lhe queimam as mãos. É facil pegal-o com uma peneira das que têm cruz ou com os rosarios, atirando-os nos remoinhos de vento. É assim que eu idalisava o Sacy, em criança e de quem tinha tanto medo. Hoje, eu creio que o Sacy se transformou em “certos olhinhos buliçosos” que andam, em certos palminhos de caras --- nesta bella terra dos Andradas, a fazer o dianho com o coração da gente. Mas, graças a Deus eu trouxe commigo o velho rosario da Balbina. Ninguem me chegue, “que eu queimo mesmo!” São estas as notas que eu lhe trouxe de minha terra, --- São José dos Botelhos, --- Sul de Minas.”</p> <p style="text-align: center;">*</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 615a – qua., 21, fev. – 4: 1 e 2	(dep. 57)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 270	
<p>João Silva conhece o Sacy de “visu”. Eis como o demonstra:</p> <p>Eu tive ocasião de conhecer o Sacy-perêrê uma vez. Foi em 1897 ou 98. Meu pae, lavrador em Silveiras, pequena cidade do Norte, quasi nas divisas do Estado do Rio tinha diversos aggregados (assim se chamavam, lá, os trabalhadores que moravam nas fazendas), que, ao escurecer se reuniam no terreiro grande e deleitavam a criançada contando historias do lobishomem e do Sacy. Eu nunca faltava a essas reuniões, e ouvia sempre, com a maxima attenção, essas historias contadas na rustica simplicidade de trabalhadores da roça. De maneira que, conhecendo o Sacy através das historias contadas pelos aggregados de meu pae, desejava conhecê-lo e travar conhecimento pessoal com elle – esse negrinho irrequieto, peralta e alegre – conforme rezavam as historias que eu ouvia. Meu pae gostava immensamente de caçadas, e, uma ocasião, tendo resolvido fazer uma caçada de veados nos Campos da Bocaina, distante de Silveiras umas quatro ou cinco leguas resolveu convidar para comancheiro um compadre, tambem lavrador e adepto desse “sport”, o qual morava duas leguas distante do nosso sitio. Eu fui o portador do convite. Sahi de casa de manhan, cheguei ao sitio do compadre de meu pae que morava dos lados do Corrego Fundo, ainda cedo, transmiti-lhe o convite que foi aceito, e fiquei para almoçar. Depois do almoço, quase ao meio dia, montei a cavallo (era um cavallo baio que meu pae tinha, esperto e passarinho e que, por diletantismo, meu pae fazia correr na “raia” do João Lemos) e toquei de regresso a casa.</p> <p>A estrada era deserta, cheia de mato, de curvas e encruzilhadas, mas em um certo pedaço, sahindo-se de uma curva entrava-se numa recta descampada de mais de dis kilometros de extensão. Foi ahi que encontrei o nosso heróe! Devia ser meio dia. O sol estava á pino e o céu de um azul translucido; o mato em derredor da estrada e a mata virgem que se distendia ao longe, de ambos os lados, pareciam descansar numa modorra suave! Sahindo da curva e penetrando na recta da estrada, o cavallo logo levantou as orelhas e quiz retroceder; dei-lhe uma chicotada e olhei para a frente. Foi então que distingui na outra extremidade da recta caminhando de encontro a mim, um pretinho gordo, irrequieto, cabeça vermelha, trazendo um pau na mão direita. Lembrei-me logo do Sacy. A proporção que mais nos aproximavamos, melhor fui distinguindo-lhe as formas: era um typo verdadeiro de moleque!</p> <p>Negro como azeviche, gordinho, conservando na mão o pau, ria-se gostosamente mostrando uma dentadura admiravel; o cabelo encarapinhado, não era vermelho como a principio me pareceu, mas côr de ouro. Quando nos encontramos á beira de um corrego que cortava a estrada, o moleque firmou-se no pau e soltando uma risada prolongada, saltou por cima de mim e do cavallo, gritando: “Sacy-Sacy”. Nessa ocasião como que despertando de um sonho mau estremecei-me todo, e olhando para trás e não vendo ninguem, fustiguei o cavallo e em poucos minutos estava em casa... Ahi narrei o occorrido a minha mãe que, entre incredula e receitosa, me aconselhou a não mais ouvir as historias dos camaradas.</p> <p>Outro facto que se deu commigo tambem de incontestavel veracidade, foi o seguinte:</p> <p>Em 1900, tendo morrido meu pae, liquidamos tudo em Silveiras e viemos para S. Paulo.</p> <p>Aqui moravamos na rua da Abolição e eu já estava bem taludo. Uma noite em que não pude conciliar o somno, altas horas, senti passos no meu quarto; olhei e vi um vulto, em forma de um urso negro, pelludo, caminhar em direcção ao meu leito. Tive muito mêdo, quiz chamar por minha mãe que é sempre quem se chama nos momentos de afflicção e não pude. O urso chegou-se até o meu leito, deitou-se commigo e disse: “Não tenhas mêdo; sou o Sacy, mas agora em forma de urso... a ahi ficou. Este facto reproduziu-se por mais de um mez sem interrupção. Por fim eu já estava familiarisado com aquella companhia diabolica mas realmente inoffensiva.</p> <p>Uma noite o meu companheiro (urso e diabo ao mesmo tempo) chegou mais cedo e eu tambem adormeci mais cedo ao contacto daquelle pelo negro e macio; quando acordei estava só.</p> <p>Na noite seguinte não veio e nunca mais me appareceu. Nunca mais appareceu, mas eu receio que elle se tivesse encarnado, no meu corpo... Bonito se eu fiquei com o diabo no corpo!...”</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 616 – qui., 22, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 58)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 234	
<p>De Sorocaba escreve-nos o sr. Luiz Fleury:</p> <p>“Com horripilações de puro medo, ouvia, tamanhinho, as convictas narrações ingenuas feitas pela velha preta Catharina, aggregada de casa, das não menos ingenuas diabruras do Sacy.</p> <p>Pintava-m’o como sendo um negrinho de ventre rubro, á cabeça um barrete da mesma tinta, as mãos perfuradas e a deslocar-se rapido, aos pulos, sobre sua perna unica.</p> <p>Noctivago. Apparecia pelas matas, campos, estradas ermas, solitario ou em bando numeroso, assobiando: “Sacy ... pê... rê... êrê...”.</p> <p>E hoje fico-me a scismar na extraordinaria onomatopéa que é o nome do duendezinho. Que realidade imitará, se aquelle assobio é tão irreal como o Sacy? Explica-se, talvez, o caso, por uma influencia analogica do citado phenomeno de linguagem.</p> <p>--- Que o Sacy gostava muito de andar em “montaria” --- affirmava a Catharina.</p> <p>Quando topava um cavallo no pasto, lançava-o com o cipó, traçava-lhe as crinas á laia de estribos e redeas, encarapitava-se-lhe no pescoço, atirando o pobre animal em desabaladas carreiras, até o exaurir e aguar. Ao outro dia era um “Deus-nos-acuda” para desentrançar as crinas, que, vezes não raras, fazia-se necessario cortar-as, na impossibilidade de desatar os nós, arrojados “á sustancia” e de feitio tal que ninguem lhe conhecia o mysterio.</p> <p>--- Quando a gente quer uma coisa difficil, nhônhôsinho, e só amarrar o Sacy num rosario de capim.</p> <p>--- Não te solto dahi, cabritinho, emquanto não me fizer isto!</p> <p>Eh! O Sacy fazia mesmo! Ora se ...</p> <p>Assim praticavam as costureiras. Porque, coitadas, o moleque punha um especial e immenso prazer em apoquental-as! Escondia-lhes os dedaes, as agulhas, as tesouras, embaraçava-lhes a linha ...</p> <p>De todo inutil atal-o á mais forte corda, ou agrilhoal-o com as cadeias de mais grossos élos: rebentava, espatifava tudo como a alfenim e fugia ...</p> <p>Ao revés, em sendo preso num rosario, ou numa palha apanhada em redomoinho, com tres nós e orações apropriadas, preso ficava até que se resolvesse a gente a dar-lhe de novo a liberdade.</p> <p>E Catharina ria-se aos guinchos, entretanto que eu vagamente pensava em amarrar o Sacy, obrigando-o a satisfazer os meus utopicos desejos infantis: duplo sonho de vencer com o impossivel o impossivel...</p> <p>Mas os sete anno acceitam tudo --- como o papel. Não digo bem; fazem mais: carregam, sob o imperio da auto-sugestão.</p> <p>Não me enchia as medidas á imaginativa a descripção feita pela negra velha; era-me insufficiente á volupia do terror aquelle Sacy sem traços exaggeradamente pavorosos, terrificantes: e eu completava-o, por conta e risco da minha inconsciencia ---</p>		

tão grande que eu cria depois arrepiadamente no que inventava para essa obra irreal de requintes, quicá de psychismo transtornado pelas outivas continuadas de historias, tecidas exclusivamente de excitantes ás “phobias”.

Criei-me o meu Sacy. Podiam-m’o figurar como quizessem: eu visionava renitentemente o filho do meu prisma interior: carinha retinta, engelhada como a de mono em rictus numa exposição de arreganho, toda a multidão amarella dos grandes dentes ponteagudos; orelhas enormes, á semelhança das de morcego; corpinho obeso de glutão, forrado por uma espessura negra de pellos: e a perna unica --- oh! que sabor nesta singularidade impossivel de rejeitar! --- a perna unica era fina, de azeviche, terminada em garras de corvo! E os olhos? Grandes, redondos, esbugalhados, abrindo duas vivas chagas de phosphorescencia sanguinea na escuridão! Quanto á barriga vermelha --- não sei surprehender o porque subtil --- era-me inadmissivel.

Outras poucas concepções, adquiridas mais tarde, tentaram superpor-se á que eu formava do estranho mytho --- estranho principalmente se attentarmos no facto de ter sido elle um producto da psychologia dos selvicolas, que nunca poderiam ter visto nada de uma perna só. Nada, a não serem certas aves --- lembra-me agora isto --- ribeirinhas notadamente, quando na posição peculiar de repouso paradoxal --- attenta a maior difficuldade do equilibrio --- sobre uma só das patas.

Como da alludida tentativa de superposição resultasse uma tal confusão amorpha de imagens, que impossivel me fôra precisar a incoherencia composita dos contornos, passei a suspeitar houvesse varias especies de sacys, ou, pelo menos, que o duendezinho fosse um emulo de Protheu...

O certo é que á minha eu preteria todas quantas concepções me diziam. Instincto de paternidade!

Catharina contava, repisava sempre as mesmas historias: crianças pelo Sacy attrahidas com lindos engodos e promessas lindas, para o mato, onde as abandonava perdidas; pessoas do tempo “de d’antes”, que amarravam o moleque para lhe exigir riquezas, ou que, para o mesmo fim, lhe arrebatavam de surpresa a carapuça vermelha --- cuja posse constituia para o endemoninhado negrinho condição “sine qua non” de seu poder sobrenatural; sacys que se laçavam com rosario, ou se apanhavam com peneiras em redomoinhos; tudo coisas muito sabidas.

Lá vão duas historias:

“Certa vez um cavalleiro, viajando altas horas foi assaltado por um Sacy, que se lhe escanchou na garupa e se poz a azoinal-o com a púa estridente do assobio. O homem, conhecedor do ponto vulneravel do Sacy, soffre-lhe pacientemente todas as diabruras, na expectativa de um momento favoravel para lhe illudir a dexteridade extrema e subtrair-lhe o barretinho. É o que se dá, afinal.

E logo o Sacy, numa humildade tão miseravel como a humildade humana, a supplicar, supplicar com lagrimas --- restituisse-lhe a séde do seu poder diabolico, que em paga daria o que lhe fosse pedido...

--- Dinheiro! Uma pilha de ouro! --- brada prompta a avidez do viajante.

Já um montão de moedas despede faiscações fulvas no meio da estrada, magnificamente luarisada!

O viajante salta do cavallo na ancia de ouro que o dementa e quer como que abarcar aquella profusão inconcebivel de moedas amarellas que rolam, fogem, tinindo, retinindo soberbamente ... Perdido esforço em que tressua e todo treme e vibra, numa febre. Subito, todo aquelle immenso thesouro faiscante se lhe sumira á vista, num átomo de segundo, como sorvido por um fundo abysmo hiante, logo fechado!

Mãos crispadas, olhos saltados numa exophthalmia de ira, o homem volta-se de repellão, como disposto a jogar-se sobre o Sacy e reduzil-o a postas, ao patife!

Mas este, já de gôrró á cabeça, pulando, pulando, com o pollegar sobre a ponta do nariz e a mãosinha negra espalmada num gesto pulha de escameo, acabava de evaporar-se, com um “fiiiiiá” de perfurar os tympanos ...

É que o homem se esquecera de benzer o ouro!”

Esta agora, de um atheu, cujos labios tanto conheciam as blasphemias horripilantes, quanto ignoravam as orações.

Vindo a recolher-se a deshoras por uma noite esplendida de verão, em que andára a passear a sua insomnia á grata frescura do sereno, um Sacy atravessa-se-lhe diante, salta-lhe aos hombros, põe-se-lhe a trançar apertadamente a cabelleira que usava grande. Tratava aquelle corpo que a tão bruta alma escondia, como a um bruto, um animal.

Baldadamente lutava o misero sentindo o couro cabelludo repuxado em milhões de pontos que lh’o crivavam de miilhões de dôres agudas, num desordenado desespero, por sacudir de si o sêr demoniaco, que, certo, promptas as tranças, havia de o impellir pelas ruas afóra, numa hippogryphica disparada de morte...

Percorriam-lhe mesmo os nervos das pernas, a despeito de todo o esforço concentrado e contrario da vontade, uns pruidos impacientes, taes como os que devem sentir os cavallos de corridas que esperam o signal de partir...

Em apuros taes, que alma de bronze não vergaria genuflexa?

Por sem duvida que mais vale ser beato do que azémola!

E, sob o testemunho dos infinitos olhos nictantes dos céus --- o atheu baqueou de joelhos e... forjou uma oração!

Milagre! O Sacy desapareceu desprendendo um forte cheiro de enxofre e os milhões de dôres curaram-se.

E ao seguinte dia os primeiros raios do sol vieram beijar a fronte contrita do ex-atheu, que ainda trespassado de orvalho, forjava, forjava e forjava mil e uma orações...

Na esperança de colher coisas interessantes, tratei de ouvir algumas pessoas. Foi uma decepção, quasi, como se verá.

--- Aqui vim especialmente para que me conte o que souber a respeito do Sacy.

--- O quê? Do Sacy?!

E a velha a rir-se, na surpresa de tão estranho motivo de ser procurada.

Sempre ouvia falar no Sacy; mas não se lembrava muito: sua memoria enfraquecida pela idade...

--- Diz-que é um negrinho de uma perna só, dador de dinheiro p’ra gente...

Mas é “perciso” rezar. Não sei qual é a reza.

Esteve um pouco a pensar.

--- A gente antiga dizia que não era bom ter cisco no canto, em casa. O Sacy gosta muito de cisco.

Uma vez estavam umas pessoas conversando na cozinha. “Ansim”, no canto estava um monte de lixo. Eram alli umas horinhas da bocca da noite. Pois não é que de repente o lixo “garrô” remexer, remexer, “ansim”? Elles olharam. E viram um Sacy sahir pulando do meio, co’o barretinho vermelho na mão e ir-se embora ...

Diz que é um negrinho sêcco, feeieio!

--- Mecê acredita no Sacy? --- perguntei.

--- Eu? Acredito! Diz que é o “Coisarum”, pois como não hei-de acreditar?

Nha Dicta Rolinha (o nome é supposto) diz-que já viu... Ella deve saber muitas historias.

--- E mecê?

Encolheu os hombros:

--- Eu já não me lembro ... ché!

De cabeça baixa, parecia revolver recordações.

--- De uma feita --- começou --- havia um padre muito religioso, que morava numa chacara. O Sacy p’ra “atromentar” o padre, montou nos hombros delle ...

--- Com uma perna só?
 --- Ué! porque não? Elle “avôa...!” Pois se é o Diabo! Pinta a manta c`uma perna só, que fará se tivesse duas ...
 Credo!
 Mas como eu ia contando, o padre agarrou no rosario, dava co`elle duma banda, num hombro, o Sacy pulava p`r`o outro ... O padre dizia ... Ora como é mesmo que elle dizia? Ah! Dizia:
 Sacy-pérére
 Que no ... tem mé!
 E abafou um riso de vergonha no chale.
 --- Isso “atromentô” o padre, mas “despois” sahiu. “Ansim” me contavam.
 --- Mecê disse que o Sacy dá dinheiro ...
 Dava. Entrava em casa, pinchava o barretinho: quem o apanhasse, dava-lhe o Sacy uma porção de dinheiro.
 Nha Rolinha assim me descreveu o Sacy:
 “Negrinho de um metro de altura, mais ou menos, com uma perna só e pé em fórmula de casco de carneiro. Traz na cabeça um gorro avermelhado. Anda aos pulos, tendo o cuidado de encobrir o rasto. A cada metro de distancia dá um assobio fortissimo. É impossivel dar-lhe caça, a não ser com um rosario bento e virgem.”
 Mostrei-lhe o “cliché” do “Estado”.
 --- Esse que é o Sacy? --- perguntou-me. Está muito gordo. Elle é sequinho, entra pelas frestas das janellas, pelo buraco das fechaduras...
 Disse-me já ter ouvido assobiar um Sacy, aqui na cidade, ás oito e pouco da noite.
 Contou que um seu defunto compadre, morador no Itinga, tinha visto um Sacy, certa noite, entrar na cozinha de sua casa, attrahido por um pote de cangica, preparada para um “muchião”. O compadre estava deitado, em quarto contiguo á cozinha, e ficára estarecido, balbuciando orações.
 O Sacy, pulando, pulando, chegou até ao pé do pote, trepou acima, mergulhou-se na cangica. E toca a fartar-se.
 --- Comeu, comeu, comeu e quando ficou enjoado vomitou de novo tudo no pote!
 O compadre disséra que se tivesse na ocasião uma peneira e um rosario virgem, tapava o pote com aquella, deitava por cima o rosario e prompto, apanhava o “bichinho”...
 --- Que é Sacy, nha Rolinha?
 --- É o “Coisaruum” baptisado.
 --- Como?
 --- É essa gente baptisada mas que vira Diabo, por ser malvada.
 Ainda contou outras lérias costumeiras: o Sacy a petecar brasas a gorar ovos, a trançar as crinas aos cavallos, de que suga o sangue ... Esgotados os escaninhos da memoria, calou-se ... sem que me houvesse dito nada interessante.
 Por algum tempo acreditei na existencia do Sacy; mas, á maneira que me ia crescendo em vigor a intelligencia e a faculdade da critica permittindo separar o joio das noções fantasticas, do trigo das reaes, foi-se-me elle afundando numa queda de desprestigio... Ainda viveu algum tempo dentro da minha psychologia, absurdamente tolerado, já que alli o amparavam opiniões por mim então havidas como edoneas, de pessoas que asseguravam tel-o visto. Dessa posição falsa, porém, não demorou muito que o Sacy rolasse para a cova do esquecimento, o que se deu muito antes de qualquer estudo sobre suggestões e contagios de mentiras, que me explicassem o valor daquelles “testemunhos de vista”.
 Ha que de annos não ouvia falar no Sacy!
 Agora “O Estado” a lembrarm’o!
 Não fôsse expresso e o intuito do “Estado” seria transparente: prestigiar as coisas nacionaes que o amor pedantesco exclusivo das forasteiras ia empurrando para o monturo dos archaismos imprestaveis e ridiculos, e abrir, para as agasalhar, um seio quente de interesse na alma da arte brasileira.
 Quiz tambem concorrer para essa obra patriótica, não fosse a consciencia accusar-me depois, se me deixasse levar pelas reflexões de commodismo.
 Lá segue o meu esforço, não sem a companhia de meus votos por que o Sacy, o alegre e bregeiro mytho de nosso povo passe, emfim, a figurar nas criações dos nossos artistas ...”
 *

Em jornal: *Estadinho* - 616 - qui., 22, fev. - 3: 1 a 5

(dep. 59)

Em livro: *O Sacy Pererê*: resultado de um inquérito - 2008, p. 242

Depõe Melchior:

“Na época de hoje, em que o povo é completamente descrente, malicioso, a não ser uma certa ordem de homens que nasceram e cresceram nas sombras das matas virgens, e alli vivem sem ter uma pequena noção do que seja a civilização, a vida pratica, o mundo emfim, é que podem conservar, com toda a estupidez dos seus espiritos, essas crenças antigas.

Mas nós outros que temos a idéa aclarada por um raio luminoso chamado sciencia, não admittimos certas crendices de ha cem annos atrás, porque exigimos provas, e uma vez que ellas não existem, não consagramos nenhuma crença e consideramos tudo como simples futilidade.

Mas não é por isso que deixarei de narrar, nestas poucas linhas, alguns casos, com referencia ao Sacy-pererê.

Quando criança, vivia em uma fazenda do interior do Estado, e tinha-se por costume, nas noites de inverno, fazer-se uma fogueira no centro da cozinha, onde se passava parte das noites, em alegre palestra em companhia dos vizinhos mais proximos. E, então, ouviam-se casos de arrepiar os cabellos.

Foi alli, pois, que tive a ocasião de ouvir contar que o Sacy é um amante fervoroso do fumo.

Nas vizinhanças da fazenda, existia um casal de pretos, antigos escravos, que contavam que tinham por habiito deixar o cachimbo de barro, á noite, sobre o fogão para fumarem no dia seguinte depois do café. Mas acontecia que em vez de encontrarem o cachimbo cheio de fumo como haviam deixado, encontravam o fumo substituido por estrume de cavallo. E, assim passou-se muito tempo sem que pudessem desvendar o mysterio. Até que uma noite o tio Joaquim resolveu vigiar o cachimbo, escondido num canto da cozinha. Mas aconteceu que elle dormiu, despertando logo com um pequeno barulho no fogão. Então, viu, com grande espanto, que estava um pretinho, completamente nú, assentado sobre a taipa do fogão, com o cachimbo na bocca, fumando muito socegradamente. Foi tanto o medo que se apoderou do tio Joaquim, que perdeu a razão por algumas horas. Desde então, o tio Joaquim, nunca mais deixou ficar o cachimbo sobre o fogão e pregou uma cruz de cedro atrás da porta, para que o visitante nocturno não tornasse mais.

Contavam, tambem, que tendo morrido um vizinho, foi preciso mandar um portador á cidade, afim de comprar o necessario para passarem a noite guardando o defunto. E na volta, o portador sentiu que o animal diminuia a marcha, chegando mesmo a parar, e de vez em quando sentia alguma coisa lhe tocar nas costas mas não se incommodava. Porém, ao chegar a uma

porteira de varas, era necessario apaar para abril-a. Nessa occasião, viu saltar da garupa, para cima da porteira, um pretinho de uma perna só e de olhos e bocca muito vermelhos. E o cavallo, apesar de cansado, deu uma passarinhada, estendendo-o por terra. Quando teve acordo de si, era já quasi dia e ainda faltava uma legua para chegar em casa.
Tudo isso por causa do Sacy-perêrê.”

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 617 – sex., 23, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 60)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 222</i>	
	<p>De Santa Rita, Carlos d’Eça envia-nos o depoimento abaixo: “O “Estadinho”, de 27 de Janeiro ultimo abre as suas columnas para colher depoimentos dos leitores a proposito da lendaria “personalidade” do Sacy-pêrêrê, o mais travesso dos duendes da mythologia brasileira. Diz-se que Sacy-pêrêrê vem dos autochtones, como corruptela de --- Çaacacy-perereg. --- É possível. Eu, porém, inclino-me para as fileiras dos que pensam que a onomatopéa foi o maior factor se não a unica geradora do termo. Sempre, desde que comecei a entender o sentido das palavras ouvi dizer-se Sacy-cererê --- e não pêrêrê. Ao que pude alcançar, o Sacy da lenda emite um assobio cujo som, muito brando, parece dizer em ciclo: Sacy ... cererê, com pequena pausa entre as duas primeiras e as tres ultimas syllabas. Aquelles que, como eu, têm viajado, ao cahir da noite, por essas estradas sombreadas de arvoredos e quasi desertas que cortam em longa extensão o Estado de Minas e o de S. Paulo (são os que eu conheço), terão ouvido o pio sentido e monotono de um pequenino passaro que acompanha, por dentro do mato, a marcha do animal. O som da sua voz parece dizer: Sacy ... cererê. Affirma a lenda que essa avesinha é o proprio Sacy em uma das suas metempsychoses. Propendo para a onomatopéa devido a outras aves que a ella devem os seus nomes: O bem-te-vi, o curiangu, o sem-fim, o tizio, o cará-cará e outras. A primeira idéa que tive do Sacy me foi suggerida provavelmente por duas negras velhas e duas mucamas novas, na casa onde nasci e que é hoje, segundo me parece, residencia do exmo.sr. bispo de Pouso Alegre, nessa encantadora cidade mineira. Digo provavelmente, porque foram essas dedicadas servas que me acompanharam os primeiros passos. Lembro-me bem daquelles tempos, sem embargo dos trinta e muitos annos decorridos. Depois de orar junto de minha mãe, ás “Ave Maria”, nos mezes de inverno, em que a noite desce mais cedo, corria eu para o “varandão”, ansioso por ouvir as historias maravilhosas do “principe encantado”, da “Mourama”, da “Bella e a Fera”, do “Aladino” e outras e muitas outras que minha alma de crianca sorvia avidamente. Foi assim que se me incutiui na imaginação e nella tomou vulto a figura sinistro-jocosa do Sacy-cererê, negrinho peralta, esperto e maligno, todo vestido de ganga encarnada, na cabeça uma carapuça ponteaguda da mesma côr, os olhinhos brancos e activos a luzirem, irrequietos e maliciosos no nankim tapado da cara redonda; labios rubros e grossos, entreabertos, deixando ver a dentadura muito alva e de serra, como se fosse limada. Na treva profunda da noite alta lá vae elle, aos saltos na sua unica perna, pelos pastos e vallados em demanda de um cavallo. Aproxima-se-lhe, trança-lhe na crina uma laçada á guisa de estribo e monta-lhe o pescoço. Eil-o a galopar desenfreadamente, a tóa, sem rumo, até que o prenuncio da madrugada fal-o abandonar o animal e esconder-se no seu antro ignorado, por caminhos invios, procurando evitar o encontro perigoso do lobishomem, de quem elle treme. Nessa manhan, ao ser recolhida a tropa no mangueiro, nota o “patrão” que um cavallo vem suado e “fino”, a crina emmaranhada e coberta de carrapicho. Não procura indagar da causa; para elle não tem que ver, foi o Sacy, o negrinho excommungado, de uma perna só. Mas, deixa estar, elle lhe pagará! Irá pedir a tia Balbina, emprestado, o seu rosario de 15 “padre-nosso” e, á meia noite, na dispensa da cozinha fará uma fogueira e quando esta se fôr apagando apparece, com certeza, o Sacy para atear-a. Então elle, de longe, atira-lhe o rosario ao pescoço e o Sacy “soverte” para nunca mais, deixando o rosario. A tia Balbina não tem medo de Sacy! Chama-o até: --- “Sacy cerêrê!” E elle responde: “Acende o pito, siá Balbina” --- e vem, pula-pulando, a tremer, com medo do rosario de 15 “padre-nosso”. Que pavor tinham os ingenuos, nesses ledos tempos, da tia Balbina, velha mineira que vivia retirada e só, numa tapêra, lá para a banda dos “Taipas”! Que papel representou tal credence na minha vida? Nenhum. Reminiscencias dulcissimas ... Saudadas perennes do “meu tempo” e da minha terra donde sahi ha 26 annos e onde nunca mais pude voltar. O “struggle for life” fez apagar-se-me na memoria a figura do Sacy agora revivida. Qual a fórmula actual da credence na zona em que residio? O pessoal da zona é “escovado”. A credence, mesmo nos mais antigos, está quasi extincta. Existe ainda um ou outro caboclo velho que “agarante” ter visto e “escutado” o Sacy. Esses, porém, são rarissimos. Para a quasi totalidade o Sacy já não passa de “conversa fiada” e “embromação”. A pintoresca lenda desaparece escorraçada pelo elemento estrangeiro que a ella e ás suas congeneres se não adapta, pelo menos aqui. Quanto aos “casos passados ou ouvidos” que eu sei a respeito do Sacy, são elles tantos e tão conhecidos que me arreceio de repetil-os. Contarei apenas um, que, por ser inedito e se ter verificado aqui, neste municipio, talvez mereça a pena ser narrado. Foi ahi por meados do ultimo quartel do seculo passado. Um fazendeiro, querendo aproveitar as noites de luar, pela sua fresquidão e amenidade, ordenou ao carreiro que jungisse os bois, á noite, pois desejava transportar, no carro, uma partida de café com côco para ser beneficiado na machina de um amigo que morava distante. A’s dez horas sahia o carro carregado. Cerca de meia noite começou a entrar na estrada da mata, assim chamada devido ao espesso arvoredo que a ladeia. Ao penetrar o carro no bosque ia o fazendeiro sentado sobre os saccos de café, distraido, a chupar canna. O carreiro, de pé no cabeçalho, incitava os bois, mais por habito que por necessidade. O carro rechinava dolente, despertando os écós no coração da mata. De subito parou. Os bois, a uma, despedaçando cangas, arrastando tiradeiras e partindo chifradeiras, abalaram, aos arrancos, tombando o carro e espalhando a saccaria. O fazendeiro foi arremessado á distancia, meio desaccordado. O carreiro, esse, envolvido no alluvião de peças partidas, teve uma coxa luxada e só voltou a si horas depois. Qual a causa do estouro? Um Sacy trocista que, sahindo da mata, meteu-se por entre os bois, para atravessar a estrada. O carreiro teve tempo de vel-o mas não de evital-o. Creio que esse antigo sertanejo ainda vive. Se assim fôr é certo que se benzerá todas as vezes que vir um redomoinho de vento, invenção e divertimento do Sacy cerêrê.</p>	
	*	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 617 – sex., 23, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 61)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 226	
	<p>Fernando Guimarães conta o caso do Sacy do Pau Arcado. “Tendo lido algumas lendas do Sacy, a proposito de inquerito do “Estadinho”... lembrei-me desta pequena historia que ouvi quando criança, de um caipira de Santo Amaro. Contava, então, o Nho Chico Emboava o seguinte: --- “Lá no bairro do Pau Arcado, aonde nós morava, eu e meu mano Juca, havia um Sacy --- o pretinho de uma perna só que não dexava a gente sucegá. Uma feita, a famia tinha ido pra cidade e nós ficamo, pra mórde uma caçada de pacca, que nós tinha combinado fazê de madrugada, ante de creará o dia. Nóis se apromptamo e fumo se deitá mais cêdo pra não perdê a hora. Na varanda de jantá tinha uma rêde de argodão. Os dois quarto pegado aonde nós se acomodava tinha porta pra varanda. Nóis logo que se deitemo apagamo o candiero. Ficô tudo na escuridão. De repente, eu não tinha ainda pegado no somno e eu ouvi --- nhéque... nhéque... nhéque... Ué! Tem gente se abalançando na rêde! --- Juca, Juca, vancê intão não qué dormi? Não se alembra que nós precisamos se alevantá ás 3, pelo meno? Meu mano Juca não me arrespondeu. Me alevantei. A porta do meu quarto estava aberta. Risquei um fórho e oiei ... Nada! Tava tudo parado. Não tinha ninguem na rêde. Eu não me assusto cum quarqué coisa e pensei logo que tava sonhando. Fui me deitá ôtra vêis e nim bem apaguei a lues, a rêde a continô --- nhéque... nhéque... nhéque... i com mais força. Ó dianho! Levantei-se devargazinho e fui de ponta de pé, e quando cheguei na porta, risquei o fórho! Crues! Tava tudo quiéto! Fiquei zangado. Arranquei a rêde do lugá e joguei enriba da mesa de jantá. Fui se deitá ôtra vêis, mais meio arranhado cõa brincadera. Mais não tive tempo pra me cobri e já principiô um baruiô inferná cõas argola da rêde --- tréque... tréque... tréque... Meu cabelo arrepiô, mais como nunca corri de cuca, assentei de vê o que era aquillo. Acendi ôtra veis o candiero e fui acordá o mano Juca, que dormia como um porco: --- Vancê está hoje de arrelia?! Não dexa a gente dormi. Oié que nós temo que matá a pacca, hoje, sem farta. --- Vancê é que tá sonhando, nho Chico. Apercebi intão que o mano tava memo dormindo e lhe contei o causo da rêde. Meu mano disse que talvez fosse o compadre Leoné que dórme pesado, no rancho, que tava çaçoano de nós. --- Quá o quê, disse eu. A noite tava calma, apena assoprava um ventinho fresco. A lua tava crara e o céu semeado de istrela. Abri a porta que dá no terrero; o candiero apagô de tudo e o pretinho de uma perna só, sahiu dando uma risada vermeia de fogo, despejando um chêro de inoxofre pelo terrêro á fora... Era a historia do Sacy do Pao Arcado.” Se o sr. M. L. achar que esta pequena historia serve para os fins que deseja, poderá se utilizar della, dando-lhe mais brilho e mais interesse na narrativa.</p>	
	*	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 617 – sex., 23, fev. – 4: 1 a 4	(dep. 62)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 230	
	<p>Escreve M. A. Sant’Anna: “Accorrendo ao vosso curioso appello sobre a personalidade do ‘Sacy-perêrê’ e acompanhando com certo interesse as impressões manifestadas por alguns leitores do “Estadinho”, avivou-se-me tambem o desejo de vos fornecer alguns dados que se na sua totalidade não sejam de uma originalidade estupefaciente, pelo menos virão engrossar o bello contingente de narrativas que todos os dias virtuum as columns do “Estado” Junior. Aproveito de boa mente o ensejo que me proporcionastes, de trazer para o presente esse alluvião de puerilidades que constitue a “alma mater” dos bellos tempos transcorridos na minha despreocupada meninice. Regulava eu pelos meus 12 annos. Criado numa cidade litoranea do nosso Estado, era testemunha inconsciente das historias contadas pelas “tias-velhas” que na sua pachorrenna vocação procuravam incutir no espirito da meninada credula e medrosa a existencia quasi palpavel desses bizzaros habitantes dos logares mal-assombrados. Umaz vezes eram as mulas sem cabeça que corriam ao longo das praias, ao luar, deitando fogo pela bocca; outras os lobishomens que corriam desnorteados pela noite erma ao alarido inferna da matilha que os perseguia; outras, os fantasmas medonhamente esgueirados que a passos lentos e aspecto impassivel faziam a sua funerea passeata pela cidade até se perderem de vista pelos rochedos ou pelos morros afastados. Lembro-me de um rapazola que, em casa, tivera ordem de ir a uma outra praia distante da cidade uns 8 kilometros, desempenhar-se de um serviço. Para esse mistér necessitava atravessar um caminho estreito sobejamente ensombrado de arvores que, á noite, ao açoite da lufada, gemiam vagarosamente, infundindo terror a quem dellas se aproximava. Entre essas arvores existia a lendaria figueira que, segundo a crendice dos praianos, tem a virtude de attrahir as almas penadas e de ser o “rendez-vous” dos espiritos das trevas. E o nosso rapaz, vendo cahir a noite, relutou heroicamente em fazer esse caminho, asseverando judiciosamente apparecer a essas horas na tal figueira um “corpo secco” que muitas vezes fóra visto baloiçar-se macabramente a um galho. Sobre o “Sacy”, propriamente, as versões são innumeraz. É conhecido naquellas bandas por “Sacy-paterê”. A’s ave-marias faz-se ouvir pelas matas verberando no silencio da noite o grito que o caracteriza. Assume a fórma de um passaro preto, dansando numa perna só com uma agilidade diabolica. Persegue tambem os animaes no campo e monta-os, servindo-se da cauda como redeas. Quando os pescadores, para não perderem a madrugada vão pernoitar nos ranchos á beira da praia, a certa e determinada hora são surprehendidos pelo Sacy arvorado em chefe malfeitor. Esses homens costumam deitar-se nas proprias canoas e, quando senão quando, são despertados pelos safanões da embarcação, olham em redor e vêem um bando de sacysinhos todos pretos e de carapuças vermelhas a empurrar a canôa no meio de assobios e gargalhadas estridentes. Só se erguem estremunhados, fazem o sinal da cruz e apostropham um “creindospadre” tonitroante. Ouve-se um estouro e o bando se dilue no espesso da fumarada de enxofre.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 618a – sab., 24, fev. – 3: 4 e 5	(dep. 63)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, p. 274</i>	
<p>Zé Caipora sacode o pó das velhas reminiscências e fala do Sacy concebido pelo povo do nordeste brasileiro: “Não é demais, estender o inquerito interessantíssimo sobre o Sacy, ao norte. Passei os doces annos da minha infancia no sertão do Ceará, minha terra. Lá, ouvi as lendas populares, correntes no Brasil, mas a lembrança das suas narrativas já estão quasi dissipadas da minha memoria. Vão tambem 15 annos e o tempo é um grande destruidor ... Só agora, volto a interessar-me pelo assumpto tão felizmente agitado pelo “Estadinho!” E, tirando o pó da memoria, posso dizer algo do Sacy-pererê, tal como é concebido e divulgado no nordeste brasileiro. Em principio: não se lhe dá absolutamente este nome, mas o de Caipora, se bem que seja tambem representado por um negrinho ou caboclinho “pererêca” (corrupção de pererê?). Do Caipora, nunca ouvi dizer que tenha uma perna só, como é o seu caracteristico por aqui; usa, como o Sacy a carapuça encarnada e as suas travessuras, no gallinheiro, no engenho, no curral, na cozinha, não trazem menos atribulados os sertanejos do norte, do que os do sul. Lá como aqui, é parente do diabo. Ha certas variantes e caracteristicos que completam a figura pittoresca do Sacy. O Sacy é um peralta; o Caipora é um pouco mais do que isto: faz mais diabruras do que traquinadas. O traço da personalidade moral (??) que melhor o define é ser um grande fumador e um cachaceiro inveterado, principalmente o primeiro: “Fuma como um Caipora” é um ditado corrente. Costuma postar-se nas encruzilhadas e nos caminhos, cavalgando sempre um enorme caeteté, esperando a passagem de algum arreiro (tropeiro), para pedir-lhe fumo. Se isto lhe é negado, mesmo que o pobre homem não o traga, o Caipora não perdôa; chicoteia-o até deixal-o moido ... E a sua montada, o porco selvagem, é mais veloz que o veado e, como o Caipora, torna-se invisivel quando é mister. Ah! quantas vezes o Caipora surra uma criatura sem ser visto, portanto sem o risco de apanhar tambem! Os caçadores, então, têm um temor supersticioso do Caipora; --- e nenhum Nemrod se aventura a uma excuro sem ter a prudencia de levar bom fumo e uma pinga para o heróe das capoeiras. Não é ingrato, --- eis uma virtude do Caipora. Satisfeito o seu “ultimatum”, elle, que é o rei das caças, assobia e o silvo agudissimo é a chamada das victimas; o caçador feliz escolhe quantas e quaes quer. Ai, porém, das suas vinganças! O caçador, alémda tunda, nada conseguirá caçar, se fôr imprudente e não pagar o tributo aos seus vicios. Nas regiões onde predomina população de origem indigena, prefere-se represental-o trazendo na cabeça uma “urupemba” em vez de carapuça; mas onde predomina a mestiçagem africana, como na Bahia, é a carapuça vermelha. No sertão bahiano, onde a superstição é mais grosseira, o Caipora é mais fantastico: “tem uma banda só” mas faz diabruras por cem. Disse-me um antigo escravo: “Deus Nosso Senhor não quer que Caipora appareça completo, porque se da metade ninguem pode dar cabo, se fosse completo acabaria o mundo.” (Se o Criador fizesse o mesmo com os nossos politicos ...” Todas as narrativas que ouvi, foram contadas por pessoas “populares” e crentes: algumas testemunhas oculares, outras victimas, outras favorecidas. Nunca me preocupei em guardal-as na memoria. Tambem suppunha eu que, quinze annos depois, iria tomar interesse por um inquerito do “Estadinho”!</p>		
*		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 618a – sab., 24, fev. – 3: 4 e 5	(dep. 64)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito – 2008, não transcrito</i>	
<p>O sr. R. Ceylão pertence á phalange immensa dos para quem o Sacy existe positivamente. Elle o affirma e jura: “Acompanhando com a maxima curiosidade os depoimentos até agora publicados por essa distincta folhasinha, notámos que, na sua maioria, se referem ao apparecimento do Sacy, verificado ou em pleno sertão ou em pontos afastados das cidades, como succedeu com aquelle cidadão que se viu obrigado a travar um “jogo de pau” com a endiabrada personagem da mythologia brasileira na estrada do Pary. Esta circumstancia concorre para perpetuar-se a presumpção de que o Sacy não existe, sendo por consequinte, uma mera criação da ignorancia ou do medo. Ora, sr. redactor, o Sacy existe, e isto podemos affirmar sem o mais leve rebuço. Nascidos e criados na roça, vimo-nos por varias vezes, na emergencia de martyrisar o ventre de pobres animaes com fortes esporadas, para nos furtarmos ás diabruras do Sacy, que nos esperava nas encruzilhadas com o fim de se divertir á nossa custa. Crentes, porém, de que o negrinho de olhos de fogo, de uma só perna e com a sua inseparavel carapuça vermelha era gerado pelo medo que se assenhorea de quem, a horas mortas da noite viaja completamente desacompanhado, por uma estrada cercada, de todos os lados, por espessa mata virgem, conservámo-nos calados até este momento, lendo apenas, attentamente, os depoimentos publicados pelo “Estadinho”. Mas, já não podemos continuar em silencio, pois um factó sensacional --- como seja um encontro com o Sacy numa importante arteria desta formosa “urbs”, --- nos obriga a depôr no inquerito aberto por v. s. O sino da torre da estação da Luz soava as doze badaladas da meia-noite. Armados de um saboroso “Havana”, dirigiamo-nos para nossa casa, quando, ao dobrarmos uma esquina, deparámos com o nosso amigo conhecido da roça, --- o negrinho da carapuça vermelha. Nada lhe sabemos dizer, quanto ao fim que tiveram o nosso “Havana” e o nosso chapéu; o que podemos asseverar, porém, sr. redactor, é que, ao recuperarmos a calma, nos achavamos bem longe do local em que havíamos encontrado o Sacy. Resignados com a perda daquelles objectos, tomavamos ao caminho de nossa casa, quando, um forte assobio denunciou-nos a presença do Sacy. Chegamos a esmorecer. Mas, sr. redator, factó estranho! Incrível! --- nesse dia o Sacy estava de bom humor! ... Apesar de bastante receosos entretivemos uma pequena palestra com elle e o convidamos, por fim, a ir connosco ao centro da cidade, para ser apresentado aos urbanistas que porventura ainda alli estivessem. O endiabrado moleque accedeu ao nosso convite. Dirigimo-nos, em sua companhia, pela rua Florencio de Abreu, fazendo grande esforço para acompanhal-o. Mas, sr. redactor, chegados ao largo de S. Bento, qual não foi a nossa surpresa, ao verificarmos que nos achavamos sós, completamente sós! Cansamo-nos na esperanza de poder proporcionar á população paulista uma novidade, mas o nosso trabalho foi improficuo: --- o Sacy desaparecera mysteriosamente! ...”</p>		
*		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 618a – sab., 24, fev. – 3: 4 e 5	(dep. 65)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, não transcrito	
	<p>Trindade e Mello mandou um curioso depoimento do qual se extraviaram, infelizmente, varias tiras. Só salvamos as em que vem o caso abaixo narrado:</p> <p>“Havia certo velho que morava só em uma cabana, no meio do mato. No meio da cabana achava-se o fogão, que consistia em tres pedras para suster a panella; era sobre uma das pedras que elle costumava pôr o “pito” cheio de fumo, antes de deitar-se.</p> <p>Ora, de certo dia para cá, o “pito” amanhecia vazio. Evidentemente, alguém vinha-o saborear emquanto o velho dormia. Mas, este não esteve pelos ajustes, quiz vingar-se do ladrão, pregando-lhe uma peça.</p> <p>Encheu o “pito” de polvora e cobriu-o com uma camada de fumo.</p> <p>Deitou-se muito satisfeito e fingiu dormir.</p> <p>Ás horas tantas da noite surgiu o mysterioso fumante.</p> <p>O velho reconheceu-o e estremeceu.</p> <p>Era o Sacy.</p> <p>Este, depois de verificar se o velho dormia, dirigiu-se aos saltinhos para o fogão.</p> <p>Tomou o “pito”, desenterrou uma brasa das cinzas, e ei-lo a fumar com toda a pachorra.</p> <p>- Puff!... Puff!... Puff!... De repente.</p> <p>_ Vuuff!...</p> <p>E a polvora, inflammando-se, levantou uma enorme labareda que lhe sapecou as faces.</p> <p>O “pito” voou para um lado e o Sacy saltou assobiando para fora, emquanto o velho soltava gostosas gargalhadas na cama.</p> <p>Não demorou muito, tornou a apparecer o Sacy com uma gamela que achara lá fora.</p> <p>Depois de enche-la de brasas e cinzas do fogão, espalho sobre o velho na cama e sahiu assobiando.</p> <p>Desferrara-se.”</p> <p style="text-align: center;">*</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 618a – sab., 24, fev. – 4 : 1	(dep. 66)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, não transcrito	
José Eloy manda versos para serem cantados com musica:		
SACY-PERERE		
(Lenda sertaneja)		
Musica de Marcello Tupynambá – Letra de José Eloy		
I		
Lá no alto do sertão, Quando ronca a trovoada Ninguem passa num vallão Que fica p'ra lá da estrada. Ninguem passa, não, proquê Lá é a tóca do malvado Sacy-pêrêrê,		
Que anda sempre assanhado, Fazendo pirraça, Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).		
	II	
	O Sacy, não é brinquedo, Na noite de cerração, Mette susto, mette medo, A quarqué um valentão. Sempre, sempre, ouvi dizê, (Por medroso não me tome) Sacy-pêrêrê, É pió que lobishome, Fazendo pirraça, Sustando quem passa E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).	
	III	
	Dizem todos que o Sacy É mais feio que o tinhoso, Corre mais do que o coaty É cáoio e defeituoso... Toda a gente, assim o crê E diz logo, esconjurando, Sacy-pêrêrê,	
	É um'arma que tá penando Fazendo pirraça Sustando quem passa, E sempre a dizê: Sacy-pêrêrê (bis).	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 619 – seg., 26, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 67)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 278	
	<p>Um anonymo manda este depoimento:</p> <p>“Sou paulista, descendente de quinze gerações de paulistas. Como tal, tenho entranhado amor ás coisas e tradições de nossa terra.</p> <p>Por isso, dando-vos meus parabens pela feliz idéa que tivestes de “rehabilitar” ou “valorisar” o nosso popular Sacy, dando-lhe fóros de civilisado e as honras de figurar na imprensa, faço votos para o bom exito de tão ardua tarefa.</p> <p>Para esse escopo, accorro com o meu quinhão, apesar de insignificante.</p> <p>A maior parte da minha infancia passei-a na fazenda de meu pae, para além de Piraju’.</p> <p>Foi ahí que desde a mais tenra idade soube da lenda do Sacy.</p>	

Mas, qual o brasileiro que não recebe com o leite materno as superstições e lendas, tão abundantes no Brasil? Poucos, bem poucos, são os que, ao aprender o “signal da cruz”, não sejam instruídos das diabruras do Sacy, das devastações dos Lobishomens e da má fama do Caipora ...

Emquanto não tive o uso pleno da razão, eu acreditava piamente em quantos casos absurdos ouvia contar. Os amigos da casa, ou vizinhos, os roceiros, os camaradas, todos tinham o seu “caso” para contar. Fulano jurava que certa noite ouvira um assobio ao ouvido; Sicrano, que um vulto anão escarranchara-se-lhe á garupa da sua besta que desandou num galope furioso até que desapareceu á vista da primeira luz.

Entre outras vou narrar as seguintes:

Chico Manuel era um caboclo espadaudo; contavam-se proezas e aventuras da sua vida agitada de capanga e valentão. Certa vez, estando em um “sitio” contaram-lhe que o Sacy apparecera nas redondezas e espantava os viajantes, que ás horas caladas da noite ousassem atravessar um valle sombrio e de aspecto sinistro.

Chico Manuel não cria em aparições; por isso, ao vêr os semblantes do roceiro e dos seus filhos empallidecidos pelo pavor, soltou uma sonora gargalhada.

--- Pois eu vou “vê” o Sacy ... disse por fim.

O roceiro procurou dissuadi-lo desse proposito.

Em vão. Confiado na boa pontaria de uma garrucha de dois canos, naquella mesma noite partiu em direcção do logar temido.

--- O “desgranhado” que pulá na estrada come chumbo!...

Em breve, o cavallo do ousado caboclo mergulhava as patas no riacho do valle, enquanto o valentão furava as trévas com as vistas agudas.

De subito, o cavallo relinchou e recusou-se a avançar. O caboclo, um tanto surpreso, mettu-lhe as esporas; o cavallo, porém, continuava pregado no mesmo sitio, relinchando.

E, (coisa pasmosa!) uma força desconhecida começou a arrastar o animal pela cauda, para dentro do mato!...

Chico Manuel tomado de um terror supersticioso, voltou-se na sella e viu o vulto de um negrinho, que arrastando-o por entre os cipós e espinhos, ria... ria...

O caboclo façanhudo, que mais de uma vez fizera frente a meia duzia de homens, perdeu todo o valor; e esquecendo a garrucha na cinta, bradou ao tempo que se persignava:

--- Credo! ...

O negrinho desapareceu, soltando um assobio prolongado e o animal, vendo-se solto, ganhou a estrada num galope doído, levando sobre si o cavalleiro quasi desmaiado.

Eu não garanto a authenticidade deste e do conto que segue, mas os que m’os narraram disseram ser verídicos.

Em certo collegio do interior (onde, não sei) haviam ficado durante uma feria tres rapazes, a espera que os paes os viessem buscar, enquanto que os demais haviam já partido.

O vasto dormitorio, então completamente deshabitado, tornara-se silencioso e mais lugubre ainda.

Estes tres estudantes, justamente impressionados, foram dormir para um quarto pequeno e menos sinistro.

Como que para sentir-se menos isolados concordaram em dormir juntos.

Ora, certa noite, sentiram que alguma “coisa” puxava a coberta pelos pés.

Esta “coisa” devia ter muita força, porque os tres, num esforço commum para puxar a coberta, foram vergados ao meio.

--- Como cheira a negro, bradou um delles, aspirando o fartum peculiar aos negros.

Como resposta, ouviram nos pés da cama uma gargalhada e ao mesmo tempo lobrigaram lá o Sacy...

Quando se fez luz elle havia desaparecido.

O facto que vou agora relatar deu-se com uma senhora de uma familia paulista, cujo nome eu occulto por decôro. Denominal-a-ei sra. X.

Era numa cidade do interior. A sra.X fôra fazer companhia a certa dama que havia adoecido repentinamente.

Ora, como seu marido estava em viagem e os serviçaes dormiam fóra, viram-se portanto, sós, em casa.

A altas horas da noite, obrigada a preparar um chá, dirigiu-se para a cozinha.

Esta parte da casa achava-se em concertos; porisso, uma das paredes estava reduzida a “esqueleto”, isto é, com as ripas á mostra, através das quaes se divisava o quintal.

Chegada á cozinha, a sra. X notou qe não havia lenha no fogão.

Não ousando sahir no quintal, tomada de vago pavor da solidão, murmurou:

--- Quão grata ficaria, se alguém me trouxesse lenha! ...

Mal terminára esta phrase, a sra. X ouviu passos no quintal e seus olhos espantados divisaram por entre as ripas uma scena assombrosa ...

Iluminado pela vaga claridade das estrellas, um negrinho manco, aproximava-se da porta, aos saltos, arrastando um pedaço de madeira ...

Aterrorisada, a sra.X precipitou-se para o aposento da companheira, junto da qual cahiu desmaiada, murmurando:

--- O Sacy!...

E ella está até hoje convencida de ter visto o Sacy, o que sómente se póde explicar por auto-sugestão.

*

Em jornal: *Estadinho* - 619 – seg., 26, fev. – 3: 1 a 5 (dep. 68)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 284

E o sr. V. Orozinho dos Santos manda este:

“O Sacy da “Toca feia”

Cerca de 6 ou 7 leguas de Faxina, entre esta cidade e Itaberá estava, ha mais ou menos 30 annos atrás, collocado o sitio da “Toca Feia”, então de propriedade do sr. Chico de Paula.

Era um homem de estatura e corpo regular, moreno, com uma barbinha solitaria no queixo, bom conversador, sério, e mostrando certa illustração. Era casado com uma filha do sr. Manuel de Souza Guimarães, professor aposentado naquella cidade e muito conhecido.

No tempo em que se deram os factos que constituem este artigo, residia elle na “Toca Feia”, em companhia da mulher, nha Tita, de tres ou quatro crianças e de um camarada, preto.

Difficultades varias imperdiram Chico de Paula de fazer as roças necessarias para a sua permanencia no sitio. Resolveu, portanto, conforme uso entre os moradores do mato, fazer um “mutirão”, tendo, para isso, feito alguns gastos indispensaveis, como ter comprado um cargueiro de pinga, morto um capado, etc., etc., afim de bem hospedar os que lhe viessem dar a “demão”.

Na vespera do dia esperado para a “mutirão”, á tardinha um rumor surdo écoando pelo céu afóra, prenunciou chuva grossa. Em seguida, nuvens negras e pejudas accumularam-se no horizonte.

Chico de Paula, sahindo á porta do terreiro, perscrutou o céu betuminoso e teve a sensação de que era impossivel que o dia seguinte amanhecesse bom.

Chamou, então, a mulher e disse-lhe:

--- Nha Tita, veja que caipora. Nós fizemos tanto gasto e não podemos aproveitar. A chuva vem ahi. Ora, já que Deus não nos quer ajudar, antes o diabo ajudasse.

Era o desabafo de quem via, em pouco, perdidos tantos esforços. No entanto taes palavras, como o magico “Abre-te, Sesamo”, fizeram um milagre: o céu desannuviou-se e as estrellas constellaram o firmamento ...

Alta noite, quando na “Toca Feia” todos se achavam accomodados, Chico de Paula ouviu, como que em sonho, o som mavioso de uma flauta que, aos poucos, se aproximava da casa.

Prestou, admirado, attenção áquelle som estranho e, convencido de que não sonhava, acordou a mulher e participou-lhe o que ouvia.

O espanto do casal era grande, porquanto no rumo em que vinham os accórdes não havia caminho algum, parecendo surgir do seio da mata.

De subito cessou a musica maravilhosa e ouviram, em seguida, a porcada grunhir no terreiro, vindo, assustada, encostar-se á casa. Do meio della partiu um assobio estranho e um gargalhar desafinado.

O preto ouvira o grunhir dos porcos e a risada, falando, zangado:

--- Quem é esse filho da ... que está rindo ahi?

Começára o fadario de Chico de Paula.

Desde ahi, todos os dias, infallivelmente, ao escurecer, entrava na casa um estranho ente, só sahindo quando o dia começava a romper.

Era um boneco pequeno, de cerca de dois palmos de altura, mal se lhe distinguindo as feições, mas saltando em uma perna só, irriquieto, turbulento, mexedor, assobiando de continuo, um assobio impossivel e desafinado, acompanhado de esquisita risada. Era o Sacy.

De começo todos em casa se incommodaram com o estranho visitante: eram continuas noites mal dormidas, pois o Sacy se comprazia em assustal-os sempre.

A’s vezes, deitados, ouviam o baque do armario, espatifando as louças; outras, era uma gallinha com pintos que voava do ninho, atirada á distancia; outras era a tulha de feijão que se esparramava, e assim por diante, sendo tudo isso acompanhado pela risadinha encafifante.

Chico de Paula levantava-se e encontrava tudo no mesmo lugar. Seria illusão? Seria uma persistente obsessão?

Não era: lá estava o bicho a saltar na sua unica perna e a azoinar-lhe os ouvidos com o seu:

--- Fiaaau ... ih! ih! ih!

Voltava ao quarto, deitava-se. Lá vinha o Sacy a mudar uma criança, a derrubar-lhe em cima objectos pesados, sem o maguar, a cobril-o, no verão, com o proprio cobertor, sentindo um peso suffocante ...

A fama do saperê espalhava-se pela redondeza. Muitos acreditavam; outros duvidavam.

Entre estes estava o Tião, que se comprometteu a ir pousar em casa de Chico de Paula, para tirar o “caborge” do “maligno”.

E foi. Fizeram-lhe a cama ao pé do fogo. Ao deitar-se, examinou se a faca sahia bem da bainha, collocou-a em baixo do travesseiro e esperou.

Não esperou muito. A risadinha estridula ecoou. Chico de Paula gritou do quarto:

--- Lá vem elle.

Tião sentou-se na cama, pegou na faca e não pode tiral-a da bainha. No meio do fogo o fatidico assobio guinchou e as brasas, como que tocadas por força estranha, espalharam-se pelo chão, obrigando-o a sair da cama.

Acreditou, então, e, no dia seguinte, “escamou-se”, dispensando, gostosamente, a “boa” companhia.

Orações, rezas, benzimentos, foram feitos para espantal-o. Cruzes foram fincadas ao redor da casa e, ao pé dellas, collocadas caneta, tinteiro e papel, pretendendo, com isso, que as “almas” exprimissem o seu desejo.

Tudo em vão.

Um dia Chico de Paula resolveu acabar com “aquillo”. Pegou um grosso porrete e esperou.

O Sacy apresentou-se como de costume. Chico de Paula não esperou: começou a esbordoar a sombra, que saltava desesperadamente.

Nessa luta levaram quasi a noite toda. Pouco antes de amanhecer o Sacy seguiu para a porta, sempre sovado pelo outro: atravessou-a, passou ao terreiro, tomou a estrada, embrenhou-se pelo mato, sempre seguido, sempre esbordado.

Os primeiros alvares do dia diluiram a sombra. Chico de Paula, esbaforido, voltou para casa.

Foi a ultima vez que o saperê o incommodou.

Estava quebrado o encanto, mas foram precisos cinco longos annos para terminar um fadario extenso, resultado de umas palavras inoffensivas, pronunciadas num momento de desabafo.”

*

Em jornal: *Estadinho* - 619 – seg., 26, fev. – 4 : 1

(dep. 69)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 290

E ainda do sr. Hugo Ribeiro recebemos este outro:

“O illustre collaborador do “Estadinho”, que com muita competencia e maturidade criou esta secção, já conseguiu caracterisar a figura mythologica do Sacy-pererê. Sobre isso, seria dispensavel o meu depoimento, se não me occorressem algumas crendices dos piraquaras da minha terra natal --- Iguape --- que forneceu o maior contingente de “conhecimentos” sobre o Sacy.

Começo por declarar que nunca ouvi por aquellas paragens, desde o porto da Ribeira até Iporanga, com escala pelo “Arraiá” e “Guaprunduva”, pronunciar-se Sacyperê, mas sim --- “Sacyçaperê”, cujos traços physionomicos são os mesmos conhecidos --- um negrinho arreganhado e de uma perna só.

<p>Piraquara de Iguape não é capaz de sahir ao “baia” do rancho, á noite, e dizer: que noite escura --- porque o Sacy-sapêrê responde: mais escura estará tua alma no inferno.</p> <p>Durante o dia, o Sacy “vira” em passaro e anda pelo mato, assobiando, não o assobio que lhe é peculiar na escuridão da noite, mas o assobio do “Sem-fim”, que é invisível. E é invisível porque o sem-fim outro não é senão o tico-tico, ao qual o tímido investigador não “liga” ...</p> <p>Certa vez a “folia” do Divino portou em casa de um caboclo das proximidades da Barra do Etá; depois de cantar o “verso” de saudação, o “alferes” pediu a esmola; o caboclo deu o que tinha --- alguns atilhos de milho, que foram transportados para a canôa collectora; quando a “folia” e acompanhamento se aproximavam da canôa, viram que as espigas saltavam, por si, uma a uma ao rio!</p> <p>Cheios de horror, avistaram no meio do capim de boi a figurinha do Sacy!</p> <p>Era ao cahir da noite, hora em que o coaxar monotono e tetrico das rans no brejo, como que estabelecendo a cadenciada polemica: --- seu pae foi rei? Foi ... não foi ... foi ... não foi ..., faz que o caboclo de barbinha rala (com licença do Cornelio), veja em cada sombra um Sacy.</p> <p>Aquella gente crê tão sinceramente na existencia do Sacy, que nem o rosario de capiá e o patuá de oração ao pesçoço lhe inspiram absoluta confiança.</p> <p>Concluido o inquerito sobre o Sacy, devem ser estudadas mais duas figuras importantes da mythologia brasileira: o “lobishomem” e o “negro d’agua”, sobre as quaes me comprometto a prestar o meu depoimento.</p>

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 620 – ter., 27, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 70)
Em livro: <i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito</i> – 2008, p. 294	
<p>“Joaquim” conta-nos o seguinte:</p> <p>“Eu tambem, na minha infância, conheci de nome e quasi de vista o Sacy-pêrsêrê, que na minha terra era mais conhecido por “capetinha da mão furada”.</p> <p>Nunca tive medo d'elle, porque Dindinha (era como eu e meus irmãos chamavamos a velha ama que a todos nós pageara), nunca o considerava um mau diabo e, ao contrario disto, mantinha com elle transacções que lhe eram utilissimas, conseguindo do capetinha serviços inestimaveis por um preço infimo.</p> <p>Assim, por exemplo, para encontrar objectos perdidos, Dindinha chegou á convicção de ser muito mais util a intervenção do espartissimo Sacy que a de Santo Antonio, o qual tem muito mais que fazer e, já cansado de tantos serviços feitos á humanidade, não se interessa mais pelas promessas de vintem.</p> <p>Ao passo que o Sacy, coitado, pobre diabinho manco, temido, odiado por quasi todo mundo, era muito sensível ás atencções e sempre muito prompto a auxiliar a quem o tratasse bem.</p> <p>Dindinha, para agradar o capetinha da mão furada collocava um ovo fresco no ôco de uma gamelleira que havia perto de nossa casa, assim mais ou menos pelas Ave-Maria.</p> <p>Sacy, noite alta, vinha alli, ia onde estava o ovo fresco, comia-o e, contente da vida, dava um assobio fino, muito alto, que Dindinha ouvia todas as noites e nos contava de manhan.</p> <p>Não sei bem como Dindinha concilliava a sua fé catholica e suas relações com o capetinha; rezava o terço, accendia a lamparina do oratorio, fazia promessas aos santos e, todos os dias, dava um ovo ao Sacy. Ella nos explicava que os santos vivem no céu e nos servem para depois da morte, ao passo que o capetinha, vivendo na terra, presta os seus serviços aos vivos que o tratarem bem.</p> <p>Por isto o duendezinho sempre foi muito bom para nossa família: espantava as rapozas que tentassem atacar o gallinheiro da chacara, destruia alguns formigueiros e mudava todas as casas de marimbondos para a chacara do nosso vizinho Anselmo, que era inimigo politico de meu pae.</p> <p>Lembro-me que, uma certa vez, Dindinha perdeu sua caixa de rapé e esteve o dia inteiro doida atrás deste objecto; á tardinha, em vez de um, collocou dois ovos para o Sacy e invocou o seu auxilio para descobrir a querida caixinha de rapé. Pois no dia seguinte, o objecto foi encontrado á borda do açude onde Dindinha estivera na vespera de manhan, antes de dar pela falta da rapézeira. Quem a collocou alli para ella?</p> <p>Foi o Sacy. Pois neste dia elle ainda se regalou com mais dois ovos.</p> <p>Foi elle quem, numa occasião, atirou pedras nas vidraças do vizinho Anselmo, quem lhe roubou um coelho, arreventou a cerca de arame do pasto e fez sumir, por muito tempo, o cavallo de estimação daquelle inimigo politico de meu pae. Sacy, nestas proezas, procurava se mostrar agradecido á família que lhe dava um ovinho fresco por noite.</p> <p>Tudo isto se passava ha trinta annos. Ultimamente, voltando eu á chacara onde passei este feliz tempo de infancia, ainda lá vi a gamelleira, com a mesma cavidade onde Dindinha (fallecida já ha quinze annos) punha a ceia do capetinha. E eu, já racionando como homem, comecei a pensar no exquisito millagre do ovo, posto todas as tardes, e, de facto, consumido todas as noites por quem quer que seja. Existiria de facto o Sacy? Quem comeria então o ovo? Algum animal nocturno? As rapozas? As corujas? Os gambás?</p> <p>Para chegar a uma conclusão, como dormi esta noite na velha chacara fui tambem collocar um ovo no mesmo lugar. De manhan, fui ver o que se passara e o ovo lá estava intacto, tal como eu o deixara na vespera.</p> <p>Sacy morreu, talvez, e com elle toda a poesia, toda a felicidade daquelles tempos de minha infancia....”</p> <p style="text-align: center;">*</p>	

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 620 – ter., 27, fev. – 3: 1 a 5	(dep. 71)
Em livro: <i>O Sacy Pererê: resultado de um inquerito</i> – 2008, p. 298	
<p>Em Minas ha Sacy ás manadas. Nem escapa S. José do Paraizo, hoje Paraizopolis, de onde o sr. Fonseca Sobrinho nos manda a seguinte contribuição.</p> <p>“De todas as entidades com que a mythologia indigena povoou o paiz, uma das mais interessantes é o Sacy-pêrêrê, ou sêrêrê, sendo esta a fórmula aqui preferida.</p> <p>Aquelle moleque barrigudinho, de nariz esborrachado --- mixto de capeta e Pedro Malazartes --- preenche, tão sómente á sua conta, a quasi totalidade de certos casos que, na boa quadra de nossa infancia, ouvimos de umas velhas muito boas, criaturas adoraveis, sejam elas doces avózinhas ou amigas dedicadas.</p> <p>Em algumas dessas narrativas o Sacy apparece sempre sob o aspecto de um genio malfazejo, perseguindo e prejudicando os infelizes, que lhe cahiram no desagrado.</p> <p>Em outros casos, porém, o nosso herôe mostra toda a agudeza de seu temperamento galhofeiro, invariavelmente</p>	

trocista, logrando todos e coroando sempre suas formidáveis troças com uma terrível gargalhada que, ouvida sempre no silêncio da noite, faz acordar os passaros nos seus ninhos e os bichos do mato dentro das tócas de pedra.

É raro que o roceiro inculto passando, ao escurecer, por uma encruzilhada do caminho não se descubra, persignando-se e pronunciando palavras de esconjuro para o terrível moleque, que bem pôde estar muito próximo dali, espreitando-o, occulto atrás de um cupim ou escondido numa toceira de sapé.

Alguns indivíduos “já viram” o Sacy, assim como outros “já lobrigaram”, nas trevas, o sordido Lobishomem ou a inqualificável Mula-sem-cabeça, em desenfreada correria e, finalmente, trabalhadores de roça contam que lavrando um campo, vizinho de um vasto açude, sob um sol de meio dia, já suspenderam seu trabalho, enlevados pela voz da Mãe d’água, que canta tão lindo como as sereias.

O que não padece dúvida é que o povo conhece, mais ou menos, todos os citados membros da respeitável família do “Coisa Ruim”; de todos eles, entretanto, é o Sacy o que menos terror infunde, havendo até indivíduos que se comprazem em pregar-lhe partidas.

O Sacy, no dizer da nossa gente, é mulatinho escuro, mas os indivíduos que com elle embirraram, fazem-n’o preto retinto.

Mulato ou preto, se tiver mais de meio metro de altura, que limpe as mãos á parede.

Apesar de pequeno e esperto como um cachinguelê, o Sacy é gorducho e a barriguinha estufada quasi rompe a jaqueta, que lhe cinge o tronco.

Uma perna, tem-n’á fina, descarnada, enquanto que a outra ... perdeu-a o Sacy, talvez n’alguma aventura inçada de perigos, no decorrer da qual lhe arrumassem uma carga de chumbo bento que, ferindo de verdade o moleque, acarretou-lhe a gangrena, que impoz aos cirurgiões de Pero Botelho uma desarticulação coxo-femural ...

Se não foi assim, é que então já o Sacy nasceu com uma perna só: quanto a este ponto, nada ainda existe assentado definitivamente.

De resto, é bonito o Sacy?

É horrível!

A cara quadrada é de preto velho, que já ultrapassou os cem Janeiros; no meio do vasto carão, lá está implantado o nariz formidável que, de tão chato, até parece ter sido amassado por uma valente punhada.

Os olhos, são vermelhos como coágulos de sangue e tão vivamente rolam dentro das orbitas, que qualquer esculapio ahi veria o phenomeno do nystagmo.

Das orelhas, nem é bom falar; sobre serem enormes e acabanadas, estão situadas em alturas diferentes. Quanto á bocca, que limitam labios grossos, é um pouco torta; isto, aliás, não é de extranhar, porquanto o Sacy, que é fumante incorrigível, sempre que pôde, usa e abusa do cachimbo ... alheio.

A cara enrugada e glabra, é animada por uma expressão feroz --- feita de maldade e ironia.

Respeito á indumentaria, o moleque é pouco exigente: além da já mencionada jaqueta, traz enterrado á cabeça um gorro vermelho, ponteagudo; a metade inferior do corpo é protegida por abundantes e longos pellos.

Feitas essas ligeiras considerações sobre a individualidade do Sacy, passemos a uma historia, por muitos reputada verdadeira e cuja audição provoca nas casinhas dos roceiros, orações, esconjuros, “sympathias” e outros meios, mais ou menos proprios para enxotar o terrível moleque, nas noites de sexta-feira.

Cavalgando um burrinho, já banhado em suor, o campeiro descia o declive disfarçado da collina.

Voltava do serviço penoso e infrutifero de procurar um boi tresmalhado, desde a vespera.

Ao chegar ao pé da collina o campeiro, que viajava absorto, num estado vizinho da modorra, despertou, de subito, a um forte solavanco do animal, que tropeçara; colheu as redeas de golpe e fez estacar o burrinho.

Varreu com o olhar todo o terreno circumvizinho e sentiu que o local lhe agradava deveras.

A vida que levava na fazenda, para onde se mudára, havia alguns dias, era a peor possível. De dia, no campo, o ciume segredava-lhe umas coisas horribes, com relação á vizinhança de sua casa com a de certo “cabra” valente, morador da fazenda; á noite, o vizinho monjogo, num martelar cavo, compassado e ininterrupto, irritava-o, tirando-lhe o somno.

Olhou ainda uma vez para a paisagem risonha, acariciada pelos raios mornos do sol poente e resolveu, alli mesmo, transferir, quanto antes, sua morada para aquella local.

A resolução do campeiro causou verdadeiro assombro aos seus amigos.

--- Que não fizesse tal! Pois ignorava elle que alli, naquelle sitio tão bonito, o Sacy estabelecera sua morada?

--- Uma vez, contou um dos da roda, fui a um “motirão”, lá no cerrado; houve muita “canninha”, grande batuque e gostosa feijoada. Alli pelas Ave-Marias, voltei sózinho, para casa e, ao chegar áquella encruzilhada, que existe no Campo do Sacy --- mesmo no logar onde pretende morar o nosso amigo --- vi surgir um redomoinho na estrada, mesmo á minha frente.

Pensei logo em “prender o Sacy”, atirando no redomoinho o rosário que, por desgraça, não trazia commigo, na occasião.

Atordoado, sem saber o que fazia, atirei minha enxada sobre o “bicho”, que soltou uma gargalhada e se atirou sobre mim. Não mexi do logar, mas não vi mais nada, porque ... “eu sumi”.

Quando “dei acorde de si”, ao dia seguinte, estava embrenhado na mata, lá no fundo do grotão, todo arranhado pelos espinhos da “unha de gato”.

O campeiro ouviu toda a narrativa do amigo sem dar mostras de inquietação; antes, affirmou que era homem de palavra e, por isso, mudar-se-ia logo para o tal sitio amaldiçoado e jurou mesmo que havia de “desabuser o negrinho”.

De facto, algumas semanas depois, uma cazinha erguia-se, toda catita --- a coberta de sapé, as paredes caiadas --- ao centro de um cercado, mesmo junto á encruzilhada do Campo do Sacy.

Não tardou que a nova morada fosse occupada por seu dono.

Durante algum tempo, tudo correu calmamente, de maneira que o Sacy cahira no olvido.

Certa occasião, entretanto, em que o campeiro regressava de seus affazeres, já tarde da noite, ao chegar proximo de casa, teve uma surpresa desagradavel: fora-lhe arrebatado o chapéu, com incrível rapidez, por um vulto, que estava sobre o moirão da porteira.

Este incidente foi o inicio das hostilidades, por parte do Sacy, contra quem lhe invadira os dominios.

Começára a quaresma e, desde então, o terrível moleque vinha quasi todas as noites subir ao cupim, proximo á casa e ahi ficava assoviando até alta noite.

Não satisfeito em atormentar o campeiro, o inimigo principiou a victimar-lhe as criações: de noite, cahia entre os gordos cevados e, por entre os grunhidos afflictos dos pobres bichos, cavalgava-os e maltratava-os a tal ponto, que certa noite succumbiu um pesadissimo cevado, que não supportára o peso do “negrinho”, que o cavalgára.

A raiva do campeiro crescia na mesma proporção que augmentava a ousadia de seu advsersario, que começára a operar até dentro de casa.

Madrugada havia em que o desgraçado roceiro acordava meio suffocado, tal era a quantidade de cinza com que estava coberto seu rosto.

Uma noite em que o roceiro preparava seu banho, o Sacy, aproveitando-se de um momento de descuido do homem, atufou-se na agua, polluindo-a e, apenas descoberto galgou a janella e desapareceu na escuridão, soltando a gargalhada classica.

A situação tornava-se insustentavel para o campeiro; a crescente audacia do “negrinho” punha-o cheio de pavor.

Rara era a noite em que conseguia conciliar o somno e o mêdo já falára ao obstinado roceiro pela bocca de sua companheira, que lhe aconselhára uma retirada para outro ponto, estranho á esphera de acção do Sacy.

Mais forte, porém, que o temor, estava o orgulho: a luta era desigual, mas o campeiro não cedia; jurára que não recuaría e os amigos jámais tel-o-iam como um covarde.

O atrevimento do moleque não conhecia mais limites: uma tarde, já no lusco-fusco, quando o campeiro, exausto, após um dia inteiro gasto á procura de um boi, encontrado á tarde, regressava á casa, ao passar numa encruzilhada, o Sacy, de um salto, cavalgou a rez e chicoteou-a de tal fórma, que o animal, esbaforido, investiu com o campo, numa carreira desabalada, levando ao dorso a infernal carga.

Ultimamente, o Sacy dera para furtar, durante a noite, o cachimbo que o campeiro deixava preparado para fumar no dia seguinte, ao erguer-se do leito; depois de “pitar” á vontade, o “negrinho” mergulhava o cachimbo no borralho, de onde ia o dono retiral-o pela manhan.

No intuito de vingar-se do tratante, o roceiro juntou, uma noite, certa quantidade de polvora ao cachimbo, que preparára; a deshoras o moleque, mui sorrateiramente, apoderou-se do cachimbo, que foi fumar na casinha. Em dado momento, uma forte explosão annunciou que surtira effeito o plano.

Isto, entretanto, custou caro ao roceiro, pois, quando á tarde do dia immediato regressava do campo, o excommungado inimigo arremessou-lhe á cabeça varios pedaços de pau, que muito o maguaram.

Vendo que as coisas tomavam um character mais sério e consciente de que não poderia continuar a luta, com vantagem, o roceiro resolveu pôr de lado suas velleidades de orgulho e dirigiu-se ao arraial, distante algumas leguas, afim de pedir a alguém lhe indicasse um remedio efficaz para afugentar o inimigo.

De volta da viagem, tratou de pôr logo em pratica o que lhe ensinaram: com o formão, esculpiu uma cruz no moirão da porteira e pregou uma cruz na face externa das portas da casa.

O resultado foi maravilhoso: o inimigo desaparecera de uma vez e o campeiro entrou, afinal, no goso da cubiçada tranquillidade.

Uma semana depois de sua vinda do arraial, o roceiro, pela primeira vez, cavalgou o burrinho e tocou para os campos, a cuidar da vida.

Campeou durante o dia, já agora sem receio do “negrinho” e satisfeito intimamente pela victoria obtida.

Ao entardecer, o roceiro resolveu regressar á casa e, para esse fim, esporeou o burrinho em direcção á Serra do Buracão, assim chamada em virtude de um horrivel desbarrancado, verdadeiro abysmo insondavel, alli existente e onde já haviam perecido innumerous animaes.

O cavalheiro seguia despreoccupadamente quando, de subito, sentiu que alguém lhe saltara ás costas, fixando-o, com um braço ao arreo e arrebatando-lhe as redeas do animal.

O burrinho, tomado de pavor, arrancou numa corrida doida em como um furacão, quebrando galhos, fustigado pelos ramos dos arbustos e guiado pelo Sacy, voava, ás cegas, na direcção do abysmo.

Continuava, já durante alguns minutos, aquelle galope fantastico do burrinho, levando ás costas a dupla carga; de repente, faltou-lhe o terreno e cavalgadura e cavalleiro precipitaram-se no vácuo.

Seguiu-se o baque surdo dos dois corpos no fundo do precipicio, emquanto que em cima, á beira do despenhadeiro o Sacy, como louco, aos pinchos, virando cambalhotas, cantava num gargalhar horrisono, o seu hymno de victoria.”

Em jornal: *Estadinho* - 621 – qua., 28, fev. – 3: 3 a 5

(dep. 72)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 344

Angelo Med. (?), envia-nos o seguinte depoimento:

“O interesse que está despertando o curioso e singular inquerito que v. s. num dia de bom humor e de excellente inspiração, offereceu ao publico para que cada interessado, ou antes, cada cidadão mais ou menos letrado na materia, viesse depor, fornecendo as suas declarações que juram ser authenticas e procedentes de pessoas que lhe inspiram a maior confiança, arrasta a pronunciar-me.

Eu tambem quando no meu tempo infantil, me relatavam com rodeios aterradores as proezas do Sacy-pererê, tambem tremia e poderei jurar-o que nessas noites, no meu leito simples e singelo de criança innocente, mergulhava na lethargia e somnolencia os meus puros pensamentos infantis, e divisava-o junto a mim, com os seus olhos esbugalhados, com as suas unhas reluzentes e compridas, o seu gorro levemente inclinado para a direita e seus niveos dentes a rangerem uns de encontro aos outros como ameaçando trincar-me os ossos se tentasse enfrental-o.

Então nessas criticas situações, eu com o coração opprimido e com o cerebro quente e a face branca de neve, puxava o lençol vagorosamente para que o espectro não me visse, mergulhava a cabeça debaixo da roupa e julgava sentir sobre mim as garras do fantasma roçarem-me com uma nervosidade espantosa. Esperava que as coleras assustadoras do Sacy abrandassem e depois de alguns minutos de tenebroso silencio, num rasgo de coragem, emergia a ponta avermelhada do meu apendice nasal, qual periscopio, e ó surpresa! --- o Sacy ainda lá estava, com a rigidez e firmeza dum cavalleiro da Edade-Média, como que a esperar a minha decisão para proceder conforme lhe aprouvesse. O caso é que por causa das duvidas, tornava a repetir os movimentos pacificos já empregados e a terceira vez quando notava que estava livre da incommoda visão que me arrebatava o somno, rapido como uma corça, saltava da cama e deitava a correr com quanta velocidade as minhas ainda frageis pernas fornecessem, e ao chegar em frente ao quarto da minha querida mãe, estacava e pensava mais calmamente nos acontecimentos. Se fosse dizer que era o medo que me levava a incommodal-a áquella hora da noite, não só me arriscava a uma tremenda descompostura como tambem no dia seguinte o relato da minha aventura nocturna, com o unico fito de me envergonhar, me arrebataria a fama nobremente conquistada de valentão destemido, que tinha grangeado na escola. Então a idéa de pretextar uma dor ou uma terrivel pontada, avolumava-se e lá estava eu no quarto da minha progenitora, imitando uns estorcionismos que tinha presenciado numa companhia de cavallinhos que ha pouco tempo lá tinha estado e com uma voz soluçante choramingava para dar um cunho de verdade á scena: --- Ai que dôr, ai que pontada do lado do coração que parece que o quer partir! Minha mãe assustada e offegante levantava-se do leito, ia tratar de acordar o Nhô Tinoco, para fazer um chá de cidreira e ella sentava-se junto a mim indagando anciosa aonde era a dôr que me atormentava. Eu sempre atrapalhado com a explicação que devia dar, ora me referia ao lado esquerdo, ora ao direito e creio que muitas vezes fiz passar a pontada do coração para os rins e vice-versa. Nessas noites não havia anjos do céu que me

levassem daquelle asylo.

Quantas vezes naquellas inesquecíveis noites de luar, na esplanada do Tio Bento, eu e todos os meus lembrados camaradas, brincando de “barra-manteiga”, ouviamos um ruído estranho e um dos mais tímidos ou mais espirituosos, num tom de alarme e de terror, gritava: --- Olhem o Sacy ! Essa phrase era o que bastava para lançar o medo nas fileiras e então cada um tratava de se aproveitar de suas aptidões de corredor --- era quem mais podia fugir, o que não obstava de muitas vezes ao chegarmos ao largo, notar-se a falta de dois ou tres amigos, que finalmente appareciam lá ao longe numa volta do caminho, pallidos, com os joelhos ensanguentados pelos trambolhões que tinham dado na retirada e contando que o Sacy, por segundos apenas os teria agarrado. Nessa noite só se falava do famoso Sacy, e o tio Quim começava as suas intermináveis narrações, o que obrigava nos transes mais terroristas a criança a se lhe agarrar ás tremulas pernas, transida de horror. Depois, ás 8 horas, cada qual se retirava para a sua habitação, cheio de idéas negras e de illusões fantasticas enquanto ao longe, lá nos immensos sertões, a lua languida e brilhante espalhava os seus raios, e o saudoso Nhô Punga lançava ao vento a sua quadra romantica e regional:

Ó menina não te cases
Gosa-te da bôa vida.
Eu conheço uma casada
Que chora de arrependida.

Em jornal: *Estadinho* - 622 - qui., 01, mar. - 4: 1 a 2

(dep. 73)

Em livro: *O Sacy Pererê*: resultado de um inquérito - 2008, p. 349

De Piracicaba o dr. Sebastião N. de Lima fala de uma face nova do Sacy, a sentimental. Elle tambem ama, e nestas occasiões assobia melancolicamente. E ouviu estrellas! E fornece themas musicaes como este que o autor desenvolveu na polka hoje publicada.

Sacy-perêrê, em musica

“Já que o inquerito sobre o Sacy cahiu no gosto da população paulista, tambem eu quero depor no mesmo, lembrando-me, assim, dos meus bons tempos de menino.

O conceito que faço do Sacy, --- “o herôe da sexta-feira” --- quanto á sua fôrma de apparição e qualidades pessoases, é o mesmo de todos aquelles que se têm dirigido ao “Estadinho”.

Ha uma particularidade, porém, que, desde logo, me preocupou, da qual não tive conhecimento nas informações já prestadas.

Refiro-me, sr, redactor, ao modo como o Sacy chama um outro, ou mesmo “uma outra”.

Digo uma outra, porque, forçosamente, o Sacy deve ter uma grande prole . Se assim não fosse, não se poderia comprehender por mais endiabrado que seja, um unico Sacy com residencia fixa em diferentes localidades, como attestam as informações de diversos pontos do Estado.

Lembro-me, na minha meninice, de ter ouvido o Sacy chamar um outro, quem sabe se a mulher, a namorada ou mesmo a amante, sendo notavel que “esse outro” sempre respondia pressurosamente.

A chamada era por meio de assobio, porém, não o assobio de moleque ou de vaia com que elle costuma tentar a humanidade crente e de bôa-fé. Não.

Esse assobio era como que um canto de chamada, cheio de melodia e de relativa tristeza, pedindo, supplicando uma aproximação.

Devia ser, esse, o unico momento em que o Sacy não gracejava. Entretanto para não negar o seu espirito travesso, nota-se que o seu canto de chamada tem um rhythm de polka.

Hoje, explico essa impressão.

Ha um passarinho, habitante de brejos e margens de rios, que tem um canto de chamada, que quasi fala --- Sacy-perêrê.

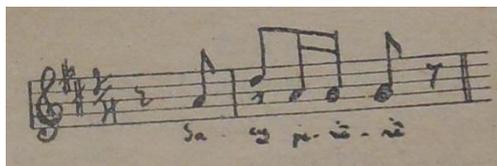
Não sei o nome desse passarinho, mas não ha pescador que o desconheça, como muitos me informaram.

Alguns, como os pescadores do Rio Pardo, chamam-no, mesmo, de Sacy-perêrê.

É notavel que esse passarinho, cantando, um outro, logo, responde. Dahi, a impressão que se tem de que o Sacy “está chamando”.

Para melhor explicar essa impressão, aqui vae, em musica, esse pequeno canto de chamada.

Aquelle que souber solfejar, assobie e depois cante o que adiante vae escripto e verá que está cantando um trecho de musica com a seguinte letra: Sacy-perêrê:



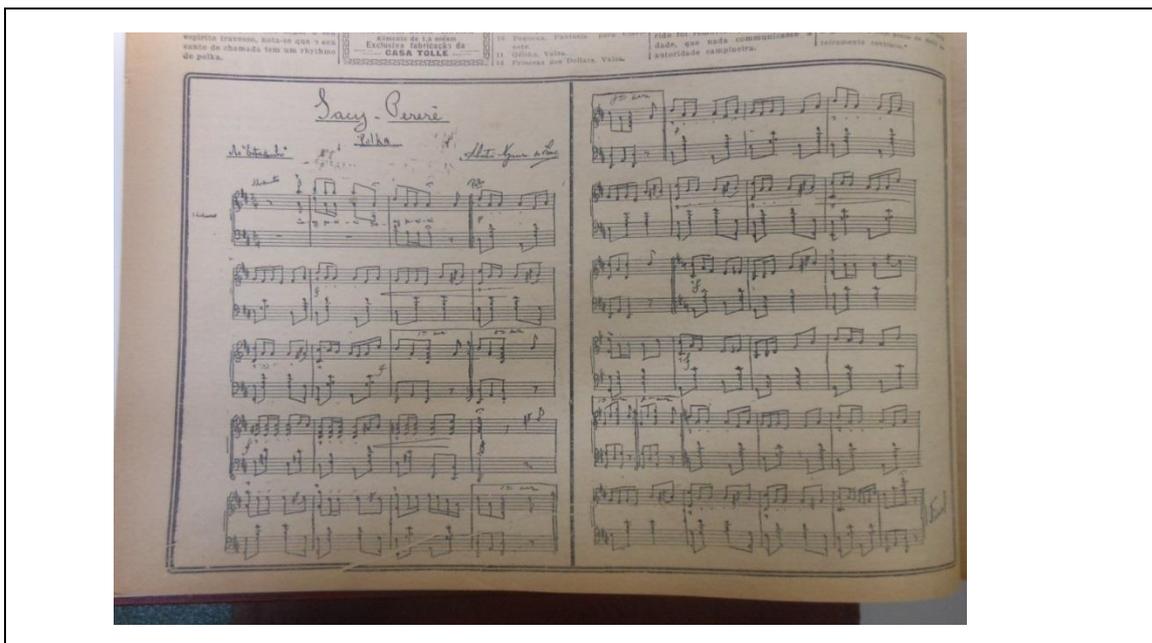
Pois bem, sr. redactor, ahi está um “motivo” para que os nossos compositores musicaes se inspirem, concorrendo, assim, para a glorificação musical do Sacy-perêrê.

Para começar, servindo-me dos poucos recursos artísticos de que disponho, junto envio uma polka, para piano, denominada “Sacy-Perêrê”, que escrevi inspirando-me naquelle “motivo”.

Dedico-a ao “Estadinho”, para delicia dos aprendizes de piano e para aquelles que, em menino, tiveram a impressão que, em menino, tambem eu tive.

É esta a minha informação, sr. redactor.

Prestando-a, deixei, por momentos, as preocupações trabalhosas da profissão, para remontar, saudoso, aos tempos da minha inesquecível meninice.”



Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 623 - sex., 02, mar. - 5: 1 a	(dep. 74)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> - 2008, p. 306	
<p>Escreve Nestor Bertone:</p> <p>“Acompanhando com interesse o seu inquerito sobre a existencia do Sacy-pêrêrê posso afirmar-lhe a existencia desse mysterioso personagem; não acreditava no Sacy, mas sou obrigado a confessar que elle existe de facto.</p> <p>Quando meus progenitores falavam nelle eu nunca dava importancia. Vou descrever-lhe um facto que se passou commigo: estavamos residindo em Bella Vista, Tatuhy, quando se casou uma minha irman, a mais velha e foi fixar residencia em Tatuhy. Passados mezes eu quiz visital-a e segui viagem com um tropeiro de nome José Camillo, filho de um meu padrinho. Partimos ás 6 horas, com o intuito de pernoitar no meio do caminho numa pequena Villa, toda cheia de mysterios. Eu naquelle tempo tinha apenas 13 primaveras e era um travesso sem equal, tanto que me alcunharam de espalha-brasas. Em continuação a esse lugar, havia um outro chamado Alleluia, onde todos os tropeiros passavam a noite em um barracão. Eu, ouvindo falar do tal negrinho puz-me á noite em logar seguro e por precaução fui dormir entre o filho de meu padrinho e outro camarada de nome João, porque o Sacy costumava arrastar da cama os viandantes; afinal fazemos fogo e jantamos muito bem. Depois entebelamos uma conversa até tarde: eu cochilava, mas sempre pensando no tal diabinho. Qual não foi o meu sobresalto ao ver perto do fogo um negrinho; era tão preto que o reflexo do fogo parecia um crystal contra uma luz forte. O negrinho começou a mexer no fogo, depois abriu uma buraco pequeno na cinza e deitou nelle uma porção de objectos exquisitos, e começando a cochilar, parecia que ia cahir por cima do braseiro. Logo que percebi isso chamei o José Camillo, elle se levantou, pegou num chicote e aproximou-se do talzinho; mas quando deixou cahir a chicotada o negrinho saltou e fugiu, deixando-nos como tolos; começamos logo dormir outra vez; mas a sorte não nos era propicia: o personagem mysterioso voltou mais rancoroso, em um dado momento acordei com uma terrivel surpresa, pois em baixo dos meus pés estavam pelo menos uns quinze tições de fogo, que me produziam um calor insupportavel; pulei para o outro lado da cama e a tres passos de mim postou-se o Sacy, rindo-se gostosamente. Eu gritei e os meus companheiros levantaram-se. O de nome João sacou de uma garrucha e perseguiu o negrinho, enquanto o outro de nome Amador, fazia o mesmo.</p> <p>O negrinho corria tanto que ninguem o alcançou. Accommodamo-nos lá pela meia noite; porém foi inutil: eu perdi o somno, fingindo dormir, mas sempre com medo; foram estes os momentos de suprema angustia. Quando falo nesta historia o meu cabelo cresce. O Sacy reapareceu e começou a puxar a coberta; eu fazia esforços incriveis, mas qual, era tudo baldado, o negrinho ria-se e ia me levando com a coberta; meus companheiros tambem eram carregados, mas não acordavam, tal era o seu somno. Afinal dei um grito com toda a força; a minha garganta recusava-se a emittir som. Só acordamos de madrugada na beira do rio denominado rio da Alleluia, com as cobertas, e a maior afflicção foi ver as nossas roupas toda espalhadas em baixo da ponte a uns 100 metros de onde nos achavamos. Eu fiquei tão aterrorisado que não podia falar e só mais tarde, pelas 9 horas, readquiri a fala, mas tão embarçada que parecia de uma criança de 5 annos, até que afinal me voltou a fala natural.</p> <p>Desde esse dia fiquei acreditando no Sacy-sêrêrê, como na minha terra dizem e posso affirmar-lhe que a pessoa que abusa, o mysterioso personagem persegue seja onde for, como aconteceu com o meu padrinho sr. Porfirio Camillo e com o sr. Sebastião Bastos que o Sacy carregou-os para o meio do caraguatá.</p> <p>Sr. redactor, é preciso agora que seja aberto um inquerito sobre a existencia do Lobishomem, de quem lhe contarei uma historia que se passou com minha propria familia, em Tatuhy.”</p> <p style="text-align: center;">*</p>		

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 623 - sex., 02, mar. - 5: 1 a 3	(dep. 75)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> - 2008, p. 310	
<p>E tambem o sr. Jacques Felix, de Taubaté:</p> <p>“O inquerito sobre o Sacy aberto pelo “Estadinho” é uma verdadeira propaganda do nacionalismo. Bravos, bravissimos!</p> <p>O nosso mytho que se apresenta de tantas fôrmas, sempre rindo, arreliando e chacoteando, irrequieto, ora aqui, ora acolá, parece espelhar o character brasileiro, o nosso proceder, nada tomando, absolutamente, ao sério.</p>		

Aqui, em Taubaté, reza a tradição, é velho e povoadíssimo o sacyzal; os sacys peores e mesmo maus são os de arribação. Corridos de seus logarejos e que aqui se têm acoitado, esses Sacys são de varias categorias sociaes; muito interessante nesses Sacys de arribação, é que elles não têm medo do rosario!!!... O Sacy propriamente taubateano é muito intelligente, apresenta-se de variadíssimas fórmas, desde as do moleque de uma perna só, com as mãos furadas brincando com as brasinhas, até como caboré (curufinha). É travesso mas não mau; ri ás gargalhadas, assobia e canta:

Sacy, Sacy, Sacy-pêrêrê.

Roda roda p'ra Jambeiro.

Contava um velho do tempo do onça, que o Francia do Paraguay, sogro do Solano Lopes, era de Taubaté, e que indo para o sul levou um Sacy de barba branca, sabido que nem mico de companhia de cavallinhos, dirigida por delegado da roça.

Esse Sacy logo que Francia arranchou em Assumpção fez taes diabruras que espantou a sacyzada da zona aterrorizando a guaranyzada que começou a ver no Francia um ente poderoso.

Ainda hoje o Sacy exerce uma influencia enorme no espirito da nossa, gente, desde o da criança caipirinha, até ao de homens de grandes fracks, com anel no dedo. Todos crêm no Sacy e acho que muito melhor é crer no que se conhece desde nossa meninice, do que acreditar em "mascotes" estrangeiras.

O melhor é fazer como o Maneco Lopes e o Monteiro Lobato cuja "mascote é o Sacy-pêrêrê balaió."

*

Em jornal: *Estadinho* - 623 – sexta, 02 de março – 5: 4 e 5

Em livro: não publicado

O SACY

Concurso de pintura e esculptura

O inquerito sobre o Sacy-pêrêrê agonisa. Todo o mundo metteu o bedelho no assumpto. Nunca houve réu mais esmiuçado em seus habitos, seu character, suas travessuras, suas patifarias. Vieram depoimentosde toda a parte, cidades e sertões, uns convictos jurando que elle de facto existe, outros scepticos dando-lhe vida subjectiva unicamente, todos accentuando um certo numero de caracteres fixos que persistem, como um arcabouço, em todas as variantes. Já vários musicistas teceram variações em polkas, valsas e tangos sobre o thema fornecido pelo canto do Sacy-passarinho. Wash Rodrigues compoz um suggestivo quadro --- A figueira assombrada --- do qual a reproducção neste jornal não dá sequer pallida idéa.

Em todas as casas, nos serões antes do chá, foram revividas saudosas reminiscencias da infancia e ventilados innumerous casos de Sacys ouvidos nessa quadra feliz. O terreno está pois preparado para abrimos um concurso artistico por meio do qual o diabinho de carapuça penetre triumphalmente nas artes plasticas.

Os esculptores terão nelle um thema novo onde poderão dar largas á sua originalidade. Os desenhistas e pintores verão rasgar-se novas perspectivas á sua creatividade. E o Sacy victorioso será definitivamente incorporado á pleiade copiosa dos seus irmãos, aos duendes, aos trasgos, aos "parfadets", aos anões subterrâneos, á casta innumeravel dos diabos menores. "A tout seigneur, tout honneur".

Condições do concurso:

O concurso versará sobre trabalhos de pintura, desenho e esculptura, sendo conferidos quatro magnificos prêmios aos quatro melhores trabalhos de cada série.

1.a série --- Pintura e desenho:

Themas: Sacy ou Sacys atormentando a cavallhada. Sacy pregando peças aos negros velhos. Sacy, na estrada, assustando viajantes, á noite. Sacy no redomoinho.

2.a série --- Esculptura:

Themas: -- Estatuetta ou grupo de Sacys. Vaso ornamentado de Sacys. Tinteiro ou outro objecto de escriptorio com Sacys estylisados ou não. Castão de bengala com Sacy.

Os caracteres do moleque diabolico poderão ser com facilidade apprehendidos pelos concorrentes pela leitura do inquerito ou pelo resumo delle sahido na edição matutina do "Estado"do dia 5 de Fevereiro. O concurso encerrar-se-á a 31 de Março. Os trabalhos apresentados serão expostos e em seguida julgados por uma commissão de homens competentes, ficando reservada aos artistas a plena propriedade das suas obras.

Em jornal: *Estadinho* - 623 – sex., 02, mar. – 5: 1 a 3

(dep. 76)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquerito* – 2008, p. 312

Um constante leitor" diz ainda:

"Acompanhando com interesse o inquerito que o seu jornal está fazendo sobre o Sacy-pêrêrê venho trazer alguns dados que conheço.

Numa cidade do litoral paulista onde sempre a politicagem preocupou mais que nunca deu-se o seguinte facto que me foi narrado pelo chefe politico.

Por occasião de luta accessa entre duas facções havia um hespanhol --- rabula, que era um bom cabo eleitoral e mesmo dispunha de alguma influencia, pertencendo então ao partido da opposição.

Todas as tardes formavam-se os dois grupos em casa de seus chefes politicos e o tal rabula passava pela frente da casa do chefe governista para ir ao centro da reunião de seus correligionarios.

Quando elle passava numa das vezes, um cabo eleitoral lembrou-se de fazer uma "sympathia" para que o tal rabula cortasse as suas relações politicas e expoz o plano ao coronel que era chefe politico e este, vendo que não havia inconveniencia, accitou e então foram para a sala de jantar e alli reunidos pegaram no punho da rede. Emquanto um dava um nó o outro perguntava --- "O que é que eu amarro?" --- o outro respondia --- "A perna do Sacy!" --- "Para que fim?" --- o outro respondia --- "para que fulano abandone a politica do Jeremias e passe para a nossa", --- isso repetido três vezes, voltaram á sala de palestra e dahi a meia hora appareceu o tal rabula que procurava o coronel e dizendo em voz alta --- "Sr. coronel venho dizer-lhe que pode contar de hoje em diante com mais um soldado, pois aquelle cachorro, etc. ..." Seguiram-se uns nomes feios, etc. Qual não foi o espanto de todos por esse resultado.

No mesmo logar attribue-se ao Sacy o casamento de um padre com uma viuva."

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 624 – sab., 03, mar. – 3: 4 e 5 (e 4: 1)	(dep. 77)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 328	
	<p>O sr. Jorge Ayres escreve:</p> <p>“Minhas sinceras felicitações pela feliz ideia organizando tão bello inquérito sobre o bulhento Sacy, typo fantastico genuinamente nosso, que tem posto os nossos queridos sertanejos em adoraveis apuros.</p> <p>Não imagina, sr. redactor, com que saudades recorde neste momento a minha meninice tão cheia de gosos!</p> <p>Naquelle tempo contavam-se muitas historias do “papão”, da “cigana que come gente”, da “mula sem cabeça” e do celeberrimo Sacy perêrê.</p> <p>Tinha medo de todas aquellas personagens macabras e fantasticas, e qual a criança que ao vel-as através as narrativas não as teme, não as odeia?</p> <p>A bôa “Tia Rita”, uma velha preta que me pageara, dizia com docilidade depois de me ver praticar um “banzê”:</p> <p>--- Oie, nho Jogi, minino ansim é qui cigana loca gosta de pápá; o sinão o Sacy garra parecê na hora de dromi fazendo um baruião cá sua perna de pau, a fazê micage, a puxá as coberta, a tocá musga, a gritá fino como araponga ...</p> <p>Naquelle noite (era infallivel) eu dormia abraçado com minha “maman”, como a chamava, mas noutro dia, um pouquinho mais comportado, não deixava de timidamente fazer novas travessuras: a criança é mesmo um sacyzinho nas peraltagens.</p> <p>Uma historia que me encheu de pavor foi a que me contara o Tristão, que era então empregado de nho Faé, fazendeiro e politico de minha terra natal, em cuja fazenda sempre eu passava as férias.</p> <p>--- Nhozinho, é miór vancê num buzã travessano o cannavia do nho Morera (o Moreira era o administrador de uma fazenda proxima) prueque vancê corre pirigo. É bão num riscá muito.</p> <p>--- Por quê? Tristão, perguntei lhe nervosamente.</p> <p>--- Antão num sabe que deu na veneta do Sacy andá présta banda a chupá canna, roubano café em penca da tuaia i disafiano a corage da cabocrada?</p> <p>--- É? Você já viu o Sacy? Tristão.</p> <p>--- Escuite o causo e num garra a duvidá: é verdade como Deus, Nosso Sinhô, tá nu céo. Oie, eu sô, como vancê já sabe, num é farofa, cabocro costumado a fazê caminhada em noite iscura, carma o di tempestade; nu meio di mata-irge já tenho posado; tenho travessado incruziada um diluvio di veis i nunca nada mi sustô; já passei miar di veis perto di cruiz sombrada. Tá bão, bamo pro causo. Vancê sabe qui pra i fallá co Nho Morera é perciso passá pertico, inté quazi isbarrano, pra tuaia di Nho Faé. Bão, ahi mermo, em baxo do pontião, já treis veis topei di cheio cum o Sacy. Eta bichinho feiúdo i fedido, cruiz credo! Eu vi duma vereda o tar di dia, co esses oios ca terra ha di comê, mais o tarsinho ansim qui mi oiô varô prum buraco mais ligero cum rato, prueque nessa casião eu baldeava uma cruiz pra fincá na bera da istrada di Nho João Rodrigo, no lugá qui foi isfaquiado i morto o pobre do Bentinho. Dotra feita eu vi elle di noite, quano vortava dum monchirão, alli debaxo do pontião, sentado na porta da tuaia, discascano i comeno minduim torrado. Era quagi a hora do lobishomi. Quano elle mi viu deu um sobio i sahiu correno atrais di mim, botano fogareo pra bocca, dizem: “Pere ahi, seu tranquera!” O tár sobiava arto i fino pra insurdecê a gente pramordi o que fogi num oví seu tropé atrais. Corri tanto qui bambeô mias perna i fucinhei bem perto da casa do João Machinista, sem folego, turtuviado, suano frio, cum virtige. Qui mardichoada noite, Ave Maria! ... Dahi só mi ribei no clareá da minhan siguente, achano pertico di mim, em riba do meu chapéu, um bietinho qui dizia anssim: “Ti isprimentei, caçara, num ti levei cummigo di dôr. Sacy”.</p> <p>--- É muito feio o Sacy? Tristão, perguntei bestamente impressionado.</p> <p>--- Homi, prá num farta a verdade, é um mundareo di veis mais feio co capeta que vancê já viu pinado nos livro di reza i nos quadro di santo. O tár vésti um palitô qui ficô vermeio di tanto sangui qui nelle cahe quano chupa isganado o sangui das criança pagã i dos nimá; vésti carça preta qui vancê oiario di pertico vê qué um diluvio di fio di cabelo vorteadado quelle ranca das muiê ladrona i das crina dos cavallo; tem uma perna só, mais grossa do que o corpo di vancê; o disgranhado co’ella corre mais ligero do que um bão cavallo di raia! Tem tamem um oio só, mais maiô do que uma laranja bahiana, i o tár inxerga mais do que coruja; tem nariz, bocca i barba iguar que do bodi; o pé é como uma aranha caranguegera: tem seti dedo peludo i quatorze unha afiada; num tem cabelo na cabeça, mais tem dois chifre cumprido, duas oreia e seti ispinho; a cara é mais preta qui jaboticaba. Homi qué sabe vancê duma coisa? Eu prefiro vê mir capeta do que um Sacy. Dizem pru ahi qui o tár é fio di Coizarum i parece sempre depois di formado o ridimuinho. Nessa casião a gente antão dá nelle uma cusparada i reza esta oração:</p> <p>Sacy, sacy, sô innocente, Sacy, sacy, num sô valente, Sacy, sacy, tem dor da gente, Sacy, sacy, réda di mia frente, Sou Pedro. Sou Roque. Sou Clemente.</p> <p>Elle gréla pra gente, dá uma risadinha marella, um sobio fino qui fédi inxofri i somi ligero como rilampo ...”</p> <p>Nunca mais, sr. redactor, atravessei o cannavia do Moreira senão de dia, com companheiros, com a tal oração e com uma bôa piuva”.</p> <p>Eis ahi, em compendiadoras linhas, a impressão que tive do tal Sacy quando desfrutava os meus nove annos.”</p>	

Em jornal:	<i>Estadinho</i> - 625 – seg., 05, mar. – 4: 1 a 3	(dep. 78)
Em livro:	<i>O Sacy Pererê</i> : resultado de um inquérito – 2008, p. 332	
	<p>Um “Mineiro” escreve:</p> <p>“O inquerito sobre o Sacy agoniza. Antes, porém, de ficar encerrado, seja-me permitido, sr. redactor (a quem o diabinho não persiga) contar um episodio da vida intima do poeta mineiro Aureliano Lessa, byroniano incorrigivel, que terminou seus dias em uma longinqua cidade do Norte de Minas e, por isso mesmo, ninguem se recordou da intimidade do poeta com o capetinha que v. s. dignificou em successivas columnas do grande organ “O Estado”.</p> <p>A vida de Aureliano foi muito original. Quasi sempre inspirado quando tomava da penna para escrever, sentia, ás vezes, dificuldades e as idéas não lhe occurriam com a promptidão de outros tempos. Pudera! A vida de um byroniano havia de acabar assim... completamente esgotada a imaginação e o éstro tambem. Entretanto, Lessa encontrou uma fonte objectiva de inspiração constante: um tinteiro cujo tempo era precisamente uma cabecinha de Sacy, risonho, alegrinho mesmo, com o gorro symbolico por cima. Nas horas de abatimento, a imaginação obumbrada, falto de inspirações, a penna suspensa sobre o papel, o poeta fitava a caretinha e de lá vinha uma corrente de bellos pensamentos que no papel se traduziam em formosos versos. Sacy inspirava tudo</p>	

aquillo ao poeta! Que melhor amigo poderia desejar na vida? Com elle conviveu longos annos até que a morte se aproximou do leito de Aureliano, junto á mesa onde estava collocado o tinteiro.

A esposa, senhora de sentimentos catholicos, temendo pelo destino da alma do esposo, prestes a partir, mandou chamar o confessor -- o vigario -- para ouvir seu marido. O representante de Deus ao penetrar no quarto do enfermo, foi logo atrahido pela caretinha e examinando bem, reconheceu o diabinho!

Docemente, naquelle tom de voz proprio de quem fala a um moribundo, disse: “Filho, mande retirar dalli aquella figura! É de um mau companheiro para estes momentos e para a viagem do Além! Aureliano fitou o padre e disse: Não! Foi meu companheiro longos annos, inspirou-me bellos versos e, companheiro que foi, fiel e bom na vida sel-o-á tambem na morte! E não consentiu na remoção do tinteiro. A esposa desatou a chorar e, Aureliano, dirigindo-se a ella, improvisou os seguintes versos:

“Enxuga, Augusta, teu pranto
Nas dobras de tua anagua;
Que teu pobre Aureliano
Morre de barriga d’agua”.

O Sacy (Diabinho) que fazia mal a todo o mundo, era amigo do poeta. Sobre a raça dos demonios os vates tem poder. Virgilio não desceu aos infernos afim de acompanhar Dante? Os diabos o temiam até.”

*

Em jornal: *Estadinho* - 625 – seg., 05, mar. – 4: 1 a 3

(dep. 79)

Em livro: *O Saci Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 336

De Taubaté, “S” depõe:

“Quando ainda transcorriam sobre mim os ultimos annos da infancia e quando ainda morava eu na fazenda de ... ouvi contar diabruras do Sacy. E nessa idade de surpresas, em que cada dia que se nos abre é uma novidade, parece que tudo se grava em nossa memoria e ás vezes é doce como sentir a saudade o relatar factos que já se foram. Pois bem: --- eram seis da tarde (18 horas no dizer de hoje) quando ao terreiro da fazenda de ... chegou o Chico Raymundo, velho, nosso vizinho, sitiante, que vinha dar uma prosa. Talvez porque me achasse só, talvez porque estivesse ainda com a impressão fresca contou-me o que se segue e o que eu procuro repetir supprindo, apenas, com a minha pobreza de fórma a dureza agreste da linguagem da roça, sem comtudo tocar na figura, no objecto da crença ou no fundo do conto que para aqui traslado. Disse o Chico Raymundo: --- “A noite passada acordei, levantei-me, abri a porta da cozinha, olhei as estrellas; era tarde e pelo geito (aspecto) da noite pouco faltava para o gallo bater as asas e soltar o primeiro canto. Devia ser pouco mais de meia-noite, hora em que a agua ainda está dormindo. Fiz um ligeiro acto physiologico e quando ia fechando a porta ouvi um forte assobio. Será elle? Perguntei, medroso, a mim mesmo. Quando fui entrar no meu quarto, ao atravessar a porta, estendi-me no chão. Pois havia tropeçado na gamella grande, de cedro, em que “nha Phana” (D. Estephania, mulher do narrador) guarda carne e toucinho, na dispensa.

Então abriu-se-me a intelligencia: vi que estava sendo perseguido. Era o Sacy. Pois se “nha Phana” deixou a gamella cheia, pesada, na dispensa e a chave estava no prego (á moda da roça, como poderia a gamella, pesada, ir parar justamente naquelle logarzinho, minha passagem obrigatoria, para, no escuro, me derrubar? Já no quarto e apesar do tombo que me judiou da testa e do nariz, arranjei luz e com isso pensei afugental-o e para me distrahir cortei fumo, enchi o pito e tentei accendel-o; chupava-o, chupava-o, nada. Fumo novo! Disse. Distendi-o mais; puz fogo, chupei, chupei, nada. Depois á força do calor da lamparina a saborosa fumaça já vinha vindo e crescendo quando de repente o canudo do pito abriu-se em dois, na minha bocca e tres assobios, um em cima do outro, eu ouvi lá fora, no terreiro. Tremendo, tirei do oratorio o terço de “nha Phana”, subi á cama, pul-o á minha cabeceira, enterrei a cabeça de baixo da coberta e agarrei-me á cacunda da mulher. Então, socegado, disse: agora você pode botar fogo na casa que aqui nada vem. Ou porque estivesse eu já vencido, ou porque estivesse eu, assim, á força do terço da mulher, inacessivel ás suas diabruras o Sacy me deixou.”

Lá de dentro chamaram o Chico, nós fomos; era hora do café. Depois a visita partiu. Não mais conversamos sobre o assumpto.

Rolaram-se os dias no novello dos annos da época a que me voltei e, embora pallidamente, sei que estava eu em casa do Joaquim Pedro, velho e amigo, e elle, ou para espantar-me e aos outros que o ouviam, ou para propagar a sua crença, contou-nos que ficara até tarde na venda do sr. Gaspar Junqueira, sita á margem da estrada de rodagem que vai á cidade de ...; e quando montou o seu castanho em busca do rancho e dos filhinhos a crescente já ia cahindo no poente e no doce azul do céu da noite só restavam as estrellas. Trazia á garupa o sacco de mantimentos e vinha com a cabeça mettida na golla do sobretudo e com os olhos nas orelhas do animal. Quando chegou num descampado, numa varzea, ensombrada pelos morros, ouviu um forte assobio á direita. Quem será? Indagou baixinho. E olhou daquella banda, apesar da pouca luz. O medo, a suposição de que fosse elle --- o Sacy --- já o havia invadido. Outro assobio, mais forte, em seguida, fez-se ouvir, porém, á esquerda. Elle, atrapalhado, virou o rosto. Um terceiro assobio, forte, bem no seu ouvido, á queima roupa, mas á direita, outra vez! Virou-se. Parou o castanho. Outro assobio á esquerda! O quarto. Desta vez, porém, ao virar-se, uma agudissima dor atravessou-lhe o pescoço. Tocou o cavallo e a proporção que caminhava os assobios se faziam ouvir, ora á direita, ora á esquerda, fortes, brandos, limpidos, roucos, tristes, alegres e a cada um agudissima dor como que causada por fina agulha lhe atravessava o pescoço. E de mistura com a dor foi obrigado a rir. Um forte esbarrão nas virilhas provocou-lhe muita cocega. Foi um coice do Sacy. E assim veiu soffrendo até chegar a Santa Cruz do “Baptista Velho”.

Concluiu: --- “Esse negrinho, de cabeça vermelha e de uma perna só quando não está no fundo dos grotões escuros, dormindo, ou no pescoço dos cavallos, correndo, vem mesmo judiar da gente. Mas elle tambem fica preso.

“Sabe como é? Quando se fórma no chão, um redomoinho e o cisco e as folhas seccas se levantam, em columna, a gente abre um rosario em circulo e lança a columna que está virando. O Sacy fica preso e por uma porção de tempo não aborrece mais ninguém.”

*

Em jornal: *Estadinho* - 625 – seg., 05, mar. – 4: 1 a 3

(dep. 80)

Em livro: *O Saci Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 340

Do velho e conceituado jornalista aposentado --- “Luigi Cappelunga”, muito conhecido pelas suas celebres “Cartas do u’ Buò Ritiro”, --- recebemos a seguinte contribuição ao nosso inquerito sobre o Sacy:

“Il Zazi Zapêrê...” --- Zignore redattore do u’ “Statinho di Zampaolo”.

Anch’io, vecchio bitando di questo benedetto paese dove i miei figliu si dexáronno pigá la luce do’us di, --- anch’io

voglio intervenire in zima di quello affare do 'u Zazi.

E perché no?... Noi altri, taleani, siamo ingorporati al Brasile di tutt'us guore. Io, spezialamente, mi sono ingorporato da'a veritade. Aggio arrivat'a Zantos do'u 1857 --- (milia ottocento cincuenta zéte, non é mia storia, caro zignore redattore!). --
- In quello tempo, pure ancora s'amarava i gachorini c'as lingham... Il Brasile era sotto la direzione di quel galantuomo chi si chiamava Pietro Sicondo, --- uno Vecchio molto zimpaticone, ch'io fú moltas vece a comê as macaronada co'ello a Rio. Perché il Pietro dimorava a Rio co tutta las famiglia di elle, e qualche volta se ne andava a pigliare un pó d'aria a Petropoles, in goppa us mare).

Oggi, --- pêl'a'maronna! --- si é fatta la Rimprubica do'u quindice novembre, e ne hanno mandato via il Pietro, --- povero lui, --- che é morto a Portogalle e ancora non fu interrato. Io non sô; má accussi si dice.

Ebbene. In quello tempo ch'io mi sono arrivato a questo paese, tutto stava moltos trazato. Il mio caro Buô Ritiro non era che um piccolo paesino senza portanza; quello affare di "progrezzo" non'era ancora arrivato a Zampaolo; i bondis si dexávonno puxá co'us burrinho e nisciuno si pensava dalla lettricitá; la rua Quindice Novembre si chiamava "Peratrice". In quello tempo si! ce si gavava la vita zocegáto... É veritade ch'io fece qualche cosa; má poteva fare di piú, --- porca miseria, perché tuntas a gende erano "troxa". Oggi ... stano a Zampaolo certi gavatori d'um cane...

A milla ottocento zinquanta zéte, quindi, --- i Zazi andavano da' pertutto Zampaolo e non s'importavano co nisciuno.

Oggi, veramente i Zazi stanno ficano "arisco", pê motivo che us pretto stanno cabano. (Perché il vero Zazi, quello ligitimo, era uno prettinho, grazatinho, molto birbante, molto figlio d'um cane).

A'aggio leggiuto in zima do'u "Statinho" tutta a roba che ne hanno scritto in zima do'u Zazi Zapêrê. Maaaá... Che!...

U zignore picquera gontá pr'a'mi?! Io sono vecchio amico di Zazi, --- Perêrê o senza Perêrê, --- e una volta ne abbiamo pigliato uno piccolino, (sarebbe figliote) pê gopêro in da'a casa nostra, a zangarlo do'u Binhalá (io faceva us golono a Zangarlo, má largai, pê motivo che mio figlio Beppino s'aggia pigliata la feppra pneumatica in goppa's us pulmone).

In quello tempo ancora viveva mia moglie, poverina, che é morta pê una febbra polperale, da uno sborto que teneva a parturire. Mia moglie si chiama Garméla, --- un pezzo di napoletana che faceva gusto di vedê! A'aggio piangiuto molto quando ella moriva, poverina, maaaá... che si tem d'a facê? Quando cápita il giorno, non c'è mica lambanza, caro mio ... Tuttos noi abbiamo d'a morire.

Como dicevo, --- il nostro piccolo Zazi era molto spertinho, prettinho comi us carvó. Teneva due perne solamende e faceva tuttos quello che tutti Zazi, piu' o meno, sanno fare. Bringava, correva pulava, sopiava, gantava, era una alegria.

Il suo padre era um Vecchio Zazi che metteva paura, porca miseria! Fú schiavo di fazendêro e doppo si piglió la liberazione e faceva u gapalista in zima d'urdatato do'u figlio.

La mia pinione, in zomma, sarebbe questa:

Il Zazi non é um mito, má uno vero vivende. Quale l'origine do'u Zazi? Molto facile da'a rispondê: --- "tutto'us prettinho che stanno pê'a strada sono Zazi" ...

Questa é la mia pinione.

Scuzi, zignore redattore, si non scrivo tanto bene il portogheze, perché é una lingoa tropo trapagliata pê noi altri taleani. Si mio figlio Beppino stasse a Zampaolo... ello si, che sá scrive como um disgraziato, meglio ancora di mê..."

Em jornal: *Estadinho* - 625 - seg., 05, mar. - 4: 4 e 5 (Conjecturas Etnographicas)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* - 2008, p. 360 (Conclusão)

Conjecturas ethnographicas

O Sacy

Graças ao inquerito que brilhante collaborador desta folha teve a feliz lembrança de instaurar ácerca da lenda do Sacy, a figura do estranho mytho já adquiriu o relevo sufficiente para que se possam fazer algumas conjecturas sobre a sua origem e formação.

Tem-se escripto que tal credence é devida ao elemento indigena e africano, como se a collaboração do branco tivesse sido nulla ou quase nulla. Entretanto, essa não nos parece ser a verdade. A physinomia moral ou espiritual do singular duende é claramente indiciativa de que em sua elaboração interveiu a mentalidade do civilisado.

Nietzsche escreveu que não poderia acreditar em deuses que não soubessem dansar. Tão curiosa affirmação, longe de encerrar um disparate, como queria Buchner, revela attitude perfeitamente comprehensivel no autor do "Zarathustra". Do selvagem, ao contrario, se pode dizer que não é capaz de conceber um deus que danse e ria. A idéa de uma divindade brejeira, de um ser sobrenatural amigo de saltarinhar e de gracejar, á feição do Sacy, não sahiria senão da cabeça de um civilisado.

Os gregos tinham "demonios" alegres, apaixonados da dansa e do riso. Sileno era jovial e dado á mais comica embriaguez - traço tão caro ao philosopho allemão, que elle fez de Baccho ou "Dionysos" um grande symbolo, hoje muito em voga entre os letrados. Os satyros constituíam uma verdadeira revoadá de Sacys. Mas... os gregos eram os gregos.

O nosso africano, antes de transplantado para estes climas, venerava certos feitiços a que os "vuaganda" davam o nome de "muzimús". Os "muzimús", porém, eram sempre genios "sérios".

Bons ou maus, não riam, nem se deixavam metter a riso. Terríveis ou propicios, mostravam-se ciosos do seu prestígio - queriam-se adorados e temidos. Quem tiver a paciencia de ler os trabalhos de Stanley, de Livingstone ou de Cameron, convencer-se-á do acerto de semelhante observação. Quanto ao aborigene, achava-se elle, como é sabido, em um grau de desenvolvimento muito inferior ao do africano. De sorte que sós, taes raças, sem a collaboração do branco, não vingariam idear uma entidade qual o Sacy. Este é folgazão e zombeteiro. Gosta de gracejar e de divertir-se á custa dos homens, o que faz ás vezes com muito espirito. Se lhe retirarmos a figura de negrinho, que lhe dá a tradição mais commum, e o nome indigena ou, como querem outros, de pura formação onomatopáica, daremos de rosto com o Puck, também chamado Robin Bom-Diabo, de Shakespeare. Eis a descripção que o immortal dramaturgo faz desse irmão so Sacy: - "Espirito velhaco e maligno, compraz-se em assustar as raparigas das aldeias; desnata o leite, toca o moinho, atormenta as caseiras, que se cansam de bater em vão a manteiga, e impede a fermentação das bebidas. Desnorreia os viadantes, durante a noite, e ri-se de suas penas. Imita o nitrido das eguas e folga de pregar peças aos animaes. Esconde-se na caneca de uma comadre e quando ella vae beber, salta-lhe de encontro aos labios e entorna-lhe o liquido no seio emmurchedo. A mais veneravel tia, absorvida em contar a mais triste historia, o toma muita vez por um tamborete de tres pés e, em querendo sentar-se, desaba em terra, provocando o riso de toda a assembléa." É companheiro de Oberon e Titania e, como tal, faz parte do leve bando dos sylphos e gnomos.

Cotejem-se agora essas diabruras de Robin com os mil successos alegres em que figura o jovialissimo Perêrê e verse-á quanta razão teve Sylvio Romero de escrever que "as crenças e tradições brasileiras encerram dados contraditorios de todas as

phases do pensamento.”

Não é, pois, inteiramente aceitável a opinião de Pacheco Junior, exarada em artigo publicado na “Revista Brasileira”, de que o Sacy é, como o “Caapora”, criação mythica devida aos nossos indígenas. Estes apenas concorreram com o seu vago terror supersticioso e, talvez, com o nome. A figura engraçada e espiritual do irrequieto diabrete denuncia transparentemente o riso, a chalaça, o bom humor do portuguez – bom humor de que se encontram muitíssimas amostras nas canções e festas populares, - nas desfolhadas, nas dansas, nos fado e até nos “Luizíadas”, onde, através da “fúria sonora”, se podem distinctamente ouvir as risadas sadias do forte soldado que foi Camões.

Não se infira dahi que pretendamos diminuir a parte dos pretos e vermelhos na formação de tão interessante mytho. Muito pelo contrario, é obvio, a nosso ver, que sem o seu concurso não seria possível o apparecimento da lenda. Essas raças, com o fetichismo e naturalismo animista característicos de sua mentalidade, forneceram como que o elemento, a atmosphaera, o meio moral onde podiam vingar semelhantes credices. A taes disposições psychicas alliou-se o aspecto sombrio das florestas, a vaga inquietação produzida pelos largos espaços deshabitados e tambem o excesso da luz, não menos fertil em fantasmagorias do que a escuridade da noite. E foi nesse ambiente de fogo e de cerrados matagaes, na vasta solidão incendiada dos sertões, quando o pio monotono de um passaro invisível, perdido na espessura ou no fundo das bocainas, desperta estremecimentos atavicos e medos supersticiosos, que nasceu o Sacy – tão vago, indefinido e temeroso como o “Caapora” ou caipora. Este ultimo, não sabemos por que mysteriosas razões, mui pouco tentou a imaginação do branco e até o presente guarda a indecisão de todo mytho indígena (sendo, contudo, de notar que o vocabulo tupy, no passar para a linguagem commum, ganhou o indefectível matiz comico com que os dominadores sublinhavam as nevoentas concepções dos autochtones e africanos). No caso, porém, do Sacy interveiu a colaboração do civilisado – e aquelle estado de alma entre melancolico e apavorado, mixto de espanto e de saudade, terror de emboscadas iminentes e affluxo de nostalgias obscuras, se foi a pouco e pouco alterando ao som dos motejos e risadas dos senhores-moços ou patrões... Perdeu o vago, adquiriu figurações alacres, personalisou-se e transformou-se no gnomio zombeteiro que conhecemos.

Em conclusão – o preto e o indio deram, por assim dizermos, a materia prima, com a qual o europeu plasmou a maliciosa figurinha, que de imaginação em imaginação chegou a tocar as raías do mais leve magismo poetico, da mais irisada “féerie”, e é hoje incontestavelmente digna de apparecer ao lado dos Pucks, dos Oberons e das Titanias.

J. A. NOGUEIRA

Em jornal: *Estadinho* - 626 – ter., 06, mar. – 3: 1 a 5 (dep. 81)

Em livro: *O Sacy Pererê: resultado de um inquérito* – 2008, p. 316

Inquerito é uma coisa que se abre e que se fecha. Só os policiaes gosam da faculdade de se abrirem e ficarem... abertos. Ora, o nosso não é policial; logo, não possuindo tal prerrogativa tem que fechar-se algum dia. Se ha de ser amanhã, seja hoje.

Está, pois, encerrado o inquerito sobre o Sacy-cerêrê. Os autos vão subir ao relator que em tempo oportuno falará do moleque de carapuça vermelha e dirá delle o que fôr de inteira verdade e justiça. Aguardemos sem impaciencia o julgamento definitivo.

“Procopio Silvestre” manda-nos o seguinte interessante depoimento:

“A mythologia brasileira, como toda a mythologia de um povo para o qual a arte é ainda um segredo, resente-se da rudeza dos seus criadores. Os nossos mythos não passam de combinações dos fetiches brancos das religiões africanas e dos selvagens da America. E mais, nem todos os personagens de que se compõem as lendas brasileiras são de origem exclusivamente nacional. O cerebro do povo, impotente para criar, limitou-se a importar mythos de outras regiões. O lobishomem, por exemplo, trazido pelos portuguezes, é, sem alteração alguma o “vervolfe” allemão, o “loup garou” dos francezes.

Como em Portugal, o lobishomem brasileiro se tem esse encantamento é porque nasceu depois de uma série de 7 irmans; perde-o sendo ferido a arma branca, e fuge ouvindo um Padre Nosso e tres Ave-Marias.

Como o lobishomem, a mãe d’agua que é a mesma attração do abysmo, --- a sereia ---, e o Sacy-perêrê foram importados. O sacy-perêrê ou “sapêrê” como geralmente é chamado no littoral de S. Paulo, nada mais é que o proprio Satanaz estropiado e quase regenerado. Porque o diabo, depois de assombrar o mundo á procura de almas para povoar os seus dominios, regenerou-se e fez pontes que os homens não conseguiam fazer, sendo geralmente logrado pelos architectos que o mandavam trazer agua numa peneira. Fosse pelos constantes logros que levou depois de regenerado ou porque não pudesse abandonar o costume de pregar partidas á humanidade elle tornou-se em um espirituoso Coisa-Ruim, contentando-se em puxar as cobertas dos que dormem e em fazer outras brincadeiras innocentes. Vindo para o Brasil perdeu uma perna, adquiriu o habito de sugar o sangue aos animaes e o vicio do cachimbo. Os africanos acostumados a ver no deserto um demonio a provocar trombas de areia, deram-lhe mais a attribuição de levantar redomoinhos de terra. Fizeram-lhe depois um assobio estridulante, e o Sacy tornou-se o gaiato moleque, o bom amigo que destróe o tédio das noites no sertão.

*

Uma preta velha que me iniciou nos terrores nocturnos, disse-me que o Sacy é primo de Satanaz expulso do inferno nem mais me recordo porque razão.

Em Santos, até bem pouco tempo, o morro de S. Bento era habitado por uma enorme legião de Sacys que vaiavam os caminhantes nocturnos e lá de vez em quando roubavam gallinhas e porcos.

Já mais distante, além da Bertioga, no tempo de minha meninice, era desagradavel ouvir o assobio do tiçãozinho da mão furada quando se lançavam redes porque as tainhas fugiam, com grande gaudio dos Sacys que vaiavam os pescadores. Não conheci quem lograsse ver do Sacy mais do que os olhos e ouvir mais do que o assobio.

Os Sacys do littoral pesar de travessos são bondosos, bem comportados e alguns religiosos até. Diziam os escravos e com elles concordavam os praianos dos arredores que á noite, quando vinham fazer a oração em commum na capella da fazenda, ficava ao longe um Sacy assobiando muito triste e rezando tambem. Para achar coisas perdidas nada como pedir ao Sacy! E no entretanto todos temiam-n’o. E ao ouvir o assobio do Sapêrê bemziam-se e rezavam atabalhoadamente uma Ave-Maria para afugental-o.

Do mesmo modo era um terror immenso o que tinham os praianos do lobis-homem e da Mãe d’Agua. Certa vez estando de passagem na fazenda um grupo de soldados, já noite, tocaram a recolher. A casa encheu-se de mulheres e homens tremulos e apavorados que diziam estar proxima uma grande desgraça porque era a primeira vez que a Mãe d’Agua cantava assim tão alto.

Das longas historias que ouvi contar acerca do capetinha de uma perna só: roubos, mortes (é costume do Sacy matar os que o offendem a coegas ou a pancada) pilherias, uma sómente resta-me na memoria, e essa mesma tão semelhante a tantas que já foram contadas, que não a repito.

Substituo-s por um soneto, indicando as monstruosidades que pode produzir a relação entre os nossos personagens mythologicos:

O SACY

Ao Monteiro Lobato.

Já noite velha, á beira da lagôa
Em que habita, a Mãe d'Água se penteia
E canta, e sua voz ao longe ecôa
Como a esplendida voz de uma sereia.

Mas é em vão que o cabelo aformoseia.
Mas é em vão que o penteado aperfeiçoa,
Porque um ente , a que apraz a grita alheia,
O desfaz sem que della se condôa.

E ella, vendo, já em colera, perdido
O seu longo trabalho, interrompido,
Lança-se n'água. E então de entre os refolhos

Das sebes marginaes, tenue se eleva
Um riso frouxo e mal contido, e os olhos
Do Sacy-pêrêrê chispam na treva.

*

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 626 – ter., 06, mar. – 3: 1 a 5	(dep. 82)
Em livro: <i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 320	
<p>Diz “Saul Delphino”: “O Sacy e os demais seres mythicos da nossa terra, que podem constituir um manancial de bellas produções artisticas, eram até aqui esquecidos, mesmo nos momentos em que a sua exhibição teria a mais incontestavel oportunidade. O carnaval, que quasi sempre arranca do seu esconderijo os demonios almas penadas e outros duendes, até o anno passado não havia posto em acção os Sacys, lobishomens, etc. Nos recentes festejos, porém, Momo já teve a attenção voltada para os seres abstractos peculiares ao Brasil e, personalizado num moço de fino espirito, o Sacy dirigiu-se para essa redacção, em visita amabilissima. Não são poucas as vezes, senhor redactor, em que as coisas pequeninas, como o facto de embrulhar-se um cavalheiro numa determinada fantasia, têm maior significação. Até ha pouco, como disse, viveu o Sacy completamente alheio ás varias expansões de alegria popular. Afastado das festas carnavalescas, populares por excellencia; estranho sempre nos trabalhos do mais risonho humorismo, continuava elle com o seu dominio circumscripto ás fazendas do interior, cujos monjolos fazia parar e a cujas invernadas causava desfalques. Ora, por occasião do ultimo carnaval encontrei o Sacy a “pererecar”... sobre duas pernas. Isto demonstra que a attenção do povo já se vae voltando para as coisas brasileiras e que por consequencia, o objectivo do “Estadinho”, abrindo o inquerito sobre o Sacy, que é exatamente o de despertar o interesse pelas nossas coisas, começa a ser attingido. E, senhor redactor, assim como o Sacy já participou nas ultimas festas de carnaval, assim também não nos faltará, dentro em breve, quem se ocupe largamente da sua “personalidade”. Já estou a abusar da sua tolerancia. O que desejo é apenas o seguinte: resumir ao “Estadinho”, sem que com isso tenha o intuito de dilatar os limites traçados para o presente inquerito, algumas historias contadas por caipiras, as quaes instruem sobre a “passada existência” dos sacys, lobishomens, “Canhemboras”, mulas sem cabeça e “caiporas”. Comecemos pelo que se refere ao Sacy. Em tempos immemoriaes, affirma-se, havia no interior do nosso Estado uma localidade cuja necropole, durante a noite, era confiada á guarda de um preto velho. O pobre ancião via-se frequentemente importunado pelas velhacarias de um malicioso negrinho, que trepado numa arvore proxima, atirava sobre elle pedregulhos, pequenos galhos seccos, etc. O negro vivia a lançar anathemas sobre o autor daquellas brincadeiras, (que elle ignorava se pertencia a este ou ao outro mundo) até que, numa bella manhan, como se tivessem sido ouvidas as imprecações do velho, o negrinho, ao acordar, verificou que só tinha uma perna, que os seus olhos se haviam transformados em brasas e que, na sua cabeça, fôra collocada, durante o somno, uma carapuça vermelha! Desde esse dia nunca mais a sua vista se poude harmonisar com a luz meridiana e, até hoje, só á noite, sáe da sua toca, para entregar-se ás diabruras com que, outrora, atormentava o preto. O lobishomem “veiu ao mundo” de uma forma quasi identica. Era um homem perverso, que espancava diariamente a esposa. Esta o maldizia, desejando-lhe que, mais tarde, tornado cão, viesse a soffrer os peiores tratos. Isto certamente não se deu ainda, pois todos fogem do lobishomem, mas nem por isso o castigo deixou de ser completo, porque os alimentos que, segundo se diz, se vê obrigado a ingerir durante a noite não devem ser muito agradaveis... O Canhembóra foi, em outras éras, um terrível ladrão de gado, esconjurado solennemente pelos criadores prejudicados. A “genealogia” da mula sem cabeça é sobejamente conhecida no norte de S. Paulo. O primeiro destes mysteriosos animaes foi, anteriormente, uma mulher impia e sem escrupulos, que tentára corromper um santo sacerdote. O Caipora não deve ser considerado como o mesmo Sacy, em uma das suas “modalidades”. É uma “entidade” á parte. O Sacy, como estamos fartos de saber, é um negrinho de uma só perna, etc., ao passo que a Caipora é uma preta velha, sem dentes e com uma horrivel cabelleira, que, a deshoras, costuma passear pelos campos, á procura de hervas venenosas para fabricar “feitiços”. Reside nos lugares ermos. Foi uma escrava amaldiçoada pelo amo por haver envenenado um cachorro de sua estimação.</p>	
*	

Em jornal: <i>Estadinho</i> - 626 – ter., 06, mar. – 3: 1 a 5	(dep. 83)
Em livro: <i>O Sacy Pererê: resultado de um inquérito</i> – 2008, p. 324	
<p>Eis o depoimento de “Dodó Carneiro:</p> <p>“Muita coisa tenho lido no “Estadinho” sobre o Sacy e quasi tudo que escreveram e que leio é na mesma toada: Sacy que surra cachorro, que trança crina de cavallo, que veste tanga, que usa barretinho na cabeça etc.</p> <p>Ora, eu, com os meus 14 annos, já sou vaqueano de muitas viagens. Fui no anno passado a Iguape, terra de meu pae, e lá, em palestra com o mais velho da terra, o alferes Jacob de Mendonça, fiquei encantado com a historia que este nos contou. Dizia elle: --- “Como voces sabem, eu sou nascido e criado aqui nesta abençoada terra, tenho meus 70 annos de idade, dos quaes 60 no commercio, estabelecido aqui, onde voces presentemente estão. Pois bem, continuava elle, a coisa de um mez, mais ou menos, como é de meu costume, levantei-me á uma hora afim de madruguar no mercado a espera de pechincha que os caipiras trazem dos sitios.</p> <p>Estava a fazer a minha “toilette”quando pelo buraco da fechadura da porta que da para a rua, uma voz quasi rouca me interpellou: --- Tio Job, onde vae tão bonitinho? --- Ah, rapazes, quasi desmaiei de susto. Mais que depressa afivelei a cinta, joguei sobre os hombros o chale-manta e quando ia sahir á rua, a mesma voz: “Que velhinho aborrecido!” Viro-me e dou de cara, com quem? com o maldito Sacy encarapitado na cabeça daquelle frade de pedra que vocês estão vendo alli na esquina!</p> <p>Desconjurei o malvado tirei do pescoço o meu roزاری e quando ia jogal-o sobre o Sacy já era tarde: elle ia longe, assobiando e rindo perdidamente! Ah! Rapazes, não lhes conto nada! Nessa madrugada não fui mais ao mercado, recolhi-me á casa e no dia seguinte contei o suscedido ao Nhô Jeremias, que por sua vez, muito impressionado me contou este outro caso do Sacy: “Pois olhe Tio Job eu tambem já fui victima desse diabinho brasileiro. Escute. Uma vez, podia ser meia noite, descia eu pelo Becco do Inferno, ia quasi enfrentando com a casa da “Pastel de nata” quando do deposito de porcos sahiu ao meu encontro um negrinho nú, tendo uma perna em terra e outra virada pelo lado das costas, a dizer e a pedir: “Nhônô, me dá o seu foguinho”, sem saber com quem tratava ia puxar da caixa dos phosphoros mas o negrinho não esperou: deu-me um beijo nas facas e assobiou --- sacy-ça-perê-fim fim! Até hoje, Job parece que tenho horror aos negros”.</p> <p>O Job, contou-nos mais esta:</p> <p>“O Sacy, meus rapazes anda nú, não tem barrete na cabeça, é pequeno, do tamanho de meia braça; occasiões ha que quando elle assobia perto é signal de estar longe e quando assobia longe é signal de estar perto.”</p> <p>Como vê, sr. redactor da secção Sacy no “Estadinho”, também alguma coisa sei contar sobre o famoso capetinha de Iguape.”</p>	